1.132
2062

TERCEIRO TOMO
DAS
SESSÕES LITERARIAS.

TERCEIRO TOMO
DAS
SESSÕES LITERARIAS
DOS
ALUMNOS DA ACADEMIA
DOS OBSEQUIOSOS
DO LUGAR DE SACAVEM,
DEBAIXO DA PROTECÇAO
DE SUA
MAGESTADE FIDELISSIMA,
E FAMILIA REAL:
DEDICADO, E OFFERECIDO
A' SERENISSIMA PRINCEZA
NOSSA SENHORA,
A SENHORA
D. CARLOTA JOAQUINA
NO DIA DOS SEUS FELICES ANNOS,
SENDO-LHE APPRESENTADO PELA MAÕ
DO
ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR
JOSÉ DE SEABRA DA SILVA,
E DADO AO PUBLICO
PELO CAPITAÕ JOAÕ DIAS TALLAIA
SOTTO-MAIOR.

LISBOA:
NA OFFICINA DE ANTONIO RODRIGUES GALHARDO,
Impreſſor da Sereniſſima Caſa do Infantado.
ANNO M. DCC. XCI.
Com Licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral, ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Foi taixado eſte Livro em papel a oitocentos réis. Meza 15 de Julho de 1791.

Com tres Rubricas.

ILLUSTRISSIMO,
E
EXCELLENTISSIMO SENHOR.

Virgilio Cæſar ſcribebat iura canenti,
Sim tibi Virgilius, ſi mihi Cæſareris.

QUando os Obſequioſos Academicos do Lugar de Sacavem dedicáraõ á Auguſtiſſima D. MARIA PRIMEIRA Noſſa Senhora o Segundo Tomo das ſuas Seſsões, foi Voſſa Excellencia o ſeu Mediador; pois era juſto que as Maõs a quem ſe entregáraõ os Negocios do Reino, foſſem as que appreſentaſſem a SUA MAGESTADE, o de que tratava aquelle Volume, que naõ era de pequeno intereſſe á Naçaõ, ſendo hum Compendio das Virtudes, com que ſe eſmalta o Sceptro de Portugal, na preſente Epoca: Agora

que

que ſe imprime o Terceiro Tomo daquellas Maravilhas, que vaõ buſcar na Illuminada, e Amabiliſſima PRINCEZA DOS BRAZIS *Noſſa Senhora a luz, de que ainda dependem, para ſe fazerem viſiveis a todo o Mundo, torna Voſſa Excellencia a ſer lembrado, naõ ſó porque já fez feliz, e bem acceita a precedente offerta; mas porque ninguem melhor ſaberá deſculpar-lhe os defeitos, em que naõ tem parte a vontade da innocente Academia, que preciſamente ha de fraquejar nos ſeus vôos, quando lhe fica taõ ſuperior, e taõ alto o Cume, a que ſe dirigem, e que reſpeita como deve, quem ſe preza de ſer*

. . . . . .

De Voſſa Excellencia.

O mais favorecido, e fiel criado,

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

SE-

SERENISSIMA SENHORA.

POR beneficio da impreſſaõ ſahem hoje a público neſte Terceiro Volume, além das Compoſiçõeſ de alguns Alumnos da Academia dos Obſequioſos, de que SUA MAGESTADE, E ALTEZAS REAES ſaõ os Protectores eſtas ri-

rimas, que me inſpirou mais que a Poetica inflaçaõ do meu enthuſiaſmo, o natural, e ardentiſſimo deſejo de agradar a VOSSA ALTEZA, olhando para o grato, e piedoſo acolhimento, que no ſeu Real animo acháraõ ſempre todos os verſos de que eſte Livro, e os antecedentes dois Volumes ſe compõem.

Em campo ſe põe a minha Muſa taõ vaidoſa como deſtemida, pois he bem certo que para as ſuas obras naõ podia propôr-ſe aſſumptos mais graves, nem objectos mais ſoberanos, que aquelles com que ſe condecora; nem para defeza deſtas Compoſições encóntrar Mecenas, nem mais Sabia, e Real Heroina, nem mais reſpeitavel que aquella que elegeo.

E que lingua haverá, Sereniſſima Senhora, taõ detractora, taõ inſolente, e taõ mordaz, que ſe atreva a cenſurar eſtas Compoſições, vendo eſtampado na primeira folha deſte Livro o Glorioſo Nome de VOSSA ALTEZA? O Nome daquella Sabia PRINCEZA, que logo nos ſeus tenros, e Reaes annos nos Actos Literaes, publicamente tem moſtrado, e convencido com as ſuas magiſtraes reſpoſtas em Portugal,

e

e Heſpanha ás maiores Perſonagens, e talentos, cujos attributos, por incomparaveis, religioſamente venera Portugal, reſpeita a Europa, e admira o Mundo todo!

Eu aſſim me perſuado, e devo perſuadir a todos, que naõ obſtante circumſtancias taõ attendiveis me naõ reſolvêra a divulgar eſtas Literarias Compoſições, ſe a Noſſa Auguſtiſſima Soberana poſitivamente mo naõ mandára com a profuſaõ do ſeu liberaliſſimo, e Real animo a imprimir eſte, e o antecedente Volume. Eſte requiſito, ainda quando hum dos meus Livros naõ tiveſſe a Soberana prerogativa de ſer dedicado a VOSSA ALTEZA, baſtaria, como forte eſcudo, para conter, rebater, e ſupprimir a mordacidade daquelles, que tem por officio dizer mal de tudo, e por coſtume naõ fazer coiſa alguma bem.

Sentiráõ elles o que quizerem deſtas Compoſições, mas calar-ſe-haõ, inda que conſtrangidos, reverentes, confuſos, e paſmados ao ver que VOSSA ALTEZA as ennobrece com o ſeu patrocinio, e as faz publicar debaixo da premiſſaõ, e preceito de SUA MAGESTADE.

Sirva-ſe VOSSA ALTEZA de amparar com eſte Terceiro Livro a quarta parte das mais Compoſições, em que actualmente trabalho, porque ſe imprimaõ, que eu nada temo: Os Momos, os Zoilos, e os Ariſtarcos emmudeceráõ por força, calaráõ por medo, e morder-ſe-haõ de inveja, vendo que a elles ſe lhe nega a liberdade de criticar, quando a mim ſe me permitte o deſaffogo de eſcrever, iſento aos golpes da ſua detracçaõ, debaixo da ſingular tutela, que venturoſo conſigo neſte, e em todos os tempos eſpero alcançar na ſegura Peſſoa de VOSSA ALTEZA, a quem a Providencia dilate, abençôe, e felicite para gloria de Portugal, amparo meu, ſocego, e delicias de huma Naçaõ, que fielmente a adora.

Diſſe

Joaquim Ignacio Tallaia Collaço de Caſtello Branco.

SO-

Allude-se aos Reaes Deſpoſorios dos Sereniſſimos Principes, o Senhor D. JOAÕ, e a Sereniſſima Princeza a Senhora D. CARLOTA JOAQUINA Noſſos Senhores, e a uniaõ dos Brazões das Monarchias Imperial, Hiſpanica, e Portugueza, como ſe vê na Eſtampa.

SONETO.

SAnta Uniaõ que fórmas a ventura
Dos Póvos, das Nações, das Monarchias
Tu que felizes tornas noſſos dias,
E triunfas da meſma morte eſcura:

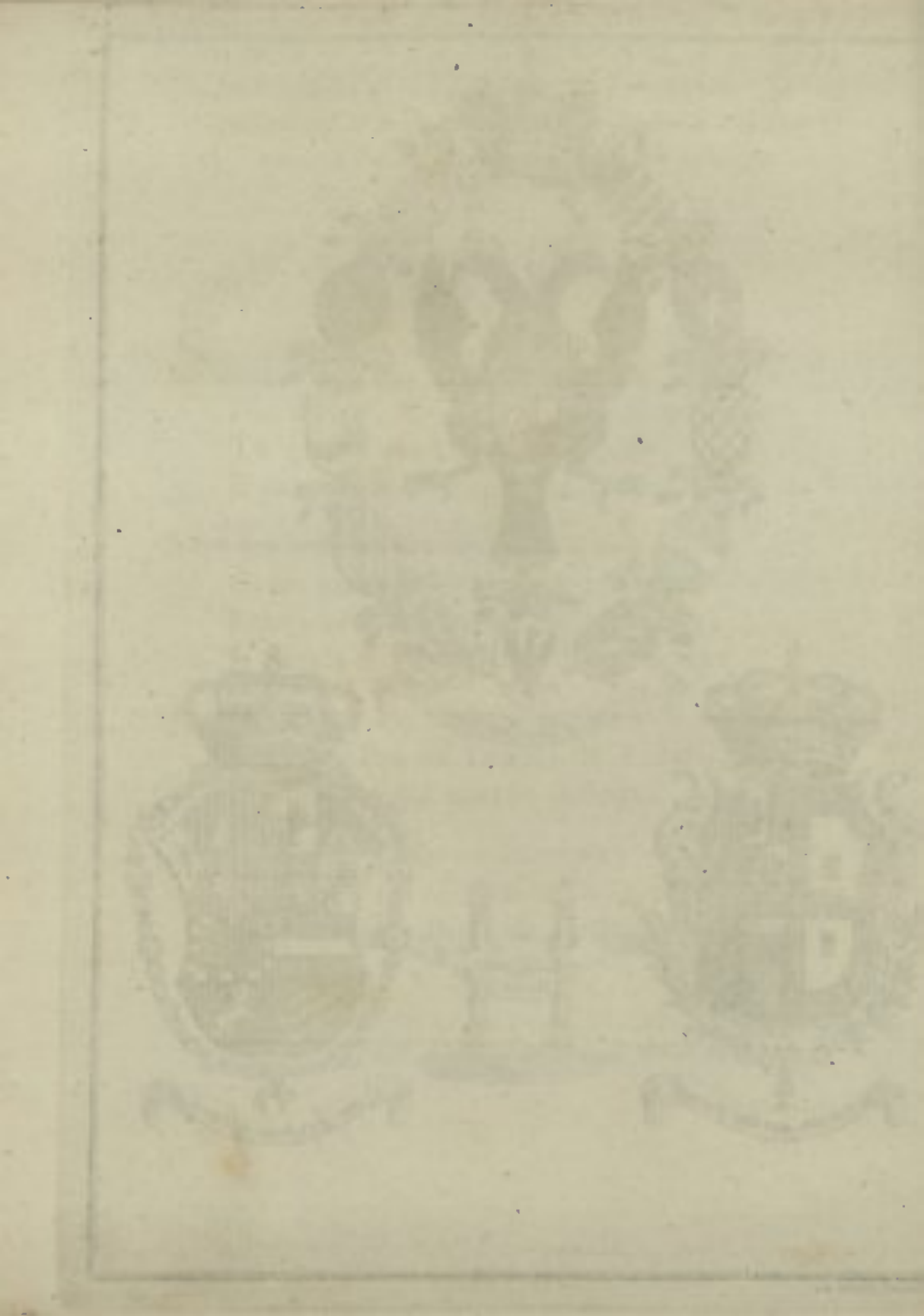
Vive em goſtoſa Paz doce, e ſegura
Como na idade de Ouro já vivias,
Enlaça as Reaes maõs, juſtas, e pias,
E inunda o Mundo inteiro de doçura:

Já do Univerſo vás fugindo a guerra
Sentada a Paz no Templo da Victoria,
O frio ſuſto dos mortaes deſterra:

Tu vivirás dos Luſos na Memoria;
Porque em teu ſeio inclito ſe encerra,
De Portugal o Bem, de Heſpanha a gloria.

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

Manoel Freire etc.



DEO-SE PRINCIPIO AO OITEIRO
COM O SEGUINTE:

BANDO.

CConcorrei, concorrei, gentes devotas,
Naõ ſó daqui, de partes mais remotas:
Vinde ſim com prazer, cheios de gloria
Render cultos á Virgem da Victoria:
A eſſa, por quem Deos com eſtranho modo
Trouxe a paz, a victoria ao Mundo todo.

Inflammai-vos nos cultos deſſa Virgem,
Que da noſſa victoria foi a origem;
Que calcou ſem temor com o pé potente
A cabeça medonha da ſerpente:
Da ſerpente voraz, que do profundo
O troféo arvorava em todo o mundo.

A Vin-

Vinde ouvir as Canções, ouvir Louvores
Da Virgem, por quem fomos vencedores:
Da Virgem, por quem Deos quiz libertar-nos:
Da Virgem, que naõ céſſa de amparar-nos:
Deſſa Virgem, que póde, e que deſeja
Dar-nos a victoria na maior peleja.

Os Reis por ella reinaõ, e nella eſperaõ:
Os Principes tambem por ella impéraõ:
E por ella os Supremos Magiſtrados
Da juſtiça os caminhos arriſcados
Obſervaõ claramente, ſem aperto,
MARIA lhes dá luz, lhes dá o acerto.

Deſta luz todos nós participamos:
Povo de Sacavem, louvalla vamos;
Se hoje em ti Portugal todo ſe achaſſe,
Era bem, e mui juſto que louvaſſe
Eſſa Virgem, que tudo nos alcança,
Que ſobre Portugal tantos bens lança.

O ardor neſta acçaõ brioſo ande,
A modeſtia preſida, o zelo mande,
Ferrolhem-ſe as Ermidas do Deos Bacco,
Do Deos eſtragador do mental caco;
Vaõ ſim hoje buſcar diſtantes rumos
Seus vapores ſubtis, ſeus negros fumos.

A dama, o homem ſerio neſta empreza
Inculque perfeiçaõ, traje belleza,
Perfeiçaõ, e belleza, com juizo,
Digna ſó de louvor, mas naõ de rizo,
Perfeiçaõ, onde as mãos o pejo prante,
Perfeiçaõ, que ſe louve, e naõ eſpante.

Homem algum (naõ cremos nenhum máo)
Paſſeie em Sacavem de virapáo,
Da prudencia ſó cinja a arma bella;
Mas na mão naõ empunhe a de cabrella,
Porque a prudencia foje, e ſe retira
Com baſtante razaõ, quando o páo vira.

Louvemos com modeſtia a Virgem Santa,
E por quem Portugal victorias canta:
Se de Principes taes ſomos Vaſſallos,
Saibamos Portuguezes imitallos,
Por MARIA com elles nos juntemos,
Como elles a louvaõ, a louvemos.

NA SOLEMNE ACADEMIA

DEDICADA

A NOSSA SENHORA

DA VICTORIA,

E AO PORTUGUEZ

SANTO ANTONIO,

EM SEU LOUVOR

DECIMAS OBRIGADAS.

I.

VOU louvar a Virgem Santa,
Esse Objecto esclarecido,
Por quem o mundo perdido
A victoria alterna, e canta.
Essa Virgem, a cuja planta
Jaz o dragaõ por memoria:
Essa Pomba, que com gloria
Naõ toca da culpa o lodo,
Essa, a quem chama o Ceo todo
A Senhora da Victoria.

II.

II.

Ella foi a Judith ſorte,
Onde a Victoria ſe eſtriba;
A que a cabeça derriba
De Holofernes, ſó de hum córte.
Por ella, taõ feliz ſorte
Decanta a Sagrada Hiſtoria:
Com a Palma meritoria
Do triunfo, a Virgem fica,
E com ella ſe publíca
A Senhora da Victoria:

III.

Os Gigantes que vivêraõ,
Nem os Filhos de Tifaõ,
Eſpada, alfanje, nem maõ
Para eſta empreza tiveraõ.
Monſtro igual nunca vencêraõ,
Nem lance de tanta gloria:
Só em MARIA he notoria
Eſta acçaõ, eſte poder,
Só ella digna de ſer
A Senhora da Victoria.

IV.

Ella foi com evidencias
A mulher forte, a mais rara,
De quem o Sabio cantára
As graças, as excellencias.
A Eſpoſa de preeminencias,
Digna de eterna memoria
Ella foi: e aquella gloria
Que o Inferno perdida chora,
Naõ chorára, ſe naõ fôra
A Senhora da Victoria.

V.

Por eſta famoſa Sara,
Pelo Filho promettido
Abrahaõ ſe vê remido,
Todo o mundo ſe repara.
Pelo Filho que gerára
MARIA obtem toda a gloria:
Do Inferno a furia he eſcoria,
Que em ſorvos de temor bebe,
Depois que o Filho concebe
A Senhora da Victoria.

VI.

VI.

Eſſa guerreira procella
Sem MARIA naõ ceſſára,
Depois que Deos decretára
Remir o mundo por ella.
O mundo, a máquina bella
Cria Deos ſó, ſem vangloria;
Mas, conſeguir-nos a gloria
De remir o mundo, em fim,
Naõ pôde, ſem dar o ſim
A Senhora da Victoria.

VII.

Antes dos ſeculos, já
Ella (myſterio profundo!)
Para ſalvaçaõ do mundo
Na mente Divina eſtá.
Gabriel a ſaber lhe dá
O que intenta o Rei da Gloria:
E crendo a voz laudatoria,
O ſim dando, humilde Eſcrava,
Deos logo em ſeu nome grava
A Senhora da Victoria.

VIII.

MARIA, Virgem fiel,
He a Montanha ſubida,
Donde a Pedra he deſpedida,
Previſta por Daniel.
Eſſa pedra, que a Lusbel
Proſtra, roubando-lhe a Gloria:
Eſſa Pedra meritoria,
Eſſa Pedra de façanha,
Que em ſi géra, qual Montanha,
A Senhora da Victoria.

IX.

Libertem Debora, Eſther
O povo com eſtranho modo;
Que MARIA ao mundo todo
Ha de a victoria trazer.
Deſte triunfo ha de ſer
Eterna a ſua memoria;
E eſte timbre, eſta gloria
Que termo, nem fim terá,
Sempre em ſi conſervará
A Senhora da Victoria.

X.

Que poder ha, que ſe aſſome
Em qualquer guerreira empreza,
Contra quem tem por defeza
Eſte poderoſo Nome?
Que Rei Chriſtaõ, que o naõ tome
Para conſervar a gloria!
Em que Annal, ou em que Hiſtoria
Vemos algum peleijando,
Que ſe naõ veja triunfando
A Senhora da Victoria?

XI.

Heraclito, que faria
Com as ſuas trópas diſperſas?
Que victoria contra os Perſas
Alcançára ſem MARIA!
O triunfo naõ cantaria,
Nem lho louvára a Hiſtoria:
Daquelle triunfo a gloria
Heraclito naõ cantára,
Se o naõ auxiliára
A Senhora da Victoria.

XII.

Narcetes, naõ, naõ vencêra
O exercito dos Godos,
Se a elle, aos ſoldados todos
MARIA naõ defendêra.
Dos Godos o horror temêra,
Fraquejára-lhe a memoria;
Porém obteve com gloria
Do triunfo a nobre palma,
Porque ao temor lhe deo alma
A Senhora da Victoria.

XIII.

Porque Ramiſſes ſe finta
Com a Virgem, e nella afiança,
Contra os Bulgaros alcança
A victoria mais diſtinta.
O ſeu General lhe pinta
Pavor, cheio de vangloria:
Sua voz inflammatoria
Ramiſſes naõ teme, e clama:
Nunca ſe perdeo, quem ama
A Senhora da Victoria.

XIV.

No ſeu auxilio fiado
Pelagio Arabes naõ teme;
O ſeu grande poder geme,
Todo ſe vê deſtroçado.
Pelagio he auxiliado
Por MARIA: toda a gloria
Lhe provem (he voz notoria)
Della; de ſi a faz nulla,
Elle meſmo a intitula
A Senhora da Victoria.

XV.

Os Auſtriacos famoſos,
Se por ella naõ chamáraõ,
Dos Turcos naõ alcançáraõ
Triunfos taõ glorioſos.
Sejaõ os Turcos vantajoſos
No poder, e na vangloria,
Tenhaõ na ſua memoria
Eſte penſamento vario,
Até moſtrar-lhe o contrario
A Senhora da Victoria.

XVI.

Affonſo adiante leve
As victorias contra os Mouros,
Que elle diz: que tantos louros
A' Virgem MARIA os deve.
De quantos triunfos teve
A ella tributa a gloria;
E de quantos a hiſtoria
Em ſi eſtampados vio,
Elle diz, lhos conſeguio
A Senhora da Victoria.

XVII.

Que graças os Portuguezes
A' Santa Virgem eſtaõ dando,
Deſtruindo, e arrazando
Aos Angolanos por vezes?
Annos inteiros, naõ mezes,
Obtem triunfos com gloria;
Inda exiſtem na memoria
Quantos Portugal logrou,
Mas quem, quem lhos alcançou?
A Senhora da Victoria.

XVIII.

XVIII.

Diſto hum claro deſcngano,
Por juſtos, e certos cálculos,
Nos tem moſtrado os Oraculos
Do Sagrado Vaticano.
Certos, que o poder humano
Era fraqueza, era eſcoria
Para do triunfo a gloria
Obter contra hum tal partido,
Se o naõ deixára vencido
A Senhora da Victoria.

XIX.

Os tumultos da Igreja
Por Federico ordenados,
Por ella ſaõ deſtroçados
Por mais que o Impio os forceja.
Innocencio quarto beija
O pé da Virgem com gloria;
E por eſta acçaõ notoria,
Que Innocencio quarto approva,
O povo Romano louva
A Senhora da Victoria.

XX.

Leaõ quarto a Virgem toma
Por Protectora no riſco,
Em que hum fatal baſiliſco
Enche de mortes a Roma.
A furia a Virgem lhe doma,
Reduz o Monſtro a eſcoria;
E Roma cheia de gloria
Vendo-ſe já reſpirar
Nunca céſſa de louvar
A Senhora da Victoria.

XXI.

Paulo ſegundo, chorando
A barca quaſi fundida,
Sobre as ondas já erguida
Novamente a vê triunfando.
A' Virgem vai caminhando
Dar-lhe do triunfo a gloria;
E no mundo faz notoria
A bonança que ſurgíra,
Bonança, que conſeguíra
A Senhora da Victoria.

XXII.

Huns, em remuneraçaõ
Do ſeu agradecimento,
Oitavario ao Naſcimento
Da Virgem ordenaõ, e daõ.
Do Templo a Preſentaçaõ
Fazem na Igreja notoria;
Outros, com prazer, e gloria,
Entre as mais Feſtas, que approvaõ
Pela voz da Igreja louvaõ
A Senhora da Victoria.

XXIII.

Neſſes Altares, que temos
Da Virgem, que fundamentos,
Que preclaros Monumentos
Dos ſeus triunfos naõ vêmos!
Nelles todos nos proſtremos;
E com voz gratulatoria
Louvemos, cheios de gloria,
Eſſa Imperatriz dos Ceos,
Eſſa Virgem, Mãi de Deos
A Senhora da Victoria.

XXIV.

XXIV.

Na mais forte bataria,
Que triunfos do Demonio
Naõ conſeguio Santo Antonio
Soccorrido por Maria!
Quantas vezes beijaria
Os ſeus pés, cheio de gloria?
Tendo ſempre na memoria,
Sempre na ſua lembrança
Os triunfos que lhe alcança
A Senhora da Victoria?

XXV.

Sim, Antonio nunca, naõ
Aparta por hum momento
MARIA do penſamento,
Sempre a tem no coraçaõ.
MARIA, conſolaçaõ
He ſua, he a ſua gloria:
Digna de eterna memoria,
De hum amor nunca finito
He para Antonio Bemdito
A Senhora da Victoria.

XXVI.

Ella a elle nunca nega
O Filho que tem nos braços;
E depois de eſtreitos laços
Outra vez elle lho entrega.
Com que goſto Antonio péga
No Supremo Rei da Gloria!
E que paixaõ meritoria
Na alma Antonio concebe,
Quando o Filho lhe recebe
A Senhora da Victoria?

XXVII.

Em amante praçaria
Andaõ, (a pezar do Demonio)
MARIA com Santo Antonio,
Santo Antonio com MARIA.
Em horrenda gritaria
O inferno chore eſta gloria;
Queira reduzilla a eſcoria,
Queira reduzilla a pranto,
Que lá eſtá com Antonio Santo
A Senhora da Victoria.

XXVIII.

XXVIII.

Feliz Portugal, que alcança
Deſta verdade os abonos;
E que em taõ grandes Patronos
Se confia, e ſe afiança.
Elle da paz a bonança
Gozará, cheio de gloria:
Seu Nome da larga hiſtoria
Hum campo avultado eleje,
Pois com Antonio o proteje
A Senhora da Victoria.

XXIX.

Feliz a Rainha Auguſta,
Senhora, que nos impéra,
Que por Antonio ſe eſméra,
E com MARIA ſe ajuſta.
Nenhum temor a aſſuſta,
Nenhum lhe diſputa a gloria;
Será a ſua memoria
Eterna, pois com eſtudo
Ama Antonio, e mais que tudo
A Senhora da Victoria.

XXX.

O Principe juntamente
Da Mãi ſegue o juſto trilho,
Querendo em tudo ſer Filho
De huma Mãi taõ excellente.
Em tal Familia ſe oſtente
Indelevel tanta gloria:
Com evidencia notoria
Por Antonio deſſes Ceos
Os adorne de troféos
A Senhora da Victoria.

De Fr. Antonio da Conceiçaõ.

A SUA ALTEZA REAL

O SERENISSIMO PRINCIPE

NOSSO SENHOR,

NO FELICISSIMO DIA DOS SEUS ANNOS,

LHE CONSAGRAÕ OS DEVIDOS ELOGIOS

O CAPITAÕ

JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR,

E SEU FILHO

JOAQUIM IGNACIO TALLAIA COLLAÇO

DE CASTELLO BRANCO,

Alumnos da Academia dos Obſequioſos, eſtabelecida nas Caſas de ſua Reſidencia, de que ſaõ os Protectores Sua Mageſtade Fideliſſima, e toda a Familia Real.

SERENISSIMO SENHOR.

COM que complacencia naõ chego á preſença de V. Alteza, para lhe conſagrar a Oraçaõ, que meu filho, ſeguindo os movimentos do ſeu eſpirito honrado, e agradecido, tenco no ſeliciſſimo Dia dos annos de V. Alteza, que nós todos deſejamos muitas vezes repetido, como obſequio da noſſa Vaſſallagem, igualmente que do noſſo amor. Naõ ha pincel, que tenha as cores preciſas para pintar as Acções de V. Alteza. Nem hum Zeuxis poderia completar aquelle quadro: admiraõ-ſe; mas naõ ſe comprehendem perfeitamente.

Com

Com tudo ſempre me encho de conſolaçaõ, reflectindo, que hum ramo de que ſou tronco naõ degenera da raiz, empenhando-ſe ſem que tema a nota de temerario, na execuçaõ de huma empreza, que baſta para ennobrecer a quem a toma. A ſua tenra idade faz deſculpar os erros, de que eſtará maculada aquella compoſiçaõ: Porém V. Alteza, que ſabe dar o valor ás boas intenções, como lhe conhece o animo, acceitará com benigno acolhimento aquelle Culto, ſem que notando a falta, deixe de approvar o projecto.

Eu bem vejo, que na carreira ditoſa da Vida de V. Alteza havia muitas flores de que eſmaltar-lhe a grinalda: A inteireza, a affabilidade, o amor da Gloria; virtudes, que ornaõ a grande Alma de V. Alteza, que campo para hum Panegyrico, naõ cedendo a nenhuma deſtas brilhantes qualidades, aquella immacta generoſidade, com que V. Alteza faz mais realçar o ſeu heroiſmo, como Virtude, que mais exalta os Principes, que ſaõ a Imagem de Deos na terra.

As Maõs de V. Alteza, verdadeiramente Reaes, ſó ſe abrem com goſto, quando liberalizaõ favores, e reputa, como Tito, por perdido o dia, que naõ faz feliz alguem. Se eu pudera pôr na preſença de Voſſa Alteza agora todos aquelles que profundamente tem participado dos favores, e das graças de V. Alteza, eu conſeguiria a felicidade de ver a V. Alteza dignamente louvado. Os ſentimentos ſincéros daquelles corações agradecidos ſeriaõ o Panegyrico mais eloquente do Senhor D. JOAÕ.

Mas

Mas em quanto me naõ he poſſivel iſto, ao menos conſolo-me com ſer o orgaõ da minha Naçaõ, repetindo o que todos dizem do Dia feliciſſimo, Dia em que feſtejamos os Annos de V. Alteza, e os da Sereniſſima Senhora D CARLOTA JOAQUINA. Temos tudo o que deſejavamos: temos huns Principes, que ſendo Cópias fiéis de ſeus Auguſtos Pais, ſaõ os apoios das noſſas eſperanças, reunindo-ſe nas ſuas amabiliſſimas Peſſoas aquelles dotes, com que a ſabia, e beneſica Dextra do Todo-Poderoſo enriqueceo aquellas Almas deſtinadas na Urna dos ſeus invariaveis Decretos, para a felicidade dos Póvos.

Ditoſos nós, Senhor, que havemos colher taõ precioſos fruitos: ſe a Capital que habitamos, foi arrancada das mãos dos Sarracenos neſte dia pelo Primeiro Affonſo, fazendo gemer debaixo da ſua eſpada triunfadora os muros (ainda que ſoberbos) da conquiſtada Lisboa; quanto mais reſpeitavel he por ter ſido o berço de V. Alteza, que como Hercules começou das mantilhas a deſpedaçar Leões; podendo-nos ſem abuſarmos da noſſa credulidade, prometter-nos vantajoſiſſimos bens com o Naſcimento de V. Alteza, de que agora celebramos a memoria, e o deſempenho dos Regios Aſſumptos, que ſe eſpalhárnõ por todo o Corpo Academico, para o primeiro dia das Seſsões Literarias dos Obſequioſos da Academia do Lugar de Sacavem, de que he Orago a SENHORA DA VICTORIA, e o SENHOR SANTO ANTONIO; e toda a Real Familia, Protecto-

 res;

res ; e eu o Secretario por especial insinuaçaõ do Augusto Pai de V. Alteza, que santa gloria haja.

O Deos que vêla sobre a conservaçaõ dos Portuguezes, queira conservar-nos a V. Alteza na doce companhia de sua chara Consorte a Eruditissima Senhora DONA CARLOTA JOAQUINA, a Amabilissima, e Piedosissima Rainha Nossa Senhora, a Senhora DONA MARIA I., e toda a Familia Real, para que outros genios mais ferteis, que o de meu filho, tendo largo assumpto para discorrerem, immortalizem na posteridade o Nome de V. Alteza, que voando de Seculo em Seculo, como agora, de boca em boca, seja as delicias de Portugal, naõ menos, que a inveja do Mundo todo.

SO-

SONETO.

JA' fatigado o laſſo penſamento
De mil idéas vãns, que em ſi trazia
Adormecendo o ſomno lhe fingia
Romper-ſe o Ar, abrir-ſe o Firmamento.

Hum luminoſo vulto do alto aſſento
Batendo as azas ſobre mim deſcia,
Chegou, pôz-ſe a meu lado, e me dizia
Cheio de hum immortal contentamento.

Eu ſou, eu ſou a inſpiraçaõ celeſte,
Que aos Pés te conduzi de Sua Alteza,
De quem tantos favores recebeſte.

Deſperto, e ſigo a minha juſta empreza,
Já a triſte deſgraça naõ me inveſte,
Já vai de mim fugindo a vil pobreza.

O D E.

DE que eſtro deſuſado
Chammejar vejo o coraçaõ contente!
Do Pegaſo nas azas remontado,
Cinjo de louro a frente
Para contar teus annos,
Principe por Deos dado,
Aos Póvos Luſitanos.

Só

Só o teu Nome sôa
De Lysia pelos montes: e teu Nome,
Com que o fluido ar a Fama atrôa
Do tempo a furia dome,
As acções espalhando
Com que á grande Lisboa
Nova gloria vai dando?

JOAÕ que dos Pais imagem,
Que, como Aguia do Sol os raios bebes,
De Throno em Throno a nossa vassallagem,
Com que gosto recebes?
Os projectos avante
Levando, que concebes
Exultarás triunfante.

Exultarás vencendo
Dos bons Antepassados a memoria
A magestosa festa guarnecendo
De inmarcessivel Gloria:
Já na paz, já na guerra.
De doces bens enchendo
A Portugueza terra.

De filhos rodeado
Inundando verás a tua meza,
De suave alegria! e dilatado
Com solida firmeza

Do

Do Santo Affonſo o Imperio
Te verás adorado,
De hum, e outro hemisferio.

Aſſim ſerás ſervido
Das caſtas Muſas, que no claro Téjo,
E nas prateadas margens do Mondego
O Diadema tecido
Te tem já para eſmalte
Do Nome engrandecido
Que a tua Fama exalte.

Ao carro da Victoria
Atado gemerá o Vicio feio,
E reforçando o brado a Luſa hiſtoria,
Porás ao Mundo freio;
De teus Progenitores
Accreſcentando a gloria
Teus candidos louvores.

Os écos ceſſaõ propicios
(Como até agora os Ceos ſempre nos foraõ)
Attenderaõ aos noſſos ſacrificios;
Teus annos ſe melhoraõ
Da Mãi, e da Conſorte
Na ſanta companhia
Vencendo a Inveja, e a Morte.

Hon-

Honra da Luſa gente!
Nós veremos as Artes, e as Sciencias
Sobre eſtranhas Nações alçando a frente:
As noſſas preeminencias
Quem poderá negar?
Qual Aſtro refulgente
Has de ſempre brilhar.

SO-

SONETO.

DO forte naſce o forte, e naõ podia
Deixar de ſer o noſſo forte Atlante
A ſeus exceſſos Pais taõ ſemelhante,
Sendo a Maõ de ſeu Pai a luz que o guia.

A Virtude, a feliz Sabedoria,
O faz, raiando nelle a todo o inſtante,
Das gentes Protector, das Leis amante,
Filho por fim de PEDRO, e de MARIA:

Tempo virá, que a ſua fama, e gloria
Renove entre os Monarcas Soberanos
Dos JOÕES, e dos PEDROS a memoria.

Ouça o Bom Deos os votos Luſitanos,
Para ſe ler na Portugueza hiſtoria,
Nos Annos de JOAÕ, de Auguſto os Annos.

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

AO SERENISSIMO PRINCIPE
O SENHOR
D. JOAÕ,
PRINCIPE DE PORTUGAL,
NO DIA DE SEUS FELICES ANNOS
ELOGIO
ESCRITO
POR JOAQUIM IGNACIO TALLAIA COLLAÇO
DE CASTELLO-BRANCO.

Ut deſint vires, tamen eſt laudanda voluntas.

Ex Ovid. ad Ruf.

ARdua empreza! Difficultoſo empenho! E como naõ receio a quéda, ſendo infallivel o precipicio, a que me exponho! Com que eſtudos me conſidero, para emprehender huma acçaõ que muito ſobrepuja as minhas forças! (a)

(a) Orat. de Art. Poet.

O maior dos Criticos me aconſelha ; elle me reprehende , e eu nem pratico o ſeu dictame , nem me envergonho com a ſua reprehenſaõ.

Temerario , e neſcio , eu emprendo a idéa de fazer hum Elogio ; mas a quem ! Será por ventura a algum deſſes Heróes da antiga-idade ! A algum deſſes grandes homens , que vivendo em outro tempo , fizeraõ (a poder de acçõés glorioſas) recommendavel , e indelevel o ſeu Nome á poſteridade?

Será de Grecia , Roma , ou de algum deſſes Imperios , inda hoje taõ plauſiveis , e famóſos , a diſtincta Perſonagem , de quem pertendo eſcrever o Panegyrico ! Naõ , Senhores , a taõ remotos climas naõ careço eu de hir buſcar hum nobre , e elevado aſſumpto. Naõ neceſſito de hir a eſſa Cidade , que nos paſſados Seculos ſoberba , e dominante , a todas as mais deo Leis ; e naõ preciſo finalmente de ſubir ao ſeu celebrado , e ſumptuoſo Capitolio : para entre as eſtatuas , que o adornaõ , eleger huma , a quem , em obſequio do Heróe , que repreſenta , poſſa humilde , e reſpeitoſamente dirigir a minha offerenda.

Eu tenho em Portugal , eu acho na ſua Corte hum objecto ſuperior a todos eſſes , que pacificos já , ou já guerreiros pela penna , ou pela eſpada , inda hoje preenchem com as ſuas acçõés toda a circumferencia orbicular ; inda hoje com as ſuas emprezas fatigaõ deſſe ligeiro monſtro o eſtrondoſo bracio.

Naõ vos quero ter vacillantes por mais tempo :

Eu

Eu vos declaro qual seja o meu Heróe : O nosso Principe Amabilissimo , o Sereníssimo Senhor D. JOAÕ, tenra planta , mimoso , e feliz Ramo do mais esclarecido Tronco, he o distinto Heróe, de quem me resolvo tecer este Elogio : Os seus ditosos Annos saõ o assumpto, que me proponho para discorrer, inda quando taõ mal espere elogiar. Que atrevimento !

Sim , Principe Augusto ; eu reconheço a minha audacia; naõ ignoro o despenho; mas no theatro desta pequena oraçaõ naõ pertendo fazer outra figura, que a de hum nacional amante ; de hum Portuguez sincéro , honrado, e agradecido.

Os encomios de hum Poema energieo, pomposo, e rethoricamente organizado, eu os deixo para outros Panegyristas , em que concorraõ todas as circumstancias que em mim faltaõ.

Da vossa parte, Senhor, naõ faltaráõ assumptos de heroicidade ; e para os decantar teremos nós quem se apure nas epopeias , quem se esmere nos panegyricos. Abunda a nossa Lusitania de Poetas , e Oradores, e para fazer immortaes as vossas aeções entre os vindouros , seraõ superfluos os Homeros , os Virgilios, os Dantas, os Petrarcas, os Nestores, os Pericles, os Cyneas, e os Hortensios.

Eu , Principe esclarecido , naõ intento senaõ dar-vos huma prova, inda que debil, do meu affecto, e gratidaõ; a outra coisa naõ aspiro; isto só quero ; e se isto consigo, isto me basta.

Po-

Porém, Senhor, em hum quadro taõ pequeno, como poſſo eu delinear as Regias Aeçõeſ de V. Alteza, como hei de em hum papel taõ limitado deſcrever os mageſtoſos attributos, que adornaõ a ſua Auguſtiſſima Peſſoa!

As qualidades que ennobrecem huma alma grande; que conſtituem ao homem no eminente gráo de hum heroiſmo, ſaõ aquellas (ſem excepçaõ de alguma) que em hum pequeno corpo, já patenteaõ hum agigantado eſpirito.

Nós vemos em tenros annos adiantarem-ſe com rápido progreſſo todos aquelles ſoberanos movimentos, que ſempre pulſaõ em hum peito heroico, em hum coraçaõ magnanimo.

Se com a attençaõ que he juſta, reflexionamos, inda ſobre as acçõeſ mais indifferentes, que V. Alteza pratíca em huma idade juvenil; de que eſperanças nos naõ devemos inundar?

Se attentamente reflectimos nas ſuas Reaes inclinaçõeſ, com juſta cauſa nós devemos augurar as felicidades mais diſtinctas: ditoſas as Nações, que teſtemunharem o que lhe annuncio, que virem verificado em V. Alteza o meu prognoſtico.

A Religiaõ Catholica, que he a fundamental baſe, ſobre a qual ſó ſe póde erigir a columna de huma verdadeira heroicidade; pois ſem ſer temente a Deos naõ póde dar-ſe Heróe Chriſtaõ; os dogmas pois deſta Religiaõ ama V. Alteza intimamente, empregando todo

do o ſeu reſpeito, e culto, naõ em honra de muitos; mas de hum ſó Deos; e moſtrando-ſe por iſſo o mais diſcreto, e melhor Numa.

E que imagens nos naõ propõe V. Altêza de hum Legislador o mais ſabio, e mais prudente! Novo Trajano, filho do mais Piedoſo Nerva, bem nos dá V. Alteza a conhecer, que o tem deſtinado a Providencia, para os fins mais glorioſos: Felices os póvos de que V. Alteza tomar conta, e por cuja conta correr o ſeu governo: Verdadeiro Pai da Patria, elles acharaõ nas Leis de V. Alteza melhores delicias, do que tiveraõ os Romanos nas de Auguſto.

De valor, e interpidez nos dá V. Alteza a toda a hora, e a cada paſſo muitas razões para perſuadirmo-nos, que no ſeu alentado coraçaõ admirará o Mundo hum Catholico, e valoroſo Ayace, hum coroado, e intrepido guerreiro, que brandindo o furioſo eſtuque, e com elle ſubjugando os inimigos da noſſa adoravel Lei, (qual o Primeiro, e Grande Affonſo) faça V. Alteza converter em honra do Profeta mais ſanto, e verdadeiro, que he Jeſu Chriſto; todo o culto, que ſe dá ao Profeta mais indigno, e mentiroſo, que he Mafoma.

Venturoſos Pais, que produzíraõ taõ eſtimavel Filho. Feliz a Luſitania, que ſoi berço de hum Heróe taõ grande, e ditoſo tambem eu, ſe alcanço, que ſubindo á preſença de V. Alteza eſta, ainda que groſſeira offerenda; com eſte toſco ſacrificio, ſaço

a

a prova de hum animo ſenſivel , e agradecido ao honroſo acolhimento, que devo a V. Alteza.

Dicere plura velim , ſed pondere victa fatiſcit.
Muſa minor ; vireſque negat nil dexter Apollo.

Diſſe.

AD

AD NUPTIAS SERENISSIMI D. JOANNIS, PORTUGALIÆ INFANTIS, CUM SERENISSIMA D. CARLOTA JOAQUINA, HISPANIÆ INFANTI.

CARMEN.

O Hymenæe Sacer, non qualem fabula pingit
Gentilem mentita Deum, qui tincta venenis
Corda ligat Paphiis, mactatque Cupidinis aris;
Sed qui sanctus amor tædis cœlestibus unis

Chriſtiadum thalamos, conſortia caſta Supremo
Nata favente Deo, quorum diſſolvere nexus
Nemo valet, nulloque manet violabile pacto
Mortales inter ſponſos durabile vinclum:
Ergo, dulcis Hymen, celſo delapſus Olympo
Candida qui terris virtutum fœdera ducis,
Huc adſis celer, atque meis precor annue votis;
Cinge nitente auro niveis pia tempora vittis,
Ac puras accende faces, altaria donis
Thura Sebæa focis, manibus da lilia plenis:
Grata polo, jucunda ſolo connubia necte
Exoptata diu, pacemque, & bella marita
Conjugio Sponſorum uno: plaudentia ducunt
Aſtra choros; nam quos ſociali fœdere jungis
Sunt Regum pueri, par nobile, Sydera Cœli
Ceu duo Tindaridæ, morum candore nitentes
Regales animi, grato ſub Apolline nati,
Digna Jovis ſoboles, Luſitanæque Minervæ,
Et, qui Sceptra tenet fulgentia, Martis Iberi:
Debuit hinc naſci, totus cui pareat orbis.
Quo tamen egregias celebrem, quo carmine dotes,
Virtutesque, quibus conjux ornatur uterque,
A teneris annis, & jam ſuper æthera fertur?
Non ætate pares, nec ſorte, ſimillima virtus
Reddidit Infantum mentes, & laude coronat.
Haud tanta Œbalios tenuit concordia fratres,
Quos peperit ſummo pulcherrima Leda Tonanti,

Re-

Religione velut, ſimul, & pietatis honore
Regia Nupta micat, Regali juncta marito.
Noſtrarum, Sponſi, decus, & nova gloria rerum,
Quos patriæ Divis donarunt fata benignis,
Auguſtæ queis frontis honor, orisque verendi
Majeſtas, pulchroque imbutum pectus honeſto,
Ingenium ſolers, & mens excelſa decorat;
Unde ſacros vobis lauros decrevit Apollo,
Quæ vos tam juſti vinclo ſociavit amoris,
Illa dies ſolemnis eat redeuntibus annis,
Fauſtaque perpetuis memoretur in orbe tropæis.
Annua jam populi lætis ſua vota choræis
Signant, atque vocant grata ad ſpectacula Cives:
Abrumpunt crebro reboantia tympana ſomnos,
Et tonat horriſonis Mavortis machina bombis,
Reſponſatrices geminant læta omnia ripæ.
Mœnia cuncta, domos cingunt, ornantque feneſtras
Torque lucernarum contexta monilia flammis,
Diffugiunt noctis tenebræ, fit lucidus æther
Ac ſi clara dies toto illuceſcerit orbi:
Tantus amor Luſis, ac exſultantibus ardor!
His mens auſpiciis vatis præſaga futuri,
Gaudia quanta tibi, ſurget quæ gloria, dicit,
Sanguine Luſiadum, dubiis nec parta triumphis,
Lyſia Conjugibus ſed fortunata duobus?
Imperio redeunt, Maurorum victor ab armis
Quod Rex Alphonſus fundaverat auſpice Cœlo,

Aurea fœcla, quies, optatæque otia pacis:
Ut cum Luſæ claſſes, & victricia ſigna
Per maria ante aliis nunquam tentata carinis
Auroræ populis, & ponti littora rubri
Perſiacosque ſinus, Indosque adiere feroces.
Sina vel imberbis, Libyæ vel barbara tellus,
Et novus, auriferum qua jam caput extolit, orbis,
Oceanusque Tagi vectigal ad oſtia miſit,
Prægnantes auro puppes, & divite gemma.
Quid veteres odii cauſas, memoremque furores
Finitimos quos inter agit diſcordia Reges,
Quum Luſitanos ardet Bellona per agros
Mille minans duras ſtrages, & funera mille?
Quas prius exciperat Leo formidandus Iberus
Jam cicur ipſe minas poſuit, Luſoque Dracone
Fœdus amicitiæ pepigit, ſocialeque vinclum
Nexibus æternis alternum firmat amorem.
Vos utriusque decus Regis, vos inclyta proles;
Iris, quem nobis miſit Saturnia Juno
Vos eritis clarum pacti, vel amabile ſignum;
Munere nam Divûm Luſo data pignora regno,
Ut noſtris ſemper nitidis pax candida pennis
Fulgeat in rebus, nullum peritura per ævum.
At fœcundus amor magis involabile reddet
Jus pacti, veſtros quum cinget pulchra corona
Natorum thalamos, ſeries, & longa nepotum.
Vos igitur juvenes, Regum generoſa propago;

Nomen Apollineo quorum memorabile plectro
Noſtra Thalia dabit, celſasque extollet ad arces;
Vivite felices, ter vates clamat, amantes,
Fœdera diſſociet nunquam revolibilis ætas,
Quæ cœleſtis amor ſtatuit, Sanctique Parentes;
Has ſua, credidimus, ſemper gratiſſima Divis
Servet ut incolumes nobis pietasque, fidesque.

Fr. Theodorus de Carvalho.

POE-

POEMA

FEITO EM OBSEQUIO

DAS FELICES MELHORAS

DO

SERENISSIMO SENHOR

D. JOAÕ,

PRINCIPE DO BRAZIL,

DUQUE DE BRAGANÇA,

NOSSO SENHOR:

RECITADO NA ACADEMIA DOS OBSEQUIOSOS DA CASA REAL

POR SEU AUTHOR

JOAÕ XAVIER TABORDA

PINHATELI FERREIRA,

Fidalgo de Solar conhecido, e Alferes de Cavallaria no Regimento de Almeida, chamado ALBINO, ruſtico habitante dos Valles da Serra da Eſtrella.

SERENISSIMO SENHOR.

SE eu tive a gloria, de que VOSSA ALTEZA REAL me fizeſſe a diſtinta honra de permittir, que o ſeu Auguſto NOME ornaſſe o frontiſpicio da pequena

 obra,

obra , que a minha grande dor conſagrou á memoria de hum amavel PRINCIPE , *de quem VOSSA ALTEZA REAL he o mais perfeito , e admiravel Retrato , como deixaria agora , SENHOR , de oferecer a VOSSA ALTEZA REAL as vozes da minha incomparavel alegria , pelo feliz reſtabelecimento da ſua Precioſiſſima ſaude , e de fazer patente ao Mundo , aonde VOSSA ALTEZA REAL principia com mil razões a ſer admirado , o ſentimento da minha dor na perigoſa moleſtia de VOSSA ALTEZA REAL ? Ah ! SENHOR ! Eu deixo de fallar em hum ponto , que ainda cerra a minha garganta : tal foi o agudo pezar , que o ſuſto em mim produzio.*

Nos verſos , que eu tenho a honra de dedicar a VOSSA ALTEZA REAL , naõ ſe encontra aquella doce energia , nem aquella heroica eloquencia , que devéra ter huma obra , de que VOSSA ALTEZA REAL he o Grande , e Reſpeitavel Objecto ; porém nella , SENHOR , ſe deixaõ ver os verdadeiros ſentimentos da minha alma fiel : porque ainda que habito , como Ruſtico , entre brenhas , em toda a parte me acompanhaõ os nobres eſtimulos de amar , e reſpeitar o Throno , a Patria , e o meu dever.

Guarde Deos a Auguſta , e Sereniſſima Peſſoa de VOSSA ALTEZA REAL , como todos havemos miſter ; e tenha eu ſempre a honra , e a felicidade de

po-

poder moſtrar , que ſou com o mais profundo reſpeito

DE VOSSA ALTEZA REAL

O mais humilde, o mais fiel , e mais affectivo, e reſpeitoſo Criado

Joaõ Xavier Taborda Pinhateli Ferreira.

POEMA.

ARGUMENTO.

Nos cumes da alta Serra da Eſtrella,
Albino chora afflicto, e contriſtado,
E ouvindo os triſtes ais Albina bella,
A cauſa quer ſaber do ſeu cuidado.
Com graça lhe pergunta eſta donzella
Tratando-o com modeſto, e nobre agrado:
E Albino com reſpeito, e cortezia,
Suſpirando, a fallar-lhe principia.

CANTO I.

I.

HA huma Serra la nos fins da Beira,
Que antigamente Erminia foi chamada:
Taõ alta que por iſſo he a primeira,
Que he das luzes de Apollo viſitada:
Della naſcem dous Rios, e a Ribeira
Que como a luz de Aurora he nomeada,
E a cobrir-ſe de neve he taõ ſugeita,
Que ao longe de cryſtal parece feita.

II.

II.

Os Valles de montanhas taõ ſubidas
Cobertos ſaõ de arvores frondoſas,
Onde fazem mil Eccos repetidas
As muſicas das Aves mais mimoſas.
Do tempo as Eſtaçõés mais deſabridas
Neſtes valles naõ ſaõ taõ rigoroſas,
Nem Janeiro lhe queima as lindas flores,
Nem Agoſto as deſtroe c'o os ardores.

III.

Tal he a Patria, aonde antigamente
Naſcêraõ mil Soldados valoroſos,
A quem vencêraõ ſó traidoramente
Do Mundo os domadores orgulhoſos.
Ainda ſe repetem triſtemente
Os ſucceſſos de hum Galba cavilloſos,
Que dos males a tragica memoria
Já mais he entre os homens tranſitoria.

IV.

IV.

Alli aonde o Grande Viriato,
Qual raio ſe accendeo contra os Romanos,
E com gente leal ſem apparato
Caſtigo ſoube dar aos vis tyrannos.
Alli onde eſte eſpirito nobre, e grato
Naſceo para dar gloria aos Luſitanos;
Alli o triſte Albino ſuſpirava,
E aſſim entre ſuſpiros ſe queixava.

V.

Oh Ceos! oh ſantos Ceos! E quantas vezes
Ha de a ſorte cruel aos Luſitanos
Fazer ſentir os ſeus ſataes revezes,
Quando menos ſe eſperaõ eſtes damnos?
Saõ acaſo infieis os Portuguezes?
Tem os ſonhos, e os crimes dos Dardanos?
Ou tem acaſo as Luſas engraçadas
Os crimes das Bellides taõ malvadas?

VI.

Mais breve das Laudamias as finezas
Se podem ver nas bellas Luſitanas,
Ha mil Honorias entre as Portuguezas,
Se huma Lucrecia houve entre as Romanas.
Ellas podem ſervir de altas emprezas
A's Muſas, bem que ſejaõ mais que humanas,
Dizę tu, alta Muſa, que a cantaſte,
(a) E que em tragica ſcena a eternizaſte.

VII.

De Lycaon o uſo furibundo
Foi entre nós ſeguido, ou adoptado?
Seguimos, que o acaſo fez o Mundo?
Ou que ha de ſer o eſpirito tranſmigrado?
Ou ſobre a terra toda, ou mar profundo
Vio-ſe algum Portuguez aſſim malvado
Pois ſe elles ſaõ leaes, ſe ſaõ ſinceros,
Como lhe daiś caſtigos taõ ſeveros!

VIII.

(a) Vêde a Tragedia de Oſmia coroada pela Real Academia das Sciencias de Lisboa.

VIII.

Ainda o pranto banha triſtemente
O roſto dos Vaſſallos amadores,
E já, oh duros Fados! novamente
Vindes a dar-lhe mais acerbas dores?
Ah vêde que no Principe excellente,
Findais do Luſo Throno os reſplendores?
Dai-me a mim huma morte rigoroſa,
E poupai huma Vida taõ precioſa.

IX.

Albina que naſcendo entre Paſtores
Lhe deu o Ceo huma alma nobre, e grata,
E que ſem offender os pondonores
Da modeſtia, ſinceramente trata:
Ouvindo tantos ais, tantos clamores
Contra a ſorte cruel, e ſempre ingrata,
Se deixa ver de Albino de repente,
E lhe diz deſta ſorte honeſtamente.

X.

Que he iſto, nobre Albino! Que deſgoſto
Te trouxe aqui em taõ afflito eſtado!
Eu diviſo no teu afflito roſto
Da medónha triſteza o mal gravado.
Chegou-te a caſtigar d'amor o goſto;
Já ſábes qual he o mal de namorado?
Ah? E quanta de ti terei piedade,
Se em fim perdeſte a tua liberdade.

XI.

Quantas vezes te diſſe, ah triſte Albino!
Que hum grande coraçaõ, huma alta idéa,
Quaſi ſempre appetece o peregrino,
E amando-o nelle fórma ſua cadéa.
Na Côrte he mais traidor o Deos menino,
Quaſi ſempre he ſincero em huma Aldéa,
Aqui ſe encontra amor, ſinceridade,
O engano vive alegre na Cidade.

XII.

Das Deidades da Corte, e ſeus encantos
Bem conheço o louvor; ſei, que ſaõ bellas;
Tem mil graças, mil prendas, e aſſim tantos,
Quantos as podem ver, morrem por ellas.
Tu tens viſto amargar com ternos prantos
O prazer que tiveraõ, ſó de vêllas,
Chorando ſem remedio, e deſventura
A prizaõ infiel da formoſura.

XIII.

Torna outra vez Albino ao teu ſocégo,
E recobra a perdida liberdade,
Que ao principio as paixões deſſe Deos cégo
Se vencem com maior facilidade.
Teme o viver em tal deſaſocego,
Naõ ſujeites a outra a tua vontade,
E quando em fim a amor te ſugeitares,
Seja ſe por amor amor trocares.

XIV.

Ama a Deos, ama ao Throno, e aſſim contente
Guardando bem as leis, que ambos dictáraõ,
Serás ſempre feliz eternamente,
E entaõ vivirás tal qual te educáraõ,
Se queres minorar o mal preſente,
Traze á memoria os Grandes, que paſſáraõ,
Que quem como eu ſentio de JOSE' a morte,
Naõ tem mais que chorar com dor taõ forte.

XV.

Ai Ceos! Reſponde Albino ſuſpirando,
E quanto longe eſtás do meu tormento,
Attende-me, e verás como penando
Has de ter como eu tal ſentimento;
Eſſe Heróe, que ainda as Graças vaõ chorando,
Hoje faz ſer dobrado o meu lamento,
Que a memoria do Principe adorado
Faz mais féro, e mais forte o meu cuidado.

XVI.

Qual a filha, que em guerra ſanguinoſa
Tem o adorado Pai, que entre temores
Ouve ler os Expreſſos, receoſa
De achar nelles motivo a novas dores:
Tal a Donzella fica duvidoſa,
Ouvindo a Albino os ultimos clamores,
E como quem o mal eſtá eſperando,
Ella fica ſuſpenſa; elle chorando.

Fim do Primeiro Canto.

ARGUMENTO.

Albino conta a Albina brevemente
Da Corte o ſingular divertimento,
E que a claſſe Guerreira eſtá contente,
Porque o Principe vio no Acampamento.
Declara-lhe que o Heróe eſtá doente,
E Albina, poſto que tem ſentimento,
Nas virtudes da Auguſta confiando,
Vai ſabiamente Albino confortando.

CANTO II.

I.

EM quanto Albina fica penſativa,
Albino enxuga o pranto ſuſpirando,
Que poſto a ſua dor he grande, e activa
He preciſo o ſocego hir contando.
Huma voz articula, outra lhe priva
O pezar que entre as fauces vai gyrando;
Mas em fim rompe a voz, e o roſto erguendo
Principia a fallar aſſim dizendo.

II.

Na Luſa Corte aonde Heróes famoſos,
Quaes Planetas do Aſtro mais brilhante,
Grandes do Reino ſaõ os mais brioſos,
Que em ſeu gyro ver pode o Sol radiante.
Alli aonde os vaſſallos reſpeitoſos
Tem a gloria de verem a Reinante,
Tudo agora em prazer ſe divertia,
E o medonho pezar ninguem temia.

III.

Elogios á mais Alta PRINCEZA
Formados nas tramoias mais brilhantes;
Pinturas imitando a Natureza,
Pantomimas nas ſolfas mais tocantes,
Tudo feito com arte, e com belleza,
Prendas que os Luſos tem ſempre conſtantes;
Eis-aqui o que as ſcenas nos moſtravaõ,
E o que a todos, que as viam, agradavaõ.

IV.

IV.

Os fortes, os Illuſtres Militares
Ufanos de ver neſſe acampamento
Do PRINCIPE os agrados ſingulares,
Em que moſtrava o ſeu contentamento:
Já nenhum teme o fogo, nem os mares,
Cada qual já por elle bebe os ventos,
E todos dizem cheios de eſperança:
Viva o Invicto DUQUE DE BRAGANÇA.

V.

Se huma peça a deſtempo incendiada
Maltrata a mão de hum forte, e bom ſoldado,
Eſta dor nos he logo alliviada,
Pois logo o vimos todos premiado:
Aſſáz naõ póde ſer nunca louvada
Eſta Auguſta, que o Ceo nos ha guardado,
Ah! Os votos dobrai, ó Luſitanos,
Pedi a Deos, que alongue bem ſeus annos.

VI.

Mas no meio de tantas alegrias,
A tiſoura cruel da iniqua Parca,
Se deixa ver nas ſuas mãos impías,
E a todos logo o ſuſto abrange, e abarca:
Ninguem receia o córte dos ſeus dias,
Cada qual lhos offerece, e lhos remarca,
Com tanto que do PRINCIPE adorado
Fique o fio precioſo reſervado.

VII.

A ſacrilega maõ da enfermidade
Ao PRINCIPE tocou, e neſſe inſtante
O negrume, e o pezar pela Cidade,
Se eſpalhou como a dor mais penetrante:
Ninguem póde arroſtar a claridade,
Parece negra ſombra o Sol brilhante,
Cada qual já em lagrimas desfeito,
Implora o Ceo, e rompe o leal peito.

VIII.

VIII.

Eu vi o patrio Téjo, que outros dias
Alçava alegremente a altiva fronte,
Chorando entre angúſtias, e agonias,
Como chorou no Eridano (a) Faetonte:
Vi as Naides tremendo, quaes eſpias
Eſpreitar já das ondas, já da Fonte,
Se o agudo ferro aberto, e levantado
Seria pela negra maõ fixado.

IX.

E que direi de Liſia! Que energia
Póde no Mundo haver, que aſſim fallando,
Poſſa pintar a dor, ou agonia,
Com que eu a vi no ſeu temor chorando:
Ora enterroga a Parca, a quem temia:
Ora a madeixa de ouro vai puxando,
Tres vezes quer ferir-ſe, em mágoa tanta,
E tres vezes as mãos ao Ceo levanta.

(a) Rio da Italia, que tem o ſeu naſcimento nos Alpes, chamado por outros nomes, Pó, e Pado.

X.

Ainda vê ao longe huma eſperança,
Que a triſte, e afflicta vida lhe alimenta,
Corre de hum lado a outro, e naõ deſcança,
Até que aos Eſculapios ſe apprenſenta:
Ter ſempre os Reis da Caſa de Bragança
He tudo quanto pede, e quanto intenta,
Promette dons, promette donativos,
Em quanto os que hoje adora forem vivos.

XI.

Eu que ás margens do Téjo recoſtado
Ou tudo vi devéras, ou ſonhando,
Temendo ver o mal do anno paſſado,
Vim pelo Téjo aſſima navegando:
Em fragil barco á véla ſolta dado
Só neſte afflicto mal vinha penſando,
E quando menos inda tal eſperava,
Na fóz da Ocreza já deſembarca. (a)

XII.

(a) Rio que tem a Fóz perto de Villa Velha, e que naſce defronte da Serra da Eſtrella, na Guardunha.

XII.

E deſde alli até eſta eſpeſſura
Nem ſei ſe a terra, nem ſe o ar pizava,
Sei ſó que poſſuido de amargura
O campo freſco em lagrimas banhava: (a)
Aqui venho buſcar a ſepultura,
Nem já quero os deſpachos, que buſcava,
Que em fim ſem o meu PRINCIPE adorado
Nem quero grande ſer, nem ſer ſoldado.

XIII.

Naõ choro, naõ, da Corte as ſaudades,
Porque inda livre ſou, naõ ſou cativo,
Reſpeito muito as bellas Divindades,
Mas de amor naõ conheço o attractivo:
Na Corte; nas Aldêas, nas Cidades,
Pois que livre naſci, bem livre vivo;
Seja lá ſeu Eſcravo quem quizer,
Que eu ſómente o ſerei do meu dever.

XIV.

(a) Camões Eſtancia 23 do 1.º Canto da creaçaõ do Homem. Se bem que o de Camões, he o ſeguinte?

O freſco campo em lagrimas banhava.

XIV.

Porém que vejo! Tu já deſſa ſorte
O lindo roſto banhas ſuſpirando,
Já receias, como eu, que a negra morte
Vá n' outro peito os noſſos traſpaſſando?
Ah! virtuoſa Albina, o pranto forte,
Será melhor, que em rogo o vás trocando,
E já que o Ceo te deo dotes precioſos,
Junta aos meus os teus rogos virtuoſos.

XV.

Sim, ó fiel Albino, ella dizia,
Se eu tiveſſe a virtude, que ponderas,
Allivio o noſſo mal logo teria,
Que a virtude até faz manſas as féras;
Porém na Providencia mais confia,
Ella ama ao Luſo Throno ha muitas Eras,
E as virtudes da Mãi, que tanto amamos,
Faraõ viver o Filho, que choramos.

XVI.

Quando os Deoſes da Terra deſempenhaõ
O Caracter Divino entre os humanos,
Os Miniſtros do Ceo logo ſe empenhaõ
Em apartar dalli males, e damnos:
Ora eu naõ ſei, que os homens viſto tenhaõ
Outros Reis, como ſaõ os Luſitanos,
Sei, que ſem offender o Omnipotente,
Poſſo Deoſes chamar-lhe livremente.

XVII.

Os rógos da innocente, e ſabia Eſpoſa
Haõ de ter lá no Ceo acolhimento,
Pois que os votos d' huma alma virtuoſa,
Tem mais valor, tem mais merecimento:
A tiſoura fatal, e rigoroſa,
Deſta vez naõ terá uſo violento,
Nem Deos permittirá, que deſſa ſorte
Nas noſſas vidas dê taõ fero córte.

XVIII.

XVIII.

As Virtudes da noſſa Amada Auguſta,
E das Sabias Irmans, que tanto eſtima,
Saõ louvadas até na Libya aduſta,
E a fama as leva ao mais remoto clima:
Iſto faz, que a minha alma naõ ſe aſſuſta
Já tanto, como a tua ſe laſtima,
Sim as Virtudes deſtas Heroinas
Haõ de apartar de nós eſtas ruinas.

XIX.

Se ficas aſſim como duvidoſo,
O mal temendo do paſſado anno,
Vê que era ſer hum Reino mui ditoſo
Ter eſte Infante, e eſſe Soberano:
O Ceo levou o PRINCIPE Glorioſo:
Deixou-nos eſte Heróe, que he mais que humano,
Ah vê que Gloria noſſa, e dos vindouros
Ser coherdeiros com o Ceo nos ſeus theſouros.

XX.

Bem ſei, que neſte mal, que o tem proſtrado,
He digna a noſſa dor, e eſſe teu ſuſto:
Porém o noſſo PRINCIPE adorado
He ſorte, he ſadio, e he robuſto:
Tu aſſim entre nós o tens pintado,
Quando os louvores dizes deſſe AUGUSTO;
Deos deo o Throno á Caſa de BRAGANÇA,
Eis-aqui minha fé, minha eſperança.

XXI.

Qual o afflicto enfermo recordando
Do delirio, que a febre lhe cauſára,
Que póde muito mal ir deciſrando,
O que lhe contaõ, que elle entaõ paſſára:
Tal o afflicto Albino conſiderando
Eſtá nos bons aviſos, que eſcutára,
E ſem ſazer aſſento no que ouvíra,
Ora ſe alegra, ora já ſuſpira.

Fim do ſegundo Canto.

ARGUMENTO.

Apparece a Celeſte Divindade,
E Albino, e Albina ficaõ tranſportados.
E no meio de tanta claridade
Os faſtos lhe promette deſejados.
Diz, que a rogo da Luſa Mageſtade
O PRINCIPE ſarou, e entre os agrados
Deixando aos dois devotos, e contentes,
Vôa ao Ceo entre Nuvens refulgentes.

CANTO III.

I.

ENtre tanto no Ar ſe condenſava
Negra Nuvem, que cobre o Ceo luſtroſo:
Tres vezes o relampago ſcintillava,
E tres vezes ſe ouvio trovaõ eſpantoſo:
Dourada Nuvem já ſe aviſinhava
Junto aos dois neſte cáos horroroſo,
E ficando elles ſó em claridade,
Lhe apparece a Celeſte Divindade.

II.

De brancas roupas, quaes foſſem talhadas
Da neve que no ſitio os rodeava,
Com eſtrellas de ouro ſalpicadas,
A Deoſa reſpeitavel ſe adornava:
Semeado de letras eſmaltadas,
O Sacro Livro de ouro lhe moſtrava,
Na dextra maõ o aureo ſceptro erguia,
Que das Cortes a fez fugir hum dia.

III.

Os dois mortaes abſtractos, ſem ſentidos
Quaſi ficaõ ao ver a Deoſa bella,
Naõ ſabem onde eſtejaõ embebidos,
Naõ ſe fartaõ de olharem para ella:
A Deoſa rindo, vendo-os entretidos,
Pergunta-lhe, o que tem, como ſe ella
Naõ ſoubera o ſeu tormento duro,
E o remedio que tinhaõ no futuro.

IV.

Mas Albino, a quem a dor inflamma,
Quando vê a Celeſte Divindade,
Novamente ſuſpira, grita, e clama,
Julgando achar na Deoſa a piedade,
Mais ſuſpiros, mais lagrimas derrama, (a)
Ou ſejaõ de eſperança, ou de ſaudade;
E proſtrado ante a Deoſa humildemente,
Aſſim lhe diz chorando mais contente.

V.

Sim, ó Grande Deoſa, eu ſei de certo;
Que a quem concede o Ceo eſta ventura,
Naõ he para o deixar de mal coberto
Padecendo na meſma deſventura:
Da Corte vim fugindo ao deſerto,
Por naõ ver o rigor da Parca dura,
Nem ver a bella Liſia laſtimada,
Como ha hum anno a vi taõ deſmaiada.

VI.

(a) Bernardes Lagr. de S. Pedro, Oitava 37.

VI.

Entaõ vi eſta Nynfa ſuſpirando
Hir de rôxo vapor enchendo os ares,
E ainda entre nós eſtaõ ſoando
Os ais da ſua dor, dos ſeus pezares:
Por ella mil Poétas vi bradando
Em Poemas de verſos ſingulares;
Mas ai! que para tanto mal faltáraõ
Aquelles bons, que os Ceos já nos roubáraõ!

VII.

Divina Muſa, que em ſonoros brados
Cantaſte para gloria Luſitana,
(a) As Armas, e os Varões aſſignalados
Que foraõ muito além da Taprobana.
Se ainda dos teus vôos ſublimados
Os effeitos ouviſſe a gente humana,
Que lagrimas, ſuſpiros, e gemidos
Fariaõ derramar teus verſos lidos?

VIII.

(a) Camões, Luſiadas, Canto I. Eſtancia I.

VIII.

Porém a Deoſa o ſceptro levantando
A fallar-lhe com graça principia,
E com agrado a hum, e a outro olhando
A ambas deſta ſorte lhe dizia:
Baſta, pobres mortaes, aſſim chorando
Naõ percais os momentos de alegria,
Que o Ceo que o Luſo Throno tem guardado
Tem o PRINCIPE Herdeiro a ſeu cuidado.

IX.

O rogo deſſa AUGUSTA Luſitana,
Que o Luſo Throno occupa dignamente,
Unido aos da ſabia MARIANNA,
E ao das duas Princezas do Occidente:
Ouvido foi na Corte Soberana,
Aonde os ama o Deos Omnipotente;
E por ſuas virtudes ſingulares
O PRINCIPE ſarou: ceſſem os pezares.

X.

Naõ eſtranho, que Albino triſtemente
Choraſſe os que julgou fataes Decretos,
E louvo, quanto Albina ſabiamente
Lhe fez os argumentos mais diſcretos.
Qualquer de vós bem póde eſtar contente,
Porque haõ de os voſſos votos ſer completos;
E no Throno de Affonſo ſublimado,
Só quem ſeu Neto fôr, ſerá coroado.

XI.

(a) As Sabias, e diſcretas profecias;
Que em Sacavem lembraſte o anno paſſado,
Ainda tem vigor; mas naõ podias
Conhecer claramente o ſeu eſtado:
Has de vêllas cumpridas nos teus dias,
Que o PRINCIPE JOAÕ da Mãi ao lado
Fará conhecer ao Mundo inteiro,
Que elle he de tal Mãi futuro Herdeiro.

XII.

(a) Vêde a Ode feita pelo Author no dia do feliz Naralicio da Auguſta Princeza, a Senhora D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA, no anno de 1788.

XII.

As Artes, e as Sciencias levantando
As douradas Inſignias, que arrojáraõ, (a)
Taes lições aos bons Luſos hiraõ dando,
Que haõ de vencer os Sabios, que invejáraõ:
Verás como eſſe Heróe tudo animando
Excede a todos, quantos já paſſáraõ:
E a claſſe Militar taõ importante
Ainda rica ſerá, ſerá brilhante.

XIII.

Em eſte livro aonde eſtaõ gravados
Os faſtos, e os ſucceſſos venturoſos,
Podes ver, quanto ſaõ affortunados
Os leaes Portuguezes valoroſos:
O PRINCIPE, e a RAINHA ſempre amados
Haõ de ſer de Vaſſallos taõ brioſos,
E os ſeus annos ſeraõ de tal produto,
Que o de Neſtor ſerá mui diminuto.

(a) Vêde a Ode do Author, feita no ſentimento da morte do Sereniſſimo Senhor D. JOSE'.

XIV.

Aſſim hêis de viver taõ ſatisfeitos,
Quaes das eras douradas os viventes,
E mais tendo Miniſtros taõ perfeitos,
Que o Mundo ainda os naõ vio mais excellentes:
Os Grandes ſaõ por Sabios taes ſujeitos,
Que ſe fazem amar das outras gentes.
E em fim o Reinado de MARIA
He de paz, he de amor, he de alegria.

XV.

Porém tu naõ te mettas a cantares
Eſtes faſtos, porque he ſer delirante
Tentar altas emprezas ſingulares
Deſtas ſerras o *Ruſtico habitante*:
La tens Divinas Muſas, que até os ares
Leváraõ as Poeſias mais tocantes,
Dize-o tu, oh Bretanha! e oh Germania!
Que as julgaſtes Calliope, e Urania.

XVI.

XVI.

Naõ tens neceſſidade de invócares
Eſſa Muſa, a quem já coroou o louro,
Que os verſos deſtas Muſas ſingulares,
Só deviaõ gravar ſe em letras de ouro:
A huma deo o Téjo os Patrios Lares,
Outra os tem entre o Minho, e entre o Douro.
Oh! Guimaraães, oh! Liſia venturoſas!
Ah! e quanto podeis viver vaidoſas!

XVII.

Os faſtos deſta nobre Monarchia
Ellas haõ de cantar taõ docemente,
Como huma fez gemer a Elegia (a)
Que fazia chorar a toda a gente:
Agora cantaráõ com alegria
A Poeſia mais doce, e mais cadente,
Entre tanto que a Auguſta, e os Herdeiros
Viveráõ entre vós ſeculos inteiros.

(a) Vède-a no Jornal de Setembro de 1788.

XVIII.

Diſſe, e montando a Nuvem refulgente,
Fendendo os ares vai ao Ceo voando,
Em quanto Albino, e Albina alegremente
Alçando as mãos aos Ceos o eſtaõ louvando:
Ouvio-ſe reſoar no Continente
Celeſte voz, que os ares vai vibrando;
A negra Nuvem já ſe desfazia,
Tudo reſpira paz, tudo alegria.

FIM DO POEMA.

ELO-

ELOGIO

DEDICADO AOS FAUSTISSIMOS DESPOSORIOS DOS NOSSOS SERENISSIMOS, E AUGUSTOS INFANTES,

POR

Fr. JOAÕ ANTONIO DO VALLE,
Religioſo Carmelita Calçado.

SE eu deſanimaſſe preſentemente, ſe tiveſſe a indigna baixeza de me callar, gelando-ſe o proprio ſangue, naõ podendo arquejar a debil, e trémula voz, á viſta de taõ ſublime, e agradavel empreza, naõ pareceria ſer Portuguez agradecido, moſtrando o intenſo goſto, com que toda a Luſitana gente dedica os maiores faſtos, e reſpeitoſos cultos, nas alegres Nupcias dos Noſſos Auguſtos Infantes; que demonſtraçaõ mais propria de alegria póde haver, do que hum povo agradavel tributando immenſos júbilos?

Para hum dilatado aſſumpto, (naõ ſujeitando mi-

minhas idéas á vil liſonja,) baſtava, ſó baſtava, deſcrever as indoles eſpecioſas dos noſſos Auguſtos Infantes, que transverberando o amor paterno em ſeus corações, igualmente ſe fazem amaveis; mas para eſmaltar de lindas côres eſte plano, ſeria neceſſario arrojarme ao capricho de querer novamente contar os brilhantes raios do Sol.

Sábia Providencia, que com igual mão repartes os theſouros inexhauriveis de tua riqueza incomparavel, que preparas as grandes almas, que as adornas com precioſas dadivas, para ſerem admiradas do mundo, illuſtradas dos tempos; como ſábia, e providente Meſtra liberal deſpendeſte teus dons já no regio berço; já na juvenil idade lhe fizeſte abrir o caminho ſuave para o exercicio da virtude; quanto és incomparavel, terás tu mais hum triunfo! Affortunados Portuguezes quanta emulaçaõ cauſais, poſſuindo os frutos de huma bondade unicamente propria dos noſſos Principes amabiliſſimos!

Logo ſe dá a conhecer, logo ſe deixa cobrir de hum doirado véo, a diſcriçaõ, a affabilidade, e o amor, com que a ſimplez natureza, na juvenil idade, primavera dos annos, faz creſcer de dia em dia em ſeus corações; qual tenra vergonta levantando a florida rama, que cobria, e ornava a freſca terra, faz conceber ditoſas eſperanças; promettendo já ſazonados frutos, que haõ de fazer curvar o ramo com ſuave pezo.

Qual

Qual será o eſpirito fraco, e deſconhecido, que deixe ſepultar no abyſmo do eſquecimento, e apagar totalmente da memoria os ſerenos, e claros dias, que Portugal deve moſtrar como os mais brilhantes em ſeus faſtos, como os mais intereſſantes á poſteridade? Dias, pompoſos dias, deſtinados para o Regio Conſorcio, para a uniaõ mais pura de huns coraçõens amaveis! Fortuna, proſpera Fortuna, continúa a dilatada carreira, contarás immenſos Luſtres, em tua pompoſa elevaçaõ!

Auguſta Cidade, aſſento dos vaidoſos Ceſares, tu a mais bella, e ſumptuoſa em abundantes Luſtres: tu ornada de auſteros Cidadãos, que arraſtando ao carro triunfal fortes, e ſobertos eſquadrões, fazendo tremular já humildes eſtendartes, ſubjugando innnmeraveis póvos, tu nos naõ mettes inveja! Athenas ſublime, condecorada pelos Magiſtrados, famoſa pela cultura das Bellas Letras, onde a luz, a radiante luz das Sciencias tem o ſeu original eſplendor; ennobrece agora teu nome altivo, recebe os raios dos brilhantes Aſtros, que illuminaõ toda a Europa, publíca em tua antiga hiſtoria os memoraveis faſtos, que Portugal celébra!

Antiga prole dos Invictos Monarcas, a quem os humildes Luſos, com valoroſo eſforço defendêraõ ſempre o independente Sceptro; vós já cubertos de frias cinzas, repouſando a Auguſta Cabeça ſobre a terra eſtranha, communicando ainda do ſoberbo mauſoléo vigoroſo alento; ſe he poſſivel, ſenti lá no Eterno repou-

ſo

ſo os ſuaves tranſportes da alegria , que inunda o coraçaõ dos voſſos Succeſſores, e digniſſimos Netos.

Soberba, e famoſa Heſpanha , tu cheia de applauſos, conſagra os feſtivos júbilos, com que taõ alegremente celebras os Deſpoforios Auguſtos de teus reſpeitoſos Principes: deſterrada a funebre triſteza, moſtra huma ſincera alegria, divulga o univerſal goſto, e prazer , deſejando innumeraveis felicidades nos laços, com que a Santa Lei unio aos voſſos feliciſſimos Principes.

E vós, oh deſcendentes do antigo Ulyſſes, que taõ ſublime , e illuſtre Brazaõ reſervado guardais no theſouro da incorrupta antiguidade , pedi ao benigno Ceo , que orvalhe copioſas graças ſobre o Throno de noſſos Fideliſſimos Monarcas ; continuamente pedi , que hum eſpirito celeſte , batendo as braneas azas baixe lá deſſe Empyreo , a fazer ditoſo o ſacro Hymneo dos noſſos Auguſtos Infantes , moſtrai hum deſvélo exceſſivo , fazei-vos émulos de huma gloria ſublimada , já que o voſſo prazer , e o meu he immenſo.

Dizia.

No Dia do Felicissimo Nascimento do Serenissimo Principe o Senhor D. JOAÕ, no qual tambem se celebra a Glorioſissima Acclamaçaõ da Augustissima Rainha Noſſa Senhora.

SONETO.

DOis extremos de goſto neſte Dia
Do Throno oſtenta a lucida Grandeza,
A JOAÕ deo á luz a natureza,
A Regia Acclamaçaõ foi de MARIA.

Objectos dignos saõ deſta alegria,
Que reproduz a gloria Portugueza:
Vemos no Filho a Baſe da firmeza,
Exaltada na Mãi a Monarquia.

Na graça de JOAÕ ſe nos prepára
O remedio fatal de noſſos damnos;
Quando a Mãi neſte dia ſe acclamára.

Oh Dia mais feliz aos Luſitanos!
A Mãi no Throno poſta nos ampára,
E venturoſos faz do Filho os Annos.

Do Deſembargador Joſé Feijó de Mello, e Albuquerque.

Ao Sereniſſimo Principe do Brazil noſſo Senhor, no feliz Dia de ſeus Annos.

SONETO.

NO Templo da memoria eſtaõ gravados
Altos nomes de Titos, e Trajanos,
Principes juſtos, ſabios, e humanos
Contra o poder do tempo, contra os fados;

Mas Vós, Senhor, a quem da fama os brados
Tanto exaltaõ ſobre os Heróes Romanos
No Regio Throno contareis mil annos,
Contareis por direitos mais ſagrados:

Voſſas virtudes o penhor ſeguro
Deſtes votos ſeraõ, que em toda a idade
Renovará o coraçaõ mais puro,

E deſte Dia a graõ feſtividade
Firmará em Portugal para o futuro
A Epoca de noſſa felicidade.

EN

EN LAS

DICHOZAS NUPCIAS

DE LOS

SERENISSIMOS INFANTES,

DE PORTUGAL, Y DE CASTILLA:

CANCION REAL

DEDICADA A LA

SERENISSIMA SENÕRA INFANTA

D. CARLOTA JOAQUINA:

ESCREBIA

D. FRANCISCA BENEDICTA TALLAIA

COLLAÇO DE CASTELLO BRANCO.

EN LAS

FELICES NUPCIAS

DE LOS

SERENISSIMOS INFANTES

DE PORTUGAL, Y DE CASTILLA.

CANCION REAL

DEDICADA A LA

SERENISSIMA SEÑORA INFANTA

D. CARLOTA JOAQUINA:

DEDICATORIA

SERENISSIMA SEÑORA.

ESTA aunque pequeña, neſſeçaria demonſtracion de mi reverente obſequio, es indeſpenſable a la ſolenidad de un dia, en que V. A. ya deſpozada con el Serinifſimo Infante nueſtro entra en la Capital del Luſitano Reino, lhenando de guſto a todos ſus moradores.

Eſte dia es ſin duda uno de aquelles mas plauzibles que ha tenido Lisboa en el dichozo Reynado de nueſ-

tros

tros Fidelliſſimos Reis : El haze por todos ſus circunſtancias una daquellas brilhantes epocas que Portugal ha desfrutado en el mas dichozo gobierno ; dandonos al miſmo tiempo con los Regios , y nuevos Conſorcios una incontaſtable prueva de la prudente , y judicioza politica de nueſtros Monarchas , y de Su Mageſtad Catholica.

Eſte dia es como un preludio de dichas ! Es un dia mui grande ! Y ya que lo es de alegrias , ſea taõ bien de perdones , para que V. A. conoſciendo la cinceridad de mi ſacrificio , ni me caſtigue , ni lo deſprecie por ſu pequenês.

Yo , Senõra , tome la pluma para eſcribir eſte pequeno elogio , que à V. A. dedico , y no fue vana gloria mi intencion ; no ſoi yo tan falta de conoſcimiento proprio , que me imaguine capas de hazer com mi eſtro ruido entre mis patriotas : mas noble fue la razon , que me prepuze : ya mas me olbidaré de los deſtintos honores que Su Mageſtad Catholica , Auguſtiſſimo Abuelo de V. A. el Gran CARLOS III. hizo a mi Padre , quando en la Corte de Madrid tuvo la dicha , y el honor de bezar-le repetidas vezes la mano ; el mo lo ha contado , y yo devo oſtentar-me agradecida , en eſte raſgo poetico , en lo qual quando V. A. alle alguna coza de boeno , a la inſtruccion de mi Padre lo devo.

Eſte fue lo primero , y ſin duda lo mas juſto motivo ; pero taõ bien me inflamo , yo lo confieço , la preocupacion , de quaſi todos los hombres , que parece imaginan , que la anima de la Muguer és infrior a la ſuia ,

ſuia, como ſi con los cadaveres, ſi huviera ſepultado la memoria, de las Gambaris, de las Colonas, y de las Terracinas, y otras muchas Puetizas, que con ſus verſos illuſtraron ſus años, y hizieron a la poſteridad recomendable ſus nombres.

Reſpecto de los ofrendas, ſiempre los dezeos, Señora, tubieran un incomparable valor, y quando aſſi no fuera, baſtara la ſincera lhama, en que ſe purifican los mios, para ſubieren inextinguibiles, y lhegaren inperturbables a una eſfera, adonde la voluntad no puede lhegar muda, a un encaminando-ſe timida; motivo porque dezaogo en las inocentes expreſiones de un coraçon cencilho, y de un rendimento el mas puro, que es quanto tengo, y es lo que a V. A. humildemente conſagra

D. Franciſca Benedicta Tallaia Collaço de Caſtello Branco.

DE

DE LA MISMA AUTORA

CANCION REAL.

A Donde, ó Muza inſana, el alto buelo
De tu ouzada pluma oy ſe encamina?
A que alta Region, esfera, ó Cielo
Me intentas conducir! no mi ruina
Solicites vaidoza:
Temeraria, inprudente, y prefuroza
De mi deſpeño no trates.
Que es eſto! donde voi! no me arrebates:
De un noble entuziaſmo, ó Muza, falto
Receo, y con razon, bolar tan alto,
Al ver que de las mas ouzadas plumas
Epitafios a un ay en las eſpumas.

Sin eſtro, ſin tener Numen propicio,
Oh quanto, quanto temo el precipicio!
Retrocede, ó Muza mia,
Depon el louco afan, pobre Thalia,
Abate, incoge las alas:
Del Diſco luminozo ethereas ſalás
No ſon para tu cothurno:
Si Thetis te aſſuſtô, buſca en Veturno
Tu deſtinado elemento:
De un alcaçar todo igneo, el pavimento
No intentas pizar deſvaneſcida;
Sirva-te como es pego, la cahida,
Triſtiſſimo padron, infauſta ſuerte,
Que a tu vida propone con ſu muerte,
Por el aire lhorando ſus fracaços,
Un Joven atrevido echo en pedaços.

Pero ſi la razon es quien te incita,
Ya un tiempo el affecto es quien te inflama;
De Dedalo el hijo, ó Muza imita,
Qual otro hijo del Sol buſca la lhama:
Buela ya ſin temor, que los ouzados
Taõ bien ſon de la dicha auxiliados.
Bolando te remonta, ó Muza chara;
Al Sol en ſu Zenid, honde diſpara
Con mas fuerſa las ſaetas,
Cercado de ſus lucidos Planetas;

Honde mas Regio ſe oſtenta,
No temas el hablar; alienta, alienta
Con tu influxo mi lengua;
Porque pueda, a un que mal, con menos mengua,
Al ſonido de tu Lyra
Oſtentar el ardor que em mi reſpira.

Sea rude mi canto, ou ſea eſtraño,
La Lyra toca ya, que ya te acompaño,
Aunque baxa humildemente
Cantando como puedo alegremente
De los mas ricos Emporios
La gloria ſin igual, que en deſpozorios
Prehenche de alegria al Luzitano,
Ya un tiempo taõ bien al Reino Hyſpano.

De Portugal, y Caſtilla
Una, y otra hermozura, ou maravilla!
Del Reino Portuguez, del Reino Ibero
Jovenes un, y otro, en quien pondero
Atributos Soberanos;
Dadas por Hymineo las Regias manos,
Ya ſe dexan mirar, ſus lindas ſuertes,
Porque aplaudan Eſpoſos, y Conſuertes.

En la gran Capital, que el Orbe atruena
Lisboa ſiempre illuſtre en hora buena
Entra ya: oh que dichas nos denota

La Auguſta, la Belliſſima CARLOTA,
De ſu Regio Senblante en la lus pura
Trahendo como esclava la ventura.

Deſde oy cantar, con ſus cien vozes
Menos alta la Fama ſe levante
A Pandora eſſa Dioza, a qui en los Diozes
Hizieron con ſus gracias tan brillante?
Emudeça el clarin de gloria tanta,
Y cante por mas gloria a eſta Infanta,
Onde, mas que en Pandora gracias tales
Adquiridas no ſon, ſon naturales.

Venid Hyſpano Sol, CARLOTA Bella,
De amor, de un fino amor a la querella
Traher oy el lenetivo;
Al Eſpozo que os adora un incentivo
Aplicad en viva llama;
Oh que atento os eſtima, y tierno os ama!
Linda Siques, de Eſpaña el patrio nido
Dexad, por amar Luzo a un Cupido.

De una, y outra prozapia eſclarecida
Luzitana, Eſpañola, en laço unida;
En laço de Hymineo indeſoluble,
Que la rueda del tiempo, aunque voluble,
En tienpo algun dezata,
De Cloto a excepcion, quando impia mata

Lhe

Llegad oy, y refuene en las dos zonas
La gloria ſingular de dos Coronas.

Del Portuguez Infante que os adora
Advertid, y vereis en el, Señora,
Pera juſtas alabanças
Fundadas en rezon mil eſperanças:
De un Tronco el mas illuſtre, es vueſtro Eſpozo
Qual fructo ſingular de un ramo hermoſo:
Reflectid en ſu ſemblante
Vereis que reprezenta el Regio Infante
Heroes, que ya de Heroes fueron modelos,
Regios Padres, tan bien Regios Abuelos;
Quen duda imitará en ſus afanes
Un JOZE, PEDRO dos, y dos JOANES!
Nada puede, Señora, inquietaros
Es Heroe Bragantino ha de adoraros.

Pero aqui de nuevo, o Muza, intento,
Que infundas en mi pecho un ardimiento
Una inſlaccion mas que humana,
Con que pueda de la Auguſta MARIANNA,
Linda Infanta Portugueza,
Todo el garbo ya que no, ni la belleza,
Con mis rudes expreſſiones
De algun modo atingir las perfeiciones,
Con que por ſolo un dedo en la eſtructura
El gigante haga ver de la hermozura!

Ea

Ea pues, no aqui me dezempares
La orilla del rizueño Manſanares
Pizar, ó Muza, pretendo;
Pero que rumor, que vago eſtruendo,
En la gran Capital, que ya devizo,
Eſcucho, quando a penas lhego, y pizo!

Es eſta, quien lo duda, accion feſtiva!
Interrupto clamor de un viva, viva,
Reſuena por las callas; los balcones
Adornados de ſedas, y galones!
Las placas, y ventanas todas lhenas
De gentes, que repitan no horas buenas!
Tudo guſto! que ſerá! que accion es eſta!
Es grande, la maior! mas juſta fieſta.

En feſtines ſe vê toda occupada
De Madrid la Villa Coronada:
Madrid, que aplaudir os ſolicita
La gloria que a Lisboa al fin ſe quita;
Perdida de una gloria, que en verdad
Solo rebarciera otra beldad,
Quando por juſta lei, ſi bien ſe nota,
Nos quita a MARIANNA, y da CARLOTA
Entra pues en Madrid la Soberana,
La hermoziſſima Auguſta MARIANNA,
Porque ya de ſu luz en arreboles
Toda Eſpaña deſde oy tenga tres Soles

De

De ſus ojos perdido el dulce alago,
Manſanares ſe ri, y lhora el Tago.

No ſe tenga deſde oy por mas hermoza,
Aunque allá vencedora, aquella Dioza
Por mas bella preferida,
Si viera nueſtra Infanta el Paſtor de Ida
Indecizo no quedara;
Los dones offrecidos deſpreciara,
E de Priamo el hijo la marçana
Deſde luego entregara a MARIANNA;
MARIANNA, por quien, como alta joia
Major, que por Elena, ardiera Troia.

Con GABRIEL, Infante eſclarecido,
Adonis Eſpañol, en quien unido
Se alla todo el predicado,
Que al hombre como heroe haze aſamado,
Entra oy en la Corte ya deſpozada
Converte de mil gracias adornada
Para ti guardava el Cielo,
Sa pues deſde ya tu juſto anhelo.

Ah Joven venturoſo, pues que aludes
Como ſabio, a las inclitas virtudes,
Vê, y admiralas mas bellas,
Tu Eſpoza peſue a todas ellas!
Se eſtimas, como creo, la hermozura;

Compatible el donaire, y compoſtura;
Se aprecias el amor, y la lealdad,
La conſtancia, ternura, y gravidad;
Ya todo te premitte el miſmo Cielo,
Y todo ſin igual, ſin paralello
Es una rara belleza,
Que es de Sangre Real, y es Portugueza.

Y Vós Preexcelça Infanta, aſtro luziente,
Que eſparciendo la luz, nueſtro Occidente
Todo lhenando eſtais de vueſtros raios;
Izenta de los minimos deſmaios,
Exiſtid ſienpre dichoza,
En thalamo feliz, feliz Eſpoza
De guſtos, y delicias rodeada,
Amante del Eſpozo, y del amada.

La antorxa de Hymineo ſiempre incendida;
Prelongando el Segnor de anbos la vida,
Mil vergontes florecientes
Preduſga vueſtro amor, que maravilla
Siendo de Luzitania, y de Caſtilla,
Fructifiquen (plague a Dios) y por tal modo;
Que lhene de reſpecto el Orbe todo.

Aora tu, Cancion, no mas proſigas,
Y calla, o Muza tu, que ſe me inſtigas

A cantar, como eſtimara,
La ſabia eleccion prudencia rara
De trez Sienes Reales,
De donde nos proven venturas tales,
Bien pude ſuceder que al fin punida
La audacia venga a ſer con la cahida:
No mas, no mas bolar, que mucho ha ſido;
Las Regias manos bezo, y perdon pido,
Creendo que de aſunto tan plauzible,
Es la esfera a mi pluma inaceſſible.

A Melhoria de Sua Mageſtade o Senhor D. PEDRO III.
Primeiro Aſſumpto.

SONETO.

FOge, oh morte, levanta o pé ligeiro
Com que pizas Palacios, e choupanas
Reſpeita attenta as prendas ſoberanas,
Que adornaõ o juſto Rei PEDRO TERCEIRO:

Nem ſempre has de ſer céga, vê primeiro,
Que ha huma vida tal entre as humanas,
A quem devem as Parcas deshumanas,
Nunca cortar-lhe o dia derradeiro:

Seculos conta o Tempo, antes que faça
Hum Rei taõ util para bem do Eſtado,
Huma idade começa, outra ſe paça:

Oh juſta Aſtréa, que regeis o fado,
Já que ſeculos tarda antes que naſça,
Seculos viva hum Rei taõ deſejado.

De Antonio de Santa Marta Lobo da Cunha.

Per-

Pergunta a ſegunda queſtaõ,
Qual he mais util para bem do Soberano
Ser temido, ou ſer amado?
Defende-ſe a ſegunda parte na Auguſta Peſſoa do Senhor Rei D. PEDRO III.

SONETO.

O Supremo Poder, o Regio agrado
Ornaõ, Senhor, a Voſſa Mageſtade,
Tendes de Pai entranhas de piedade,
Tendes de Rei o Sceptro reſpeitado:

Sois temido, Senhor, e ſois amado
Pio, e Ceſar, mas com diverſidade,
Quem ſe rende ao Amor, vai por vontade;
Quem reſpeita o Poder póde ir forçado:

Eſta dura violencia do reſpeito
Naõ vaſſallagem, ſervidaõ parece,
Em que o Vaſſallo fiel perde o conceito:

Ditoſo em Vós o Reino reſplendece,
Pois formando de Amor Throno perfeito,
Quem mais vos ama, mais vos obedece.

Do M. A. de S. M. L. da C.

Ao Sereniſſimo Principe Noſſo Senhor.

SONETO.

AS Tagides alegres neſte dia
Em chuſma ſobre as aguas vem cantando,
Em quanto o Téjo entoa recitando,
Hum canto de ſuaviſſima harmonia:

E ouvindo eſtou daqui meſmo a Thalia,
No Parnaſo louvores entoando;
E Apóllo a Lyra de ouro em fim tomando,
Moſtra até onde chega a melodia:

As meſmas Aves com cantar jucundo,
No applauſo univerſal eſtaõ fazendo
Hum canto o mais ſuave ſem ſegundo:

E ſe em tres Luſtros hoje ſe eſtá vendo
Hum Principe completo, he bem que o Mundo
Se eſteja em ſeus louvores deſfazendo.

Ao meſmo Real Aſſumpto.

SONETO.

QUanto os Deoſes no Olympo luminoſo,
Eſquecidos do bem, que eſtaõ gozando,
De ver na terra eſtaõ hoje admirando,
Tanto applauſo, e concurſo numeroſo!

Naõ menos com ſilencio reſpeitoſo
Os metricos louvores eſcutando,
Sobre as ondas ſe moſtra o venerando
Neptuno com aſpecto mageſtoſo:

As Nereidas tambem do mar profundo,
Attrahidas da doce melodia,
Vem ſahindo com preſſa lá do fundo:

Que cheio de prazer, e de alegria
Se empenha o Ceo, a Terra, o Mar, o Mundo,
Celebrar voſſos Annos neſte Dia.

Ao meſmo Auguſtiſſimo Aſſumpto.

SONETO.

HOje os Deoſes com Jupiter potente,
Chegar ao Regio Throno em fim procuraõ
E a mão beijando ao Principe, o feguraõ
Da ſua fé com voto reverente:

Naõ menos as tres Graças juntamente,
Neſte Dia mil ditas lhe inauguraõ,
E entre os que mais humildes votos juraõ,
Neptuno o fez depondo o ſeu Tridente.

Os tres Monſtros por fim mais deshumanos,
A quem nada do Mundo os incommoda,
Se abaláraõ por vir dar-lhe os bons Annos:

Parca, Tempo, e Fortuna faõ, que á moda
Neſte Dia a ſeus civis, humanos,
Depõe a Parca a fouce, os dois á roda.

Ao meſmo fauſtiſſimo, e Regio Aſſumpto.

O D E.

EU vejo, porque ás nuvens me remonto,
A Jove debruçado
Lá ſobre o ſexto Ceo, de aſſombro cheio,
Do que vai cá no Mundo.

No Sacro Pindo, bipartido Monte
Oh como Apóllo entôa!
Ao ſom da Lyra, em metro altiſonante,
Sagrados Elogios.

Mas que doces, que acordes conſonancias
Das Tagides ſe eſcutaõ!

O

O Téjo arrebatado ſó de ouvillas
Suſpendeo a corrente.

Sobre as ondas Neptuno o buzio toca,
E qual trovaõ nos ares,
O Mar reſponde, e a toda a preſſa acode
O coro das Nereidas.

Chega mais a cerulea companhia
Dos Deoſes, a quem jura
Que tem por ſua eſcolha decretado
Entregar o Tridente.

Mas com que aſſombro neſte lance os Deoſes
Sem replicar ouvindo,
O vem já de repente ante ſeus olhos
Submergir-ſe no fundo!

Porém que eſtranha, e nova maravilha!
Hum livro novo aberto!
E o Nome de JOAÕ com letras de ouro
Eſcrever nelle a Fama!

De myrto, e louro com que goſto, e gloria
Por ſuas mãos Minerva,
Coroas immortaes moſtra, que tece
Para diſtincta Fronte.

Porém que vejo? Da Pintura os Numes,
Em deſenhar ſcientes,
Os pinceis procurando delicados,
Preparaõ finos lenços!

E oh como em competencia os da Eſcultura
Eminentes, inſignes,
Traçar Eſtatuas, e fundir Coloſſos
Accelerados correm!

O Sacro Apóllo, aſſombro da Poeſia,
Excedendo em ſeu canto
Os Homeros, Virgilios, vai tecendo
Famoſas Epopeias.

Mas oh como a tres Monſtros de repente
Deſcobrir vejo o enigma,
Que de hum Principe a Sala Regia entrando
Junto ao Throno ajoelhaõ!

Mas quem vendo-os entaõ proſtrar humildes
Sem olhar-lhes as inſignias
Preſumir poderia, que eſtes eraõ
Parca, Tempo, e Fortuna.

Naõ mais, Muſa, naõ mais, moſtra, que he tempo;
Que Dia taõ ſolemne!

E que Heróe ſe feſteja, e deſta fórma
Talvez que digas tudo.

Sabei: Ha quinze círculos, que em Lyſia
Vaſſallagem ſe jura,
Em cumprimento de Annos deſejados
Ao Principe da Beira.

Aos felicissimos Annos do Serenissimo Principe Nosso Senhor o Senhor D. JOAÕ.

SONETO.

Ditoſa a Luſitana Monarchia,
Mil effeitos de goſto aſſeverando,
Se obſerva a cada inſtante, aſſignalando
No ſemblante huma íntima alegria:

As Deoſas da Real Genealogia
A eſferica grandeza aſſemelhando
No ornato, no eſplendor vaõ reſpeitando,
Principe Auguſto, a gloria deſte dia:

Sois Succeſſor do Throno á excelſidade,
A ſorte vos deſtina em ſeus arcanos
No alto Imperio a immortal felicidade:

E excedendo em prodigios ſoberanos,
Oh quanto préza a Sacra Mageſtade,
Que hoje ſe cumpraõ voſſos Regios Annos.

No fauſtiſſimo Dia dos Annos da Sereniſſima Princeza a Senhora D. CARLOTA JOAQUINA.

SONETO.

PRinceza Auguſta, a luz mais reſplendece,
Que ao raio matutino ao Mundo envia,
E Flora, em ſua expeſa Monarchia
Adornada de pompas apparece:

O immortal Hymineo, que os laços tece,
Moſtra em ſeu Templo a imagem da alegria,
A gloria perpetuando deſte dia,
Em que os Luſos obtem doce intercce:

Entoa Dellio o ſeu grato inſtrumento,
O inconſtante Anciaõ ſuſpende os damnos,
Eolo tranquillo move hum brando vento:

Saõ plauſiveis effeitos, com que ufanos
Aſtros, Deoſes reſpeitaõ no alto aſſento
Hoje o Dia dos voſſos Regios Annos.

Em

Em louvor d' Academia, pela nova protecçaõ de Sua Alteza Real o Principe Noſſo Senhor, o Senhor D. JOAÕ.

ROMANCE

EXcelſo Numen, Delfico Milagre,
Cadente raio, modulante Numa,
Lyra animada, refulgente lingua,
Iman do coraçaõ, d' alma Meduſa.

Naõ quero auxilios, porque o aſſumpto grave
Miniſtra vozes, quando o paſmo inunda;
E naõ buſco hyperbolicas Deidades,
Pois nellas ſe naõ vem verdades nunca.

Quem adorna a verdade reluzente,
Lhe fabrica na offenſa grande injúria,
Pois lhe dá da mentira o ar infame,
Se de ſombraſ iniquas a rebuça.

Po-

Porém eu que no Aſſumpto preexcelſo
Os louros córto, das cadencias pulcras;
Sem enfeites gentilicos pertendo
Prender os Momos, deſprezar as Muſas.

A pobre Lyra ſem cadencia grave
Canta ſincera, miſera promulga
A gloria deſte dia, pois ſe explica
A grande gloria, pela voz confuſa.

O que he grande de ſi, a ſi ſe exalta,
Nunca o Delio fulgor louvores buſca;
Quem ſeus raios lhe vê, vê que os ſeus raios
Para o louvor lhe ſaõ luzidas plumas.

Mas naõ devo guardar hoje em ſilencio
A gloria, que hoje a todos nos reſulta,
De ver que Sua Alteza nos ampara:
Seu alento inſpirando á noſſa Muſa.

Que goſto, que prazer, oh que alegria
O Orbe literario naõ divulga,
De ver a Sua Alteza protegendo
Eſta nobre Academia, como ſua.

Agora bem quizera eu, que os Deoſes
Conhecendo a vontade, que em mim pulſa,

Me

Me deixaſſem banhar meus ſeccos labios
Na fonte cryſtallina das doçuras.

Mas a Deoſa que vôa, e nunca pára,
Eſta empreza he bem tome á conta ſua;
Louvar o Protector deſta Academia,
D' Academia cantar hoje a ventura.

E vós, Illuſtres Vates, com ſoccgo
Do Principe louvai a Mente Auguſta,
Louvando como deve ſer louvada
Nos nobres raſgos deſtas doutas plumas.

Cantai, Alumnos meus: ao ſom da Lyra
Alternai vivas, por canoras tubas;
Que as acções grandes baſta que ſe intentem,
O precipicio a audacia naõ deſluſtra.

Quando os caſos naõ achaõ deſempenho,
Porque o Ceo terminou limite ás Muſas;
Eſſe meſmo impoſſivel, que os empenha,
Naõ ſó os naõ caſtiga, mas deſculpa.

Alternai, outra vez a dizer torno,
Se quereis exercer lyras fecundas,
O poetico ardor; pois eſte objecto
Da Regia Protecçaõ, he *non plus ultra*.

Mas

Mas para què lhe deis feliz principio,
E o fim mais ſingular, que eſte acto inculca,
Eu me entrego ao ſilencio; porque devo
Clauſurar em ſilencio a rouca Muſa.

E Vós, nobre congreſſo, que deſte acto
Eſpectadores ſois com razaõ ſumma;
Dai a digna attençaõ; porque ſem ella
Inda o bom nada vale, e pouco avulta.

Diſſe huma Muſa Velha.

Ao Sereniſſimo Principe Noſſo Senhor
o Senhor D. JOAÕ.

SONETO.

EU até agora nunca emprehendi tanto,
Mas nova força os paſſos me aſſegura:
Concedei-me licença, que hoje á altura
Do Sacro Pindo minha voz levanto:

Mas ah! que o nobre aſſumpto cauſa eſpanto,
A debil Muſa forcejar procura;
Mas eſtilo naõ tem, naõ tem doçura,
Com que poſſa fazer grato o meu canto:

Do Principe cantar quiz os louvores,
Embargou minha voz o ſeu reſpeito,
Geláraõ-ſe meus epicos furores:

Que ſaõ de Sua Alteza com effeito
Suas Regias acçõẽs taõ ſuperiores,
Que cantallas naõ póde hum debil peito.

Si deſunt vires, tamen eſt laudanda voluntas.

No feliz Natalicio da Auguſta Princeza dos Brazis offerece Joaõ Xavier Taborda Pinhateli, Alferes de Cavalleria no Regimento de Almeida, e chamado na Arcadia Paſtoril o Ruſtico Habitante dos Valles da Serra da Eſtrella, a ſeguinte

O D E.

SE acaſo, doces Muſas,
Outro tempo invoquei o voſſo canto,
E triſtes, e confuſas
Talvez acompanhaſtes o meu pranto;
Hoje com alegria
A mandar-vos cantar me atrevo, e poſſo;
Porque ſe o voto he meu, o empenho he voſſo.

Se ao Teucro Piedoſo
Hum cantor dedicaſtes de aurea Lyra;
Se ao Grego valoroſo
Outro déſtes que o Mundo todo admira,

Eſtes hoje naõ baſtaõ,
Só vós podeis cantar, naõ os humanos,
De huma Auguſta Princeza os bellos annos.

Porém que heroico eſpirito
A' minha alma feliz inſpira o canto:
Na terra naõ habito,
Aos aereos eſpaços vôo tanto,
Que o Bipartido tóco,
E da Apollinea Lyra a voz vibrando,
Entre as filhas de Jove vou cantando.

Mil chuſmas de conceitos,
De Heroinas acções, de Heróes famoſos,
Preſentaõ os reſpeitos:
E os Deoſes de cantallas invejoſos
A Lyra affinaõ todos:
Já louva o ſacro coro ſoberano
A Familia do Throno Luſitano.

Qual louva o Grande Henrique,
Ditoſo Tronco de Heróes, e Heroinas:
E qual o que em Onrique
Moſtrou as vencedoras Luſas Quinas.
Tragadoras idades,
Vós tudo ſepultais no eſquecimento
Só o Throno Luſo he de vós iſento.

Ain-

Ainda os Portuguezes
Banhaõ o roſto leal de alegre pranto,
Repetindo mil vezes
As promeſſas, que Deos fez ao Rei ſanto;
E vem que o quinto Imperio
Ao Grande Affonſo entaõ lá promettido,
Só ao ſexto Joaõ he concedido.

Eu vejo o Mundo inteiro
O joelho dobrar, e ſer goſtoſo
Vaſſallo verdadeiro
Da ſabia Mãi, do Filho valoroſo.
Tu, Numen, que me inſpiras,
Sabes que iſto aſſim foi interpetrado
Do leal ſangue, de que fui gerado.

Tu, Eſpoſa ditoſa,
A quem altas virtudes educáraõ,
E a quem com maõ piedoſa
Os Ceos immenſas graças derramáraõ,
Eſcuta a profecia:
De ti haõ de naſcer inda Senhores,
Heróes em tudo iguaes a ſeus maiores.

O Ceo, o Ceo Piedoſo,
Que tem a Regia prole abençoado,
Naõ ha de rigoroſo
Aos noſſos votos, exiſtir fechado

Da

Da Pura MARIANNA,
Infanta de virtude a mais perfeita,
A pia devoçaõ he bem acceita.

Porém que novo coro
Ante o Throno de Jove ſe preſenta?
Ha! canto taõ ſonoro
Só das Nynfas do Téjo ſe alimenta:
Sim, coroas eternas
Que as Graças, e as Virtudes lhe tecêraõ,
Para a Regia familia aqui trouxeraõ.

Eis o pai dos Deoſes
Reparte, e beija huma, e outra Coroa!
Felices Portuguezes,
Jove he quem voſſos votos abençôa:
E vós, Muſas, callai-vos;
Deixai ouvir a doce ſuavidade,
Que faz cantando o coro da lealdade.

Em

Em obſequio das melhoras do Principe, o Sereniſſimo Senhor D. JOÃO.

SONETO.

DO Principe a melhora peregrina
He juſto feſtejemos neſte dia;
Já desfruta prazer, logra alegria,
Já ſe vê paſſear toda a campina:

Já lhe naõ eſcapa huma ſó bonina
Lá no mais alto monte, onde ſe cria,
Oh Ceos! oh juſtos Ceos: quem deixaria
De dizer que foi voſſa a medicina?

Em todo o Reino o goſto he bem patente,
Sem que deſte prazer alguem ſe exima;
Novos motivos para eu eſtar contente:

Sem que a juſta alegria ſe reprima;
Eſtima a ſua melhora toda a gente;
Mais que os militares ninguem a eſtima.

SES-

SESSAÕ ACADEMICA,

CELEBRADA NO MONTE PARNASO,

EM APPLAUSO DAS NUPCIAS

DOS

SERENISSIMOS SENHORES

D. JOAÕ,

E

D. GABRIEL,

COM AS

SERENISSIMAS SENHORAS

D. MARIANNA,

E

D. CARLOTA,

INFANTES DE PORTUGAL, E DE HESPANHA:

PRESIDE O REI DA POESIA:

AS NOVE MUSAS, COM OS RIOS TEJO, E MANCENARES;
SAÕ OS ALUMNOS.

Todos os verſos que ſe recitáraõ neſta Academia, decorou, eſcreve, e dedica

J. I. T. C. de C. B.

R

A la Sereniſſima Señora D. CARLOTA JOAQUINA, Infante de Eſpaña.

DEDICATORIA.

Bien que eſpirito algun no la animava;
Si del raio ſolar ſe alhava herida,
Como a ſu bien hechor agradecida;
La Eſtatua de Menon diz que cantava:

Como eſtatua es mi Muza, y precizava
Para mas ſe animar, ſer influida
De un Aſtro, a cuia luz reconoſcida
Cantaſſe de aquel Sol que la alentava:

Hermoziſſimo Sol, Auguſta Infante,
Sois Vós, y oy por vos juſto es que intente
Mi Muza una alta luz, Regia, y brilhante:

Inſpirada eſta eſtatua un eſtro ardiente,
Por que a la de Menon exceda, y cante
De Vós que la illuſtrais mas dignamente.

J. I. T. C. de C. B.

Oraçaõ do Preſidente Apóllo.

AGora, ó caras Muſas, Muſas bellas,
Que cingidas as frentes de capellas,
Que entrelaçaõ fazendo hum grato eſpanto,
Os virentes Louro, Mirtho, e Amaranto.

Agora, ſim, que adornadas
De flores em feſtões, já convocadas
Por eſſe monſtro alado;
Monſtro de cem bocas, cujo brado (a)
Hoje oſtentava voz, e na carreira,
Que ha Fama para o bem tambem ligeira.

Agora que neſte alto promontorio
Unidas em feſtivo conſiſtorio
Vos achais alegremente,
Cada huma reſpirando o eſtro ardente,
Que em vós tenho influido,
O eſpero neſta acçaõ a que preſido.

Naõ devo novas luzes inſpirar-vos,
Do aſſumpto a elevaçaõ deve elevar-vos
Com taõ grande aſſombro, e paſmo,

Que

(a) A Fama dos males he a mais ligeira. Virg. L. IV. Encadem

Que rompendo em hum nobre enthuſiaſmo
Voſſos raptos bem moſtrem na Poeſia,
Que o ſeu Rei vos infunde a melodia.

De Apóllo voſſo Rei, em grandes raras
Producções, oſtentai, ó Muſas caras,
Todo o influxo luminoſo:
Em metro, mais que nunca, hoje pompoſo;
Imagens, abſtracções, idéas, gallas
Publiquem deſte Rei que ſois vaſſalas.

Eia pois raios de Apóllo,
As Lyras affinai, de pólo a pólo
Só em rimas excellentes!
De Iberia, e Luſitania altas, ingentes
Venturas divulgai, e conduzi-as
De aduſtas regiões a plagas frias.

Decantai, Muſas amadas,
De Heſpanha, e Portugal as bem fundadas,
E juſtiſſimas eſperanças;
As novas, as mais firmes allianças,
Que em alegres deſpoſorios
Arbitros do Univerſo os dois Imperios
Haõ de fazer certamente;
Naõ menos decantai heroicamente
A politica famoſa;
A vaſta comprehenſaõ judicioſa,

Que

Que em lances feliciſſimos,
Do Catholico Rei, dos Fideliſſimos
Monarcas, eſtaõ moſtrando
O cuidado, a ancia, o zelo, com que olhando
Do tempo á contingencia, por amallos
Se intereſſaõ no bem de ſeus vaſſallos.

Felices Pais da Patria, entre caricias,
Sendo de huma, e outra Heſpanha hoje as delicias;
Inclitos, piedoſos Soberanos,
De Auguſto fazem ver agora os annos,
E qualquer delles ter deve
Hum nome como Tito em Roma teve. (a)

Com harmonico tom em metro grave,
Em culto eſtilo ſim; porém ſuave;
Cantai, Muſas queridas,
Duas lindas prizões, em que hoje unidas
Se admiraõ quatro vontades
Goſtoſas entregando as liberdades.

Da tocha Nupcial o ſanto lume,
Que accende de Hymineo Divino o Nume,
Applandi como inceſſante,
De Amor na doce pyra a todo o inſtante
Tomando nova força,

Mais

(a) *Vide Buſieres.*

Mais ſe alenta, ſe aviva, e ſe reforça
Publicando o juſto effeito
Deſcançar a ternura em cada peito.

Cantai das Formoſiſſimas Eſpoſas
MARIANNA, e CARLOTA, as portentoſas,
Sem iguaes graças, e prendas;
Incenſai com poeticas offerendas
Seus adoraveis ſemblantes:
Eſgotai da Hypocrene as mais briilhantes
Claras lymfas; todo o metro
Oſtente por ſublime que he meu Plectro,
Quem lhe infunde a altiva chamma;
Eu ſou que vos preſide; e já que a Fama
Vos dá lances taõ ſelectos,
Regiamente cantai Regios objectos.

Dos gentis Auguſtiſſimos Eſpoſos
JOAÕ, e GABRIEL, cantai famoſos,
Singulares attributos;
Naõ ſejaõ voſſos écos diminutos
Em ſeus juſtos louvores;
Se os encomios tecei com as bellas flores,
Que eſmaltaõ o campo da Poeſia;
Reflecti que o Heroiſmo he neſte dia
Quem vos dá; pois póde tanto;
Huma nobre materia a hum nobre canto.

E vós, ó eſtrangeiro Mançanares,
E tu, ó patrio Téjo, ſe cantares,
Em ſuaviſſimos concertos,
Expreſſai voſſos ternos ſentimentos
Com tal graça, e por tal arte
Que poſta toda a mágoa hoje de parte,
Façais ver na fraſe, e roſto
Tranſmutado em prazer voſſo deſgoſto.

O aſſumpto he Real, amplo, e jucundo;
Debaixo de hum reſpeito o mais profundo
Comece a grande empreza;
Da voſſa gratidaõ tendo a certeza
No premio; porque a gloria ſe naõ fruſtre
Obtendo em todo o Mundo hum Nome Illuſtre.

PROBLEMA.

No ſenſivel acto da deſpedida, qual teve mais juſto motivo para chorar, ſe a Sereniſſima Senhora D. MARIANNA, ſe a Sereniſſima Senhora D.CARLOTA?

A Muſa Caliope defende a primeira parte no ſeguinte.

SONETO.

Preſide no metro heroico.

O Lugar do ſeu Regio Naſcimento
Deixa a formoſa Infante enternecida;
A ſua Naçaõ deixa, e leva a vida
Fluctuando em hum mar de ſentimento:

Na ſcena do funeſto apartamento,
Se a mágoa repreſenta bem ſentida
Com lagrimas o moſtra; e quem duvída
Que a verte com mais juſto fundamento:

Da ſaudade publica os accidentes;
Nem pôde disfarçar como convinha,
Que as cauſas deſte effeito eraõ vehementes:

Naõ ha pena (diz ella) igual á minha!
Deixo Pais, deixo Irmãos, deixo Parentes;
Naõ poſſo ſentir mais; deixo o que tinha.

A Muſa Polyhymnia defende a ſegunda parte no ſeguinte

SONETO.

ASſim como a Formoſa MARIANNA, (a)
Deixa a Patria tambem CARLOTA linda;
Deixa Pai, deixa Mãi, e Irmãos ainda
Deixa mais, para dor mais inhumana:

Com motivo maior pranto que emana,
De Heſpanha a Portugal faz triſte a vinda;
Deixa Tios tambem; nem aqui finda,
Antes creſce a razaõ da dor tyranna:

Parece naõ haver penas que mande
O Fado mais crueis! que as portas feixa
A Collyrio qualquer que a dor abranda:

Mas inda maior cauſa ha para a queixa!
CARLOTA deixa Avô, e Avô taõ Grande!
Logo ha de ſentir mais, porque mais deixa.

A

(a) A acçaõ, e hiſtoria.

A Muſa Clio engrandece a politica idéa dos Monarcas nas ſeguintes

OITAVAS.

A hiſtoria, e fim della.

I.

NAquella extrema parte, aonde hum Grego
Fundou a Capital que hum rio banha, (a)
Cidade que na fóz do immenſo pego
He termo occidental de toda Heſpanha:
Com aureas inſcripções, ſe aviſta emprego,
Hum Padraõ vejo erguer com gloria eſtranha!
No mais alto Selem deſta eſtructura
(Tres palavras) Amor, Zelo, e Ventura.

(a) Lisboa eſtá ſituada no fim da terra, aonde começa amor: Banha o Téjo, e foi fundada por Ulyſſes, Capitaõ Grego.

II.

Eſte nobre artefacto he dedicado
A tres Reis em Heſpanha os mais famoſos!
Monarcas, cujo amor, zelo, e cuidado
Fiáraõ ſeus Vaſſallos venturoſos:
Amantes, e dos ſeus por iſſo amados
Lhes conſagra a Naçaõ cultos honroſos:
O Padraõ, diz a baſe, ſe erigia
Aos Grandes CARLOS, PEDRO, e a MARIA.

III.

No centro do Padraõ ſe diviſavaõ
Tóchas quatro, e dois lumes ſe faziaõ;
Quatro mãos fortemente ſe apertavaõ,
Moſtrando que apartar-ſe naõ podiaõ:
A ternura, e concordia abençoavaõ
Eſtes fógos, e mãos que aſſim ſe uniaõ;
Prelud.os de venturas relevantes,
Que ás Heſpanhas deraõ ſeus quatro Infantes.

IV.

IV.

As Regias conjugaes fecundidades
Aos lados do Padraõ eſtaõ deſignadas
Em duas formoſiſſimas Deidades
Das mais bellas meninas rodeadas:
Pelas ſuas brilhantes qualidades
Se achaõ de duas Côrtes adoradas;
Lisboa, e Madrid ſaõ centros dellas,
MARIANNA, e CARLOTA as Deoſas bellas.

V.

Dois Mancebos gentis ſe figuravaõ
Unidos a taõ inclitas bellezas;
Dois ſoberbos eſcudos embaraçavaõ
Com as Armas de Caſtella, e Portuguezas:
Nas preſentes idades demonſtravaõ
Com eſtoques nas mãos altas proezas;
JOAÕ, e GABRIEL os Heróes eraõ
Filhos dos Heróes, que em Heſpanha imperaõ.

VI.

VI.

Affamado ſublime ſempre amante,
Tu moveſte Padraõ, e reverente
Remontando os ſeus vôos inceſſante
O publíca pelo Orbe a toda a gente:
As cem bocas preenche, e retumbante
De hum pólo a outro pólo o éco ardente,
Com hum tom reſpeitoſo, alto, e jucundo
Cerca o Mar, corre a terra, e gyra o Mundo.

A Muſa Erato elogia as Regias Eſtoſas, gloſando o quarteto ſeguinte

Com aſſombro ſem igual,
Sendo do Olympo as mais bellas,
Mudaõ de globo as Eſtrellas
De Caſtella, e Portugal.

Aos verſos amatorios, e hymnos.

I.

VI Mar que ſe dividio,
Vejo Sol que já parou; (a)
Mas Eſtrella que mudou
Naõ vi, e ninguem a vio:
Só hoje ſe permittio
Eſte motu eſpecial;
Quem naõ crê hum caſo tal,
Por ſer maravilha eſtranha,
Venha a ver na noſſa Heſpanha
Com aſſombro ſem igual.

II.

(a) O Mar ſe dividio para paſſarem os filhos de Iſrael, a que Faraõ ſeguia.

O Sol parou para Joſué acabar de vencer a batalha, as Eſtrellas ſaõ fixas, e o que nós vemos no ar ſaõ luzes, e exhalações que ſe fórmaõ em o firmamento inferior aos das Eſtrellas.

II.

Raros fenomenos ſaõ;
Pois ſendo até qui conſtantes,
Hoje ſaõ Aſtros errantes,
Mudar-ſe as Eſtrellas ſaõ:
Duas Côrtes o diraõ,
Que haõ de ter a poſſe dellas;
O que naõ tolero ao vêllas
Como luzes engraçadas,
No Mundo mal empregadas,
Sendo do Olympo as mais bellas.

III.

Eſtrellas, ſe reparais,
Saõ duas que mudar vejo;
A de Iberia vai ao Téjo,
A de Lyſia ao Mancenares:
Lisboa e Madrid altares
Tem já para recebellas,
Com razaõ, olhando que ellas
Com todas as luzes ſuas
Vem á terra ambas de duas,
Mudaõ de glóbo as Eſtrellas.

IV.

As Côrtes trocando, chegaõ
MARIANNA, e mais CARLOTA
A'quella, onde a gente nota
Taes luzes que os olhos cégaõ!
Alli ſeus Conſortes pegaõ
Nas mãos de puro cryſtal
Com ternura conjugal
Dando logo as boas vindas
A's duas Eſtrellas lindas,
De Caſtella, e Portugal.

A Muſa Thalia celébra joco-ſeriamente os deſpoſorios com o ſeguinte

ROMANCE LYRICO.

A Comedia agricultura.

PAra eu dar o parabem
A taõ nobres deſpoſados,
Quem duvída que eu devêra
Ter hum nobre enthuſiaſmo.

Bem ſei que meu eſtro tenho,
Com tudo capaz naõ me acho
De enlaçar os meus diſcurſos
Com taõ eſtupendos laços.

Huma ſou das nove Irmãns,
Mas Apóllo a cada paſſo
Me increpa de chacorreira,
A baba deſte Parnaſo.

Quan-

Quando quer nas vagàs horas
Divertir-ſe, da-me hum chaſco;
Vem cá, Muſa folgaſona,
Faze-me rir hum bocado.

Digo-lhe quatro gracinhas,
Divirto-o, e por mais que faço
Influxo para Thalia
Nunca a tem, que he com que eu ato.

Eis-aqui por iſſo meſmo
Que eu queria neſte caſo
Cantar bem em deſempenho
Dos ſeus Apollineos raios.

Eis-aqui quando eu tomára
Ter pinceis, com que em hum quadró
Pintaſſe de perſpectiva
Quatro gentis ſimulacros.

Eis-aqui quando eu queria,
Pois o campo he bello, e largo,
Correr por elle em conceitos
Narrando mimoſos factos.

Mas que hei de fazer, obtuſo,
Falto do ardor neceſſario,
Que deve inflammar hum peito
A cantar de alſumptos altos!

O fallar de agricultura
Naõ me parece acertado,
Que o methodo camponez
He muito de eſcada abaixo.

Com tudo naõ fôra improprio,
Porque o matrimonio ſanto
Será vinha do Senhor
Tenho ouvido a alguns caſados.

Vivos objectos tambem
Naõ devo repreſentallos
Por mais que ſeja a decencia
Dos termos, no meu theatro.

Os objectos ſaõ ſublimes,
Devem ſer porporcionados
Os cultos, naõ tenho vozes,
Careço de todo o ornato.

Que

Que farei? eu quero entrar;
Mas ſem fio eſtá bem claro
Perder-me, de Regias prendas
No labyrintho intr ncado.

Navegar quero; mas temo
Que em me vendo no mar alto
Dê o baixel da eloquencia
Em ſecco, ou naufrague em baixos.

Porém ſeja como for
Nós á obra; e ſe acaſo
Naõ for fino o que eu fizer,
Iſto que poſſo he que faço.

Do Parnaſo vou á Ajuda:
O' já cá eſtou em Palacio;
As Regias mãos osculizo,
Humilde o joelho abato.

Levanto-me, e com meſuras,
Que melhor que os verſos faço;
Pois naõ levo Epithalamio,
Aſſima aos Eſpoſos fallo.

Auguſtiſſimos Conſortes,
De Iberia, e de Lyſia paſmos!
Diſcreta, e Gentil CARLOTA,
Excelſo JOAÕ Preclaro.

Parabem, parabem ſeja
Eſte indiſſoluvel laço
Gordiono, que inda Alexandre (a)
Pôde já mais apartallo.

Parabem, Regias Eſpoſas,
A impulſos de hum terno agrado
Desfrutais voſſos carinhos,
De delicias coroados.

Parabem, ó Grande Deos,
Livres de triſtes aſſaltos
Vos abençôe na prole
Com netos de filhos caros.

Parabem a Providencia
Em doce, amoroſo thalamo
Voſſas eras, voſſos dias
Felicite em annos largos.

Pa-

(a) *Vide Q. Curcium in vita Alex.*

Parabem de toda a Heſpanha,
De ſeus Reis, de ſeus Vaſſallos;
Parabem da Igreja toda,
Que he para mal do Diabo.

Tenho dito; e com licença,
Que vou aqui dar ſalto
Até Madrid; e por iſſo
Agora me naõ dilato.

Vou voando: oh já cheguei!
Porém inda aqui naõ páro
Naõ eſtaõ cá ſuas Altezas, (a)
Foraõ jantar hoje ao Pardo.

Vá mais eſte vôoſinho,
Tenho ao ſitio em fim chegado;
Oh lá vejo a Bella Infante;
Nobre aſpecto! e que bizarro!

He tambem o ſeu Eſpoſo!
Eu fallo-lhe em Caſtelhano;
Mas tendo proprio he toliſſe
Pedir a gente empreſtado.

Sup-

(a) O Pardo he huma caſa de campo de ElRei de Heſpanha, pouco diſtante de Madrid.

Suppoſtas as reverencias
Do coſtume neſtes actos,
Congratulo os Regios Noivos
Em Portuguez bem limado.

Belliſſima MARIANNA,
Sol de Lyſia, e Sol taõ raro,
Que exiſtindo no Occidente
Naõ padeçais nelle occaſo!

GABRIEL, Auguſto Inſante,
Heróe, que de Heróe mais claro
Oſtentais naõ ſó o ſangue,
Mas tambem os predicados.

Excelſos, Gentis Eſpoſos,
Parabem vos ſeja a ambos
Com reciprocos affectos
O conjugal novo eſtado.

Eſte ditoſo Conſorcio,
Conſortes affortunados,
Vos prolongue annos felices
De amor nos mimoſos braços.

Eſta ſuave uniaõ
Com auſpicios ſempre ſauſtos
Permaneça, reſpeitando
De Cloto o ſemblante irado.

Eſte laço venturoſo
De ventura no regaço
Fixo dêſcance, do tempo
Pregando na roda hum cravo.

Arda em voſſos corações
De Hymineo o lume ſacro;
Sem que chegue a conſumir-vos;
Inda que chegue a abrazar-vos.

O bom Deos vos congratule,
E por elle abençoados
Filhos, e filhas vos dê,
Netas, e Netos Preclaros.

Com famoſa deſcendencia,
Occupando Thronos altos
Já na Heſpanha naõ cabendo,
Vaõ reger outros Eſtados.

Onde cheios de alta gloria,
Abatendo do orgulho barbaro,
Nos mais opulentos Reinos
Se admirem voſſos retratos.

Aſſim volo prognoſtíco,
E eſpero ver praticado;
Iſto he tarde, com licença,
Que volto para o Parnaſo.

A Muſa Euterpe cantando ao ſom de huma Flauta, celébra a chegada da Senhora D. CARLOTA a Lisboa, nas ſeguintes

ENDEIXAS.

O que ſe canta ao toque de Flauta.

SUrcando os cryſtaes
Do Diafano Téjo,
Naõ ſei que luz vejo
Luzir entre as mais.

As Tagides tocaõ
A todas as horas,
E as Lyras ſonoras
As vozes provocaõ.

As Naides vendo
Huns olhos divinos
Lhe cantaõ mil hymnos
Louvores dizendo.

Iſentos de mágoas
As guapas Napeias
Lhe formaõ choreas,
Dançando nas agoas.

La vejo chegar
As Driadas bellas
Que trazem capellas
Que a vem enfeitar.

Sem algum ſe bulir,
Goſtoſos, attentos,
Socegaõ os ventos,
Que a vem applaudir.

O Boreas naõ
Faz minimo moto,
Eulo, Zefyro, Noto
Humildes eſtaõ.

A Glauce lá vejo
Com toda a humildade
A' bella Deidade
Fazer ſeu cortejo.

Sem fazer movimentos
Paſmadas as Focas
Lá vejo nas bocas
Dos ſeus apoſentos.

A tal reſplendor
Lá eſtá reverente
O que tem o Tridente
Dos Mares Senhor.

Admiro confuſo
O culto que explica
Proteo prognoſtica
Mil glorias a Luſo.

Adonis por fim
A traz pela maõ
Adiante Tritaõ
Lá toca o Clarim.

He Thetis que brilha,
Que ao Téjo deſceo,
Ou o velho Peleo
Tem já outra filha.

Naõ he naõ do mar
A Deoſa, que ainda
Que Thetis mais linda
A vejo brilhar.

Quem taes luzes bota
Lá ſem ceſſar vella
Infante a mais bella,
A bella CARLOTA.

Virente, engraçada
Flor ſempre applaudida,
Na Iberia naſcida,
Na Lyſia plantada.

Formoſa, diſcreta,
Credora de offerendas
No adorno de prendas
A qual mais ſelecta.

Já vem deſpoſada
Com Infante gentil
Cuja alma he de mil,
Mil graças ornada.

Da gloria a coroa
Benigno o Bom Deos,
E lá deſſes Ceos
Tal laço abençôa.

Pois ditas denota
Em doce uniaõ
Exiſta JOAÕ,
E viva CARLOTA.

A Muſa Terpſiſchore , dançando ao toque de huma Cythara , applaude a chegada da Senhora D. MARIANNA a Madrid, repetindo as ſeguintes

REDONDILHAS.

A Cythara , e dançaſ.

LÁ' dos ares vem deſcendo
Huma nuvem , que reſgando
Vem a Heſpanha allumiando
E toda de luz enchendo.

Sobre a grande Capital
Daquelle Reino Heſpanhol
Para a veres moſtra o Sol
Mais bello de Portugal.

Que

Que luzes naõ reverbera
Eſte Planeta engraçado,
Aſtro feliz, deſtinado
A brilhar na alheia eſféra.

A propria deixou, porém
Se illumina outro Emisferio
Sempre he Sol do Luſo Imperio,
Aonde o ſeu berço tem.

Com que aſſombro dos melhores
Luzes preenche a Madrid!
Feliz Corte que os Zenit
De ſeus nobres reſplendores.

Applaude a tua ventura
Das mais Cortes invejada;
Novamente coroada
Deſte Sol com a formoſura.

Mas quem eſte Sol verá
A quem toda a gente adora?
Que a Lyſia deixou, e agora
Brilhando na Iberia eſtá?

Quem ſerá o refulgente
Planeta de luz tamanha,
A quem a Corte de Heſpanha
Celebra taõ reverente.

Aſtro Regio, onde a milhares
Os reſplendores ſobejaõ!
Eſte Sol, a quem feſtejaõ?
As Nynfas do Mancenares?

Oh Ceos! com que aſſombro vejo
Claras luzes que reſpiraõ
De hum Sol, que já applaudíraõ
As Nynfas tambem do Téjo.

Quem ſerá eſta belleza;
Eſta luz taõ ſoberana!
Quem ſerá! he MARIANNA
A melhor luz Portugueza!

Luz a quem ſerve de abono
A ſua alta gerarquia?
Filha de PEDRO, e MARIA,
Que occupaõ diffuſo o Throno.

Oh com que gloria a pondéro
Eſpoſa condecorada,
Por alta idéa acertada
Do douto Monarca Ibero.

Com que goſto em Soberanos
Se vê applaudida,
Por eleiçaõ que he devida
Aos Sabios Reis Luſitanos.

Reſpeitado a todo o inſtante
Recebe hum culto fiel
Nos braços de GABRIEL,
De Heſpanha Preclaro Infante.

Infante, onde já ſe apura
De alto Heróe a preeminencia;
A quem tinha a Providencia
Deſtinado eſta ventura.

Com ella em goſtoſo eſtado;
Em hum vinculo o mais forte
He adorada a Conſorte
Do ſeu Conſorte adorado.

Neſta paz aſſim deſcance
Hum, e outro immortalmente;
Nella a Mão do Omnipotente
Benigna mil bençõeſ lance.

Para elles ſeja a roda
Da Fortuna ſempre eſtavel;
Sendo gloria interminavel
De Lyſia, de Heſpanha toda.

A Muſa Melpomene, ainda que tragica, feſteja alegremente os Regios Noivos, e lhe faz hum banquete nas ſeguintes

DECIMAS.

A Tragedia.

I.

SEntai-vos, Regios Eſpoſos,
E comei, Gentis Infantes,
Deſſes manjares, que amantes,
Offereço por mais goſtoſos:
Todos elles ſaboroſos
Achareis, ſeja qual for;
Porque todos com primor
Hoje vos tenho diſpoſto,
Guizados pelo bom goſto,
Nas uxarias de Amor.

II.

II.

Como prato principal
Tendes no meio da meza
O manjar que Amor mais préza;
Tendes a ſé conjugal:
Hum, e outro eſpecial
Manjares vêde a ſeus lados;
Vêde ahi por Deos formados,
Como ha de ſer, grande, e pura,
Dos pratos de formoſura,
Sem adubo algum guizado.

III.

Eſſes dois, que tendo alguma
Vianda, inſoffriveis ſaõ;
Eſtimai-os, porque naõ
Tem dentro coiſa nenhuma:
Dai-lhe apreço, porque em ſumma
A's vezes ſe enchem de huns brios,
Com que faz triſtes deſvios
Da belleza a honeſtidade;
Saõ as portas da vaidade,
E ambos eſtaõ vaſios.

IV.

Eſte prato he de fineza,
Eſte aqui he de doçura,
Lá aquelle he de ternura,
Cá eſte de ſingeleza:
Alli tendes da firmeza
Hum prato; nobre iguaria!
Acolá de alta valia,
Sem ſoberba, e mui bem ſeito,
Eſtá hum prato de reſpeito,
E outro de ſoberania.

V.

Eſſes dois pratos maiores,
Que o que tem vos cauſa enleios,
Reparai; que ambos eſtaõ cheios
De attributos ſuperiores:
Eſtimai-os, que os melhores
Manjares nelles eſtaõ:
Adverti que ambos ſaõ
Reſpeitaveis na verdade;
N'um delles eſtá a Piedade,
Em outro a Religiaõ,

VI.

Acolá de alta excellencia
Tendes dois, quaes vos relato;
Da ſobriedade he hum prato,
Outro prato hę de prudencia:
Os mais que ſem preferencia
Vêdes na meza; notaveis
Pratos ſaõ; ſaõ agradaveis,
Credores de mil offerendas;
Todos ſaõ pratos de prendas,
E prendas ineſtimaveis.

VII.

He quanto offerecer-vos poſſo
Neſta meza; a qual melhor,
Tudo pratos de primor!
Nutri-vos, que tudo he voſſo:
A Fama com alvoroço
De júbilos naõ eſcaço,
Da terra no longo eſpaço
Publique de grande apreço
A verdade do que offereço
No banquete que vos faço.

A Muſa Urania como Aſtrologica, levanta figura aos novos Eſpoſos no ſeguinte

SONETO.

A Aſtrologia.

SE ao eſtellifero Globo a viſta lanço
Aſpectos como nunca hoje diviſo!
Vejo a Jove com cara eſtar de riſo,
A Marte vejo eſtar alegre, e manço:

Applico o Teleſcopio, e naõ deſcanço
Na juſta indagaçaõ como he preciſo;
Deſtas Conſtellações fórmo o juizo,
E denotaõ prazer, ſegundo alcanço.

Mavorte em conjunçaõ eſtá de huma Eſtrella,
E Jupiter com outra, carrancudo
Nenhum moſtra o ſemblante a que o deſvéla

O prognoſtico vai: ſe a iſto acudo;
Dos Eſpoſos Reaes proſapia bella
A ſeu tempo haverá: Deos ſobre tudo.

O Rio Mançanares ſe deſpede do Téjo no ſeguinte

SONETO.

QUe deſſe uſted con Dios Señor Don Tago,
Que buena me la hizo, a todo o inſtante
De mi bella CARLOTA, Auguſta Infante
Desfructe por a cá el dulce alago:

Plegue a Dios no faltar-te a quel buen pago
Debido por un robo ſemegante;
Luſca uſted e con mi luz nueba, y brilhante;
Pero ſepa que luz de ageno eſtrago:

Es hurtada la luz que la enoblece,
Y que yo por mi deſdicha, ou dezabono
Quizo el hado cruel que la perdieſſe:

Imbidio ſer uſted de tal luz trono,
Deſculpo la razon que le entumeſce,
Al hurta ni por Dios ſe lo perdono.

O Rio Téjo acceita a deſpedida do Mançanares, no ſeguinte

SONETO.

SEquioſo Mançanares vai-te andando,
Porque naõ tens razaõ de eſtar carpindo;
Déſte-me hum bello Sol, dei-te outro lindo;
Tu ficaſte bem mal, vai-te callando

Se com a tua luz cá eſtou brilhando,
Tu com a minha tambem lá eſtás luzindo;
Ora vá ao meu Sol lá applaudindo,
Que eu tambem cá o teu vou celebrando:

Naõ ha razaõ de queixa; a Deos meu Rio;
Lá tens a MARIANNA, eu cá CARLOTA;
O fallares-me em furto he deſvario:

A Madrid ſem correr em fim te bota;
Conſola-te, pois és mais que eu ſadio,
Que agora de veraõ nunca tens gotta.

APOLLO.

NAÕ mais, Muſa, naõ mais: ceſſe a harmonia;
Com que já neſta Regia Academia
Patente tendes feito
Aquelle nobre ardor, que de meu peito
Ao voſſo dimanado
Capazes vos moſtrou de ter cantado
Em metros differentes
Dos Conjujes Reaes glorias ingentes.

Deſte illuſtre Muſeo flor de Theſſalia,
A quem rogaõ de Aganippe, e da Caſtallia
As agoas cryſtallinas;
As bellas producçõcs como Divinas
Seraõ ſempre eſtimadas;
E vós, Muſas gentis, condecoradas
Com lucido diadema
Fareis que a detracçaõ, que a invéja gema,
Quando por alto indulto
Deſta grande Seſſaõ, dando lhe culto
Deſſe eſpaço ambiente a eſféra rompa
Do ſagrado Helicon a aurea trompa.

FIM DA ACADEMIA.

Eu

EU, naõ me atreveria, Senhores, a levantar a minha debil, e fraca voz, nas voſſas reſpeitaveis preſenças, ſe naõ me perſuadiſſe, que me preſtarieis gratos ouvidos; por ſer o objecto, de que trato o mais digno das voſſas attenções. O Todo-Poderoſo, que coſtuma ſervir-ſe dos pequenos, para emprezas grandes, enviará ſobre mim hum brilhante raio de luz, illuminará o meu entendimento, e fará, que os meus labios profiraõ os louvores mais capazes, de tecer hum completo panegyrico, em obſequio daquella incomparavel creatura, a cujo ſeio elle deſeco, para libertar-nos do captiveiro da culpa.

MARIA, a Rainha dos Ceos, e eſpecial advogada dos peccadores, a quem hoje ſe conſagra taõ ſolemne feſtividade, he aquella Mulher forte deſtinada antes dos Seculos para pizar a cabeça da infernal ſerpente; que nos tivera devorado, ſe o impenetravel eſcudo da ſua protecçaõ, nos naõ defendeſſe, fazendo, que alcancemos della, as mais aſſignaladas victorias. Ella he a gloria de Jeruſalem, a alegria de Iſrael, e a honra do noſſo povo: MARIA he Cidade poſta em quadro, cujos fundamentos eſtaõ fundados ſobre os Montes Santos: Cidade, a quem alegra o impeto do Rio, deixando a inundada com torrentes de graças. He aquella fonte aſſignalada, donde nos mana,

co-

copioſa enchente de bens : He a Eſtrella da manhã, que diſſipou as ſombras do peccado : He aquella Mulher prodigioſa, que o Evangeliſta S. Joaõ vio veſtida do Sol, tendo ſeu Throno ſobre a Lua, e coroada de Eſtrellas : MARIA he aquella Eſther iſenta da Lei, que a todos comprehende : Mais exaltada que os Cedros do Libano, pois nunca foi tocada pelo raio da original culpa : mais elevada que o Cypreſte de Siaõ : Palma a quem nunca fez inclinar o pezo do peccado : mais engraçada que as roſas de Jericó : Oliveira eſpecioſa dos campos, donde a pomba colheo o engraçado raminho, ſignal de eſtar feita a paz entre Deos, e os homens : Platano, que junto das agoas eſtende ſeus verdes ramos : e Cynamomo, que por toda a parte derrama a fragancia de ſeu precioſo cheiro. E poderia ella deixar de ſer adornada de taõ ſublimes qualidades? Naõ ; pois antes que a terra foſſe feita, foi MARIA preſervada para ſer a filha de Deos Pai ; Mãi de Deos Filho, e Eſpoſa de Deos Eſpirito Santo : A maõ poderoſa do Altiſſimo a fez grande : mui de manhã a ajudou, para quebrar as cadeias do inimigo : fundou na ſua alma o Templo, onde a Trindade reſide ; porque vio a humildade da ſua Serva, motivo por que todas as Gerações lhe chamaõ Bemaventurada, pois a miſericordia do Senhor ſe extende de geraçaõ em geraçaõ, aos que o temem.

Glorioſo Portuguez Santo Antonio, Martyr no deſejo, já que a noſſa gratidaõ vos dedica tambem

ho-

hoje reſpeitoſos cultos, fede em meu favor: A Igreja vos chama Lingua Bemdita, e aſſim fazei que a minha poſſa louvar aquella feliciſſima creatura, que mereceo o honroſo titulo de Mãi de Deos: Aquella cujo nome he baſtante para fazer tremer as portas do inferno, e pôr em precipitada fugida o infernal, e eſqualido Dragaõ: apreſſai-vos, ó prodigioſo Soldado da Milicia de Jeſu Chriſto, e vinde em meu foccorro acompanhado naõ das nove irmans, que fingio o Gentilidade, mas ſim dos nove córos celeſtiaes exercito que goſtoſo dobra os joelhos na preſença da ſua amabiliſſima Rainha: Vós fizeſtes que os brutos ſatisfeitos, e alegres, eſcutaſſem os louvores do Todo-Poderoſo, que os creou do cahos do nada, e aſſim fazei que ſejaõ gratos aos homens os louvores que hoje canto em obſequio de ſua Santiſſima Mãi.

E vós, eſtimabiliſſimos camaradas, companheiros nas Leis que profeſſo, vêde, que ſe nas da milicia devemos ſer exactos, a de Deos deve ſer para nós impreterivel; pois deſta forte cahiráõ ao noſſo lado eſquerdo mil, e ao direito dez mil: pizaremos Leões, e Dragões, ficando os noſſos pés illeſos: andaremos entre Aſpides, e Baziliſcos, ſem que o ſeu veneno nos offenda, e alcançaremos dos noſſos inimigos as mais completas victorias: O Omnipotente Deos, que tudo rege naõ deſampára a quem o invoca, de ſeus ſoccorros protegida atraveſſou Judith os arraiaes dos inimigos, e cortando a cabeça ao General na ſua propria tenda,

fe-

felizmente triunfou de taõ numeroſo exercito ; e foi a libertadora dos póvos de Bethulia : auxiliada do ſeu poder traſpaſſou a intrepida Jael a cabeça de Sizara, e defendidos pelo ſeu potente braço proſtrou David o Gigante, e alcançou Sanſaõ victoria dos Filiſteos ; pelo contrario Saul, logo que ſoi abandonado por Deos, naõ ſó perdeo a batalha, mas a vida; e taõ injurioſamente, que nem animo teve para ſuſtentar na maõ a eſpada, e morrer entre os ſeus na peleija, porque atraveſſando o peito com a ſua lança, a ſi meſmo ſe matou.

Animos generoſos, que com tanta magnificencia conſagrais á Imperatriz da Gloria taõ aſſignalados feſtejos. Eu vos dedicára hum elogio bem merecido de vós, ſe a voſſa rara modeſtia naõ ſuſpendeſſe a minha penna, que tivera remontado o ſeu vôo, para formarvos hum bem ajuſtado panegyrico, mas como coſtumais cerrar os olhos a tudo que he louvor, o temor que tenho de deſgoſtar-vos me enfraquece, e me deixa irreſoluto no meu bem naſcido, mas mal completado intento : ſó vos digo que naõ esfrieis na voſſa devoçaõ, olhai bem que MARIA SANTISSIMA he o canal por onde o Todo-Poderoſo vos envia as enchentes de beneficios que comvoſco a todos os inſtantes deſpende : ſejaõ os voſſos corações os altares em que lhe ſacrifiqueis os incendidos holocauſtos dos voſſos naõ limitados deſejos, já que dos voſſos Progenitores naõ ſó herdaſtes a grandeza, mas a devoçaõ. Eſpoſas venturoſas

a quem o indiſoluvel laço do Himeneo ligou no mais digno, e feliz conſorcio, fazendo que disfruteis das mãos de Amor mil deleitoſos prazeres para vós reſervados, e naõ comprehendidos na lei do crime, imitai o grande fervor, e devoçaõ daquelles, que o Ceo vos deſtinou por companhia: naõ vos eſqueçais de implorar o patrocinio da que tudo póde, porque amparados debaixo do ſeu virginal manto gozareis neſta vida as mais completas felicidades, e paſſareis á Bemaventurança, conſeguindo aſſim o merecido premio da voſſa devoçaõ, olhando entaõ com deſpego para os deſpojos da batalha, tendo já empunhadas as verdes palmas, como troféos de taõ illuſtre victoria.

Diſſe.

O D E

AOS FELICES ANNOS

DA

NOSSA AUGUSTA SOBERANA A SENHORA

D. MARIA I.

QUE SE HA DE RECITAR NA ACADEMIA

DOS OBSEQUIOSOS,

QUE LHE OFFERECE

O BENEFICIADO

JOSÉ PEDRO DOS SANTOS,

NO DIA 17 DE DEZEMBRO DE 1789.

ODE.

Deſça do Sacro Pindo
A luz d'Apóllo ſobre a minha mente
Para as ditas cantar da Luſa gente:
Pegai, alegres Muſas,
Nas aureas Lyras, e cantai vaidoſas
Que o deſtino proſpéra as glorias Luſas.

Na vida precioſa
De MARIA PRIMEIRA ſem ſegunda
Com razaõ Portugal o ſeu bem funda.
Pois do florente eſtado
Se os intereſſes Themes multiplica,
A' Rainha o louvor deve ſer dado.

E ſe o Luſo commercio
Já d' eſtranhos ſoccorros naõ depende
A' noſſa Inclita Auguſta as graças rende.
A piedade, o zelo,
Fiel Religiaõ, amor da Patria
Saõ da noſſa Rainha o mór deſvélo.

He aſylo ſeguro
Das Santas Leis, das Artes, das Sciencias
Heroina immortal ſem competencias.
As virtudes que a exornaõ
Decantallas naõ póde a voz humana
A juſtiça, a clemencia, iguaes adornaõ.

E ſe Auguſto vivêra
Igualar naõ poderá á noſſa Auguſta
Por benefica, ſábia, em fim por juſta.
Suas Regias acções
Fazendo-a ſer Rainha inimitavel
Nos fazem ſer inveja das Nações.

Pois todas com reſpeito
Ouvindo celebrar a Lyſia Hiſtoria
Emulas querem ſer da noſſa gloria.
A qual nos foi predicta,
Pois no regio ſemblante da Soberana
A noſſa felicidade eſtava eſcrita.

Nós ſomos venturoſos,
Pois tendo huma Rainha incomprehenſivel,
Se faz a noſſa ſorte appetecivel.
Inveja reverbera
Nas mais cultas Nações (dizendo todas)
Felices Póvos que MARIA impera.

E ſó a excelſa filha
Daquelle grande Rei, JOSE' PRIMEIRO,
He digna de reger o mundo inteiro.
Mas o Orbe que acclama
Condigna de reinar em todo elle,
Cultos levantará á ſua fama.

Que nos outros os Luſos
Abſtrahidos da gloria que gozamos,
Só eſte dia de hoje decantamos.
Pois neſte fauſto dia
Naſceo a noſſa Auguſta, e juntamente
O prazer, a virtude, e alegria.

O Ceo nos faça eterno
Eſte dia famoſo entre os famoſos,
Em que os Luſos ſe acclamaõ venturoſos.
Do Evo a ſemelhança
Tenha na vida a noſſa Invicta Auguſta
Para bem ſeu, do Imperio ſegurança.

Mas

Mas em quanto os Ceos gratos
Acceitarem os votos Luſitanos,
MARIA ha de contar immenſos annos.
A Excelſa MARIA
Vella-hemos viver qual outro Neſtor,
E reger ſempre a Luſa Monarquia.

SONETO.

NEſte dia, que fauſto o mundo acclama
Do Sacro Olimpo á terra vi baixava
O Interpetre dos Deoſes que mandava
Vir á ſua preſença a veloz fama.

Ella que por cantar ſempre ſe inflamma
Promptiſſima o preceito executava
Caducifer eſta ordem lhe intimava
Deſſe Supremo Deos que os Luſos ama.

Naõ quer Jove que mais a voz levantes
Para Auguſtos, Pompeos, Titos Romanos
Solemnizares como fizeſtes antes.

Para gloria immortal dos Luſitanos
Manda que tu por todo o Orbe cantes
De MARIA PRIMEIRA o Nome, e os Annos.

A MUITO ALTA, E MUITO PODEROSA

FIDELISSIMA RAINHA

SENHORA NOSSA,

A SENHORA

D. MARIANNA

VICTORIA,

NO FELICISSIMO DIA DOS SEUS ANNOS,

CELEBRADOS

NA CORTE DE LISBOA,

DEPOIS QUE O AUTHOR CHEGOU

DA CORTE DE MADRID.

O D E.

I.

COmo me atrevo, ſe naõ ſou Apelles
A debuxar magnifica pintura,
Se naõ ſou Praxitelles,
Que Eſtatua, que figura,
Póde ſahir das minhas mãos? Eu gemo
Co' pezo deſte aſſumpto, eu paſmo, eu tremo.

II.

II.

Pincel ſubtil, que fina tinta inſopa,
Sómente he digno de Original taõ raro,
Delicada garlopa,
Qual de Corintho, e Paro,
Só tinha proporçõeſ, virtudes tinha
Para as Eſtatuas de huma tal Rainha.

III.

Porém ſe as Muſas me concedem tanto,
Que poſſa collocar ſobre as Eſtrellas
Teu Nome; e o meu canto
Tu verás que entre ellas,
Recebe neſte dia hum novo eſmalte,
Se ha coiſa nova, que o teu Nome exalte.

IV.

Eu naõ pertendo interromper ouſado
O culto a teus taõ memoraveis Annos,
Pertendo debruçado
A teus pés ſoberanos,
Ajudar hoje alçando a voz, e o roſto,
O grito univerſal do noſſo goſto.

V.

Mas como hirei que ponha o pé ſeguro
Sem tropeçar no ſocco que até gora
Calcei humilde, e eſcuro,
Onde a virtude mora?
Como hirá quem naõ tem tanta virtude,
Que as tuas leis, que o teu dictame eſtude?

VI.

De bons Poetas, pios Oradores,
Canções, e Panegyricos diſcretos,
Parabens, e louvores
A' ſombra de altos téctos,
De Pavilhões, de illuminadas ſallas,
Público beijamaõ, faſtoſas gallas.

VII.

Eſſa eſplendida origem, donde mana
A luz brilhante de teu Regio alento
Auguſta MARIANNA,
O unico ornamento,
Naõ he como ſe julga ſobre a terra,
Que faz as glorias, que eſte dia encerra.

VIII.

VIII.

Quem teus famoſos Annos aſſignala
Naõ faõ eſtes caducos monumentos,
Outros que naõ abala
Toda a furia dos ventos,
E que a través do tempo hiraõ ſeguros
Do graõ poder dos ſeculos futuros.

IX.

Saõ as tuas virtudes ſingulares,
Que, abrindo as Azas, o teu Nome entoaõ;
No Téjo, e Mançanares,
Saõ as obras que ſoaõ,
As obras déſſa Maõ, benigna, e juſta
De tantos dons, a deſpenſeira Auguſta.

X.

Para deixar teu Nome acreditado
O afflito, e pobre, he quem lhe dá materia:
Venha elle arrancando
Do ſeio da miſeria,
Venha dizer-nos (que eu naõ poſſo tanto)
Por quantas vezes lhe enxugaſtes o pranto.

XI.

XI.

Venha a Religiaõ, e a Provideneia,
O Zelo maternal, venha a Piedade
A Juſtiça, a Prudencia,
A Liberalidade,
A Fé, a Graça, a candida Alegria,
A ver amanhecer taõ grande Dia.

XII.

Dia nafcido para bem de tantos,
Que ha de fazer a Epoca ditoſa:
A Epoca de quantos
A' ſombra generoſa
De teu Manto Real abrigo acháraõ,
E em ſeus dias, teus dias alcançáraõ.

XIII.

Volta, ſe podes, outra vez a Heſpanha,
Téjo, que foſte teſtemunha honroſa
Do pranto que inda banha
A face Mageſtoſa,
Daquelle Heroico Irmaõ, Principe Auſtero
Moderador do regimento Ibero.

XIV.

Diz-'he que eſte dia naõ conſente
Em ſeu ſemblante ſombras de deſgoſto:
Dia em que eſtá contente
Até eſte meu roſto:
Finalmente alegraõ-ſe os Albanos
Naõ ha louvor mais digno de taes Annos.

Diſſe

O mais fiel Vaſſallo, e obſequioſo criado

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

In

In veram, ac verè ad amuſſim delineatam Fideliſſimi Luſitanorum Regis PETRI Auguſti effigiem

EPIGRAMMA.

Ora, manuſque PETRI, cultumque, habitumque verendum
En tibi, quiſquis ades! fida tabella refert.
Atque utinam ut vultus, animi quoque reddere dotes;
Quaſque pio refovet pectore, poſſet opes!
Quod nequit ars, pia verba tamen, pia geſtaque ſignant:
Hinc potiùs PETRI mens, animuſque patent.

D. O.

Poſt dextræ oſculum

Cliens ex animo addictiſſimus, obſequentiſſimuſque

Claudius Meneſius Caſtrius.

A's melhoras da Sereniſſima Senhora Infante D. MARIANNA.

ORAÇAÕ.

Em o goſto do Ycung.

MOrte amada das grandes almas, ſó temida das vis, que injuſta prevençaõ eſconde aos mortaes o teu preço? Que naõ és em o homem ſenaõ hum diverſo, e melhor modo de exiſtir. Sem a culpa de que naſceſte filha, e que extingues ſó com a tua memoria, que outra coiſa ſôra o teu golpe, ſenaõ quebrar em nós huma cadeia, deſatar-nos de huma dura prizaõ?

Imagens triſtes, temores indignos de hum ſabio, deſapparecei dos noſſos penſamentos: deixai, que ſaiamos tranquillos deſtas ondas tempeſtuoſas do ſeculo; ſó entaõ deſpertaremos deſte ſonho, naõ vida, em que trazemos adormecida longo tempo a razaõ. Guardando a porta da interminavel eternidade aſſentada como em throno ſobre a roda dos tempos a morte eſtende o ſceptro ſobre todo o corruptivel, para o melhorar, naõ para deſtruillo. Neſcio Paganiſmo, tu chamaſte

te foice áquelle inſtrumento, que na verdade he boril que abre ſobre o noſſo barro a face da immortalidade.

Sereniſſima Infante, já levantada em grande parte ſobre a condiçaõ dos mortaes, pelo eſtudo da ſabedoria : ſó ella faz, que o eſpirito do homem ſeja impenetravel ao golpe, que o ſepara. Que impreſſaõ houvera por fim feito em a Alteza deſſa grande alma huma mudança que hia a render-lhe hum eſtado completamente immortal? Eſte grande intereſſe armou a Filoſofia de crueis inſtrumentos para o conſeguir por meio do ſuicidio : os mortaes corriaõ em Altezas aos precipicios para arrancar das mãos da morte as chaves da ſua eternidade. A ſabia Infante, ſem o predominio, que ſobre a ſua Filoſofia tem occupado a Religiaõ naõ houvera curado, antes recebêra como mimo do Ente-Supremo aquella ameaça, que a todos nos encheo de ſuſto.

Dor, triſtezas, temores, triſtes filhas da antiga culpa, pais de mil imagens melancolicas, que nos rodeaõ em as noſſas miſerias, a que ſubis, como ſombras dos cadaveres deſde o fundo da ſepultura para eſpantar os vivos. Naõ ha para que abordeis o leito de dor em que ſe recoſta a Real MARIANNA. Aſſaltai com eſſes terrores outras almas que tenhaõ menos luz. Elle he o voſſo campo, o voſſo imperio : ahi he onde ſe ſente, o que a morte ſe póde attribuir de horror : horror, que perde a força onde a naõ tem a ignorancia.

Eſſa commum ſeparaçaõ, que no fim da vida ſuc-

ſuccede aos mais dos homens, he prevenida nos que deſde huma tenra idade amaõ a ſabedoria. O mais que póde ſeparar nelles a morte, ſepara-lho a força da razaõ, quando cobra todo o ſeu vigor. O que naõ he verdade, luz, virtude, ſabedoria, morre deſde o inſtante, em que o amor do eſtudo toma inteira poſſe de hum coraçaõ innocente.

Grande Infante, eſte he o quadro, eſta a copia, em que o commum conceito da Naçaõ Portugueza tem debuxado o caracter immortal deſſe Real genio: digna tambem de reinar, reſervou-ſe a tanto merecimento outro Sceptro, que eſtende ſobre o Orbe Literario a Mageſtade do Imperio. O amor das letras creſcido deſde o berço levantou eſte grande entendimento a huma eſféra ſuperior a que pizamos: ergueo com os ſeus penſamentos as Reaes acções a huma regiaõ, onde habita a paz, e onde a morte perde o ſeu dominio. A ſabia Infante, huma vez calcava com deſprezo a mudavel verdura, e as momentaneas flores do ſeculo, cobiçoſa de colher nos jardins da Sabedoria outras bellezas de mais preço. Outra vez tomava nas mãos eſtas, e outras producções delicioſas da natureza para indagar com a luz das Sciencias a maravilhoſa diſpoſiçaõ das ſuas cauſas.

Formoſura, agrados, mimoſa diſcriçaõ, ornamentos naturaes, e inſeparaveis do bello ſexo, todos vós brilhais na Infante Sereniſſima, naõ havia em todas eſtas qualidades o que podia ſer mortal. O deſpre-

zo, que coſtuma infundir a ſciencia nas grandes almas a reſpeito deſſes dons momentaneos, que as adornaõ tira-lhe, em quem os poſſue, toda a eſtimaçaõ ſe naõ he para hum uſo meramente racional, e digno de hum ſabio. Prendas poſſuidas com eſtes ſentimentos ſaõ mudaveis, e parecem immortaes.

Que reſtava, que fazer a morte neſte animo Real, onde a razaõ tinha ſacrificado tempo, goſto, propenſaõ, e genio a ſublime inclinaçaõ de ſepultar-ſe entre os livros? Era morrer para quem vive aſſim, o deixar na terra eſtas cinzas, que ſó ſervem de nos impedir os vôos para contemplar?

A Sereniſſima enferma melhorou pelos votos da Patria, de huma enfermidade perigoſa; naõ ſe livrou deſta morte, que agora com mais vehemencia a vai deſprendendo do que lhe reſta de mortal. Ella naõ morrerá quando ainda mudar a habitaçaõ para os eternos palacios: hum doce ſomno, hum tranquillo vôo a fará ſubir ſem pena onde veja abertos os theſoiros ineffaveis da Sabedoria, donde ſeja tutelar dos Sabios de Portugal, de que agora he modelo.

Diſſe

O Doutor Fr. Joſé de Santa Rita Duraõ.

Em

Em obſequio dos felices Annos da Sereniſſima Senhora Princeza do Brazil, e Duqueza de Bragança.

SONETOS.

QUe tranſportes de goſto, e de triſteza
Diviſo hoje na Gente Luſitana!
Ella ſe quer moſtrar alegre, humana,
Quer em tudo oſtentar ſer Portugueza:

Os voſſos Annos ſaõ, Regia Princeza,
Quem nos enche de gloria ſoberana:
Dos noſſos coraçõés hoje dimana
Hum culto reverente a voſſa Alteza:

Eſte o noſſo prazer, eſta a alegria,
Que a todo o Portugal enche de goſto,
Suſpirando goſtoſo por tal Dia:

Succede a eſte prazer grande deſgoſto,
Grande mágoa, affliçaõ, grande agonia,
Naõ ver do noſſo Rei ſeu bello roſto.

SONETO.

Ditoſo Portugal, ditoſa Gente,
A mais feliz, que o Sol cobre no Mundo,
No amor aos voſſos Reis ſois ſem ſegundo,
E para os louvar ſois ſempre eloquente:

De louros vós cingís a Regia frente
Com reſpeito maior, e mais profundo:
Acções naõ contarei, pois me confundo,
Quando vejo, as que obraſtes no Oriente:

Porém ſó vos direi, que neſte Dia
Deve exiſtir em vós novo prazer,
Em applauſo da noſſa Monarquia:

Vendo a noſſa Princeza renaſcer,
Gloria de Portugal, noſſa alegria;
Que applauſos lhe deveis todos render?

SO-

SONETO.

MUſas, hoje que vindes ao Parnaſo,
Taõ alegres, contentes, taõ goſtoſas,
Dizei-me, eſtas Boninas, eſtas Roſas,
Que alli vindes colher, he por acaſo?

Se algum novo prazer, ou novo caſo
Taõ riſonhas vos faz, taõ carinhoſas;
Dizei-mo, qual ſerá? Muſas ditoſas,
Porque eu pelo ſaber todo me abraſo?

Sabei, Povo fiel, e Povo amado,
Que eſte Dia entre os voſſos Luſitanos
He, e ha de ſer ſempre decantado:

Erguei as mãos aos Ceos pios, ſoberanos,
Por ver Dia taõ fauſto, e deſejado,
Em que a noſſa Princeza hoje faz Annos.

EPIGRAMMA ACROSTICO.

Portugal novamente he reſtaurado,

Renaſcendo-nos Vós, Regia Princeza,

Já tem elle penhor antecipado,

Na vida, e ſucceſſaõ de Voſſa Alteza.

Conſerve-vos o Ceo com Voſſo Amado,

E toda a Real Caſa Portugueza;

Nombaremos das furias de Mavorte,

Até faremos cara á meſma morte.

Diſſe

O Doutor Luiz de Santa Maria Gonçalves.

Feſ-

Feſtejando a egregia Academia dos Academicos Obſequioſos as plauſiveis melhorias do Fideliſſimo Senhor Rei, D. PEDRO III.

SONETO.

ATrevida, inſolente, aſtuta Parca;
Animoſa, incivil enfermidade;
Que loucura vos move á atrocidade
De attentar contra o Juſto, e Bom Monarca!

Cada huma de Vós, á Eſtygia Barca
Volte logo, e naõ tenha a liberdade
De tornar a Quéluz, na realidade
De PEDRO Eſcurial, ou deſſa marca.

Se he do grande poder firme preceito,
Que huma de Vós a hum ſó cauſe abalos;
De balde accommetteis del-Rei o peito.

Ouvi os meus dictames. (E abraça-los)
Tributai ao Auguſto alto reſpeito;
Que tantas vidas tem, quantos Vaſſallos.

O Bacharel Antonio Moreira Pegas.

Ao

Ao aſſumpto que propõem a Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora, adornada de todas as moraes virtudes, exercitando em ſummo grão a da piedade, ſem faltar á juſtiça.

SONETO.

SE pergunto aos Juriſtas, qual a empreza,
Qual da Juſtiça ſeja o inſtituto?
Que he obrar (lhe daõ por attributo)
Com conſtancia inflexivel, e inteireza.

Qual ſeja da Piedade a natureza,
O empenho, o timbre, o ſanto fruto?
O Theologo nos diz, que he producto
Da ſuave Virtude, ſem aſpreza.

He logo fortemente incompativel
A Piedade, e o Rigor; que de ordinario
Tem diſcordia entre ſi quaſi indizivel:

Mas, oh Moral d'Auguſta em gráo primario;
Que o que a todos os mais he impoſſivel,
A concordia o reduz, ſendo contrario!

Do meſmo Author.

PA-

PANEGYRICO,

QUE

A' MUITO ALTA, MUITO PODEROSA

RAINHA NOSSA SENHORA,

A SENHORA

D. MARIANNA VICTORIA,

CONSAGRA

NO DIA FELICISSIMO DOS SEUS ANNOS

O CAPITAÕ

JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR,

Bacharel formado pela Univerſidade de Coimbra nos Sagrados Canones, Academico da nova Academia dos Obſequioſos, eſtabelecida em ſua Caſa,

DE QUE HE PROTECTOR

O FIDELISSIMO, E INCOMPARAVEL REI,

O SENHOR

D. PEDRO III.

E MAIS PESSOAS REAES.

VIVE DIU, REGINA, PARENS SIMUL OPTIMA REGUM,
TE VIRTUTE NOTANT MULTIPLICANDO DIES!

SONETO.

QUAL o trémulo eſpelho em maõ traveſſa,
Que manda aqui, e alli raio inconſtante,
Tal anda o meu diſcurſo vacillante,
Quando a louvar taõ altos Reis começa.

No meio de mil honras ſe arremeſſa;
Agora agradecido, agora amante;
E, de favores cheio a cada inſtante,
Naõ ſabe qual primeiro lhe agradeça:

Inda aſſim indeciſo, eu ſou contente;
Que a meſma turbaçaõ, em tanto objecto,
Acredita o meu animo innocente:

Val mais, que hum bom diſcurſo, hum puro affecto;
E he para taes Reis mais competente
Hum voto amante, que hum louvor diſcreto.

O D E

OH como tranſportada
De innocente prazer minha alma vejo!
Como a voz arrancada
Do coraçaõ, detem do claro Téjo
As aguas tranſparentes!
Cantai comigo, Luſitanas gentes.

Cantai hymnos ſonoros,
Que ſobre as creſpas ondas do Guadiana
Em concertados córos
O Nome, o Amavel Nome de MARIANNA
Levem ao Throno Auguſto
Do Rei, que he ſem igual, do Rei mais juſto.

De Borbon digno ramo,
Coroado de frutos ſazonados,
Eu, mais que todos, te amo,
Contemplando teus dotes ſublimados,
Teus dotes, que guarnecem
A grinalda que as Muſas te offerecem.

Modeſta, Generoſa,
Amadora da candida verdade,
Tu da Inveja orgulhoſa
Suffocas a proterva liberdade,
Fazendo que emmudeça,
Porque a Virtude ſem eſtorvos creſça.

Quem a maõ dá benigna
Ao deſvalido, que gemendo chora
Debaixo da maligna
Perſeguiçaõ, que quaſi que o devora
Como ávida fera,
Tornando o rijo bronze em branda cera.

Eu poſſo publicallo,
Sou prova inconteſtavel do que digo
Com a experiencia fallo:
O placido deſcanço, que comſigo,
Benefica MARIANNA,
Tu es a fonte, de que me dimana.

Ah

Ah queira o Ceo piedoſo,
O Ceo ſe attende ás minhas juſtas preces,
Fazer-me mais ditoſo,
Dando-te a larga vida que mereces!
Os póvos Luſitanos
Nunca verão o termo dos teus annos.

Em tôrno rodeada
Das filhas, e dos netos, de que goſto
Te não verás banhada,
Que de teu peito voará a teu roſto:
Nós veremos cumpridos
Deſejos, na noſſa alma concebidos.

SONETO.

O Bronze, o Cedro, o Porfido, o Diamante
Geroglificos ſaõ da eternidade;
Mas ſujeitos á vil fragilidade
Os vemos caducar a todo o inſtante:

Tudo atropela, que ſe põem diante,
Do tempo as rodas, o poder da idade:
Mas a Fama, a Virtude, a Heroicidade,
Naõ ha, para as vencer, força baſtante.

Soberana Rainha, o Mundo inteiro
He da fragil materia dos humanos,
E ha de acabar tambem por derradeiro

Naõ aſſim voſſos dotes ſoberanos;
Que haõ de acabar os ſeculos primeiro,
Do que acabem, Senhora, os voſſos annos.

SE-

SENHORA.

A Trémula voz, talvez cançada, e opprimida com o pezo dos trabalhos, que me cercaõ, ouſa levantar-ſe agora, animada do eſpirito da minha gratidaõ, ao Throno, que Voſſa Mageſtade dignamente occupa. Encorporando-me com aquelles fiéis Portuguezes, que amaõ a Virtude bella, eu quero dar a Voſſa Mageſtade, no dia feliciſſimo dos ſeus annos, ſem que contemple a minha inhabilidade, candidas provas do meu reconhecimento. Voſſa Mageſtade naõ avalia pela precioſidade os cultos: attende unicamente ao animo puro de quem os conſagra. He o que me baſta para ſatisfaçaõ minha.

Por ventura ſeria eu de indole taõ groſſeira, que pelo medo de que me notaſſem de atrevido, deixaſſe

de

de eſpalhar por toda a parte a minha alegria, lembrando-me das diſtinctas honras, de que ſou público devedor a Voſſa Mageſtade? Eu ſeria taõ acanhado, que me naõ pozeſſe em campo para fazer manifeſto o meu agradecimento, ſó porque a natureza me naõ dotou daquelles dons, que coſtuma eſpalhar ſobre certos genios felizes, que ainda as pedras de menos eſtima, trocaõ na ſua maõ em diamantes precioſos?

Naõ, Senhora, naõ. Ainda por vaidade eu devia, remontando-me ſobre a minha natural fraqueza, patentear a todos que a Incomparavel D. MARIANNA VICTORIA, honra de Heſpanha, que lhe deu o berço, Gloria de Portugal, que lhe deu o Throno, toma por ſua conta alçar-me como rude vapor á eſfera dilatada das ſuas honras, entornando com generoſa prodigalidade ſobre mim as ſuas graças.

Que theatro para o meu juſto deſvanecimento, que larga materia para ſe cevar a inveja dos meus inimigos! A digna Eſpoſa do Rei mais amavel, que ſe ſentou no Luſo Solio, cujo nome eu naõ articúlo por naõ renovar a chaga, que nos noſſos corações tem aberto a ſaudade, encher-me dos ſeus beneficios, attender-me (eu hei de dizello) amar-me naõ ſó nas demonſtrações públicas, que me faz, que eu prézo mais que a minha vida, mas particularmente! Que peito ha de tempera taõ dura, que naõ ſeja ſenſivel a honras taõ grandes?

Eu naõ ſou da infame raça dos ingratos. Por edu-

educaçaõ, e ainda por ſangue, eu devo ceder a taõ vantajoſas mercês, a minha lingua teſtemunhará a minha fidelidade. De huma a outra eſfera eu farei ſoar, ſe preciſo for, as adoraveis qualidades de Voſſa Mageſtade; pois envolvido no vaſto aſſumpto das Soberanas virtudes, de que Voſſa Mageſtade eſmalta a Coroa, que cinge, que naõ direi da ſua benevolencia, exercitada comigo, exercitada com todos?

V. Mageſtade naõ ſe céga com o ſrôxo, e falſo reſplendor de huma luz apparente. Ainda que rodeada dos Grandes, que lhe fazem a Corte, olhando para o reſto dos homens, como para hum turbilhaõ de victimas que ſe lhe dedicaõ, humas por amor, outras por dependencia, placidamente repouſando nos braços da Fortuna, que naõ ſei ſe a ſerve, ſe a acompanha, conhece que he pela humanidade, que ſe fará mais célebre, com que affabilidade naõ ouve a quem procura na ſua protecçaõ o ſeu remedio! Com que compaixaõ naõ ſubléva a neceſſidade daquelles, que, deſprovidos de ſufficientes meios, naõ tem com que matem a fome, nem com que cubraõ a deſnudez! Lisboa ſatisfeita de o teſtemunhar, deixa a Madrid o empenho de confirmar o que digo pela ſua experiencia. Eu, eu meſmo, ſobre quem muitas vezes tem cahido como orvalho do Ceo o favor de Voſſa Mageſtade, o vi.

Que naõ direi da ſua inteireza! Voſſa Mageſtade naõ ſe corrompe com o fumo da liſonja. A unica verdade, que Voſſa Mageſtade naõ goſta de ouvir, he

hum louvor ſeu. Animos dobrados, roſtos fingidos, diſcurſos que forma a adulaçaõ, condeſcendencias ſuperſticioſas, e affectadas, eis-aqui no conceito de Voſſa Mageſtade a peſte das Monarquias. Quer mais attender a quem a deſengana, que a quem a illude. Os homens, que eſtima mais, ſaõ os mais ſinceros. Felices os Eſtados, ſe eſtas foſſem as maximas de todos os independentes Arbitros, que os governaõ! As Coroas naõ ſeriaõ taõ pezadas. Todos os Reis ſeriaõ taõ amados, como Voſſa Mageſtade.

Que naõ direi . . . mas eu eſtou chamando o ſangue ás bellas faces de Voſſa Mageſtade. A rara modeſtia de Voſſa Mageſtade, eu a eſtou conſternando. Todavia eu naõ poſſo refuſar o elogio, que agora conſagro a Voſſa Mageſtade; até a Voſſa Mageſtade ha de ſer agradavel. A precioſidade do fruto he argumento da bondade da arvore, que o cria. Vis arbuſtos nunca produziraõ ſazonados pomos. Quem naõ admira os dotes admiraveis, de que apparece enrequecida ſempre a noſſa Auguſta Soberana, que o Bom Deos nos conſerve ao lado do ſeu adoradiſſimo Conſorte?

Se a Paz eſtá agora reciprocamente enlaçada com a Juſtiça: ſe os bons ſe premeiaõ: ſe naõ gememos debaixo do pezo das calamidades: ſe todos trazemos pintada no noſſo roſto a ſerenidade dos noſſos animos vivendo ſatisfeitos, e deſcançados no regaço das noſſas familias: ſe trabalhaõ todos para ſe habilitarem, fazendo com o ſeu diſtincto merecimento lugar ao exito

to feliz das ſuas pertenções: naõ he de tudo devido á maravilhoſa educaçaõ, que Voſſa Mageſtade deu a huma filha deſtinada deſde os Conſelhos eternos para ſer a Succeſſora do I. Joſé? A huma Princeza taõ bella como diſcreta, eſcolhida para fazer a completa felicidade de hum Principe, que he a Imagem dos Soberanos Pais, que o geráraõ! A huma Infante, que une amigavelmente aquelles dotes, que baſtaõ para fazer admiravel o ſeu ſéxo: Sábia ſem vaidade, Religioſa ſem ſuperſtiçaõ, eu hei de dizer tudo, huma perfeita Heroina, inſeparavel ſempre de Voſſa Mageſtade, naõ ſe deve tudo áquella educaçaõ que he a fonte de huma corrente taõ caudaloſa de ſublimes inclinações, como nós eſtamos teſtemunhando em todos os netos de Voſſa Mageſtade, começando como aguias dos ninhos a avezarem os olhos para regiſtrarem os raios do Sol! Enchendo-nos das ſolidas eſperanças de que deſempenharáõ nos nomes, e nas virtudes os exemplos de ſeus Anguſtos Avós!

Só por eſta circumſtancia merecia Voſſa Mageſtade que todos, reciprocando ſe os noſſos affectos, lhe levantaſſemos no Templo da Immortalidade ao lado das famoſas Heroinas, que immortalizáraõ a gloria do ſeu ſéxo, huma eſtatua, que o tempo, por mais que volveſſe a curva, e rápida roda dos annos, nunca deſtruir podeſſe.

Ao menos, eu como taõ obrigado a Voſſa Mageſtade, já mais ceſſarei de cantar hymnos ao unico

Dador dos noſſos bens , para que dilate a incomparavel vida de Voſſa Mageſtade na ditoſa companhia dos noſſos Grandes Soberanos , dos noſſos Principes , de toda a Real Caſa , gravando com pedra branca , naõ em rijos marmores, mas nos noſſos corações, o Nome, o precioſo Nome de Voſſa Mageſtade. Só aſſim darei alguma idéa , ainda que muito incompleta, do meu animo: ſó aſſim he que me diſporei para me fazer capaz dos vantajoſos favores , que Voſſa Mageſtade publíca, e particularmente me liberaliza.

Diſſe.

Aos Felicíſſimos Annos da Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora D. MARIANNA VICTORIA.

SONETO.

Falla a Fideliſſima Rainha Noſſa Senhora com a ſua Auguſta Mãi.

NAquelle Regio Sangue, e alta Nobreza
Que em mim, Filha ditoſa, produziſtes,
Novo ſer, nova vida me infundiſtes
Por arte naõ, mas ſim por natureza.

Taõ nobres perfeiçõeſ, tanta Grandeza
Em eſte Sangue, e Ser me conferiſtes
Que no Regio eſplendor, que me adquiriſtes
Sendo tanta, a menor he a belleza.

O dia que tambem vós poſſuindo
O ſangue que me eſtá hoje animando
A' memoria aqui eſtamos referindo:

Oh ſe eſte dia mais que hides contando,
Se como em mim ſe vai reproduzindo,
Se foſſe em vós tambem eternizando!

De Fr. Manoel da Ave Maria, Religioſo Pauliſta.

SO-

SONETO.

TU, Virtuoſo Rei, tu PEDRO o juſto,
Tu és ſómente aquelle que podia
Dar principio á muralha, onde ſe havia
Fazer a guerra ao inimigo injuſto:

Quem, ſe naõ tu, TERCEIRO PEDRO Auguſto,
A pedra no alicerſe lançaria;
Se eſſa grande obra, que ſe principia,
Tem por baſe a Virtude a todo o cuſto:

A Providencia quer, que em ti ſe veja
O que Chriſto diſpôz no ſeu Imperio,
Quando fundou a Militante Igreja:

Tu és PEDRO, e no meſmo miniſterio
Faz que outra vez em ti fundada ſeja,
Guardada a differença do Myſterio.

De Antonio de Amorim.

PRO-

PROBLEMA

PROPOSTO AOS ACADEMICOS

DA ACADEMIA DE SACAVEM,

POR OCCASIAÕ, E EM APPLAUSO

DA FAUSTISSIMA CHEGADA

DA AUGUSTISSIMA RAINHA,

D. MARIANNA VICTORIA,

DE HESPANHA A ESTES REINOS:

Qual ſeja mais intenſa: na Côrte de Heſpanha a ſaudade pela auſencia da Auguſtiſſima Rainha: ou na Côrte de Portugal a alegria pela ſua ſuſpirada preſença?

DEFENDEO A SEGUNDA PARTE SEU MAIS FIEL VASSALLO

D. JOAÕ MANOEL DE NORONHA.

Em 18 de Abril do Anno de 1779.

SApientiſſimos, e amados Socios, mais quizera eu propor-vos, do que decidir-vos o Problema, que o voſſo diſcreto engenho confion da tenuidade do meu juizo. Mandais-me, que vos diga, qual ſeja mais intenſa: na Côrte de Heſpanha a ſaudade pela auſencia da Auguſtiſſima Rainha D. MARIANNA VICTORIA, que o Ceo nos conſerve; ou na Côrte de Portugal a alegria pela ſua ſuſpirada preſença? E eu a pezar do meu deſejo confeſſo, ingenuamente confeſſo, que naõ me atrevo a ſer Juiz neſta cauſa, naõ porque eu naõ ſaiba interpretar os voſſos corações neſta parte: eu os regulo pelo meu, e em mim meſmo aprendo a julgar, quanto vós vos alegrais com a fauſtiſſima chegada da noſſa Auguſta a eſtes Reinos. Ainda aſſim, Senhores, eu neceſſito de deſpir-me de todas as ſombras dos reſpeitos, e de reveſtir-me de fortaleza para reſiſtir a todos os impulſos dos temores. Vós ſabeis o grande theatro, em que eu entro. E que dois partidos taõ fortes vejo eu oppoſtos, pertendendo cada hum para ſi a primazia, a gloria, a palma! De huma parte huma Côrte Nacional ſentindo-ſe hir deſalentando-ſe ao meſmo paſſo, que via apartar de ſi huma Rainha, que com hum anno de preſença lhe tinha ſupprido muitos annos de auſencia: por outra parte huma Côrte, eſtranha ſim pelo berço, mas propria pelo Thalamo, e pelo Throno, começando a enxugar as lagrimas, e a reſpirar deſde o fundo das amarguras em que a tinha

ſepultado a ſua juſtiſſima ſaudade ao meſmo paſſo, em que ella via avizinhar-ſe-lhe a ſua deſejada Soberana.

A' viſta deſtes dois partidos taõ poderoſos, taõ reſpeitaveis, quem naõ ficará vacillante? E quem ſou eu, que poſſa preferir hum ao outro? Que dirá Heſpanha, ſe me ouvir, que Portugal eſtima em mais a reſtauraçaõ da ſua ſuſpirada Rainha, do que ella ſente o ſeu apartamento? Que dirá Portugal, que direis vós, Senhores, ſe me ouvires, que Heſpanha excede com o ſeu ſentimento ao noſſo goſto? Eu naõ poſſo dar a primazia a hum dos Partidos, ſem que offenda, ſem que deſgoſte o outro. Se eu neſte ponto ſeguir as partes de Portugal, queixar-ſe-ha de mim Heſpanha, porque diminuo a ſua pena: ſe eu ſeguir as de Heſpanha, accuſar-me-ha Portugal, porque diminuo o ſeu contentamento. Porém eu quero fechar os olhos a todos os humanos reſpeitos. Valha ſómente a razaõ; valha a verdade: naõ valha a condeſcendencia: naõ valha o temor longe de mim toda a torpe liſonja. Seja imparcial a balança de Aſtréa, ſeja inflexivel, ſeja recta a Vara de Minos. Naõ conſultemos por ora a vontade: ſuſpendamos por hum pouco os naturaes impulſos do amor: conſulte-ſe unicamente o Juizo. Deos Bom! Quem póde deſigualar os affectos, ſendo igual, antes ſendo a meſma a materia? Eu, Senhores, naõ acho diſtinçaõ em quanto perde Heſpanha, em quanto lucra Portugal. Huma, e outra Côrte ſóbe diverſas fortalezas: huma ſe vê pobre, a outra rica: e o meſmo

the-

theſouro que enriquece a huma, he a cauſa, por que empobrece a outra. Hum meſmo he o objecto da pena, e do goſto de hum, e outro Eſtado: eu naõ poſſo conſiderar hum ſentido, ſem que conſidere o outro alegre. Perde Heſpanha huma Rainha, que por eſpaço de hum anno a foi fazer feliz com a ſua aſſiſtencia: quanto deve ella ſentir eſta perda! Poſſue Portugal eſſa meſma Rainha, que por eſpaço de hum anno puzera em prova o ſeu amor, e a ſua ſaudade, com a triſte, com a penoſa falta da ſua viſta: quanto deve elle eſtimar eſta poſſe! Poſſe de hum bem taõ grande, que naõ póde trazer a huma Côrte o goſto com a ſua viſta, ſem que deixe á outra o pezar com a ſua auſencia. Dizei-me vós agora: eu conſulto o voſſo juizo: e eu tenho todos os motivos para conſultallo: Se eu ſei, que o objecto da pena de huma Côrte he o meſmo do goſto da outra, eu que farei, Senhores? Quereis vós, que eu ſeja injurioſo ao amor dos Heſpanhóes, naõ ſuppondo exceſſiva a ſua mágoa? Conſentireis vós, em que eu ſeja injurioſo ao amor dos Portuguezes, naõ ſuppondo, que he exceſſiva a ſua alegria? Eis-aqui a perplexidade, em que me vejo: eis-aqui os criticos apertos, a que me reduz o voſſo perceito: eu comparo a poſſe de hum bem com a ſua falta: e podeis vós entender, que a ſua falta he menos ſenſivel, do que he goſtoſa a ſua poſſe?

Com tudo, Senhores, eu naõ me eſqueço, de que me obriguei a moſtrar-vos, que a alegria dos Por-

tugnezes pela reſtauraçaõ da noſſa Auguſta a eſtes Reinos excede á ſaudade dos Heſpanhóes pela ſua falta. Quero agora dar-vos teſtemunho de que ſou fiel : e para iſto eu peço licença a Heſpanha para deſcobrir na ſua meſma ſaudade as razões, que podem determinarme a dar a primazia ao noſſo goſto. Eu convenho, oh Heſpanha ! em que tu ſentes inexplicavelmente a auſencia da noſſa Amabiliſſima Rainha: eu te quero fazer eſta juſtiça ; pois principalmente quero fazella ás ſuas Reaes qualidades, e ao ſeu alto merecimento. Sim, tu experimentaſtes, quanto era eſtimavel a preſença da noſſa Fideliſſima Soberana, e deſſa meſma experiencia tu collegiſte logo, quanto havias de ſentir a ſua falta. Huma Rainha cheia de virtudes foi, a que infundio hum indizivel contentamento nos corações de todos os teus Nacionaes : e eſſe meſmo contentamento foi, o que logo te notificou para chorares a ſua falta com hum pranto correſpondente : tu de quanto te alegraſte, aprendeſte, quanto havias de ſentir-te: tu deſde entaõ começaſte a enſaiar-te para a tua dor, á viſta do modelo, que te propunha a tua alegria : tu deſde logo principiaſte a preparar te para ſentir a auſencia da Soberana, com huma mágoa proporcionada ao conhecimento, que pudeſte alcançar de ſuas virtudes. Porém tu (perdôa-me, oh Heſpanha! a viveza do teu engenho) tu naõ conheceſte, nem obſervaſte todas; porque ſaõ muitas, porque ſaõ grandes. A ſua indagaçaõ naõ coube no tempo, em que ahi ſe demorou a noſſa Fideliſſima.

ma. Hum anno foi grande eſpaço para o noſſo tormento: porém elle foi muito limitado para a tua obſervaçaõ: tanta Mageſtade, tanta grandeza, tantos dotes do Eſpirito, e do coraçaõ, tantas qualidades merecedoras de huma particulariſſima attençaõ, ah! tu naõ podias ver tudo iſto em taõ pequeno prazo. Naõ, Heſpanha, (confeſſa a verdade tambem para gloria tua, e fallemos todos ſem paixaõ) naõ, hum anno naõ podia ſer-te baſtante para examinar as bellas qualidades de huma Rainha, que he o modelo das Princezas, e que ſempre cuidou em fazer-ſe exemplar das Soberanas para todos os ſeculos.

Tu apenas pudeſte obſervar com hum rapido, com hum paſſageiro golpe de viſta, hum Ceo povoado de Eſtrellas, ſem que o teu aſſombro te déſſe vagar para numerares a ſua multidaõ, para examinares os ſeus reſplendores. Tu apenas pudeſte ver hum Jardim formoſiſſimo juncado de flores, ſem que a tua admiraçaõ te déſſe lugar para contares individualmente as ſuas muitas perfeiçõeſ. Tu, quando muito ſó pudeſte ver huma joia preciosiſſima guarnecida de pedras riquiſſimas, ſem que ao teu alvoroço reſtaſſe tempo para averiguares miudamente o ſeu numero, os ſeus fundos, os ſeus quilates, o ſeu valor. Nós ſim, nós os Feliciſſimos Portuguezes temos mais conhecimento (naõ todo: naõ temos tanta perſpicaeia; porém mais, do que tu) das Regias perfeiçõeſ da noſſa Fideliſſima Rainha. Nós temos tido a ventura de obſervar de mais perto por

mais

mais tempo a grandeza do ſeu coraçaõ, a da ſua alma. A piedade da noſſa Auguſta (dizei vós, oh affortunados Portuguezes) dizei: a ſua ternura para com Deos, a ſua caridade, a ſua compaixaõ para com os miſeraveis, a ſua prudencia nas repetidas occaſiões, em que ſubſtituindo o lugar do Regio Conſorte ſobio ao ſeu Solio; e deſde alli, como de hum mar vaſto, fez dimanar por todo o Campo Luſitano copioſos Rios de Juſtiça, e rectidaõ. O ſeu zelo, o ſeu cuidado, o ſeu inſatigavel eſtudo na ſanta, na exemplariſſima educaçaõ das ſuas Regias Succeſſões; eſtudo taõ proveitoſo, que nos grangeou huma Rainha digna, de que tenhamos pela noſſa felicidade ſermos dominados por ella: humas Princezas dignas da admiraçaõ, e do applauſo de toda a noſſa Naçaõ; digniſſimas da inveja de todas as eſtranhas: tudo iſto, Senhores, por ventura naõ foi hum vaſto, hum plauſivel Mappa, em que ſe tem empregado por dilatados annos os noſſos olhos com goſto, com alvoroço, e com paſmo?

Foi fim, oh Heſpanha! foi fortuna, de que tu cedeſte, e que o Ceo nos concedeo, a preſença, a aſſiſtencia, o domicilio da noſſa Auguſta nos noſſos Paizes. O Grande, o Benigno Deos a deſtinou para fazer-nos ditoſos com a eſtimabiliſſima preſença da ſua Real Peſſoa. Elle por grande gloria noſſa quiz dar-nos a conhecer na noſſa Soberana huma obra propria das ſuas maõs. Para nós eſtava reſervado eſte Dom do Author de todos, em que nós conheceſſemos as muitas,

as

as ſingulares perfeições, que elle póde ajuntar em huma creatura quando determina dalla ás mais por eſpelho, e por modelo: e como eſte conhecimento dependia de tempo dilatado (pois que o pouco naõ baſtava para comprehender tanta grandeza) elle nos tem feito ver em muitos annos iſto, que ſó em muitos nós poderiamos obſervar (queira o meſmo Deos liberal conſervar por muitos mais a noſſa Auguſta, pois que todos nos ſeraõ neceſſarios para acabarmos de formar a cabal idéa de ſuas virtudes.) Tu, oh Heſpanha! naõ podes a pezar teu, tu naõ podes negar-nos eſtas vantagens. Foi fortuna noſſa: nós a experimentamos: ella he patente: tu deves confeſſalla, ainda que te cuſte: de todo o modo, vê, que nós te excedemos neſta parte. Nós ſim (naõ nos contradigas: vence-te a ti meſma: ganha de ti eſte triunfo: confeſſa a verdade) nós conhecemos muito mais, muito melhor, do que tu, as Reaes perfeições da noſſa Rainha: nós por grande ventura noſſa temos tido mais tempo de obſervallas: e agora á viſta deſte exceſſo vê tu meſma, como poderás perſuadir ao mundo, a hum mundo certo da noſſa vantagem, que he maior em ti a ſaudade pela perda da noſſa Soberana, do que em nós a alegria pela ſua ſuſpirada preſença.

O goſto pela poſſe do bem, que ſe logra, e a ſaudade pela falta do bem, que ſe perde, he á proporçaõ do conhecimento que delle ſe tem. Eu por mim, eu ingenuamente confeſſo, que quanto mais conheço o bem,

bem; que perdi, mais ſinto o bem, que me falta: eu meſmo quanto mais conheço o bem, de que goſo, mais eſtimo o bem, que poſſuo. Ora tu conheceſte menos: contenta-te com que eu diga, que ſentes, quanto chegaſte a conhecer: ninguem te pedia mais: ninguem eſperava mais de ti. Nós certamente conhecemos mais: que reſta? He neceſſario, que convenhas em que eu diga, que nós goſtamos muito mais, do que tu ſentes; porque aſſim como te faço juſtiça igualando á tua intelligencia a tua mágoa, aſſim he devido, que a faça a nós igualando á noſſa comprehenſaõ o noſſo goſto.

Accreſcenta tu agora a eſta noſſa ſingular vantagem, que tu nos déſte a Auguſtiſſima Rainha, que faz o plauſivel objecto deſte delicadiſſimo Problema. Naõ ſei, como tu cedeſte de tanta gloria, de tanta grandeza, de tanta precioſidade, de tanta materia para te reputares por feliz: mas em fim cedeſte: era tua: tanta era a tua riqueza, a tua ſorte: porém tu a déſte a Portugal, e ella deixou de ſer tua huma vez, que começou a ſer noſſa. Eſſe anno, em que tu gozaſte da delicioſa preſença da noſſa Rainha, cuidas tu, que foi mais do que repartir comtigo da noſſa felicidade? Iſſo em nós foi huma eſpecie de equidade, que praticámos comtigo em agradecimento, em attençaõ á generoſidade com que tu cedeſte de hum bem taõ grande para noſſa fortuna: iſſo em nós foi condeſcendencia, foi empreſtimo, foi depoſito, foi huma paſſageira oſtentaçaõ das noſſas felicidades. Os noſſos olhos cá de longe

pa-

parece , que naõ podiaõ perder de vista hum objecto taõ grande: hum thesouro taõ rico. Quanto elle andava sempre presente á nossa lembrança ! Quanto era o nosso cuidado ! Quanto estimavamos nós as repetidas, as contínuas noticias , que solicitavamos da sua saude ! Quanto choravamos ! Quanto sentiamos as das suas molestias ! Com que clamores naõ feriamos nós os nossos corações! Com que gemidos naõ batiamos nós ás portas do Ceo ! Quantos eraõ os nossos votos pelas suas melhorias ! Tudo isto, oh Hespanha, que te dava a entender , senaõ , que nós naõ cediamos do precioso bem, de que tu cedeste ? E que o zelavamos, como nosso? E que o adoravamos cá delonge, como prenda, que tu nos déste, e de que naõ abandonavamos , nem podiamos abandonar a posse? E podes tu sentir mais a perda do que naõ he teu , do que nós podemos alegrar-nos com a posse do que he nosso ? Ora eu mesmo, que ao principio me achava perplexo, e duvidoso , eu mesmo agora te provoco. Decide tu : dize á vista destas circumstancias, que me ouves, dize quem tem mais razaõ: tu para sentires a perda de huma Rainha, que naõ pudeste conhecer perfeitamente , e que ainda que pudesses, sabias, que naõ era tua ; ou nós para estimarmos a feliz chegada de huma Rainha , que sempre avivou, que cada vez aviva mais em nós o conhecimento dos seus Reaes dotes; e que depois que tu no-la déste, he toda nossa?

Da-nos a primazia: da-nos esta gloria : e troca

para conſolaçaõ da parte de pena , que te toca pela falta do bem , que perdeſte , troca a tua ſaudade no goſto de reteres por hum anno nos teus feliciſſimos Eſtados huma Rainha taõ grande , que nem ainda tu foſte capaz de comprehender as ſuas Reaes qualidades , para ſaberes depois ſentir completamente a ſua perda. E ſe eſta razaõ naõ te baſta , torna a convidar o teu goſto com a conſideraçaõ , de que deve ſer para ti huma grande materia da tua ſatisfaçaõ , teres reſtituido o que naõ era teu , e por que nós anciosamente ſuſpiravamos , como eu por concluſaõ do meu Problema te proponho menos mal por outro metro.

He

He maior a alegria de Portugal, do que o ſentimento de Heſpanha, como moſtra a ſeguinte

DECIMA.

CHora por noſſa Soberana
Tantas lagrimas Caſtella,
Q'os prantos, que correm della,
Tem feito outro Guadiana:
Mas da gente Luſitana
Hum mar de gozo procede:
E ſ'a idéa os pégos mede,
Julga, que o Rio choroſo
Tanto cede ao mar gozoſo,
Quanto hum Mar a hum Rio excede.

He maior, porque conhece mais, diz a ſeguinte

OITAVA.

SE tu ſentes, Hiberia, o apartamento
D'huma Auguſta, que volta ao proprio poſto,
Julga tu do teu meſmo ſentimento,
Quanto he maior, do que elle, o noſſo goſto:
Se do bem o maior conhecimento
Deixa o peito ás paixões mais bem diſpoſto,
Nós temos da Rainha mais conceito,
Por iſſo o goſto em nós faz maior effeito.

He

He maior, porque recebemos o que he noſſo, diz o ſeguinte

SONETO.

EU te julgo, oh Heſpanha, deſgraçada,
Quando tu nos ſuppões mais venturoſos:
E d'eſtares tu triſte, e nós goſtoſos,
Hum meſmo he o motivo: huma jornada.

Huma Auguſta de ti a nós voltada
A ti faz infeliz; a nós ditoſos:
E para nos fazer taõ glorioſos,
Conſente em te deixar taõ magoada.

Mas nós temos mais jus ás alegrias,
Do que tu tens ás penas; pois nós temos
O noſſo; e tu o alheio poſſuias.

Com goſto aſſim ficar todos podemos:
Tu de reſtituir, o que devias:
Nós de recuperar o que perdemos.

Dizia

D. Joaõ Manoel de Noronha.

PA-

PANEGYRICOS

NO FAUSTISSIMO

DIA DOS ANNOS

DO

SERENISSIMO SENHOR

DOM JOSÉ,

PRINCIPE DO BRAZIL,

QUE COMPOZ, E RECITOU

O CAPITAÕ

JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR,

Bacharel formado pela Universidade de Coimbra nos Sagrados Canones, Academico da Academia dos Obsequiosos, e estabelecida em sua Casa, onde só se applaudem os Annos, e as Virtudes de Suas Magestades Fidelissimas, e Familia Real; e na mesma Academia se acha collocada, como Protectora, a milagrosa Imagem da Senhora da Victoria, e Effigie de ElRei D. Pedro III. nosso Senhor.

CANÇAÕ.

HUM fogo deſuſado,
Vôa de veia em veia
Eu ſinto arrebatado
O coraçaõ que inflamma luz Febea,
Luz que coroa a Luſa Monarquia,
De Gloria, de Reſpeito, e de Alegria.

Das Graças no regaço,
Vem hum Genio voando,
O tranſparente eſpaço,
Do ar com vôo rápido cortando,
Da Fama o Clarim que o mundo atrôa,
De Liſia ſobre os altos montes ſôa.

Joſé, Nome precioſo,
E os éccos liſongeiros
Com eſtrondo vaidoſo,
Pelo empinado cume dos oiteiros,
Vaõ de Joſé o Nome repetindo,
Doce prazer nos peitos diffundindo.

Dos Pais fiel Imagem
A quem todos rendemos
Goſtoſa vaſſallagem,
Como ainda nos tenros annos vemos
Bellas virtudes, que a Coroa eſmaltaõ,
Que muitas vezes aos mais velhos faltaõ.

Prudente, Moderado,
Affavel, Generoſo,
Sabiamente applicado,
Juſtos Ceos, oh que annuncio venturoſo,
De hum Governo pacifico que ſeja,
Naõ ſó util ao Eſtado, util á Igreja!

Fará com que reviva
De antigos Soberanos,
A memoria expreſſiva
De tantas ditas em taõ, em taõ longos annos
Com que dos Portuguezes para gloria,
Reſuſcite immortal noſſa memoria.

Na uniaõ eſtreita,
Da formoſa Conſorte,
O como ſe reſpeita
De hum ſanto Amor em vinculo taõ forte
Grandes vantagens, com que o Luſo Nome
Da frenetica inveja o orgulho dome.

Seraõ noſſas bandeiras
De todas conhecidas,
Regiões Eſtrangeiras,
Ao noſſo agudo ferro ſubmettidas
Vós cantareis com plácida alegria,
Triunfos de Joſé, e de Maria.

Sobre Aurea Carroça
A Deoſa bocas cento,
Ha de levar a noſſa
Felicidade mais velóz que o vento,
De hum Pólo a outro Pólo porque teça
A grinalda que a teſta lhe guarneça.

Curvados de reſpeito,
Porém eu que pertendo
Como a voz que do peito
A ſua origem tem, taõ longe eſtendo
Que os futuros reconditos revelo
Talvez levado de hum heroico Zelo.

Baſta-me para gloria,
Moſtrar-vos em tal dia
Que eu inflammo a memoria,
Com acções de que a noſſa Monarquia,
Colherá brevemente fruto tanto,
Que dos Vindouros ſeja aſſombro, e eſpanto.

O D E.

SObre as candidas azas
Da formoſa virtude hum Nome eu vejo,
Com aureos caracteres entalhado,
Que dos Luſos a gloria, a eſtranhos climas
Leva, engroſſando o brado,
A voadora Deoſa. Oh como inclinaõ,
Debruçando ſe humas ſobre as outras,

Pa-

Para ouvillo a cabeça as Nações todas?
Do Ganges, e do Téjo pela creſpa
Superficie ſoando as acções bellas,
Com que nos tenros Annos
Do grande Pedro o Filho
Lavra a precioſa Eſtatua, que eterniza
Da Bragantina Caſa a honra, e o luſtre:
De flores enfeitando a excelſa Fronte,
Que do Pindo das faldas tem criado
As Caſtas Muſas, como dons devidos
Ao ſeu merecimento: as caſtas Muſas,
Que o berço lhe embalárão, das tres Graças
Na doce companhia,
Do ſeu Natal, no ſuſpirado Dia.
Principe por Deos dado
Ao Portuguez Imperio, quantas vezes,
Os votos reforçando, aos Ceos mandamos
Noſſas ardentes ſúpplicas, envoltas
Nas lagrimas ſincéras, que corriáõ
D'alma arrancadas, pelas noſſas faces.
De pallidêz cobertas,
Fara a dita gozarmos
De vermos propagada a ſerie Auguſta
Dos noſſos Soberanos? De que goſto
Noſſos fiéis corações naõ inundáraõ
Cumpridos ſeus deſejos! Ainda o écco
Dos vivas, que eſpalhamos pela vaſta,

E fluida regiaõ dos ſubtís ares
Parece, que retumba. Ante os altares,
Curvados os joelhos,
Ao unico Dador de bens tamanhos,
Que graças naõ rendemos, poſſuindo
No voſſo appetecido Naſcimento
Hum Principe, que poſſa
Trazer-nos a ventura de contarmos
Entre os Heróes, que a fama immortalizaõ
Da Luſitana Coroa, hum Heróe novo,
Que ſeja, mais que Rei, Pai do ſeu Povo?
Faſtos que de Uliſſéa
Illuſtrais a memoria, hide diſpondo
No volume dos Tempos
O lugar competente, onde ſe exarem
Com altiloquo metro os raros feitos
Do Inclito Joſé! Santas virtudes,
De que eſcudado eſtá, como eſmaltando
Seu animo Real, lhe abris a eſtrada,
Que da immortalidade ao Templo leva,
(Da bella Eſpoſa ao lado,)
O ſeu amavel Nome, que vagando
De eſféra em eſféra vai entre as Eſtrellas,
Como novo Planeta collocar-ſe?
Quem ha que o naõ adore
Como feliz preſagio
De futuras vantagens? Já domando
Rebeldes inimigos, que cortados

De ſeu invicto ferro
Atados gemaõ do ſeu Triunfo ao carro:
Já promovendo as Artes
Com que dos Manoéis, dos Joões, dos Pedros
Os ganhados Dominios
Florentes ſe fizeraõ
Nos Mundos, que ao ſeu braço ſubmettêraõ.
Mas onde me arrebata
A minha fantaſia? De que raios
De Liſia vejo os levantados montes
Coroados agora?
Alma do grande Avô, Alma ditoſa
Como entre reſplendores
Que do enrugado velho a mão pezada
Apagar nunca póde, eu te contemplo!
A commua vereda naõ trilhaſte,
O ſolio fabricando
Dos noſſos corações. Nós ainda temos
Freſca a chaga. Sómente nos conſola
Que hum Neto nos deixaſte, que traslada
Para o ſeu Peito as nobres qualidades,
Com que o jugo da ſordida barbarie
Sacudir nos fizeſtes arrancando
Encarquilhados erros: com os annos
Creſcerá nas virtudes. Teus exemplos
Unidos aos da Mãi incomparavel
Lhe ſervíraõ de guia, quando chegue,

Ro-

Rodeado de filhos
As redeas a tomar da Monarchia
De que he Herdeiro legitimo: enramando
Brilhantes Coroas, com que enlaure a teſta,
(De altos Reis para gloria)
No regaço das Filhas da Memoria.

ORAÇAÕ,

RECITADA NO REAL PALACIO DE QUELUZ.

SERENISSIMO SENHOR.

QUando eu no Dia dos Annos de Voſſa Alteza Real ouio levantar a minha voz para deſaffogar no meu contentamento a minha gratidaõ, ſem que conſulte a debilidade das minhas forças, eu me achò ſuperiormente animado, reflectindo, que para conſeguir o que pertendo me baſta ſer o orgaõ fiel de todos os meus bons Patricios, que inundando de alegria naõ ceſſaõ de dirigir aos Ceos os ſeus votos, como agradecendo-lhes a dadiva que nos fizeraõ, mandando-nos dos theſouros das ſuas antigas miſericordias hum Principe, que émulo das virtudes dos ſeus Auguſtos Pais fará a completa felicidade dos ſeus Vaſſallos.

Pois que naõ devemos nós eſperar, ſe logo dos

feus tenros annos começou Voſſa Alteza a penhorar com as maravilhoſas qualidades de que a natureza, prodigalizando os ſeus encantos, o enriquecêra, digno mais que do Imperio Luſitano, do Mundo todo: trasladando para o ſeu animo todos aquelles precioſos dotes, com que o Ente Supremo, que tem na ſua dextra o Sceptro, e o Coraçaõ dos Reinantes, coſtuma eſmaltar as almas que ſahem da eſféra vulgar das outras almas?

Nem a noſſa expectaçaõ ſe poderá nunca illudir, ſabendo nós que Voſſa Alteza nos foi dado, naõ ſó como preinio das Orações dos ſeus incomparaveis Pais, mas das noſſas lagrimas que correndo perennemente pelas noſſas pállidas, e conſternadas faces, eraõ as armas com que determinavamos inclinar aos noſſos rogos o noſſo Deos, para que nos liberaliſaſſe hum perfeito Succeſſor daquelles Soberanos, que zelando a cauſa da Religiaõ mais que a ſua cauſa, levaráõ a climas, e regiões igualmente barbaras, que remotas com a gloria dos noſſos victorioſos pavilhões a noticia do Chriſtianiſmo, arvorando ſobre as ruinas de eſtragados Pagodes a Cruz do Redemptor, mais Apoſtolos, que Conquiſtadores dos noſſos Planetas que ſubmettêraõ debaixo do ſeu ferro.

Eis-aqui porque quando ſe eſpalhou entre nós o naſcimento de Voſſa Alteza, taõ deſejado, como preciſo nós nos vimos quaſi extaſiados, naõ ſabendo como nos doces tranſportes do noſſo júbilo podeſſemos.

mos manifeſtar o noſſo agradecimento. Curvados os joelhos, e erguidas as mãos, qual no retiro das ſuas Caſas, qual na face dos ſantos Altares, que Hymnos naõ cantavamos ao Todo Poderoſo! O prazer, e a alegria trasbordavaõ dos noſſos peitos nos noſſos roſtos. Huns com os outros pelas ruas nos abraçavamos, perſuadidos de que do tronco naõ degeneraria feiamente o Ramo, que veſtido a tempo opportuno de ſaſonados pomos ſeria a honra, e o eſplendor da Coroa Bragantina, de que Voſſa Alteza he Succeſſor legitimo.

Todos os dias de que ſe tece, e organiza a precioſa Vida de Voſſa Alteza, ſaõ hum apoio ſólido das noſſas concebidas eſperanças. Que vemos nós ſenaõ producções de hum genio feliz, que ſaſonadas já na primeira idade, faraõ depois nos adultos annos a inveja de todos aquelles Principes, a cujos ouvidos chegáraõ os écos das acções, com que do ultimo Occidente eſtá Voſſa Alteza deſempenhando os deveres do Throno, em que a Providencia, amiga do noſſo bem, o collocára? Os Titos, e os Antoninos, ſe reanimadas ás ſuas cinſas pudeſſem tornar ao mundo, como naõ aprenderiaõ de Voſſa Alteza a delicada arte mais que de dilatar os ſeus dominios, de ganhar os corações dos ſeus Vaſſallos, naõ havendo momento, no qual Voſſa Alteza nos naõ cative mais com a affabilidade de que uſa com todos, que tem a honra, e a ventura de o communicarem de mais perto?

Mas eſtes ſaõ os effeitos que produz a educaçaõ.

Do.

Do progreſſo que Voſſa Alteza tem feito debaixo da vigilancia de ſabios Meſtres, que havia reſultar, ſenaõ o que nós eſtamos experimentando? A boa ſemente ſempre que ſe lance em boa terra frutifica, e aquellas vergontas que acertáraõ a ſer cultivadas por hum braço habil, com que brevidade profundando as raizes, naõ ſó ſe enfeitaõ de flores, que com o ſeu cheiro nos liſongeaõ, mas cobrem-ſe de frutos, que nos ſuſtentaõ?

Pois ſe á doutrina dos Preceptores ſe une o exemplo dos Pais, que prodigios naõ vemos? Neſta parte como ſe fecundaria a minha Oraçaõ, ſe podeſſe copiar as virtudes de que as Almas de Suas Mageſtades ſe adornaõ! Que humanidade! Que carinho! Que inteireza de juſtiça! Que zelo de religiaõ! Que magnificencia, naõ entrariaõ a completar o quadro, ſe hum pincel de hum Zeucis entre os antigos, e de hum Rafael, entre os modernos o trataſſe! Nós veriamos, veriamos huns Soberanos, que intereſſando-ſe vivamente pela utilidade dos Póvos, de que ſaõ Chefes, naõ ſe forraõ a trabalhos para os conſervar placidamente deſcançados no regaço de huma paz glorioſa, deixando da ſua piedade indeleveis monumentos, que o tempo por mais que rapidamente volva a roda dos ſeus annos nunca deſtruíra: Nós veriamos ....

Porém para que he demorarmo-nos, querendo comprehender o Oceano no acanhado ambito de huma concha? Naõ baſta que todos fixemos os olhos em

Voſ-

Voſſa Alteza! Nós fomos feitos para a imitaçaõ. Naſcemos com huma inclinaçaõ natural para obrarmos o que vemos fazer aos outros, principalmente ſe tem ſobre nós algum influxo. He indole do noſſo maquiniſmo. Voſſa Alteza he huma copia fiel dos ſeus Auguſtos. Progenitores. Como encherá de admiraçaõ a poſteridade, tranſmittindo aos Seculos vindouros a fama dos ſeus heroicos feitos, amoldando-ſe aos peregrinos originaes, de que deriva toda a gloria da ſua Vida?

Que reſta pois, Senhor, que nós façamos? A gratidaõ, e o amor reciprocamente enlaçando-ſe, que alentos nos naõ daraõ, para que reforçando as noſſas ſúpplicas, naõ ceſſemos de pedir aos Ceos, de quem Voſſa Alteza foi huma dadiva particular, que rodeado de huma prole de Heróes ſeja conſervado na companhia dos noſſos Pais communs, que he o nome, que mais compete á Incomparavel D. Maria I., e ao Juſto D. Pedro III., que a par da ſua bella Eſpoſa conte Voſſa Alteza por Seculos a ſua duraçaõ; em quanto nós affinando as noſſas liras, fazemos ſoar pelos montes de Quéluz, digna habitaçaõ de Caſtas Muſas, os louvores, com que a Deoſa de cem bocas, batendo as tranſparentes azas, levará ás extremidades do Univerſo o Nome, o adoradiſſimo Nome de D. Joſé o II., delicias da Naçaõ Portugueza, honra immortal de huma Coroa que Deos erigio, creou ſobre as deſpedaçadas Luas Mahometanas, para eſtabelecer do Imperio na Terra. Diſſe.

ORA-

ORAÇAÕ GRATULATORIA,

QUE COMPOZ, E RECITOU
O CAPITAÕ
JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR,
NA ACADEMIA DOS OBSEQUIOSOS.

SERENISSIMO SENHOR.

QUando goſtoſamente me ligo á obrigaçaõ de traçar o plano para o Panegyrico de Voſſa Alteza Real no dia dos ſeus tenros, mas ditoſos Annos, eu naõ deixo de conheeer a difficuldade da empreza a que me arrojo. A pobreza do meu talento, a curta, mas precioſa idade de Voſſa Alteza, que eſcaſſos limites naõ põem ao meu diſcurſo para deſaffogar os meus candidos deſejos; naſcidos do amor que lhe conſagro, naõ menos que da vaſſallagem que lhe rendo?

Mas qualquer movimento que eu dê á minha fantaſia, eſtendendo a conſideraçaõ para o futuro, de que brilhantes eſpecies me naõ vejo logo enriquecido para dilatar a minha penna, pelos immenſos eſpaços da imaginaçaõ, figurando a Voſſa Alteza como viçoſo Ramo de Arvores taõ florentes? Principalmente ſe as minhas reflexões cahem ſobre os objectos, a que Voſſa Alteza ſe applica no principio da ſua carreira? Quem já, como Hercules, no berço deſpedaça cobras, que naõ fará depois, quando com mais maduro, e ſazonado raciocinio dirigir, e regular as ſuas acções?

Voſſa Alteza cria-ſe para o Throno. As Maõs de Voſſa Alteza avezaõ-ſe para empunhar o Sceptro dos ſeus grandes Pais. Como frutos da liçaõ que tem, de que importantes conhecimentos ſe naõ adorna, para deſempenho das ſublimes funções a que ſe deſtina? Revolvendo os Faſtos da noſſa Monarchia, de que fogo naõ hirá Voſſa Alteza accendendo o ſeu eſpirito, para trilhar a eſtrada, que os ſeus Regios Aſcendentes lhe franqueáraõ?

A honra, o zelo da gloria de Deos, o bem público, foraõ o alvo a que atiráraõ aquelles famoſos Conquiſtadores, que levando a diverſos Ceos a noticia do nome Portuguez, ſubmettêraõ debaixo do ſeu ferro, eſtranhas, ainda que bellicoſas Nações mais que das perolas do Oriente, das ſuas palmas eſmaltavaõ, e guarneciaõ as ſuas Coroas.

Huma vez que Voſſa Alteza tome as redeas do

Go-

Governo, como trasladará para o ſeu Eſpirito Virtudes taõ raras! Naõ ſó igualando-os, mas excedendo-os, nós veremos reproduzidos nas Acçõcs de Voſſa Alteza a tantos incomparaveis Heróes. Os Affonſos, os Denizes, os Manoeis, os Joõcs . . . . . mas que nomes profiro eu? Baſta que Voſſa Alteza tome por exemplar o V. Auguſto, para que os noſſos deſejos ſe ſatisfaçaõ: para que ſeja huma verdadeira Cópia dos dois amaveis Soberanos, que ſentados no Sólio Luſo, enchendo a vaſta extenſaõ das noſſas eſperanças, ſazem agora toda a noſſa felicidade.

Voſſa Alteza ſabe que a piedade he a ſólida baſe dos Imperios Chriſtaõs. A Hiſtoria do Mundo que provas nos naõ dá? Os Principes mais Religioſos foraõ ſempre os mais felices. Tinhaõ Deos da ſua parte. Eraõ abençoados os ſeus projectos. Nutrido Voſſa Alteza com os exemplos de huns Progenitores Pios, de huns Progenitores, que renunciando a pompa mundana ante os Altares, já mais ſocegaõ com o falſo reſplendor das honras, ſeguindo unicamente os dictames do Evangelho, que tem gravado na ſua Alma, como naõ ſerá Voſſa Alteza as noſſas delicias? Na ſua precioſa Vida, como naõ collocaremos todas as noſſas eſperadas dictas?

Ao menos, unido, e enlaçado com a mais formoſa das Princezas, que conhece a Europa, de que eſclarecida ſerie de Heróes naõ ſerá Voſſa Alteza fecundo Tronco? Como naõ veremos ſegura, e propa-

gada a Succeſſaõ de hum Reino, eſpecialmente de Jeſu Chriſto, deſde o ſeu milagroſo berço ? O Ganges, e o Téjo ſobre as ſuas prateadas aguas conſervaráõ ſempre com o Nome de Voſſa Alteza os ſeus nomes, tecendo-lhe incorruptas grinaldas, com que na poſteridade eternizem a ſua Fama.

Ora, com que goſto naõ beijarei a Maõ a Voſſa Alteza em hum Dia, que foi para nós o mais venturoſo ? Como naõ ſerá aſſignalado com branca pedra nos Seculos vindouros ? As filhas da Memoria, que Hymnos lhe naõ cantaráõ, para que voando de Eſtrella em Eſtrella a ſua gloria ſeja dignamente honrado o Filho do III. Pedro, da I. Maria os noſſos adoradiſſimos Monarchas.

Ao Excellentiſſimo Senhor Conde de Tarouca, nomeado por Preſidente da Academia, que naõ obſtante eſtar gravemente doente, e eſſa ſer a cauſa improviſa de naõ encher com a ſua vaſtiſſima erudiçaõ o lugar, ſempre veio aſſiſtir em companhia de ſeu Irmaõ, e do Excellentiſſimo Senhor Marquez de Penalva, que recitou dois maravilhoſos Sonetos, hum em obſequio a Sua Mageſtade, e outro á Academia, os quaes ſe deſencaminharaõ.

SONETO.

Joco-ſerio, e invoçaõ.

ORa vá, ora vá, vá deſta ſeita
Hum Soneto de arromba, Conde Amigo,
Mas já agora fazello naõ conſigo,
E creio deſta vez ſenaõ ageita:

He praça! Eſtou com frio de maleita;
Eſtou mais paſſadinho do que hum figo,
Já vejo que he adagio muito antigo,
Quem torto naſce nunca ſe endireita:

O' Thalia, ſe tu ſem mais eſcuſas
Deſces a illuminar-me eſte miôlo
Hum Soneto farei de Meſtre-infuſas:

Vem, vem, que eu te prometto hir ao Pactolo
Na baiuca offerecer das irmãns Muſas
Hum Soneto de cêra ao pai Apóllo.

SO-

SONETO.

DIſcreto Conde, douto Preſidente,
Em quem vemos luzir hoje á porfia
Sobre o ouro da illuſtre Fidalguia
O luminoſo eſmalte do eloquente;

Eu nunca ouvi penſar taõ ſubtilmente,
Nem exprimir com tanta valentia;
A fonte do Helicon ficou vazia,
Tu lhe eſtancaſte ſua groſſa enchente:

Que eſtilo! Vozes! Termos! os de que uſas,
Bem capazes de encher hum, e outro Pólo
Do nome Portuguez, das glorias Luſas:

Dominador do Olympo, e do Pactolo,
Podes ſer, naõ irmaõ, mas pai das Muſas,
E Apóllo podes ſer do meſmo Apóllo.

De Fr. Manoel da Ave Maria da Ordem de S. Paulo.

A' MAGESTADE FIDELISSIMA
DE ELREI
D. PEDRO III.
NOSSO SENHOR,
NO FAUSTISSIMO DIA DE SEUS ANNOS:
ORAÇAÕ
PANEGYRICA, E GRATULATORIA,
ESCRITA
POR
ANTONIO JOSE' TALLAIA COLLAÇO
DE CASTELLO BRANCO,

Academico da Academia dos Obſequioſos, eſtabelecida em caſa de ſeu Pai.

SENHOR.

PReoccupado de huma nova, e extraordinaria imaginaçaõ, com que a idéa envolta entre as imagens do mais raro aſſombro, nos dilatados, e eſpaçoſos campos da fantaſia, me repreſentava o mais brilhante, e eſtupendo objecto; ſobre os laſſos membros eſtendia as brancas azas o languido, e ſomnolento Morfeo: Fatigado o penſamento cedeo em fim; adormeci, e ſonhei logo.

Que admiravel ſcena! Tudo era portentoſo quanto ſe me figurava, ſoberano tudo! Eu me via; e com que eſpanto! Em huma ſumptuoſa, e magnifica ſala, cujo riquiſſimo pavimento mal ouſava tocar a minha planta trémula: de ſeus doirados capiteis pendiaõ ſoberbos quadros, onde ſe admiravaõ mais illuſtres raſgos,

do que eſſes , com que o Alado Monſtro tem feito aos Gregos, e Romanos taõ plauſiveis.

Naõ ſe adornavaõ aquellas nobiliſſimas paredes, com as decantadas Venus de Teciano : os Satiros de Parrazio, as frutas de Zeuzis, nem em Efeſo o retrato de Alexandre, pelo inſigne Apelles ; naõ eraõ as pinturas, que ornavaõ a circunferencia da Regia aula, de Timantes, nem Protogenes ; Rafael, nem Bonarato, naõ eraõ as excellentes producçõés, que enriqueciaõ aquella ſala.

Havia mezas de finiſſima materia, de primoroſa, e delicada conſtrucçaõ ; mas ſobre ellas naõ ſe admiravaõ as famoſas eſculturas de Praxiteles, de Fidias, de Policleto, nem Leoncio.

Deſſes grandes homens, que aſſim na pintura, como na eſtatuaria, tanto imitáraõ a natureza, naõ eraõ as obras, que faziaõ incomparavel o adorno da Regia quadra.

Dos emblemas mais nobres ; dos mais excellentes jeroglyficos, ſe compunha, e guarnecia aquella Mageſtoſa caſa.

A piedade, a gratidaõ, a madureza, o ſoffrimento, a continencia, a ſobriedade, todas as moraes virtudes alli ſe repreſentavaõ tanto ao vivo, que bem davaõ a conhecer o ſenhor della.

Eu me via rodeado dos mais nobres, e illuſtres cortezaõs : para qualquer parte que lançava os olhos tudo era riqueza, magnificencia tudo ? Creſcia o eſpanto,

to, e eu naõ ſabia onde me achava: perplexo, dubio; e confuſo, naõ ſabia o que fizeſſe.

Entaõ applicando a viſta, naõ ſem terror, diſtingui huma perſonagem, em cujo roſto naõ ſendo incompativel o affavel, e o reſpeitoſo; brilhava ao meſmo tempo a ternura, e a Mageſtade.

Que era de Monarcha aquelle aſpecto, naõ ignorava eu; mas de que Monarcha naõ ſabia.

Sentado em huma riquiſſima cadeira, a que ſervia de docel hum pavilhaõ tambem riquiſſimo; obſervava eu, que áquelle Rei congratulavaõ amantes, e obſequioſos ſeus vaſſallos, feſtejando a memoria de ſeu importante, e ditoſo naſcimento, no fauſto, e alegre dia de ſeus annos.

Entaõ ſem mais reflexionar; raſgado inteiramente o véo, que para o conhecimento me acabava de tecer a novidade, alcancei que aquelle Heróe era naõ menos que o Grande Monarcha Portuguez! O Sabio, o Pio, o Incomparavel Rei D. PEDRO III. Noſſo Senhor; modelo de perfeitos Principes, da Luſitania honra, delicias noſſas.

Era de Julho o dia ſinco, em que eu ſonhava; e todas as circumſtancias para aſſim o crer me perſuadiaõ.

Mas aqui ſe augmentou muito mais o meu aſſombro, e com razaõ: que farei (dizia eu, comigo filoſofando) que farei na preſença do meu Rei, e no dia de hoje! Donde me haõ de vir as perſuaſivas ima-

gens , as eloquentes expreſſões , para formar o juſto elogio do Rei mais juſto ? Para tecer o Panegyrico do meu Soberano , e Auguſto Bemfeitor ?

Se fora diminuta , para cabalmente elogiallo, toda a facundia dos Pericles , dos Varrões , e dos Hortenſios ; ſe naõ fora ſufficiente toda a energia dos Tullios, dos Neſtores , e dos Cynéas; que direi , pobre de mim!

Se a penas ouſo levantar os olhos para ver a face do meu Soberano ; como me atreverei a erguer as vozes na preſença do meu Monarcha ! Que apertado he o lance em que me vejo !

Eu ignorante de rethoricos termos , ſem eſtudo , ſem inſtrucçaõ; como hei de dignamente fallar das ſuas Regias , e diſtinctas qualidades ? Em que triſte ſituaçaõ me conſidero ?

Tecerei acaſo o meu diſcurſo com aquellas toſcas fraſes que me inſpira a ſingeleza ? Por aquelle eſtilo que o agradecimento me inſinua ? Por aquelle rude methodo , de que ſó he capaz minha pouca idade ? Que ſe póde eſperar de meus poucos annos ? pueriliidades tudo.

Mas em fim naõ ha remedio : o meu Rei naõ faz apreço da liſonja : nas aras do ſeu reſpeito naõ permitte que arda outro incenſo , que o da ſinceridade , e da candura ; abomina toda a affectaçaõ ; por offerenda ſó conſente , e admitte a candidez.

Aſſim me eſforçava eu , e reſoluto , chegando

aos

aos pés do meu Monarcha; curvado o joelho, a cabeça inclinada, beijando-lhe humilde, e reverente a Regia Maõ, comecei, inda que com balbucientes vozes, a repetir o elogio dos ſeus annos.

Magnanimo, Poderoſo, Inclito Rei, e Senhor meu (aſſim dizia) já que tive a diſtincta, a incomparavel gloria de chegar á preſença de Voſſa Mageſtade no dia de hoje; nem por ſonhos quero perder a occaſiaõ de expreſſar-lhe aquelle reconhecimento, em que me tem conſtituido as beneficas demonſtrações da ſua Real clemencia.

A honra, e o amor he quem me inſtiga. Supra o affecto, e brio, onde falta a facundia, a locuçaõ.

O paternal deſvélo de Voſſa Mageſtade para com ſeus Vaſſallos; ſendo geral a todos; ſem dúvida ſe fez para comigo o mais diſtincto.

Em mim tem Voſſa Mageſtade dado a conhecer, com a Regia profuſaõ de tantas graças; até onde alcançaõ os generoſos eſtimulos de hum peito nobre, de hum coraçaõ piedoſo, de huma alma grande!

Os meritos que em mim faltaõ ſaõ aquelles que mais acreditaõ as grandioſas acções, com que Voſſa Mageſtade, olhando para o meu nada, ſe engrandece.

Se eu fora hum daquelles eſpiritos famoſos, que empunhando a eſpada, ou veſtindo a toga, tiveſſe, ou já guerreiro, ou já politico, ennobrecido a patria, pouco fizera Voſſa Mageſtade em deſpender-me altas mercês; porque pagar ſerviços mais que generoſidade, he recompenſa. Mas

Mas por iſſo meſmo que eu nada valho, tem muito mais valor em mim os effeitos deſſe Real, e compaſſivo animo; porque onde naõ ha merecimento he certo que avulta muito mais o beneficio.

Eſte que eu devo a Voſſa Mageſtade he naõ menos que o da propria vida: nos ultimos periodos della via eu ſobre mim pendente a foice; a tremenda foice da inexoravel Parca! Acodio-me V. Mageſtade com a ſua Regia, e Paternal clemencia; eſcapei ás maõs da morte, e Voſſa Mageſtade, poſſo dizer, que he por quem vivo.

Apenas acabava eu de proferir eſtas ultimas palavras acordei; e olhando para hum, e outro lado, ao ver-me entre as domeſticas paredes, entendi logo que a verdade do que eu meditava continuamente, naõ dormindo, era quem eſtas eſpecies taõ vivamente me repreſentava no theatro da fantaſia; que era a força da apprehenſaõ quem eſtas imagens entre ſonhos me propunha; que era finalmente o ancioſo, e efficaz deſejo de oſtentar-me grato ao meu Bom Rei, quem me liſongeava em tudo; inda quando em parte me illudia.

Deſta ſorte, Monarcha Eſclarecido, ſonhava eu no fauſtiſſimo dia dos annos de Voſſa Mageſtade: dia venturoſo, que taõ recommendavel ſe tem feito á Luſitania; por ter ſido o dia em que ſahio á luz do Mundo aquelle Infante, que depois com as ſuas heroicas, e diſtinctas acções havia de illuſtrar ao Mundo todo!

Feliz dia! Por ter ſido aquelle, em que naſceo

hum

hum Principe, que recopilando na ſua Auguſtiſſima peſſoa todas as virtudes de ſeus Altos Progenitores, eſtá fazendo agora a época melhor, mais feliz da noſſa idade.

Dia na verdade grande! Na verdade incomparavel! Por ter ſido aquelle em que Voſſa Mageſtade; principiando a viver; começámos nós a inaugurar todas as felicidades, que hoje experimentamos no glorioſo, e pacifico reinado de hum Monarcha, o mais catholico, mais pio, e mais amavel! De hum Heróe, o mais illuſtre, mais judicioſo, e mais completo.

Diſſe:

ORA-

ORAÇAÕ
GRATULATORIA,

QUE NO FELICISSIMO DIA DOS ANNOS

DA

SERENISSIMA PRINCEZA

NOSSA SENHORA,

A SENHORA

D. MARIA FRANCISCA
BENEDICTA,

COMPOZ, E RECITOU

O CAPITAÕ

JOAÕ DIAS TALLAIA SOTTO-MAIOR,

Bacharel formado pela Univerſidade de Coimbra nos Sagrados Canones, Academico da Academia dos Obſequioſos, eſtabelecida em ſua Caſa, onde ſó ſe applaudem os Annos, e as Virtudes de Suas Mageſtades Fideliſſimas, e Familia Real; e na meſma Academia ſe acha collocada, como Protectora, a milagroſa Imagem da Senhora da Victoria, e Effigie de ElRei D. Pedro III. noſſo Senhor.

ORAÇÃO
GRATULATORIA,

QUE NO FELICISSIMO DIA DOS ANNOS

DA

SERENISSIMA PRINCEZA

NOSSA SENHORA,

D. MARIA FRANCISCA

BENEDICTA,

COMPOZ, E RECITOU

O CAPITÃO

JOÃO DIAS TALLAIA SOTTOMAIOR,

O D E.

SEm arco, e ſem aljava
De candidos jaſmins a fronte ornando,
No regaço da mãi Cupido eſtava
Os louvores cantando
Da Princeza formoſa,
Mais que a Lua no Ceo, no campo a roſa.

O' dia venturoſo,
(Batendo as maõs mimoſas repetia)
O meu Imperio muito mais glorioſo,
Fazes alegre dia;
Taõ grande luzimento
De Maria te dá o naſcimento.

Baſtaõ ſeus olhos, baſtaõ
Seus olhos, mais que o Sol devoradóres:
Nos Luſos corações como ſe engaſtaõ!
As graças, e os Amores,
Para Throno os fizeraõ,
Settas ſacodem, raios reverberaõ.

Modeſta gravidade,
Indole branda, Mageſtoſo Aſpecto,
Suave diſcriçaõ, florente idade,
Original completo
Que ſurprende, e que inflamma,
Só quem te naõ conhece, te naõ ama.

Maria, nome amado!
Já nas azas dos Zefyros ligeiros,
Dos montes ſobre o cume levantado
Os écos liſongeiros,
Maria repetindo,
Vaõ hum novo prazer n'alma infundindo.

Honra da natureza,
Da Bragantina Caſa immortal gloria:
Creſces nos annos, creſces na belleza:
As filhas da Memoria
De Gnido na floreſta
Grinaldas tecem, para ornar-te a teſta.

Brotaõ á competencia
Debaixo de teus Pés as flores bellas:
Idade de ouro, idade da innocencia!
Inimigas Eſtrellas,
Vós nada nos levaſtes,
Se a formoſa Princeza nos deixaſtes.

Felizmente enlaçada,
Como hera que ſe cinge a tronco duro,
Da paz no branco ſeio reclinada,
De hum aſylo ſeguro,
Do tempo contra os damnos
Goza Senhora, goza longos annos.

Goza na companhia
Dos Reis teus Sogros, da Conſorte charo,
Sem que do teu Natal o fauſto Dia
A maõ do Velho avaro
Cubra de ſombras feias
Do Lethes entre as frigidas arêas.

Goza ... mas do regaço
Da abſorta Mãi, o alado Cégo vôa,
E do ar cortando o tranſparente eſpaço
Toda Quéluz atrôa:
O canto interrompeo,
Da Princeza nos olhos ſe eſcondeo.

SONETO.

O Voráz tempo, que a ninguem perdôa,
De tranſparente jaſpe Eſtatua erguia
Sceptro na Maõ, ſignal de Monarquia,
Mundos por Baſe, Eſtrellas por Coroa:

Abrio a Fama as azas com que vôa,
E de hum ao outro Pólo repetia,
Que a ſoberana, ſingular Maria,
Fez eſte Voto, em honra de Lisboa:

Ella ajoelhada o Simulacro adora
Inda que tem materia mais conſtante,
De que poſſa formallo a toda a hora:

A ſeu Nome outra Eſtatua Amor levante,
E os fiéis coraçõcs de que és Senhora,
Sirvaõ de Throno a dia taõ brilhante.

SENHORA.

QUando os desejos saõ sinceros, ainda os atrevimentos saõ desculpaveis. Geraõ, naõ sei que nobre confiança, que perdido, ou moderado o medo á difficuldade da materia, eu me arrojo, naõ menos que a consagrar a Vossa Alteza Real no dia dos seus Annos hum Panegyrico, que seja da minha obediencia, igualmente que da minha gratidaõ a prova, ainda que debil.

Voſſa Alteza, uſando da ſua natural benevolencia, deſculpará a minha temeridade, na conſideraçaõ de que nem todos os hombros ſaõ capazes de ſuſtentar o pezo dos Celeſtes Orbes; nem todos ſaõ Aguias, que raio a raio bebaõ as luzes do Sol.

Mas que vereda ſerá a que eu trilhe agora para deſempenho da minha obrigaçaõ? Diſcorrerei acaſo pelos ſublimes dotes, com que Voſſa Alteza eſmalta a precioſa carreira da ſua Vida, ornada de humas Virtudes, que immortalizáraõ na poſteridade a ſua gloria, collocandó-a entre aquellas Princezas, que deixáraõ no Mundo eternizada a ſua fama?

Naõ, Senhora, naõ, novo Eſtro me arrebata: o Nume, que voando ſobre os alados Etontes, traça o dia, que fogo naõ accende nas minhas veias, para augurar á minha Naçaõ brilhantes bens, figurando a Voſſa Alteza, como a Fonte, de que dimanaõ as noſſas eſperadas felicidades.

Nome ditoſiſſimo, nome de Maria! de que idéas me naõ enches? Trasladando-me com a minha conſideraçaõ a Claraval, eu vejo que o Imperio Luſo hic á tua ſombra que começa. Naõ foi o eſtrondo das noſſas armas, quem infundio nos noſſos triunfadores braços a intrepidez, com que engroſſando o rápido progreſſo das noſſas Conquiſtas, dilatamos a extenſaõ dos noſſos Dominios. Cobrindo-nos com o teu manto, eſtabelecemos nas extremidades do Univerſo hum Throno, que Deos reſervava unicamente para ſi.

Tranſ-

Tranſmittindo-nos a ſeculos mais viſinhos, a quem devemos a noſſa ultima Reſtauraçaõ? Villa-Viçoſa o diga, ſe ſacudimos o pezado jugo que nos opprimia a cerviz: ſe tornámos ao ſeu nativo eſplendor a Bragantina Caſa, de que Voſſa Alteza he florente Ramo, naõ he a grande Virgem, que animando os noſſos diſſipados eſpiritos, unio as noſſas vontades, para cingirmos na cabeça do IV. Auguſto a uſurpada Corôa?

Naõ he pois obra do acaſo, que Voſſa Alteza tenha hum Nome, de que ſempre derivamos as noſſas vantagens principaes. Enlaçada Voſſa Alteza com o mais amavel dos Principes, porque naõ dará a Portugueza Monarquia hum extraordinario luſtre, continuando a ſerie dos noſſos Auguſtos Reis, com a deſcendencia que todos deſejamos?

Naõ he imaginaria conjectura, fundada ſimplesmente no capricho de huma fantaſia apaixonada. As noſſas eſperanças nutrem-ſe das promeſſas feitas ao I. Affonſo. Ao menos eu, Senhora, cheio de júbilo, já me parece que dóbro o joelho, que beijo a Maõ ao grande Neto de hum Soberano, que pelas ſuas Regias qualidades, que pelas ſuas Virtudes impéra ſobre os noſſos corações. A' America, á Africa, á Aſia, já a conſidero proſtrada ante o ſeu Principe, tecendo-lhe das palmas que cria o Diadema, com que nas idades futuras enfeite a mageſtoſa Fronte.

Debaixo da educaçaõ de Voſſa Alteza, como aprenderá a difficultoſa Arte, naõ de governar Vaſſal-

los, mas de mandar Filhos; que como ſangue das veias, que com as vidas daraõ a ultima próva da ſua fidelidade: como ſerá liberal, affavel, humano, gravando nas noſſas almas hum Nome, que o tempo por mais que volva a veloz roda dos annos, conſervará ſempre para o reſpeito, igualmente que para o amor.

Eſquecendo a memoria dos Titos, e dos Trajanos, tranſmittirá para o ſeu animo as excellentes prerogativas de huma Princeza, que já com a ſua Formoſura, já com a ſua diſcriçaõ baſta apparecer, baſta fallar, para que ſuavemente nos attraia, unindo com maravilhoſa enfaſe á belleza de Venus a ſabedoria de Minerva.

Ditoſos nós, que rodeando o Throno de Voſſa Alteza, temos a felicidade de cantarmos os ſeus louvores. Aſſignalando com branca pedra hum dia, que ennobrecerá ſempre os Luſitanos Faſtos! Hum dia, que nos deu huma digna Filha do Grande D. Joſé o I., para levar com as ſuas Virtudes de boca em boca; do Occaſo ao Oriente a noticia do ditoſo Naſcimento de Voſſa Alteza.

Diſſe.

Ao Auguſto Rei de Heſpanha Carlos III. derramando lagrimas, quando ſe deſpedio de ſua Irmã a Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora D. MARIANNA VICTORIA.

SONETO.

CArlos, o Grande Carlos, Rei de Heſpanha,
De hum coraçaõ guerreiro, e deſtemido;
Carlos, aquelle Heróe, nunca vencido
Da liſonja, do engano, aſtucia, ou manha:

Abraça a Auguſta Irmã, que dor eſtranha
Lhe occupa o coraçaõ enternecido!
E áquelle Deos, que o deixa dividido,
Com lagrimas de amor triſte a acompanha:

Chorar hum Rei, chorar hum Soberano,
Naõ póde ſer dezar da Mageſtade,
Quando he Amavel Rei, e naõ Tyranno:

Porque a impulſos da doce urbanidade
Quanto mais moſtras dá de que he humano,
Tanto mais ſobrepuja á humanidade.

Glo-

Gloſa joco-ſeria.

I.

Dizem, que Hercules veio fazer guerra
A' gente Heſpanha, dando-lhe batalha;
Aonde deo carolos como terra,
E aonde ſocos deo como canalha:
Mas ſe hoje cá vieſſe eſta alma pérra
Ao primeiro envite hia-ſe á baralha;
Eſmurrando-lhe as ventas, ſem façanha,
Carlos, o Grande Carlos, Rei de Heſpanha.

II.

Se de cá vir tiveſſe penſamentos
E ter com Carlos dares, e tomares,
Seria a clava penna pelos ventos,
Seria a pélle palha pelos ares:
Derrotados os brios, e os alentos
A naõ dar logo logo aos calcanhares,
Os effeitos veria, a páo moido,
De hum coraçaõ guerreiro, e deſtemido.

III.

Se matou homens, ſe matou ſerpentes,
Se matou javalís, leões ferozes,
Julgaõ os Sabios, julgaõ os prudentes,
Que foraõ mais as vozes do que as nozes:
Mas inda que fizeſſe acções valentes,
Inda que foſſem certas eſtas vozes,
Tudo, tudo deixará hoje eſquecido
Carlos, aquelle Heróe nunca veneido.

IV.

Digaõ o que quizerem as idades
De Hercules, e ſeus feitos valoroſos;
Ha homens, que ſe enganaõ com as verdades,
E outros, que nos enganaõ mentiroſos:
Eu creio que ſaõ taes heroicidades
Contos de velhas, caſos fabuloſos;
E produeçaõ, em fim, eſta patranha
Da liſonja, do engano, aſtucia, ou manha.

V.

V.

Vamos ao noſſo caſo, meus Senhores,
Antes que lhe percamos o algariſmo:
Carlos tem ſentimentos os melhores,
Dignos da Fama, dignos do Heroiſmo:
Quer-ſe auſentar a Irmã, muda de cores:
Quer partir, e he de penas triſte abyſmo;
Vai a dizer-lhe a Deos, ás faces banha;
Abraça a Auguſta Irmã, que dôr eſtranha!

VI.

He novo que na força deſta mágoa
A hum Rei, que naõ he ſeu, qual o tronco,
Lhe eſcorregue dos olhos cópia de agoa,
E que pelo nariz lhe caia o monco?
Effeitos, pois, ſaõ eſtes que Amor frágoa:
Daqui colligirá quem naõ for branco
Que o affecto de amor o mais ſubido,
Lhe occupa o coraçaõ enternecido.

VII.

VII.

Chora, fim, chora eſte novo Marte;
Mas para naõ ter tanta teſtemunha
Já no Ceo, já na Terra por nova arte
Para mais disfarçar os olhos punha:
Eu deſejava entaõ eſtar de parte
Só para lhe obſervar a caramunha
A'quelle abraço, que o aperta unido;
A'quelle a Deos, que o deixa dividido.

VIII.

Dado, em fim, eſte a Deos, e aquelle abraço;
Taõ ſaudoſo, taõ triſte, e taõ violento;
Carlos, ſe vai movendo paſſo a paſſo,
Exhalando ſuſpiros cento a cento:
Por vêlla, huma, e outra vez volta o cachaſſo;
E aſſim neſte contínuo movimento
Té Portugal, ſem ſahir de Heſpanha,
Com lagrimas de amor triſte a acompanha.

IX.

Ora moralizemos eſte conto:
Chora a triſteza, até chora a alegria,
Quando a alegria chega a hum certo ponto;
Chora a fraqueza, e chora a valentia;
Chora o diſcreto, ſabio, e chora o tonto;
Chora o Pai, chora a Mãi, e chora a Tia;
Pois porque naõ veremos nós hum anno
Chorar hum Rei, chorar hum Soberano?

X.

Alexandre chorou, mais foi Heróe;
Chorou Ceſar tambem, mais foi valente;
Tudo, diz ui, ou ai quando lhe dóe;
Só naõ chora, nem ri, quem naõ he gente:
O ſer Rei o ſer de homem naõ deſtroe,
Elle he humido, frio, ſecco, e quente:
Logo os affectos ter da humanidade
Naõ póde ſer dezar da Mageſtade.

XI.

Chore quanto quizer, ninguem lho tólhe,
Será coiſa galante, e bem barata
Em cada olho de agoa ver-ſe hum mólhe;
E ver-ſe em cada face, huma caſcata:
Por chorar, a grandeza naõ ſe encólhe;
Antes moſtra que he ſó bondade innata
Muito propria de hum Rei, e Rei Hiſpano,
Quando he amavel Rei, e naõ Tyranno.

XII.

Se os porques me perguntaõ do ſucceſſo;
Os impulſos lhe exponho em continente:
Porque? A impulſos do grande, e fino exceſſo:
Porque? A impulſos da dor de ver-ſe auſente;
Porque? A impulſos do proximo regreſſo;
Porque? A impulſos da mágoa vehemente;
Porque? A impulſos da terna ſaudade;
Porque? A impulſos da doce urbanidade.

XIII.

Aſſentemos que foi hum Rei diſcreto
Em carinhas fazer, fazer beicinho;
Eu com elle faria hum bom dueto
Se acaſo me encontraſſe no caminho:
Rei que tem tal bondade, amor, e affecto
He huma boa Alminha, he hum Anginho;
E neſte penſamento naõ me engano
Quanto mais moſtras dá de que he humano.

XIV.

Vivei pois, grande Rei, Neſtorios annos,
Sem que o tempo voraz proſtrar-vos poſſa;
Mil viveo minha Avó, e os meus Aldeanos
Me dizem, que morrêra muito moça:
Honrando a humanidade, entre os humanos
Eterna ficará a imagem voſſa:
Hum Rei que vive para a eternidade
Tanto mais ſobrepuja á humanidade.

De Fr. Manoel da Ave Maria, Religioſo de S. Paulo.

Ao Auguſto Rei de Heſpanha Carlos III. derramando lagrimas, quando ſe deſpedio de ſua Irmã a Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora D. MARIANNA VICTORIA.

SONETO.

CHora o grande Alexandre, Heróe guerreiro,
A impulſos da ambiçaõ inſaciavel,
Ouvindo, que inda hum Mundo ha conquiſtavel,
Havendo conquiſtado outro primeiro:

Chora tambem o Heroe, Carlos Terceiro,
Ver, que perde hum theſouro ineſtimavel;
Aquella Auguſta Irmã ſempre adoravel,
De Regias perfeiçõeſ hum Ceo inteiro:

Quem penſar nos pezares ſucceſſivos,
Que aos dois heroicos peitos fazem guerra,
Achará que os de Carlos ſaõ mais vivos;

Pois attenta a razaõ, que hum, e outro encerra,
Vai tanta differença nos motivos
Quanta diſtancia vai do Ceo á Terra.

SO-

SONETO JOCO-SERIO.

QUatro Mezes depois do Mez de Junho
Sem mais aggravo, embargo, nem appéllo,
Parte para Lisboa com desvéllo,
Huma Deosa, do Ceo copiá, e rascunho:

A hum Heróe, Irmaõ seu, em testemunho
De que lhe naõ fez isto bom cabello,
Por cada olho, bem como hum marméllo,
Cahe lagrima tamanha como hum punho:

He boa historia! O meu juizo ignora
A razaõ, por que chora a Magestade
De hum Rei, onde o Heroismo, e valor móra:

Oh! Agora dei nella, na verdade;
Sabem, Senhores, sabem porque chora?
Chora porque quer, porque tem vontade.

A' Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora D. MARIANNA VICTORIA, fazendo prevalecer no ſeu coraçaõ o amor de ſeus Filhos, ao amor de ſeu Irmaõ.

SONETO.

SErá amor, trato, ſangue, ou ſemelhança
Em hum coraçaõ cheio de ternura;
Cada coiſa, por ſi, onde ha candura,
Fórma laços de amor, firma alliança:

No trato, e ſangue, Carlos afiança
O amor da Auguſta Irmã, eſſa alma pura;
Mas nos Filhos, da Mãi copia, e figura,
Como ha mais cauſa mais amor avança:

De ſe auſentar ou naõ, na anxiedade
O cáro Irmaõ, no ſangue taõ conjuncto,
Lembra para ficar trato, e amizade:

Sangue, e trato ha nos Filhos, e ha tranſunto;
Se o trato, e ſangue ſó faz tal ſaudade,
Que ſerá quando ſe acha tudo junto?

De Fr. Manoel da Ave Maria.

Ao Reverendiſſimo Padre Meſtre o Senhor Fr. Joaquim Frojaz, Sapientiſſimo Preſidente da Academia dos Obſequioſos.

SONETO.

EU queria fazer-vos hum Soneto;
Mas vacillo na idéa, por que o faça;
Porém, ſe quem porfia, mata caça
Eu teimando, fazello vos prometto:

Sempre ſou bem Piégas; pois me metto
A querer tender paõ, naõ tendo maça;
Ai que eù mudo de côr, he forte praça,
Se vos falto á palavra comò hum preto:

Nem batendo na téſta de hora a hora,
Nem roendo nas unhas por affinte,
O que direi me lembra por agora:

Mas ſe eſpero que a Muſa ſe requinte
Taes como os meus narizes, ſem demora;
Ponho quatorze verſos no ſeguinte.

SO-

SONETO.

VOs, que ſois Padre Meſtre na eloquencia,
Moſtrais neſta Oraçaõ tanta elegancia,
Que os conceitos, profunda circumſtancia,
Saõ dignos de profunda reverencia:

Chegar a mais naõ póde a concludencia;
Naõ póde ſer mais fertil a abundancia;
Porque a formalidade, e a arrogancia
O compendio he maior de toda a ſciencia:

Vivei, Douto Frojaz, porque ſe dome
Da inveja o rigor duro, e a aduſta chamma,
Sem que outro intento audaz contra vós tome:

Pois he deſta Oraçaõ, que vos acclama,
Cada Letra, hum Padraõ ao voſſo Nome,
Cada nome, hum clamor da voſſa Fama.

Do meſmo Author.

Ao Reverendiſſimo, e Illuſtriſſimo Padre Meſtre o Senhor Fr. Joſé de Noronha, prégando na Feſta que os Academicos da Academia dos Obſequioſos coſtumaõ fazer annualmente a Noſſa Senhora.

SONETO.

NEſte douto Sermaõ, que compuzeſtes,
Neſte douto Sermaõ, que repetiſtes;
Diſcreto, com vós meſmo competiſtes,
A vós meſmo, ſubtil vos excedeſtes:

Com elle a todo o Mundo aſſombro déſtes,
Com elle honra á Academia conferiſtes;
E, ſe o nome de Sabio conſeguiſtes,
Foi gloria, que erudito mereceſtes:

Nobre Sermaõ! Em ſciencia o mais profundo,
Cheio de zelo ardente, e ardente chamma;
Póde ſer o primeiro ſem ſegundo:

Em fim, com tanta gloria vos acclama
Que dará voſſo nome em todo o Mundo
Inveja á meſma inveja, e fama á Fama.

Do meſmo Author.

Ao Sereniſſimo Senhor Infante D. Joaõ, no feliciſſimo dia dos ſeus Annos.

SONETO.

AS Aguias, filhas de Aguias generoſas,
Por impulſos de natural Nobreza
Se arremeſſaõ com força, e ligeireza
A fender as Esféras luminoſas:

Alli o Sol arroſtaõ valoroſas,
Fitos os olhos, medem-lhe a grandeza;
E das nativas luzes a belleza
Raio a raio regiſtaõ animoſas.

Heróe, Filho de Heróe, eſte imitando,
Qual Aguia gencroſa vos contemplo
Para o Templo da Fama caminhando:

E provocado do paterno exemplo
Saõ os Annos, Senhor, que hides contando
Degráos para ſobir da Fama ao Templo.

Gloſa joco-ſeria.

I.

Pombas naõ geraõ Aguias, certamente,
Nem as Formigas geraõ Elefantes;
Quem naõ vive naõ gera o que he vivente,
Nem taõ pouco Pigmeos geraõ Gigantes:
Meu pai gerou me a mim, gente outra gente;
Se todos geraõ, pois, ſeus ſemelhantes
De Pombas, filhas ſaõ Pombas medroſas,
As Aguias, filhas de Aguias generoſas.

II.

Iſto ſuppoſto aſſim, temos o caſo,
Qual filho de Toupeira naſci cégo;
Qual Morcego ſó vôo em campo raſo
E ao Pindo com meus vôos nunca chego:
Criado pois, nos charcos do Parnaſo
Sendo Toupeira, Arrã, ſendo Morcego
Naõ podia cantar com fortaleza
Por impulſos de natural Nobreza.

III.

Fui-me ter com hum Peralta que cercado (a)
Eſtava entaõ de nove raparigas (b)
Pedi-lhe me fizeſſe com cuidado
Para o meu Regio Infante humas cantigas:
A penas lhe propuz o meu recado,
Eis que do Mocetaõ as nove amigas
Todas para louvar taõ alta empreza
Se arremeſſaõ com força, e ligeireza.

IV.

A toucar-ſe partíraõ com deſvélo;
Ferve a fitta, o ſignal, eôr, e alfinete;
Huma calça o cothurno, outra o chichélo;
Põe-ſe a trança, o creſcente; e a calva mette
Trezentos mil canudos de cabello;
Com que taõ alto faz o alto topete;
Que capazes ſaõ trunfas taõ paſmoſas
A fender as eſféras Luminoſas.

V.

(a) Apóllo.
(b) As Muſas.

V.

Mas eu que em modas taes ſou ignorante
Diſſe de cá, tá tá minhas Meninas,
Para verſos fazer ao meu Infante
Quero Muſas, naõ quero Zamparinas, (a)
Naõ quero que me tenhaõ por pedante
Se lá levo fantaſmas taõ mofinas:
O Paço he Ceo, onde Aguias generoſas (b)
Alli, o Sol arroſtaõ valoroſas. (c)

VI.

Pôz-ſe-me a alma a hum lado ſecca, e torta
Ao ver ſahir as taes rapariguinhas;
Porque para ſahirem pela porta
Foi preciſo ſahirem de gatinhas:
Poſtas em pé, a trunfa os Ares córta
E andando lá voando as Andorinhas
Vendo as trunfas, paſmadas com ſurpreza,
Fitos os olhos, medem-lhe a grandeza.

VII.

(a) Huma Cantarina aſſim chamada, e a primeira que em Lisboa uſou dos toucados altos.

(b) As Damas do Paço.

(c) A Rainha Noſſa Senhora.

VII.

Naõ, Senhoras, naõ vaõ, tenho vergonha
Se julguem ſer de vento algum Moinho;
Sobre taes Campanarios a Cegonha,
Se os vê lá, de cavacos fará ninho:
Se hir querem vaõ mudar a carantonha;
Porque para louvar meu Infantinho
Só ſerve da verdade a ſingeleza,
E das nativas luzes a belleza.

VIII.

O' Toupeira ſem luz, Poeta carcunda!
O' Morcego ſem Sol! Que modo he eſſe?
Queres levar de verſos huma tunda,
E com huma ſilva aguda te atraveſſe?
Huma Arrã, que de veia naõ abunda,
Contra as Muſas do Pindo ſe enfurece?
A's que ao Sol, ás que a Apóllo curioſas.
Raio a raio regiſtaõ animoſas?

IX.

Senhoras Muſas vaõ, vaõ á gandaia
Lhes diſſe eu, naõ me enfadem com ſeus ralhos,
Quando naõ hirei ter com o Tallaia (a)
Que lhes faça os toucados em frangalhos;
A cavallo na ſua faca baia
Com a eſpada na maõ, dá-lhes dois talhos:
Mas baſta o ſeu rapaz, que he toureando (b)
Heróe, filho de Heróe, eſte imitando.

X.

Sei que azas tem o Pégazo, e com tudo
Naõ muda a natureza de cavallo;
Com voſco vive, eſtá, e faz eſtudo
E o Pindo naõ faz nelle algum aballo:
Se a voz quer levantar, ſaõ rinchos tudo;
Patadas, e upas ſaõ, e o mais que eu callo:
E á imitaçaõ, menina, deſte exemplo
Qual Aguia generoſa vos contemplo.

XI.

(a) O Capitaõ Joaõ Dias Tallaia.
(b) Filho do dito Capitaõ.

XI.

Ora iſto aturar já ſe naõ póde
Aſſim premeio a quem tanto ralha;
Lança-ſe a mim, e rapa-me hum bigode
Vibrando em cada unha huma navalha:
Eu com o toucado enviſto como hum bóde
Eis ſenaõ quando, era hum pannal de palha:
Do caſo puz-me a rir, e fui-me andando
Para o Templo da Fama caminhando.

XII.

Cheguei á porta, puz-me de joelhos,
E vi da Fama o Nume rodeado
De mil Heróes, mil Gingas velhos rélhos, (a)
E o Templo de Troféos todo cercado:
O que queria expuz, e os meus bons velhos
Me dizem, teu Infante he deſtinado
Para aqui, pelo Nume deſte Templo,
E provocado do paterno exemplo.

(a) Aſſim chamaõ os Tonantes a hum homem velho.

XIII.

Vai, e dize-lhe, que os Eternos Fados
O póem entre os Heróes mais eminentes;
Do noſſo Nume os éccos decantados
O faraõ immortal entre as mais gentes:
Entre os Troféos, que admiras pendurados,
Os doze que além vêz mais reluzentes
Lhe dize em verſo grave, doce, e brando,
Saõ os Annos, Senhor, que hides contando.

XIV.

Admirado fiquei, com a boca aberta
Ouvindo taes ſegredos, taes arcanos;
E em caſa puz-me á capa, e puz-me á lérta
Para o vir publicar nos voſſos Annos:
Accreſcento, Senhor, por couſa certa?
Se imitardes os noſſos Soberanos,
Saõ as ſuas acções, e o ſeu exemplo
Degráos para ſobir da Fama ao Templo.

Cantava
O Vaſſallo mais fiel

Fr. Manoel da Ave Maria, Religioſo de S. Paulo.

Aos

Aos felicissimos Annos de Sua Magestade Fidelissima, o Senhor Rei D. PEDRO III. Nosso Senhor.

DECIMAS.

I.

SEnhor, queria fazer
Tambem, o meu cumprimento
Ao seu Regio Nascimento;
Mas naõ sei que hei de dizer:
Nas unhas entro a roer,
Bato na testa enrugada;
Eis-que me lembra a pancada
E o meu coraçaõ repousa:
Porém sendo tanta cousa
Tanta cousa he tudo nada.

II.

Lembra-me que he generoſo
Que he noſſo Pai, noſſo Rei,
Noſſo modélo da Lei,
Noſſo exemplar virtuoſo;
Lembra me que he religioſo,
Que he caſto, honeſto, e ſizudo,
Que he dos afflictos eſcudo,
Que he firme eſteio da Fé;
Em fim, lembra-me que he, que he ...
He quem he: eſtá dito tudo.

III.

Se nunca havia naſcer
Hum Rei, que foſſe tyranno;
Tambem hum Rei, que he humano
Nunca devia morrer:
Aſſim venha a ſueceder
Com a voſſa Mageſtade
Vivendo taõ longa idade
Sem deſgoſto, ou contratempo,
Que inda ſeja pouco tempo
O tempo da Eternidade.

IV.

Se a vida no coraçaõ
O ſeu principio conſerva;
Se Deos da morte preſerva
Aonde eſtá por uniaõ:
Fundado neſta razaõ
A minha eſperança puz:
Nunca privará da luz
Quem toda a vida tem tido
O ſeu coraçaõ unido
Ao Coraçaõ de Jeſus.

Do meſmo Author.

Aos felicíſſimos Annos da Auguſtiſſima Rainha Noſſa Senhora D. Marianna Victoria.

SONETO.

HE louco, he temerario penſamento
Dizer naſceis; Senhora Auguſta, e bella;
Naſça a flor, naſça o Sol, e naſça a Eſtrella,
Mas naõ ſe julgue ás Deoſas naſcimento.

Voſſas perfeiçõcs regias cento, e cento,
Sobre as quaes o Deſtino Eterno vélla,
Fazellas immortaes ſómente anhella
Sem tempo, inſtante, dia, hora, ou momento.

Pertender numerar a voſſa idade
He fazer-vos mortal entre os humanos,
Sendo em vós privilegio a eternidade.

Quem tempo vos ſuppõe, ſuppõe enganos;
Pois como vos julgamos Divindade,
O Divino naõ tem dias, nem annos.

Do meſmo Author.

A Mageſtade Fideliſſima de ElRei D. Pedro III. Noſſo Senhor.

Hic amas dici Pater atque Princeps. Horat. ad Aug.

EPISTOLA.

REi Poderoſo, aonde a Luſa gente
Acha mais do que hum Rei, hum Pai benigno,
Doce conſolaçaõ, e gloria noſſa!
A minha pobre, a minha humilde Muſa
Se até ao voſſo throno a voz levanta
Naõ a culpeis, Senhor, por atrevida.
He o fogo d'amor quem hoje a inflamma
Quem lhe dirige o vôo arrebatado
Para entrar dentro do eſplendor brilhante
Que cérca o voſſo Throno Soberano.

Naõ

Naõ temais que eu me eſqueça do reſpeito
Miſturando louvores, e liſonjas,
Amo, e reſpeito o Pai da minha Patria,
Para manchar d' amor os ſacrificios
Com os perfumes d' hum profano incenſo.
Reſpeito o Rei amante da verdade,
Para me deſviar do bom caminho
Nem me aſſuſta a Grandeza do ſojeito:
Fallando de vós, baſta, ó Rei ſublime,
Para ſer eloquente o ſer ſincero.
Eu vejo ſobre a voſſa Maõ Auguſta
Da Juſtiça a rectiſſima balança
Sem perder o equilibrio em que deſcança:
Vejo cercando o Throno Soberano
As ſerenas Virtudes, a Piedade
As doces graças, o Paterno agrado:
Vejo que o Luſo povo em vós encontra
O mais terno, e ſeguro acolhimento:
Vejo que a Luſitana liberdade
Em voſſas maõs ſe prende por ſeu goſto:
Vejo que a Patria alegre o roſto erguendo,
A cinza ſacudindo dos cabellos,
Chega ſegura aos pés do Regio Throno:
Vejo vir o Anciaõ maduro, e grave
Tranſportado de candida alegria,
Banhando as cãns honradas, reſpeitaveis,
De lagrimas de goſto, e de ternura,
Por ver as sãns Virtudes, que vos cercaõ:

Ve-

Vejo os mancebos Luſos occupados,
Porque vós o quereis, alegremente
Em deſtruir a molle ocioſidade:
Vejo os Sabios Avós aos tenros Netos
Inſpirando-lhes o Amor, e o Reſpeito,
Que olhando para vós lhe vaõ dizendo:
Eis-alli noſſo Pai, e noſſo abrigo:
Vejo cantar o lavrador contente
Ao voſſo Nome os mal polidos hymnos,
Sinceras producções de huma alma ſimples.
Vejo que o Senador, e o Sacerdote,
O pobre, o rico, o grande, e o pequeno
Em vós encontraõ ſeu ſeguro aſylo.
Vejo o ſoldado alegre a maõ beijar-vos
E depois ir buſcar o duro Marte,
Diſpoſto a derramar por vós o ſangue:
Vejo o homem de letras ſatisfeito
Dos premios, que reparte a maõ Auguſta,
Trabalhar pelo bem da Monarchia:
Vejo o commercio florecente, e livre
Sobre as azas dos ventos ir buſcar-nos
Precioſas enchentes de abundancia:
Vejo todas as artes trabalhando
Para ſervir o voſſo Auguſto Sceptro:
Vejo clamar alegre o Luſo povo;
O' Grande Rei, que tudo ſe vos deve.
Sois vós, ó Grande Rei, da noſſa gloria,
Do noſſo bem a origem ſoberana,

O ſer Supremo, que os mortaes governa,
Vos entregou o Sceptro poderoſo,
Para fazer o bem da humanidade.
Elle cingio a Soberana frente
Deſſe Auguſto magnifico Diadema,
Para lançardes ſobre o voſſo povo
As enchentes de paz, e de abundancia:
Vós hoje encheis eſte deſtino honroſo.
O triſte deſvalido pertendente
Acha em vós ſeu recurſo, e ſeu deſpacho:
A viuva opprimida, o orfaõ pobre
A miſera Donzella, o velho inerte,
O que vivêra entre cruel violencia,
O que naõ víra da alegria o roſto,
O que empregado pelo bem do povo
Nunca gozára os frutos do trabalho:
Todos clamaõ, que em vós hum Pai clemente
Lhes quiz deixar a ſanta Providencia
Eis-aqui, Grande Rei, o que me incita
A tomar o clarim, ferir os ares,
Eſpalhar voſſo Nome em todo o pólo.
Mas ah! Sublime Rei! Eu temo o eſtrago
Daquelle Moço altivo, cuja ſorte
O Pado chora, e Lampetuza ſente.
Por mais que a sã verdade o genio agite,
Faltaõ-me as forças para ſubir tanto:
Eu conheço que deve a minha Muſa
Succumbir á grandeza do ſujeito:

Can-

Cantem forças maiores voſſo Nome:
Cantem a voſſa gloria, que eu naõ poſſo.
Eu ficarei, Senhor, bem ſatisfeito
De vos apreſentar aos pés do Throno
Hum terno coraçaõ por ſacrificio,
E d'hum ſincero amor ſeguro indicio.

O Doutor Franciſco Joſé da Coſta.

INTRODUCÇAÕ

A' PROXIMA FUTURA SESSAÕ

DA NOVA REAL ACADEMIA

DOS

OBSEQUIOSOS,

SOBRE

A INFLUENCIA DAS LETRAS,

NA PROSPERIDADE DOS IMPERIOS,

E

SOBRE A UTILIDADE

DOS

ESTABELECIMENTOS ACADEMICOS.

SENHORES.

O Acaſo das conjuncturas, os caprichos da ſorte, a prevençaõ, e o favor podem algumas vezes diſtribuir graças, e dignidades: mas em huma Sociedade Literaria no centro do goſto, e da eloquencia; entre vós, ſó o merecimento tem direito de determinar a voſſa eſcólha.

Por mim, Senhores, ſe vós naõ contais por merecimento o meu amor ás Letras deſde os meus primeiros annos, eu temo bem que huma ordem taõ ſábia, e taõ geralmente recebida, ſe naõ alteraſſe a meu favor, fazendo-me aſſentar em hum lugar taõ ſuperior ás minhas eſperanças. Eu me contentava com admirar em ſegredo as excellentes producçõe dos voſſos genios.

nios. Porém depois da honra que me conferio o ſuffragio do mais Illuſtrado, e mais Juſto dos Soberanos, eu devo perdoar a huma dúvida que perturbaria a minha gloria, e que pareceria combater as ſuas luzes, ou a ſua juſtiça, e juſtificar aos olhos do público huma prevençaõ, que me ſoi taõ glorioſa. Mas qual ſerá o meio de juſtificalla? A Academia meſmo mo propõe commettendo ao meu exame a prova de que: *A cultura das Letras, e o eſtabelecimento das Sociedades Literarias concorre para a felicidade dos Imperios.* Se eu render ás Letras eſte ſerviço, ficaráõ ſatisfeitos os voſſos votos, e juſtificada a eſcolha do Noſſo Auguſto Soberano.

Feliz a Naçaõ, em que os Filoſoſos reinaſſem, ou os Reis filoſofaſſem: dizia o mais ſabio de todos os Gregos. Plataõ naõ formava no ſeu coraçaõ eſtes votos, ſenaõ ao amor da ſua Patria, e ao bem do genero humano.

Com effeito, Senhores, que triſte perſpectiva nos offerece a hiſtoria do mundo na noite funeſta da ignorancia! Qual foi o Povo ſepultado neſtas trévas, que ſe pudeſſe chamar feliz? Reis ignorando naõ ſó a arte de reinar, mas o prazer delicado de reinar nos corações, pelo caminho do amor, e da doçura: a força era o ſeu Direito, era de ferro o ſeu Sceptro: os vaſſallos em lugar de filhos eraõ, ou rebeldes que mordiaõ o freio, ou máquinas que ſe deixavaõ conduzir por hum movimento ſecundario, ſem que a ſua obedi-

diencia foſſe regulada por hum principio de virtude. Que progreſſos podia fazer ſobre o eſpirito humano huma razaõ fraca , e corrompida ſem os ſoccorros da Filoſofiia ? Os coſtumes ſeraõ ſempre ferozes : a humanidade deſconhecerá os ſeus direitos : as Leis naõ teraõ força : a obediencia naõ dará hum paſſo dentro da linha indiviſivel do ſeu dever. Que mais ? Reinará a diſcordia : os pactos da Sociedade ſeraõ rotos : ſeraõ confundidos os officios do homem : naõ haverá nem Magiſtrado , nem Patria , nem Lei , nem Rei , nem honra , nem virtudes , nem paz , nem ſegurança. Em fim , o Imperio ſerá hum verdadeiro cahos , ſe a luz da Filoſofia o naõ levantar da confuſaõ , e da deſordem.

A pintura deſtes horrores naõ faz no noſſo eſpirito toda a impreſſaõ que pede o fundo deſta verdade abſtracta : eu vou contrahilla para a hiſtoria do meſmo Paiz que habitamos. Hunos , Alanos , Getulas , Sarmatas , Suevos , Godos , Póvos barbaros , que inundaſtes a bella regiaõ do Meio-dia , a força era o voſſo direito , a guerra o voſſo prazer , Megéra a voſſa Caliope , Marte o voſſo Apóllo : os ſeculos paſſäraõ , e apenas podemos hoje ſegurar , que ſe apagáraõ de todo as impreſſões profundas da dominaçaõ Gothica.

Os homens conhecêraõ que tinhaõ huma neceſſidade mútua de ſe illuſtrarem : he a eſta meſma neceſſidade que nós devemos o eſtabelecimento de todas as Sociedades Literarias , e he a eſte ſabio eſtabelecimen-

to , que ſe deve fixar em todas as Nações a época mais certa dos progreſſos do eſpirito humano , e da felicidade dos Imperios. O Licêo , e o Portico , foraõ na Grecia o berço da Filoſofia , e da Eloquencia : as Academias da Grecia , foraõ a eſcóla dos Romanos.

Ninguem ignora que as letras florecentes nos bons dias de Auguſto , ſe enfraquecêraõ bem depreſſa debaixo da oppreſſaõ da tyrannia , e acabáraõ de todo nas convulſões violentas , que abaláraõ o Imperio dos Romanos , e que confundidas na ſua quéda , foraõ ſepultadas debaixo das ſuas ruinas. As artes naõ triunfaõ ſenaõ no tempo da proſperidade , e os talentos adormecidos no ſeio da Natureza , naõ ſe deſpertaõ já mais , ſenaõ ás vozes dos Principes bemfeitores. Maximas confirmadas pela hiſtoria de todos os Póvos. Carlos Magno reanimou as Sciencias , e as Artes , que dormiaõ em hum ſomno lethargico. Os Imperadores do Occidente , que lhe ſuccedêraõ , ou menos fortes , ou menos affortunados , ſe occupáraõ todos em reprimir os inimigos , que inundavaõ a França , e a Italia , e deixáraõ cahir outra vez as Letras no ſeu antigo lethargo , que naõ foi interrompido , ſenaõ pela perda de Conſtantinopla.

Mahomet II. triunfa do Imperio de Bizancio já cahido em pedaços : em vaõ o bravo Dracozes ſe oppõe á furia do implacavel vencedor : elle céde á ſua fortuna. Mahomet entra em Conſtantinopla : tudo cahe aos ſeus pés : reina a carnagem , e o horror : elle eſtende a ſua raiva aos vivos , e aos mortos : extermina os

Gre-

Gregos, deſterra os Sabios, e faz incendiar as Bibliothecas : que perda ! Ficai na voſſa ignorancia, Povo barbaro, e feroz. Paizes deſgraçados, em que o genero humano repartido nas duas claſſes, de tyrannos, ou de eſcravos geme de huma condiçaõ, que envergonha a huns, e outros.

Entaõ tudo muda de face. As Muſas errantes vaõ mendigar hum aſylo na Italia : a caſa do Medicis recebe em Florença a eſtes ſabios Gregos, que o barbaro, e ignorante Mahomet proſcrevêra da ſua Patria, e eſpalhaõ alli as luzes, que tinhaõ bebido em Athenas. Eſtas luzes ſe propagaõ, e os ſeus raios tocaõ as Nações do continente. A Europa olha para ſi, e ſe deſconhece : as Sociedades Literarias ſe formaõ, e as Letras principiaõ a ſer o objecto da applicaçaõ ſéria do eſpirito, e ſervem meſmo ao prazer do coraçaõ. Os Reis eſtudaõ, e os louros de Marte com os de Apóllo ſe enlaçaõ nos ſeus Diademas. Franciſco I. em França, Lourenço, e Coſme em Florença, Diniz, e Manoel em Portugal, cultivaõ as Muſas, e as honraõ, e a noſſa Patria, melhor diſſera Patria das Muſas, já produzia Poemas Epicos, em tanto que a França ſe continha ainda no eſtreito círculo dos Madrigaes, e dos pequenos Epigrammas.

Mas eſta brilhante Aurora, que annunciava huma ſucceſſaõ de ſeculos illuſtrados, foi eclipſada pelo máo goſto de novos induſtrioſos Meſtres, que ſe diz, pertendiaõ eſtabelecer o ſeu imperio ſobre a baſe da

noſſa ignorancia. He certo, ao menos, que eſtes homens novos naõ creáraõ outros Oſorios, outros Freires, outros Paivas, outros Camões, e outros muitos illuſtres Portuguezes, que fixáraõ a época da noſſa Literatura, e que florecêraõ antes do eſtabelecimento deſtas novas Eſcólas. As Letras, e as Artes padecêraõ em Portugal hum eclipſe, de que ainda nos reſtaõ alguns veſtigios.

Neſtes tempos, de que eu fallo, que falſo goſto de eloquencia! O Orador imaginava ſer raſteiro, ſe do primeiro paſſo ſe naõ perdia entre as nuvens. Huma erudiçaõ amontoada, ſem eſcôlha, e ſem ordem; citações impertinentes de Claudiano, e de S. Paulo, de Plinio, e de S. Thomás, da Eneiade, e do Evangelho, com a miſtura mais exotica, e ſacrilega decidiaõ do merecimento dos ellogios; e os que queriaõ louvar o ſeu Heróe com mais applauſo trabalhavaõ por deſcobrir o ſegredo de naõ fallar delle. A cadeira, parecia diſputar, ou as galantarias do theatro, ou as ſeccuras da eſcóla; e o Prégador imaginava ter cumprido com o Miniſterio mais grave da ſua Religiaõ, quando proferia alguns termos myſterioſos, e barbaros, que ſe naõ entendiaõ; ou quando algumas graças, que ſe naõ deviaõ entender. A meſma Poeſia, a pezar dos Camões, dos Cayados, dos Lobos, dos Ferreiras, dos Bernardes, e de outros mais caminhava, ſem regras, e ao acaſo; e tanto o Poeta, como o Orador era reſpeitado em ſendo inintelligivel.

Raſ-

Raſga-ſe em fim o véo que cobria Portugal. O Grande, e Immortal Joaõ o V. cujo golpe de viſta era taõ prompto, e taõ ſeguro, julgou que a noſſa idade brilhante devia começar, e perſuadido que os eſpiritos inventores, e vagos apenas illuſtraõ o ſeu ſeculo, e que ás vezes deixaõ após ſi tantas trévas como as que tinhaõ diſſipado, ſe reſolve a fixar a noſſa época, e alcançar os fundamentos de huma Sociedade Literaria da Hiſtoria Portugueza; cujo eſtabelecimento, quando naõ tiveſſe outro fruto mais que o de imprimir no commum da Naçaõ eſte eſpirito Literario, ſeria ſempre vantajoſo.

O ſucceſſo correſponde aos votos do Grande Monarcha. Por toda a parte ſe levantaõ Templos ás Muſas. A emulaçaõ, que deſcobre, e aperfeiçôa os talentos ſe deſperta. Apenas ha Cidade no Reino todo, em que ſe naõ vejaõ naſcer outras muitas Sociedades Literarias. O eſpirito do ſabio Legislador ſe derrama por todas as terras da ſua obediencia: he honrada a profiſſaõ das Letras: faz-ſe huma revoluçaõ geral no noſſo eſpirito, e Portugal recebe huma nova face. Os Grandes naõ fazem conſiſtir ſimplesmente a ſua gloria em vencer os inimigos: elle ajuntaõ os louros de Marte com os de Minerva. Vê-ſe o Grande Ericeira eſcrever, e combater como Ceſar.

A cultura das Letras tem caminhado de hum paſſo igual com a affortunada Monarchia. Quem ignora os progreſſos rápidos das Sciencias, favorecidas, e fomen-

mentadas no Reinado precedente ? A poſteridade imparcial fará ao Grande Joſé I. a juſtiça que merece hum Monarcha, o mais conſtante nas adverſidades, o mais illuſtrado nos principios, e o mais firme Protector dos ſabios, que convocou de todas as Nações da Europa, para ornamento da noſſa Patria.

Que direi eu de ſeu Auguſto Irmaõ? As noſſas delicias, o primeiro, e o mais amavel dos Soberanos, e dos homens ! Eſte Principe incomparavel, franquea com maõ larga as ſuas graças, e a ſua benevolencia a eſta Sociedade Literaria, conſagrada toda aos ſeus obſequios; e na intelligencia de que os coſtumes ſe reformaõ á medida que os eſpiritos ſe illuſtraõ, quando promove os noſſos exercicios, elle eſpera dos noſſos exemplos de virtude, tantas vantajens para a Sociedade, como os noſſos bons eſcritos podéraõ procurar para o imperio das Letras.

Diſſe

Fr. Joaquim Forjás.

Gra-

Gratifica o Conclave Academico a Sua Mageſtade o Senhor D. Pedro III., o magnifico, e grandioſo preſente dos exqueſitos doces com que os brindou no dia dos feliciſſimos annos da Auguſtiſſima Senhora D. Maria I., dia em que ſe fez o Sertame Literario.

SONETO.

DA voſſa Auguſta Maõ Real Atlante
Nos veio eſte magnifico preſente,
E o conclave por elle geralmente
Vo-la beija com goſto relevante:

Oh ſe os Deoſes com Jupiter Tonante
Gozaſſem deſta dita hoje igualmente
Se aſſombraraõ da dadiva excellente,
Por ver grandeza á ſua exuberante:

Em fim, Jove, e os mais Deoſes ſem demora
Vendo os nevados doces, que podiaõ
Endeoſar os humanos naquella hora:

Admirando o prazer com que os comiaõ
Se licito tocallos tambem fôra,
Com goſto os proprios Deoſes comeriaõ.

Sa-

diencia foſſe regulada por hum principio de virtude. Que progreſſos podia fazer ſobre o eſpirito humano huma razaõ fraca , e corrompida ſem os ſoccorros da Filoſofiia ? Os coſtumes ſeraõ ſempre ferozes : a humanidade deſconhecerá os ſeus direitos : as Leis naõ teraõ força : a obediencia naõ dará hum paſſo dentro da linha indiviſivel do ſeu dever. Que mais ? Reinará a diſcordia: os pactos da Sociedade ſeraõ rotos: ſeraõ confundidos os officios do homem : naõ haverá nem Magiſtrado , nem Patria, nem Lei , nem Rei , nem honra, nem virtudes, nem paz, nem ſegurança. Em fim , o Imperio ſerá hum verdadeiro cahos , ſe a luz da Filoſofia o naõ levantar da confuſaõ , e da deſordem.

A pintura deſtes horrores naõ faz no noſſo eſpirito toda a impreſſaõ que pede o fundo deſta verdade abſtracta : eu vou contrahilla para a hiſtoria do meſmo Paiz que habitamos. Hunos, Alanos, Getulas , Sarmatas, Suevos, Godos , Póvos barbaros , que inundaſtes a bella regiaõ do Meio-dia, a força era o voſſo direito, a guerra o voſſo prazer, Megéra a voſſa Caliope, Marte o voſſo Apóllo: os ſeculos paſſáraõ, e apenas podemos hoje ſegurar, que ſe apagáraõ de todo as impreſſões profundas da dominaçaõ Gothica.

Os homens conhecêraõ que tinhaõ huma neceſſidade mútua de ſe illuſtrarem : he a eſta meſma neceſſidade que nós devemos o eſtabelecimento de todas as Sociedades Literarias , e he a eſte ſabio eſtabelecimen-

to , que ſe deve fixar em todas as Nações a época mais certa dos progreſſos do eſpirito humano , e da felicidade dos Imperios. O Licêo , e o Portico , foraõ na Grecia o berço da Filoſofiia , e da Eloquencia : as Academias da Grecia, foraõ a eſcóla dos Romanos.

Ninguem ignora que as letras florecentes nos bons dias de Auguſto , ſe enfraquecêraõ bem depreſſa debaixo da oppreſſaõ da tyrannia , e acabáraõ de todo nas convulſões violentas , que abaláraõ o Imperio dos Romanos , e que confundidas na ſua quéda , foraõ ſepultadas debaixo das ſuas ruinas. As artes naõ triunfaõ ſenaõ no tempo da proſperidade , e os talentos adormecidos no ſeio da Natureza , naõ ſe deſpertaõ já mais , ſenaõ ás vozes dos Principes bemfeitores. Maximas confirmadas pela hiſtoria de todos os Póvos. Carlos Magno reanimou as Sciencias , e as Artes , que dormiaõ em huim ſomno lethargico. Os Imperadores do Occidente , que lhe ſuccedêraõ , ou menos fortes , ou menos affortunados , ſe occupáraõ todos em reprimir os inimigos , que inundavaõ a França , e a Italia , e deixáraõ cahir outra vez as Letras no ſeu antigo lethargo , que naõ foi interrompido , ſenaõ pela perda de Conſtantinopla.

Mahomet II. triunfa do Imperio de Bizancio já cahido em pedaços : em vaõ o bravo Dracozes ſe oppõe á furia do implacavel vencedor : elle céde á ſua fortuna. Mahomet entra em Conſtantinopla : tudo cahe aos ſeus pés : reina a carnagem , e o horror : elle eſtende a ſua raiva aos vivos , e aos mortos : extermina os

Gre-

Gregos, deſterra os Sabios, e faz incendiar as Bibliothecas : que perda ! Ficai na voſſa ignorancia, Povo barbaro, e feroz. Paizes deſgraçados, em que o genero humano repartido nas duas claſſes, de tyrannos, ou de eſcravos geme de huma condiçaõ, que envergonha a huns, e outros.

Entaõ tudo muda de face. As Muſas errantes vaõ mendigar hum aſylo na Italia : a caſa do Medicis recebe em Florença a eſtes ſabios Gregos, que o barbaro, e ignorante Mahomet proſcrevêra da ſua Patria; e eſpalhaõ alli as luzes, que tinhaõ bebido em Athenas. Eſtas luzes ſe propagaõ, e os ſeus raios tocaõ as Nações do continente. A Europa olha para ſi, e ſe deſconhece : as Sociedades Literarias ſe formaõ, e as Letras principiaõ a ſer o objecto da applicaçaõ ſéria do eſpirito, e ſervem meſmo ao prazer do coraçaõ. Os Reis eſtudaõ, e os louros de Marte com os de Apóllo ſe enlaçaõ nos ſeus Diademas. Franciſco I. em França, Lourenço, e Coſme em Florença, Diniz, e Manoel em Portugal, cultivaõ as Muſas, e as honraõ, e a noſſa Patria, melhor diſſera Patria das Muſas, já produzia Poemas Epicos, em tanto que a França ſe continha ainda no eſtreito círculo dos Madrigaes, e dos pequenos Epigrammas.

Mas eſta brilhante Aurora, que annunciava huma ſucceſſaõ de ſeculos illuſtrados, foi eclipſada pelo máo goſto de novos induſtrioſos Meſtres, que ſe diz, pertendiaõ eſtabelecer o ſeu imperio ſobre a baſe da

noſſa ignorancia. He certo, ao menos, que eſtes homens novos naõ creáraõ outros Oſorios, outros Freires, outros Paivas, outros Camões, e outros muitos illuſtres Portuguezes, que fixáraõ a época da noſſa Literatura, e que florecêraõ antes do eſtabelecimento deſtas novas Eſcólas. As Letras, e as Artes padecêraõ em Portugal hum eclipſe, de que ainda nos reſtaõ alguns veſtigios.

Neſtes tempos, de que eu fallo, que falſo goſto de eloquencia! O Orador imaginava ſer raſteiro, ſe do primeiro paſſo ſe naõ perdia entre as nuvens. Huma erudiçaõ amontoada, ſem eſcolha, e ſem ordem; citações impertinentes de Claudiano, e de S. Paulo, de Plinio, e de S. Thomás, da Eneiade, e do Evangelho, com a miſtura mais exotica, e ſacrilega decidiaõ do merecimento dos ellogios; e os que queriaõ louvar o ſeu Heróe com mais applauſo trabalhavaõ por deſcobrir o ſegredo de naõ fallar delle. A cadeira, parecia diſputar, ou às galantarias do theatro, ou as ſeccuras da eſcóla; e o Prégador imaginava ter cumprido com o Miniſterio mais grave da ſua Religiaõ, quando proferia alguns termos myſterioſos, e barbaros, que ſe naõ entendiaõ; ou quando algumas graças, que ſe naõ deviaõ entender. A meſma Poeſia, a pezar dos Camões, dos Cayados, dos Lobos, dos Ferreiras, dos Bernardes, e de outros mais caminhava, ſem regras, e ao acaſo; e tanto o Poeta, como o Orador era reſpeitado em ſendo inintelligivel.

Raſ-

Raſga-ſe em fim o véo que cobria Portugal. O Grande, e Immortal Joaõ o V. cujo golpe de viſta era taõ prompto, e taõ ſeguro, julgou que a noſſa idade brilhante devia começar, e perſuadido que os eſpiritos inventores, e vagos apenas illuſtraõ o ſeu ſeculo, e que ás vezes deixaõ após ſi tantas trévas como as que tinhaõ diſſipado, ſe reſolve a fixar a noſſa época, e alcançar os fundamentos de huma Sociedade Literaria da Hiſtoria Portugueza; cujo eſtabelecimento, quando naõ tiveſſe outro fruto mais que o de imprimir no commum da Naçaõ eſte eſpirito Literario, ſeria ſempre vantajoſo.

O ſucceſſo correſponde aos votos do Grande Monarcha. Por toda a parte ſe levantaõ Templos ás Muſas. A emulaçaõ, que deſcobre, e aperfeiçôa os talentos ſe deſperta. Apenas ha Cidade no Reino todo, em que ſe naõ vejaõ naſcer outras muitas Sociedades Literarias. O eſpirito do ſabio Legislador ſe derrama por todas as terras da ſua obediencia: he honrada a profiſſaõ das Letras: faz-ſe huma revoluçaõ geral no noſſo eſpirito, e Portugal recebe huma nova face. Os Grandes naõ fazem conſiſtir ſimplesmente a ſua gloria em vencer os inimigos: elle ajuntaõ os louros de Marte com os de Minerva. Vê-ſe o Grande Ericeira eſcrever, e combater como Ceſar.

A cultura das Letras tem caminhado de hum paſſo igual com a affortunada Monarchia. Quem ignora os progreſſos rápidos das Sciencias, favorecidas, e fomen-

mentadas no Reinado precedente ? A poſteridade imparcial fará ao Grande Joſé I. a juſtiça que merece hum Monarcha, o mais conſtante nas adeverſidades, o mais illuſtrado nos principios, e o mais firme Protector dos ſabios, que convocou de todas as Nações da Europa, para ornamento da noſſa Patria.

Que direi eu de ſeu Auguſto Irmaõ? As noſſas delicias, o primeiro, e o mais amavel dos Soberanos, e dos homens ! Eſte Principe incomparavel, franquea com maõ larga as ſuas graças, e a ſua benevolencia a eſta Sociedade Literaria, conſagrada toda aos ſeus obſequios; e na intelligencia de que os coſtumes ſe reformaõ á medida que os eſpiritos ſe illuſtraõ, quando promove os noſſos exercicios, elle eſpera dos noſſos exemplos de virtude, tantas vantajens para a Sociedade, como os noſſos bons eſcritos podéraõ procurar para o imperio das Letras.

Diſſe

Fr. Joaquim Forjás.

Gra-

Gratifica o Conclave Academico a Sua Mageſtade o Senhor D. Pedro III., o magnifico, e grandioſo preſente dos exqueſitos doces com que os brindou no dia dos feliciſſimos annos da Auguſtiſſima Senhora D. Maria I., dia em que ſe fez o Sertame Literario.

SONETO.

DA voſſa Auguſta Maõ Real Atlante
Nos veio eſte magnifico preſente,
E o conclave por elle geralmente
Vo-la beija com goſto relevante:

Oh ſe os Deoſes com Jupiter Tonante
Gozaſſem deſta dita hoje igualmente
Se aſſombraraõ da dadiva excellente,
Por ver grandeza á ſua exuberante:

Em fim, Jove, e os mais Deoſes ſem demora
Vendo os nevados doces, que podiaõ
Endeoſar os humanos naquella hora:

Admirando o prazer com que os comiaõ
Se licito tocallos tambem fôra,
Com goſto os proprios Deoſes comeriaõ.

Sa-

SApientiſſimos Collegas, quando eu me conſidero occupando na voſſa reſpeitavel preſença o lugar de Secretario, a que me elevaſtes, que differentes movimentos naõ ſaõ os da minha alma? Humas vezes eu me ſupponho remontado ſobre a fraqueza das minhas forças, emparelhando com aquelles grandes eſpiritos, que ornados de huma vaſtiſſima literatura eternizaraõ na poſteridade juntamente com a gloria dos ſeus nomes as ſuas Patrias: Outras vezes eu me aterro, e me confundo reflectindo no que vós ſois, e no que ſou eu. Vós Aguias, que bebendo raio a raio as luzes do Sol eſtendeis o vôo da terra ao Templo da Immortalidade: eu ſem copia de expreſſões, ſem valentia de imagens, ſem talentos, como me atreverei a alçar a voz, ſem que hum frio ſuſto me embargue na garganta?

Mas ſe eu á ſombra da voſſa fama tenho a felicidade de ouvir a hum ſagrador Orado, que eſmaltando a nobreza do ſangue, que pulſa nas ſuas veias com os dotes de engenho, e de erudiçaõ, de que a arte, e a natureza, dando-ſe reciprocamente as maõs, o enrequecêraõ, diſputa a primazia aos Chryſoſtomos, aos Cyprianos, e aos Agoſtinhos: a hum Orador ſagrado, que, tendo-nos pendentes de ſeus ſazonados diſcurſos, moveo os noſſos animos com aquella unçaõ, que Deos particularmente dá aos Miniſtros da ſua Palavra: ſe eu tenho a felicidade de ouvir a hum Preſidente de huma

Eſtirpe taõ antiga , que quaſi que ſe confunde na eſcuridade dos tempos , que creado no regaço das Muſas, tem a largos ſorvos bebido no Helicon, todos os encantos de que enche as ſuas maravilhoſas producçõés: de hum Preſidente , que depois de illuſtrar o Clauſtro de que he filho , já com as ſuas virtudes , já com a ſua ſciencia , cobre , e coroa de reſplendores a noſſa Regia Academia , moſtrando com huma affluencia de doutrinas , com huma viveza de imaginaçaõ , qual eu pintar-vos naõ poſſo , qual he o augmento que da cultura das letras reſulta aos Imperios , e ás Monarchias: ſe eu tenho a felicidade de ouvir a huns problematicos , que conſultando o ſeu coraçaõ , diſputaõ entre Portugal , e Heſpanha aquelles affectos, que ſaõ naturaes na auſencia , e na reſtituiçaõ de huma Soberana, que entre as Heroinas occupa hum lugar vantajoſo: ſe eu tenho a felicidade de vos ouvir a todos , porque naõ me esforçarei na certeza de que ſementes taõ precioſas produzaõ aquelles frutos , que me façaõ dignos da voſſa Sociedade ?

Com effeito , Senhores , que eſtro naõ accende nas minhas veias, as vozes de ciſnes taõ canoros? De que fogo me naõ ſinto eu inflammado , quando entre vós me ſupponho , reflectindo na minha alma como éco de cavados rochedos , naõ ſei que eſpecies , que dimanando de vós baſtaõ para me conſtituir ſabio entre os ſabios. Como diſcorrendo no que vos tenho ouvido , eu ouſo aſſeverar que o exercicio das Academias , he a

ba-

baſe, ſobre que as Républicas eſtabelecem a ſua felicidade, e o ſeu decóro.

Antigo Ariopago, a quem deves tu a gloria de que inda agora gozas? Vós, Demoſthenes, vós, Homeros, quanto, quanto immortalizaſtes a fecunda, e reſpeitoſa Grecia, já com as voſſas orações, já com as voſſas Epopeas? As eſpadas dos Temiſtocles naõ lembraõ mais que as voſſas pennas, naõ he ſobre as cinzas dos voſſos Generaes, que o Conquiſtador Macedonico derrama ſuas lagrimas: a ſua inveja cahe ſobre o Panegyriſta de Achilles.

Por ventura Roma diſputaria a Carthago a ſua gloria, ſe do ſeu ſeio naõ ſurgiſſem aquelles brilhantes eſpiritos, que como Meſtres do genero humano foraõ creados pelo Grande Deos: os Auguſtos, os Tullios, os Marões, os Livios, mil outros? Naõ he com a ſua morte, e com a decadencia dos eſtudos, que aquelle grande corpo, foi pouco a pouco exhalando a ſua vida.

Mas para que he mendigar exemplos fóra de nós? Quando foi, Senhores, que dilatando as noſſas conquiſtas, naõ ſó deſcubrimos o prateado berço do dia, mas ajuntámos ás noſſas Quinas novos Mundos? Toda eſta honra naõ a conſeguimos, quando contavamos entre nós aos Camões, aos Ferreiras, aos Bernardes, aos Mirandas, aos Coſtas, aos Gouveas, aos Rezendes, aos Menezes, quando por confiſſaõ dos eſtranhos, Portugal era hum povo de ſabios, como atteſtaõ

as memorias daquelle tempo, e aquelles livros, que saõ as fontes, de que nós hoje nos enriquecemos?

Mas que he o que eu faço, como levo taõ avante o meu atrevimento, que naõ me lembro que hum Forjás dado pelas Musas á Lusitania, tem esgotado argumento taõ sublime? Para que todos unidos em hum corpo, trabalhemos por dar á nossa Naçaõ este lustre, quanto basta os aureos discursos, que lhe ouvimos?

Amaveis Socios, infisti nos vossos projectos: o progresso de hum Reino, de que vós sois Vassallos, vós o podeis adiantar com a vossa applicaçaõ. Aquelle he o vosso exemplar: o nosso Mestre he aquelle. Elevai a gloria de hum Monarca, que he o nosso Protector até ás Estrellas. Como novo Astro collocai-o entre aquellas constellações, que influem na nossa ventura. Mereceo: e vos que sois mais filhos que subditos, lavrando-lhe a Estatua, que o immortaliza, com os vossos escritos, tambem fareis nos seculos vindoiros eterna a vossa memoria, principalmente vagando os vossos discursos por campos taõ ferteis, como saõ os Annos, as Virtudes, e as maravilhosas qualidades dos nossos amaveis Soberanos, dos nossos Principes, de toda a Bragantina Casa, de toda a Casa Hespanica.

Nem vos intimide a mordaz lingoa dos Aristarcos, quando naõ foi perseguido o merecimento? A inveja derramando o seu veneno, quando naõ atacou aos bons. Ah que naõ sabemos quanto nos ajudaõ estes estimulos! Assim he que florecêraõ sempre as maiores Aca-

de-

demias? Diſſipando os Sabios a emulaçaõ, como o Sol os vapores terrenos, entaõ he que brilhaõ mais. Tenhamos nós da noſſa parte a protecçaõ daquella Mulher forte, que com intrepido pé calca a cabeça da maligna ſerpente. Tenhamos nós o amparo dos noſſos Reis. Continuemos em merecello, deſempenhando aquelle Regio Nome, com que eſta aſſemblea tanto ſe acredita: Nome que baſta para maior honra, nós triunfaremos de tudo.

Fallou

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

PRO-

PROBLEMA.

Qual fez maior impreſſaõ nos corações dos Portuguezes, ſe a mágoa, que lhe reſultou da enfermidade da Rainha Noſſa Senhora D. Marianna Victoria, ſe o goſto que conſeguio com a certeza da ſua melhoria.

DEFENDE-SE A PRIMEIRA PARTE.

QUal fizeſſe maior impreſſaõ nos corações dos Portuguezes, ſe a mágoa na enfermidade que accommetteo a Real, Soberana, e ſempre amavel Peſſoa da Auguſtiſſima Rainha a Senhora D. Marianna Victoria, ſe o goſto na ſua melhoria, he hum dos Problemas, que para ſe diſcutir, propôz eſte ſabio, e reſpeitavel congreſſo; e que grande, mas difficultoſa empreza? Que ſublime, mas arduo empenho? E quem miniſtrará á fraqueza do meu engenho azas para taõ alto aſſumpto? Que digno ſe faz elle da mais elevada comprehenſaõ: a regiſtar as luzes do Sol ſó chegaõ os remontados vôos da ſublime Aguia, como ſe haõ de animar os vagaro-

ſos paſſos da raſteira ave ? Subir para chorar o precipicio, he louco empenho da temeridade; elevar-ſe para deſmaiar nos vôos, he levantar na quéda ignominioſos padrões á ſoberba, e céga ſantazia; eſte conhecimento entre a confuſa preplexidade da reſoluçaõ ſuſpendêra juſtamente o meu diſcurſo, ſe o naõ animára eſperar na voſſa urbanidade aquella attençaõ, que deſmerece o inculto das meſmas expreſſões, o humilde de meus conceitos, e as eſcuras imagens de minha mal limada Rethorica; muito mais que os voſſos rogos me obrigáraõ; e que culpa tem a obediencia de ſer céga; errar obedecendo ſempre foi ſacrificio, como póde ſer delicto.

Qual porém entre eſtes dnis affectos, a mágoa na enfermidade, e o goſto na melhoria de Sua Mageſtade, a Auguſtiſſima Rainha, a Senhora D. Marianna Victoria fizeſſe maior impreſſaõ nns noſſos corações he, o que eſperais, defenda o meu diſcurſo; e ou ſeja a grandeza da ſua juſtiça, ou a natural ſympathia do proprio genio, venho determinado a defender a parte da mágoa: ſim funeſtará eſta a voſſa memoria, fazendo-vos ver ſuas triſtes, e melancolicas imagens; mas quando ſe naõ fez preciſo pintar o eſcuro horror da tempeſtade, o empollado, e ſoberbo das ondas, o impetuoſo, e irado dos ares, para que mais ſe conheça a grandeza, e conſtancia do Baixel, que ſem ſe ſubmergir ſe offereceo aos violentos impulſos da ſua furia, eu principio.

En-

Entre os placidos ſocegos da mais feliz poſſe na vida da Auguſtiſſima Rainha , a Senhora D. Marianna Victoria , ſe achavaõ os noſſos corações , ſim choravaõ a ſua auſencia , mas reſpiravaõ com a goſtoſa eſperança de ver outra vez reſtituida ao hemiſferio de Portugal eſſa Luz , a quem eſtimaõ como Oriente das ſuas felicidades , como amavel emprego dos ſeus affectos , quando chegou a infauſta , e ſenſivel noticia da ſua enfermidade , e logo enlutando-ſe em triſtes nuvens , ſe preoccupáraõ da maior , e mais juſta mágoa , e quem naõ confeſſará que nella lhe offerecêraõ o maior , e mais grato ſacrificio.

A mágoa , Senhores , he hum affecto , ſim nobre , mas taõ forte , taõ arrebatado , taõ violento , que para dominar de todo o coraçaõ do homem no mais íntimo do ſeu centro , vai levantar throno á ſua grandeza , aqui lhe rendem por innegavel tributo goſtoſa vaſſallagem todas as potencias d'alma ; e ſentindo-ſe ſenhores de todos os ſeus affectos para oſtentaçaõ de ſeu imperioſo dominio , eſpalhando-ſe pela ſua circumferencia , por todas as partes o penetra , o fere , o opprime , ſente-ſe eſte accommettido , e naõ podendo reſiſtir aos rebatados impulſos da ſua violencia , perdendo as forças , deſmaia : Se o goſto por parte da natureza o quer defender , chorando-ſe vencido , o deſampara , e ſó ſem mais companhia , que funeſtas repreſentações , tímidos ſuſtos , lugubres objectos , que o cercaõ , ſe rende , e confeſſa o coraçaõ victima , e deſpojo da gran-

deza da mágoa : ah , e quanto cuſta a eſte deſpir as bellas imagens do júbilo, do prazer, da alegria, para ſe cobrir com as eſcuras nuvens da mágoa , do ſentimento , do pezar ! e quem naõ conhece , que quanto mais violento he o facrificio , mais cuſtoſa a victima , mais ſóbe na ſua grandeza ? Seguir o goſto he natural inclinaçaõ do coraçaõ do homem , deixar-ſe penetrar dos eſtragos da mágoa , extremoſa paixaõ do amor , e quando naõ foraõ mais fortes , quando naõ fizeraõ maior impreſſaõ , quando naõ foraõ mais eſtimaveis os extremos do amor , que as producçõeſ da natureza , as violencias do affecto , que o proprio das inclinações.

O goſto ama hum bem , que deleita , a mágoa ſente hum mal , que afflige , no goſto o coraçaõ reſpira , no mal o coraçaõ agoniza , para as operações do goſto por propria ſympathia o coraçaõ voluntariamente ſe alenta , ſe rende , ſe ſujeita ; para os impulſos da mágoa fazendo ſe violencia preciſa que o coraçaõ a ſi meſmo ſe vença , e quando naõ foi maior o triunfo ſendo mais forte a reſiſtencia ? Vencer , a quem voluntariamente ſe rende , fim ſerá victoria ; mas he victoria ſem gloria : logo he mais forte , e glorioſo do que do goſto o ſer da mágoa , porque eſta para ſe fenhorear do coraçaõ do homem the preciſa , que enchendo-lhe as forças , com que lhe reſiſte , que eſte ſe confeſſe deſpojo da ſua grandeza , ſervindo-lhe a meſma reſiſtencia de lhe augmentar a intençaõ , com que ſe anima , e ſe quanto mais forte he o agente maior impreſſaõ faz no ſugeito , a

que

que ſe une, ſendo a mágoa o mais forte affecto do coraçaõ do homem, quem duvidará ſez maior impreſſaõ nos dos Portuguezes a mágoa na enfermidade da Auguſtiſſima Rainha, do que ſez o goſto na ſua melhoria: continue o meu diſcurſo as razões da ſuperioridade da mágoa

O goſto he hum affecto eſteril, naſce, e como naſce fica, ou naõ ha de ſer completo, ou naõ póde creſcer, menos produzir; para ſer completo ha de comprehender toda a bondade do objecto, que ama, e naõ tem mais eſféra para a extenſaõ dos vôos, naõ aſſim a mágoa: fecunda em ſi meſma, naõ ha inſtante, que naõ produza novos eſtimulos ao ſeu augmento, novo ſer á ſua grandeza, naõ ſe clauſura ſó na bondade do objecto, que eſtima, e ſente, ou perdido, ou accommettido de algum mal, procurando no meſmo mal mais vigoroſos alentos em ſi meſma ſe multiplica, produzindo novas mágoas; o goſto dos Portuguezes na melhoria de Sua Mageſtade, ainda que grande, foi hum ſó goſto, quando tendo taõ feliz noticia ſe preoccupáraõ ſeus corações do maior júbilo, as mágoas na ſua enfermidade foraõ muitas, naſcidas de huma ſó mágoa; foi huma mágoa na noticia infauſta do accommettimento, outra no ſeu augmento, outra na ſua permanencia, e muitas nos ſuſtos da auſencia; e aſſim como as agoas ſahindo do mar, e dividindo-ſe em diverſos regatos, a elle ſe recolhem, e ſazem hum ſó mar, ainda que immenſo, e dilatado, aſſim todas eſtas mágoas

eſpalhando-ſe pela circumferencia dos coraçõés dos Portuguezes, e recolhendo-ſe ao ſeu centro, unidas em huma ſó mágoa formáraõ hum mar de ſentimento o mais dilatado, em que fluctuando eſtes, ſó tinhaõ alentos para mais ſentirem, e hum affecto, que para mais creſcer na ſua grandeza ſe multiplica, e faz fecundo, como naõ direi he o maior affecto, e como ſe anima a contender com elle, a pertender maioria, o goſto, que eſteril em ſi meſmo ſe clauſura.

E ſerá ſó eſta a menſurada eſféra, em que a grandeza da mágoa ſe reſolve? Será ſó eſta a baliza de ſeus elevados vôos? Naõ, a mais ſóbem os extremos do ſeu exceſſo, a mais ſe animaõ os deſejos da ſua grandeza, e naõ podendo nem em ſi, nem no mal que ſente mais creſcer, repreſenta maior o damno para mais ſentir, de que funeſtas imagens ſe naõ anima? Que triſtes repreſentações ſe lhe naõ offerecem? A vaga, e tímida imaginaçaõ lhe faz mais horroroſos os ſymptomas do mal, já ſe lhe repreſenta, que a Parca córta o fio, que a Morte levanta a foice, e deixa cahir o golpe para lhe roubar o bem, que eſtima, o placido ſomno lhe parece languido deſmaio, a natural reſpiraçaõ ultimos alentos, o deſaffogo dos ais ſentimentos da natureza de todo opprimida, que pallidos temores a naõ cércaõ? Em que contínuos ſuſtos naõ fluctua? E hum affecto, que para augmentar a grandeza do proprio ſer, naõ podendo nem em ſi, nem no mal, que padece, mais creſcer, repreſenta maior o

da-

damno para mais ſobir, ſem dúvida he o maior affecto; e que outro entre os rendimentos de vencido lhe naõ deve ceder a palma do triunfo, confeſſar o excéſſo da grandeza.

Muito mais, que o goſto na melhoria de Sua Mageſtade foi huma renovaçaõ do bem que já ſe poſſuia, da felicidade, que já ſe lograva, naõ ſoi affecto, que de novo ſe offereceſſe á ſua grandeza, ſim foi ſacrificio: mas ſacrificio que naõ paſſou a eſféra de ordinario, a Real Peſſoa de Sua Mageſtade foi ſempre o mais amavel, e goſtoſo Objecto dos noſſos corações, que muito o ſoſſe na ſua melhoria? A mágoa porém foi nova, e extraordinaria victima, que lhe offerecco o noſſo amor, e quem naõ confeſſará, que offerecer novo ſacrificio he maior exceſſo de amor, que naõ deixar extinguir as chammas, ao que já ardia.

O meſmo goſto ſe vê obrigado a confeſſar, que todo o ſeu ſer deve á grandeza da mágoa, nunca elle ſe elevára, ſe a mágoa nas ſuas penas lhe naõ dera as azas, logo ſerá ſem razaõ do goſto naõ ceder por tributo da gratidaõ a palma do triunfo, a quem lhe deo a grandeza do ſer.

Mas para que me demoro? Onde vôaõ meus penſamentos, como naõ teme o meu diſcurſo deſluſtrar com a ſua ruſticidade a grandeza da mágoa, como he poſſivel de a conhecer o brilhante da luz o eſcuro da ſombra; vos ſó, Sabios Academicos, com as luzes de voſſo ſubliime decernimento podereis bem conhecer a

gran-

grandeza da mágoa , fupprindo com os ſuffragios da voſſa eloquencia nas doutas producções de voſſo ſuave metro, que eſpero ou ver, a fraqueza, a ineptidade, o eſcuro do meu diſcurſo, que eu concluo dizendo que pela nobreza da ſua grandeza como affecto o mais forte , o mais fecundo fez maior impreſſaõ nos corações dos Portuguezes a mágoa na enfermidade da Auguſtiffima Rainha Senhora D. Marianna Victoria, do que fez o goſto na ſua melhoria.

Naõ temem, Auguſtiſſima Rainha, os leaes corações dos Portuguezes offerecerem-ſe por laceradas , e opprimidas victimas do amor a Mageſtade de Voſſa Real grandeza, ſentiraõ ſó houveſſe mal que vos opprimiſſe, acceitai pois, Senhora, a noſſa mágoa na voſſa enfermidade como grato, e devido tributo á voſſa Soberania, em quanto nós, nos votos da mais viva eſperança deſejamos conſerve Deos a vida de Voſſa Real Mageſtade por dilatados annos, cheia das maiores felicidades, coroada do mais feliz deſcanço.

Do Padre Joaquim dos Anjos.

DE-

DEFENDE-SE A SEGUNDA PARTE.

ENtre dois affectos, ambos nobres, ambos grandes, ambos ſuperiores, mas ao meſmo tempo oppoſtos, e contrarios, quem já mais pôde conhecer maioria? Quem já mais pôde aſſignar vantagem? A mágoa na enfermidade, que accommetteo a Real Peſſoa da Auguſtiſſima Rainha a Senhora D. Marianna Victoria, illuſtre ramo das Reaes Coroas de Caſtella, e França, que enlaçando-ſe por ſagrado hymeneo com a Real, e Auguſta Caſa de Bragança, empunhou o Sceptro no noſſo Reino de Portugal, ſendo preciſo naõ menos hemisferios para a extenſaõ de taõ luzido Sol, e o grande goſto, que occupou os corações dos Portuguezes na ſua melhoria entre ſi contendendo, e querendo cada hum cingir a palma do triunfo, cantar os vivas da victoria, e quem ha de ſer o juſto arbitro de taõ difficil empenho! Os corações dos Portuguezes palpitando entre ſuſtos, cobertos de triſtes, e melancolicas nuvens deſmaiaõ penetrados da dor, quando ſabem, que a força da enfermidade oppondo-ſe á conſervaçaõ de taõ precioſa vida, opprime aquella Mageſtade, a quem a natureza nos ſeus dons, a ſoberania na ſua grandeza cedêraõ á Coroa, entregáraõ o Sceptro, os corações dos Portuguezes,

zes, naõ cabendo em ſua meſma eſféra, cortando pelos triſtes ameaços do ſuſto preoccupados do maior goſto reſpiraõ em alegres vivas, quando ſabem, que a enfermidade, ou aſſuſtada, ou arrependida, entre confuſa, e tímida ſe auſenta, e qual deſtes affectos fizeſſe maior impreſſaõ nos noſſos coraçõens he o empenho, a que hoje ſe encaminha o meu deſtino; dê, ou naõ dê licença a mágoa, hei de advogar por parte do goſto, expondo ao voſſo alto decernimento as razões, que me offerece a fraqueza do meu engenho, naõ intento, naõ, ſer juiz que decida, ſim advogado que allegue.

A máoa, e o goſto, Senhores, ennobrecendo-ſe com o meſmo naſcimento, ambos ſe gloreaõ de ſerem filhos da mais nobre parte do corpo humano, o coraçaõ do homem, mas a mágoa o opprime, o aperta, o eſtreita: o goſto o dilata, o eſtende, o amplifica, e quanto maior he a victima, mais ſe elevaõ as chammas, mais ſóbe o fumo da oblaçaõ, mais avultado ſe conhece o ſacrificio.

Quem dá ſer ás operações do coraçaõ, ſaõ as potencias d'alma, a memoria lhe offerece a bondade do objecto, o entendimento os motivos de amavel, a vontade as obrigações de abraçar o objecto, que em ſi he bom, e amavel; e quem duvída, que a mágoa offuſcando o entendimento, ſuſpendendo a memoria, e opprimindo a vontade, deixa o coraçaõ inerte para a perfeiçaõ de hum affecto, que naõ póde ſer grande, ſem que por todos os motivos ſeja nobre; ſim naſce

mas

mas a meſma languidez, com que ſe anima lhe prohibe os paſſos, lhe ſuſpende os vôos: a meſma dôr, que lhe dá o ſer lhe tira os alentos, lhe enfraquece as forças, vindo a ſer muitas vezes mais porçaõ da natureza, que nobreza d'alma: a mágoa póde ſer compaixaõ natural ſem que motivo mais ſuperior lhe mova o impulſo: o goſto naõ reſpira, ſem que ſe lhe repreſente amavel o bem, que eſtima. Naſce, e morre o homem offerecendo nas lagrimas viſiveis teſtemunhos do ſeu ſentimento, para que ſe conheça, que ainda ſem os ſuffragios das potencias póde eſte ſer deſaffogo da natureza; com a mágoa enferma o coraçaõ, e quem naõ confeſſa, que as producções do enfermo por falta de alentos ſempre ſaõ languidas: naõ aſſim o goſto, quanto mais ama, mais conhece o bem que o anima, mais ſe alenta nos vôos, em que ſe eleva, mais creſce nos extremos em que reſpira. A mágoa violentando a vontade por natural deſaffogo obriga o coraçaõ a ſentir, o goſto ſó offerece o bem, para que voluntariamente ſe ame, e quem já mais deo maior valor a huma acçaõ violenta, que a hum ſacrificio livre, ſeja grande a mágoa, ſeja grande o goſto, na nobreza, em que ſe alenta roubа o goſto a palma ao ſentimento, e como affecto mais nobre preciſamente fez maior impreſſaõ nos corações dos Portuguezes na melhoria de Sua Mageſtade, do que fez a mágoa na ſua enfermidade.

A duraçaõ he quem aperfeiçôa qualquer obra da natureza, quem faz grande qualquer affecto d'alma.

Olhai para aquella que naſce pequena, e raſteira planta, e vereis que o ſer da permanencia engroſſando-lhe o tronco, eſtendendo lhe os ramos, e veſtindo-a de folhas, a faz creſcer frondoſa, e copada arvore. O tempo, que em ſi ſe eſtreita ao diminuto, e breve intervallo de hum inſtante o ſucceſſivo curſo dos ſeculos lhe dilata a grandeza, lhe eſtende o ſer, e ſendo em ſi volavel a permanencia dando-lhe forças o faz triunfar da duraçaõ dos bronzes mais fortes, dos marmores mais duros: A mágoa naſceo na enfermidade de Sua Mageſtade, eſpirou na ſua melhoria, o goſto levantando o throno nos eſtragos da mágoa durará pelos dilatados annos, que eſperamos Deos conſerve ſua precioſa vida, e quem lhe ha de negar na duraçaõ o maior ſer.

A meſma mágoa como deſpojo ſe vê obrigada a ſervir de glorioſa baſe á grandeza do goſto, quando apparecem mais ſerenos, e claros os ares mais luzidas, e agradaveis as nuvens ſenaõ quando vencido o procelloſo horror da tormenta ſe logra a felicidade da bonança, ſervindo o triſte do ſuſto de augmentar a grandeza do goſto.

Os affectos d'alma tem duas grandezas, huma com que eſſencial, e interiormente ſe animaõ, outra com que exteriormente ſe fazem amaveis, bem como o diamante, em quem os proprios reſplendores recebem mais avultada grandeza no valor, com que ſe eſtimaõ, e quanto excede neſta grandeza o goſto á mágoa; a

mágoa he hum affecto triſte, melancolico, e deſagradavel, funeſtos temores lhe daõ os alentos, eſcuras côres lhe cortaõ a gála, internecidos ais lhe formaõ a reſpiraçaõ, o goſto he hum affecto alegre, riſenho, e deleitavel; a placida ſerenidade lhe levanta o throno, alegres vivas lhe tecem a corôa, e o amor acompanhado das bellas imagens da ternura, da caricia, dos extremos rendendo-lhe vaſſallagem lhe beijaõ a maõ, e quem ſe deleita mais no deſabrido da montanha que no ameno do boſque, quem eſtima mais as luzes da Aurora que apparece chorando que os reſplendores do Sol, que naſce rindo. Concluamos pois, que na nobreza em que ſe alenta nas forças com que creſce, na duraçaõ com que permanece, e no valor com que ſe eſtima, excede muitas vezes o goſto a mágoa, e por iſſo fez impreſſaõ nos coraçõés dos Portuguezes o goſto, na melhoria da Auguſtiſſima Rainha, a Senhora D. Marianna Victoria, do que fez a mágoa no inſulto da ſua enfermidade.

Acerto foi do deſtino, ter o goſto patrono taõ reſtituido dos ſuffragios da eloquencia para que ſe conheceſſe, naõ deve o triunfo da ſua grandeza aos doutos, e concertados adornos da ſubtileza, tenha muito embora a mágoa patronos em vós, Sabios Academicos, que eſpalhando luzes no ſublime de voſſos diſcurſos, ornando-os das mais bellas imagens da Rethorica, dos mais ſubtis argumentos da razaõ, moſtreis com elles a grandeza da mágoa, mas nunca podereis negar a juſti-

ça com que o gosto empunha a palma da maioria, cinge a coroa da grandeza, fique pois grande a mágoa na eloquencia, com que se defenderá, fique grande o gosto em si mesmo.

E Vós, Augustissima Rainha, ou seja a mágoa no insulto da vossa enfermidade, ou o gosto no beneficio da vossa melhoria, recebei como devidos sacrificios da nossa gratidaõ estes sinceros, e extremosos affectos dos Portuguezes, sim desceste do Real Throno para nelle reinar vossa amavel Soberana, e Augustissima Filha, assim o dispoz a Providencia, mas nunca descereis do throno, que vos formaõ os nossos corações, nelles reinareis como assombro da natureza, como Sol das mais reaes coroas, como Heroina do nosso seculo, como medianeira das nossas felicidades, e como centro do nosso amor: este reverentemente ajoelhado diante da real grandeza de Vossa Real Magestade, vos dá os parabens da melhoria, pedindo a Deos dilate a vida de Vossa Magestade por longos annos.

Do Padre Joaquim dos Anjos.

Com

COm que ar de felicidade reſpiraõ já os noſſos corações, com que alentos de júbilos ſe animaõ, que amavel paz affugentando os triſtes temores do mais ſenſivel ſuſto lhes naõ miniſtra verem reſtituido á deſejada melhoria a Real Peſſoa do noſſo Auguſto, Fidelíſſimo, e ſempre amavel Monarcha, o Senhor D. Pedro III.! Eſſe Monarcha, que unido á ſua Auguſta, e Soberana Eſpoſa, ſuſtentando-lhe o Sceptro, ſegurando-lhe a coroa faz, que os dias de ſeu juſto governo vaõ formando a Portugal a época mais feliz das noſſas venturas: eſſe Monarca, em cuja vida reſpiraõ a dos ſeus fiéis Vaſſallos; ſeja-me licito, (e com quanto reſpeito o intento) tocar ainda, que levemente, algumas das naturaes, e ſoberanas qualidades, das moraes, e chriſtãns virtudes deſte Heróe grande, deſte Auguſto Monarcha, para que adorando-ſe a grandeza do beneficio, que nos concedeo o Omnipotente Deos de toda a conſolaçaõ em ſua feliz ſaude lhe rendamos nos mais ſinceros affectos da gratidaõ as devidas graças: Ah! E como naõ temo a juſta reprehenſaõ da minha temeridade? Onde vôaõ meus mal conſiderados penſamentos? Que intento? Perdoai, ſabio Congreſſo, eu naõ me alento intrepido a atraveſſar as ondas de taõ dilatado mar, eu naõ quero temerario penetrar os raios de taõ luzido Sol, vou ſó ſubmergir-me nas ſuas agoas, vou ſó cegar-me com as ſuas luzes: naõ ſó eſtas fazem agradaveis as imagens, tambem as ſombras lhes avivaõ

as

as côres, ſirva o proprio desluſtre de ſacrificio á grandeza da empreza.

E qual ſerá o quadro, em que vos repreſente a Mageſtade de taõ grande Imagem? Quaes ſeraõ as côres, com que lance taõ delicadas, e ſubtis linhas? Será olhando para a arvore reſpeitar o fruto, dizendovos he o noſſo Auguſto, Monarcha legitimo, deſcendeate dos grandes, pios, catholicos, magnanimos, e ſempre ſaudoſos Reis, o Senhor D. Joaõ V., e a Senhora D. Marianna de Auſtria, eſſes Monarchas, que nos illuſtres, e mageſtoſos padrões de ſua piedade, munificencia, e grandeza, deixáraõ os mais perduraveis, e indeleveis monumentos á ſaudade dos ſuturos ſeculos, fazendo ſoſſe em todos glorioſa a ſua memoria? Será revolvendo as celeſtes eſféras, obſervando o curſo dos Aſtros querer formar de ſua feliz conjunctura fauſtos annúncios, e dizer-vos que logo no ſeu naſcimento lhe agouravaõ huma alma grande? Naõ, naõ quero magoar a voſſa ſaudade, abomino os condemnados, e deteſtaveis erros da céga gentilidade, os fantaſticos dilirios dos Preſcillianiſtas: a vida do homem ſó o Deos, que o creou, a adminiſtra; vou por iſſo dizervos, que o Omnipotente, o juſto Deos por ineſcrutavel indulto de ſua altiſſima Providencia, formou ao noſſo Auguſto Monarcha com hum coraçaõ pio, affavel, modeſto, e religioſo, de que ſahíraõ como de puriſſima fonte, hum ſocego inalteravel nas paixões mais predominantes da natureza, huma vontade flexi-

vel

vel ao bem, horroroſa ao vicio, huma nada vaidoſa eſtimaçaõ da Soberania, huma ainda, que diſcurſiva, céga obediencia aos preceitos da Igreja, huma devota inclinaçaõ ao ſagrado das virtudes, huma ſem deixar de ſer ſoberana reſpeitoſa veneraçaõ ao Eſtado Eccleſiaſtico, hum ardente zelo do Culto Divino, huma firme adherencia aos Dogmas da Fé, huma affabilidade ſobre mageſtoſa, amavel para o proximo: as deſordens do mundo corrupto, lhe cauſavaõ horror, a relaxaçaõ do Chriſtianiſmo lhe faziaõ levantar as mãos, e enviar ſúpplicas ao Ceo, as calamidades do Reino miſturando-ſe com as lagrimas, lhe mereciaõ a mais enternecida compaixaõ: eſtas, e muitas mais eraõ as luzes, que ſahindo como de centro de ſua nobre alma o conſtituíraõ Principe perfeito, juſto, pio, e catholico.

Empunhou o Sceptro, cingio a Coroa ſua Auguſtiſſima Eſpoſa, e unido a ſeu Real Throno, que novos empenhos lhe naõ dictou logo ſeu alto diſcernimento, ſobio o Sol á mais ſublime eſféra, e conheceo devia naõ ſó luzir, mas illuminar, daquellas nobres virtudes, daquellas ſublimes qualidades, que o tinhaõ feito reſpeitavel ao mundo, amavel ao povo, grato ao Ceo, e ſerviaõ de decoroſo ornamento á ſua Real Peſſoa, começáraõ a emanar taõ copioſas enchentes de beneficios, quantos ſaõ os noſſos intereſſes: a ſua comprehenſaõ revolvendo os negocios mais arduos do Real Gabinete, que ſua Auguſta Eſpoſa lhe confia, para fazer mais firme a reſoluçaõ, authorizando no ſeu voto

qua-

qualificado o acerto, a fidelidade, o amor, a benevolencia, que pias intenções naõ inſpira ? Quantas vezes ſe vê antepôr a utilidade do povo ás mais intereſſantes conveniencias da Coroa. Ah Auguſto Monarcha, que ſegura eſtrada trilha a juſta idéa de voſſo reflectivo diſcernimento ; montes de ouro, opulencia de riquezas, militares forças ſim fazem o Throno reſpeitavel, e timido, mas naõ firme, e eſtavel, lá hides levantando o de voſſa Auguſta Eſpoſa ſobre os noſſos corações, e quem lhe ha de reſiſtir ? No primeiro Affonſo, Luminoſo Oriente das felicidades Portuguezas, fundou o Senhor das Monarchias hum Reino para ſi, e lançandolhe agora nos noſſos Monarchas duas taõ firmes columnas, em que ſe vem gravadas a piedade, a clemencia, o amor da Patria, o zelo da Fé, e todas as mais virtudes, com que ſe póde fazer Heróe hum Principe grande, quem o ha de abalar ? Reſpeitoſo ſimulacro, a todas as mais Nações ſervirá de incentivo a huma firme, e reciproca amizade.

Incanſavel ao trabalho, com que benevolencia ouve a todos, e quanto ſe lhe fazem violentas as decoroſas, e inviolaveis penſões da Mageſtade, quando eſtas o negaõ á attençaõ dos pertendentes. Dos ſeus requerimentos quer ſó ſejaõ arbitros, a juſtiça, e a equidade ; naõ o amor, ſó o merecimento lhe diſtingue os vaſſallos ; dominando ainda os mais imperceptiveis affectos da natureza, todos regula pelos dictames de huma juſta, e chriſtã filoſofia, enlaçando as maximas da poli-

litica com as Leis do Evangelho, a Soberania da Mageſtade com as humiliações do Chriſtianiſmo, nem deixa de ſer por juſto Soberano, nem por Soberano deixa de ſer juſto.

A que deſignios ſe encaminhaõ ſeus Reaes penſamentos, que regîdos pela mais chriſtã piedade, naõ ſirvaõ de eſtimulos ao noſſo amor, á noſſa fidelidade. Seu brando, e compaſſivo coraçaõ, ſim quer ſe córte pelo ramo ſecco, mas quando he poſſivel, ſem que ſe offenda a arvore; aborrece o vicio, laſtima o aggreſſor. Os rigores inviolaveis da juſtiça punitiva, que como juſto naõ omitte, quantas vezes os revolve em ſeu amante coraçaõ, para os julgar indiſpenſaveis na execuçaõ; mas que intento? Pareça aſſombrado o diſcurſo, eſte he; mas naõ he eſte o noſſo Monarcha, a ſua grandeza foge ao diminnto da minha comprehenſaõ. E que inceſſantes graças devemos dar ao Omnipotente Deos, por nos conſervar taõ precioſa vida. Bemdito Deos, Pai miſericordioſo, Senhor de toda a conſolaçaõ, interminaveis graças vos ſejaõ dadas por todos os Portuguezes. Vós, Senhor, que nas acertadiſſimas, e ſempre adoraveis diſpoſições de voſſa incomprehenſivel Providencia, tendes dado taõ repetidos argumentos do amante, e ſingulariſſimo deſvelo, com que cuidais nas felicidades da Monarchia Portugueza, conſervai-nos a vida do noſſo Soberano, e de ſua Auguſta Eſpoſa, neſte ſó beneficio nos concedeis muitos, enchei de gloria a Naçaõ Portugueza, de luſtre a Nobreza, de ampa-

ro os pobres , de equidade a juſtiça, de remuneraçaõ os benemeritos , de exemplaridade a virtude , e de terna conſolaçaõ a todos os ſeus, muitas vezes felizes vaſſallos.

Do Padre Joaquim dos Anjos.

E Quando, Senhores, occupou a minha lembrança fallar em voſſa reſpeitavel preſença? Quando ver a voſſa urbanidade, e a minha ventura, elevadas a taõ ſublime ponto? Collocadas em taõ alto throno? Quem naõ julgará diſſonancia ouvirem-ſe entre as ſuaves, e delicadas vozes dos Ciſnes os triſtes, e deſentoados gemidos da Pomba; ver junto ao brilhante da luz o eſcuro, e negro da ſombra; ao lado da ſciencia a ignorancia; e darem-ſe as maõs a eloquencia mais pura, e as expreſſões mais groſſeiras. Suſpenſa contemplo a voſſa attençaõ, quando admirais unidos extremos taõ oppoſtos; mas que ha de ſer? Saõ alentos do affecto; enchei muito embora em voſſas doutas, e eloquentes producções os regulados dictames da mais bem caſtigada Rethorica; que eu em balbucientes, deſconcertadas, e incultas vozes exporei os ſentimentos d'alma, e quando eſta falla, naõ he desluſtre o dezalinho dos periodos, o improprio das vozes, o raſteiro dos conceitos, naõ he ſó eſte; mais forte, e impenetravel eſcudo me defende, he a materia em que intento fallar, taõ relevante, o aſſumpto taõ ſublime, que por ſi ſó ſe faz amavel, quem deixa de admirar as luzes do Sol, ainda que as veja cobrindo a inculta, e agreſte montanha? Quem naõ eſtima a precioſidade do diamante, ainda que engaſtado em toſco, e groſſeiro metal? O ruſtico das expreſſões naõ tira o valor á heroicidade da acçaõ, eu me naõ demoro, eu exponho já á voſſa urbaniſſima ex-

peĉtaçaõ o meu empenho: ouvi-me, vou fallar, (e com quanto goſto o repito) vou fallar dos noſſos Inclitos, Auguſtos, Fideliſſimos, e amaveis Monarchas a Senhora Rainha D. Maria I., e o Senhor Rei D. Pedro III., cujos reſpeitaveis Nomes ouve com goſto a Naçaõ Portugueza, com inveja o mundo todo, e ſe lembraráõ delles com ſaudade os futuros ſeculos. E que alentos naõ miniſtra á fraqueza do meu engenho a repetiçaõ de taõ Auguſtos Nomes? Vibrem-ſe contra a ruſticidade do meu diſcurſo as ſettas da mais bem merecida cenſura: neſte eſcudo ficaráõ rebatidas. Quando pôde ſer delicto a voz, com que o goſto publica a felicidade, que poſſue? Eu me animo, ſem fuſto principio.

Que raras vezes produz a natureza hum Principe, cujas ſoberanas qualidades deſempenhem a grandeza, e a mageſtade de ſeu illuſtre naſcimento; cançaõ-ſe as idades, vòaõ os ſeculos, deſanima-ſe a eſperança, primeiro que o mundo admire huma deſtas producções; ou porque queira a natureza na raridade canonizalla ſingular; ou porque lançando differentes linhas, ſe enſaie para a perfeiçaõ de huma imagem, em que, ſem ſombras, todas as cores devem ſer luzes. Mais feliz porém o noſſo Portugal, que exemplares de Principes perfeitos naõ tem viſto em ſeus Auguſtos Monarchas? Vós, que na Hiſtoria Portugueza tendes admirado, como em luminoſa eſféra, ſuas heroicas acções, dizei-me, que emprezas militares, que conquiſtas occultas, que maximas politicas, que virtudes

mo-

moraes, e chriſtãns, que interpidez nas reſoluções, que acerto nas conſultas, que diſcernimento nas materias mais difficultoſas, que equidade na juſtiça, que profuſaõ nas mercês, que magnanimidade de animo, que benevolencia de Pai, que amor dos Vaſſallos ſe naõ tem viſto em noſſos Inclitos Monarchas? Ah feliz Portugal! Que bem ſe conhece ſeres Reino de Deos em cingirem a tua Coroa Principes taõ Soberanos. *Volo in te, & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire.*

Illuſtre rama de taõ mageſtoſos troncos naſcêraõ os noſſos Soberanos. E quaes ſaõ as acções, que tem obrado em ſeu feliz Reinado, que naõ ſejaõ dignas de reſpeitoſos applauſos, de eterna memoria? Eu, para as illuſtrar, me naõ lembrarei de outras: ellas ſó ſeraõ o digno emprego da noſſa admiraçaõ: para que he eſpalhar luzes na eſféra, que por ſi he luminoſa? Inutil ſeria á arte querer aperfeiçoar a Perola; ſe ſem os empenhos da arte a fez bella a natureza; ſaõ os noſſos Monarchas exemplares; e o exemplar naõ imita. O Sol naõ mendiga luzes; á ſua grandeza naõ daõ côres outras imagens. Oh, e que apertada he a eſféra do meu entendimento, para empreza taõ ſublime! A's pennas das mais remontadas Aguias faltariaõ os alentos para taõ elevados vôos; mas onde naõ chega o engenho ſuppra a arte; ſem mais ornato, que a ſua grandeza, eu repito algumas; vós as ponderai.

Empunháraõ o Sceptro, cingíraõ a Coroa os noſſos Auguſtes Monarchas, e que amante providencia

lhe

lhe naõ devêraõ logo ſeus felizes Vaſſallos? Onde voáraõ ſeus ancioſos deſejos, ſenaõ ao augmento do Reino, á felicidade dos Vaſſallos, expedindo ſabios, e providentes Decretos, com que diſtribuíraõ mercês a huns nos mais illuſtres titulos; com que concedêraõ a outros a mais deſejada, e util expediçaõ na venda dos ſeus frutos; diga-o a Nobreza de Portugal; fallem as Provincias do Reino: dirá aquella, que neſte feliz Reinado ſe víraõ ſuas nobres, e antigas caſas duas vezes grandes: grandes nos honroſos titulos, com que ſe ennobrecêraõ; grandes nas pingues commendas, com que ſe dotáraõ: dirá, que aquella antiga Nobreza, que nas ſuas, e illuſtres acções de ſeus antepaſſados, deſprezando perigos, cortando mares, naõ temendo diſpendios, e eſtimando mais, que a propria vida, a honra da Patria, o ſerviço do Rei, tinha adquirido jús aos mais honroſos, e diſtinctos poſtos, ſe vê juſtamente premiada: diraõ eſtas, que a amante providencia dos noſſos Monarchas com paternal deſvélo lhes faz ſuaves os contínuos ſuores, os ſenſiveis rigores, com que toleraõ as mais aſperas eſtações do tempo, para ſuſtentarem a vida, e fazerem fertil a terra: diraõ, lhes naõ ſaõ já taõ penoſas as laborioſas fadigas, com que cultivaõ os campos, para colherem os frutos; vendo-ſe na doce liberdade de os venderem com aquella extenſaõ, que pede o util, e muitas vezes attendivel cuidado, com que os fabricaõ, e fazem abundante o Reino; ſuſtentando a vida ao pobre, e ao rico; ao nobre,

e

e ao plebeo ; ſegurando a Coroa, naõ deixando cahir o cajado.

Que nova alma naõ deraõ os Noſſos Monarchas ao corpo do Commercio das noſſas Americas, fazendo commum o dos grandes Eſtados do Maranhaõ, e Pará, aquelles membros, que ou por mais pequenos, ou menos vivificados ſentiaõ na falta de movimento a ſuſpenſaõ dos ſeus intereſſes, reſpiraõ já em vigoroſos alentos, vendo-ſe na poſſe da voluntaria extracçaõ dos ſeus generos, do util, e ſó preciſo provimento das fazendas, da cuidadoſa, e intereſſante adminiſtraçaõ da ſua agencia. Ah ! que a meſma natureza dictou ao ſabio diſcernimento dos noſſos Soberanos taõ juſta determinaçaõ. Inerte ficaria o homem, ſe próvida a natureza com diſtributiva igualdade naõ communicaſſe os eſpiritos d'alma té á minima parte do corpo humano. O Sol, Monarcha das luzes, ſe benefico eſtende os raios pela eminencia dos montes, tambem os deixa cahir á profundidade dos valles : neſtes ſe nutre o humilde, e pequeno gado, a quem os montes activos negaõ a ſobida, prohibem o paſto. A terra, univerſal mãi dos viventes, tanto ſe deixa cortar pelo braço do opulento lavrador, como do pobre camponez : a todos fertil offerece os meſmos frutos: a todos alimenta com igual fecundidade.

Que amor naõ tem moſtrado eſtes Monarchas á paz, eſſa felicidade maior dos Vaſſallos, eſſe bem maior das Monarchias ? Conſideráraõ, que ao Templo da

da Fama mais glorioſamente ſe ſóbe coroado de Oliveiras, que cingido de Palmas; e que nelle ſaõ mais avultadas as Eſtatuas dos Numas, Titos, e Trajanos pacificos, que as de Ceſares, Annibaes, e Alexandres guerreiros: que importa, diriaõ, que na guerra ſe augmente o imperio, ſe ſe perdem os Vaſſallos, Reinos mais precioſos? Eſſes bellicos Eſtandartes, ainda que triunfantes cortem os ares, ſervem ao meſmo tempo de funeſto luto ao lamentavel, e horroroſo deſtroço da campanha: eſtes vivas, com que entre feſtivas acclamações ſe applaudem as victorias, lá ſe vaõ miſturar com os triſtes lamentos dos orfaõs, das viuvas, e dos deſamparados: eſſas terras, ſobre que ſe eſtende o Sceptro, e dilata o Dominio, quantas vezes as rega primeiro o ſangue, e lagrimas dos póvos? E neſte conhecimento preoccupados de huma Chriſtã piedade, de hum paternal amor dos Vaſſallos procuráraõ, ſem offenſa dos reſpeitos da Mageſtade, cortar té pela minima ſuſpeita da mais leve diſcordia: nós o vimos na doce paz, com que apertando-ſe os vinculos do ſangue com os da bella concordia, ſe enlaçáraõ as duas Auguſtas Coroas de Portugal, e Caſtella no juſto tratado de limites. Lá eſtaõ nas muralhas das noſſas Americas tremulando as Bandeiras, e ouvindo-ſe os alegres vivas, com que ſe applaude a deſejada, e amavel paz, que devem a ſeu paternal amor, cuidado, e providencia, e que precioſas ſe fazem aos noſſos Monarchas, a vida dos ſeus Vaſſallos; a felicidade do ſeu povo; o ſocego da ſua Monarchia?

E quem viſſe aos noſſos Monarchas todos preoccupados do amor, e deſcanço de huma feliz, e eſtavel paz, naõ entenderia, que a milicia do Reino ſentiria aquella decadencia, que traz comſigo commummente o ocio, e deſcanço das armas? Aſſim o poderia imaginar, ſe ſe eſqueceſſe de ſua heroica magnanimidade, e que diverſa foi a ſua providencia? Ainda naõ tinhaõ bem largado a penna, com que aſſignáraõ os Tratados de huma firme alliança, de huma feliz paz, quando lançáraõ maõ della, para proverem os póſtos militares; conhecendo, que ſe na guerra os diſtribue a neceſſidade; na paz os pede o merecimento; ſe honra a heroicidade; e ſe animaõ os marciaes eſpiritos.

Na benevolencia para os ſeus Vaſſallos, que ſingulares os naõ admiramos? Qual he, o que feliz tem ajoelhado diante de ſeu Real Throno, de ſua Soberana Preſença; que os naõ viſſe unir aos decóros da Mageſtade o amor de Pai, já na compaixaõ das ſuas miſerias, já na attençaõ do ſeu merecimento, já no zelo da ſua juſtiça? E quanto magôa ſeus magnanimos corações, naõ poderem unir ás ſupplicas os deſpachos? Triſte penſaõ da natureza humana, de que ſe naõ iſenta a Mageſtade, dependerem dos vagares do tempo os acertos da prudencia! Quantas vezes o fariaõ, a naõ temerem amparar o engano, patrocinar a maldade, e faltarem á juſtiça.

Na averiguaçaõ deſta, que horas naõ occupaõ? Que tempo naõ negaõ, ainda aos juſtos deſcanços do

pezo de huma Monarchia? Moſtrando vivem mais, do que para ſi, para os ſeus Vaſſallos: e que para a nobreza da ſua alma ſaõ horas de deſcanço, as em que diſtribuem mercês, ampáraõ desfavorecidos; e extinguem lagrimas.

Que diria agora, ſe vos quizeſſe expôr a moral piedade deſtes Monarchas? Que corações mais pios? Que animos mais benignos? Que ſuavidade de affectos? Que ſocego das paixões? Que predominante imperio ſobre o iraſcivel da natureza, occupa ſua nobre alma? Oh, e quanto deſejaõ naõ deſembainhar a eſpada da juſtiça! Quanto mover mais com os affectos da compaixaõ, com os perdões da clemencia, que com os rigores da ſeveridade! Com que dôr cortaõ pelo membro podre, ſó para que ſe naõ corrompa o corpo civil da Monarchia? E que grande número de exemplos ſe offerecia á minha lembrança, para prova deſta verdade? Naõ, naõ deixemos correr o tempo, para que he gaſtallo, em moſtrar as luzes do Sol? Vós o ſabeis; eu o naõ repito, e já o meu diſcurſo ſe encaminha a mais nobre materia.

E que immenſo oceano? Que dilatada eſféra? Que ſagradas imagens ſe lhe offerecem nas virtudes chriſtans, com que ſe ornaõ, e ennobrecem as almas dos noſſos Soberanos? Naõ intento abuſar da voſſa atençaõ: quem as poderia expôr todas? Eu inflammo os voſſos affectos com a lembrança de algumas.

Que obediencia, a mais ſubmiſſa naõ rendem ao

Sa-

Sacro Solio Pontificio? Que titulo ſe lhes faz mais eſtimavel entre os ſoberanos de ſua Real Grandeza, que o de Fideliſſimos Filhos da Igreja? Naõ duvidaõ, a ſer preciſo, deixarem cahir o Sceptro, humilharem a Coroa ás juſtas determinaçõeſ do univerſal Paſtor. Com que reverencia as recebem? Com que goſtoſa pomptualidade as executaõ? Reſpeitando o Eſtado Eccleſiaſtico, amparando o Sagrado das Religiões, e procurando, ſe conſerve, para luſtre da Fé, para exemplar da Chriſtandade, para horror do Inferno, e para confuſaõ da Hereſia, e Gentiliſmo, aquelle ardente fervor, com que ſeus inflammados Patriarchas quizeraõ fazer mais inconſtratavel o ſagrado, e ſempre permanente edificio da Igreja, lançando-lhe taõ fortes, e firmes columnas. Huns Monarchas, que ſouberaõ enlaçar em ſeus corações as Maximas da Politica, as Regalias do Real Dominio com as immunidades da Igreja, com as iſenções Eccleſiaſticas, ſem que ſentiſſem nelles aquella oppoſiçaõ, que tantas vezes tem incitado, ou a orgulhoſa, e céga adulaçaõ, ou o arrebatado, e ſoberbo deſejo de eſtender a dominante juriſdicçaõ, confundindo os Eſtados, e dando a Ceſar, o que he de Deos.

Sagrados Templos, Miniſtros da Igreja, vós que ſois as mais contínuas teſtemunhas da abrazada devoçaõ dos noſſos Monarchas, dizei-nos, que inflexibilidade mais catholica, que reverencia mais modeſta, que ſubmiſſaõ mais devota tendes viſto, que aquella, com que eſtes Monarchas reverenceaõ os Altares, adoraõ as

Sagradas Imagens, e aſſiſtem ao Sacroſanto, e Incruento Sacrificio da Miſſa? Eſta he huma das primeiras acções, porque a pureza da ſua alma começa os dias: aqui recebem luzes para os juſtos acertos do governo: aqui, na contemplaçaõ dos tormentos do Redemptor, aprendem as humiliações da natureza: aqui, banhando ſe ſeus corações de ſagrada conſolaçaõ, ſe fortalece o eſpirito para o pezo da Monarchia.

Do zelo, com que ſe abrazaõ na maior perfeiçaõ do Culto Divino, ſaõ vozes os muitos Templos, que á ſua Real Munificencia devem o maior eſplendor: deixai vagar os voſſos penſamentos, e entrai com elles nas Parochiaes Igrejas do grande Priorado do Crato, na do Moſteiro de S. Joaõ Baptiſta de Religioſas Maltezas, na Real, e magnifica Capella da Bempoſta, e as vereis enriquecidas de ricos, e precioſos ornamentos, e adornadas da decencia devida á Sagrada Adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e ás reverentes funções, que nellas ſe celebraõ, e a quem devem tanto eſplendor? Quem foi o ſeu reſtaurador? Quem? O ardente zelo, a religioſa chriſtandade do noſſo pio Monarcha.

Aqui ſuſpenſo ficára o meu diſcurſo, adorando eſtes ſagrados padrões do zelo, magnificencia, e chriſtandade dos noſſos Soberanos, ſenaõ julgára delicto negar á voſſa lembrança huma das maiores imagens de ſua catholica piedade, e como faltaõ as expreſſões? Como treme a voz? E qual ſerá, a que dignamente poſſa expôr as vivas, e ardentes chammas de amor, com que

eſ-

eſtes Monarchas adoraõ o Dulciſſimo, e Amabiliſſimo Coraçaõ de Jeſus? Qual he o dia, em que muitas vezes devota, e reverentemente ajoelhados diante de ſua Sagrada Imagem lhe naõ offereçaõ em religioſas lagrimas os mais abrazados affectos d'alma? Nelle ſe dilataõ ſeus corações; nelle ſe fortalece a ſua Fé; nelle ſe anima a ſua Eſperança; nelle ſe abraza a ſua Caridade; nelle ſe faz inconſtratavel a ſua Fortaleza; nelle ſe humilha a ſua Grandeza; e nelle ſe purifica o ſeu Eſpirito.

Que precioſidades naõ julgaõ diminutas, quando fórmaõ Throno á ſua Sagrada Imagem? Em que religioſos, amantes, e ainda externos júbilos naõ reſpira a ſua alma, quando em magnificos cultos lhe offerecem as mais reverentes adorações?

E ficaria aqui a ardente devoçaõ, com que os noſſos Soberanos adoraõ eſte Amabiliſſimo Coraçaõ? Naõ: accendeo-ſe tanto o fogo, creſceraõ tanto as chammas; que, naõ cabendo na dilatada eſféra de ſeus abrazados, e amantes corações, procuráraõ eſtendellas pelos de ſeus Fiéis Vaſſallos, alcançando ſe ſantificaſſe o dia da ſua Feſta; para que, ſuſpenſas as laborioſas occupações, ſe dedicaſſem aos louvores deſte Dulciſſimo, e Amabiliſſimo Coraçaõ. E huns Monarchas taõ Soberanos, taõ Pios, taõ Catholicos, que a vida dos ſeus corações he o amavel Coraçaõ de Jeſus, naõ haõ de ſer inconſtrataveis a todas as adverſidades? Naõ haõ de ſer felizes em todas as emprezas? Naõ haõ de ſer juſtos em todas as determinações? Aſſim cheios de huma

ma animoſa , e bem fundada confiança o eſperamos. Rendamos pois as graças ao Omnipotente Senhor das Monarchias, que deo a Coroa de Portugual a huns Soberanos, que da Mageſtade de ſua Real Grandeza fórmaõ religioſo, e decente Throno ao Sagrado, e exemplar das Virtudes.

E Vós , Auguſtiſſima Rainha dos Ceos , e da Terra, alcançai de voſſo Filho Santiſſimo , que a vida dos noſſos Soberanos , ſuperior a todas as adverſidades (quanto o permittem os indiſpenſaveis eſtatutos da mortalidade) ſe dilate por longos annos, para eſcudo da Fé, augmento da Religiaõ, e gloria da Naçaõ Portugueza ? Aſſim o deſejamos, aſſim o pedimos , e aſſim o eſperamos do voſſo patrocinio , Soberana Senhora, Puriſſima Virgem , e Amabiliſſima Mãi.

Do Padre Joaquim dos Anjos.

ORA-

ORAÇAÕ PANEGYRICA

EM ACÇAÕ DE GRAÇAS

PELA REVERSAÕ PARA ESTA CORTE

DA

AUGUSTISSIMA, E FIDELISSIMA

RAINHA MÃI,

A SENHORA

D. MARIANNA

VICTORIA,

NOSSA SENHORA.

ORAÇÃO PANEGYRICA
EM ACÇÃO DE GRAÇAS
AUGUSTISSIMA, E PIISSIMA
RAINHA NOSSA
D. MARIANNA
VICTORIA,
NOSSA SENHORA

Cognoſco oves meas. Ex Evangelii Lect.

QUe alegres, e brilhantes eſtimulos de alegria eſpalhou ſobre ti, oh Portugal, a adoravel Providencia, para exultares de júbilo, e prazer, e para te formares todo em eloquentes lingoas de amoroſos vivas, e goſtoſas acclamações? Parece-me ainda eſtar ouvindo, ſim, eu ouço, e por todo o mundo ſe derramaõ os éccos daquelles ardentes vivas, e ſenſiveis demonſtrações de feſtivos parabens, que levantou o público contentamento dentro do Palacio, e Praças de toda a Côrte, pela chegada que faz, voltando da Côrte de Madrid, a Auguſtiſſima, e Fideliſſima Rainha Mãi, a Senhora D. Marianna Victoria, noſſa Senhora. Que felicidade para o noſſo deſvanecimento?

Mas eu naõ ſó ouço, tambem pinto na imaginaçaõ todas as imagens de prazer, que delineou o goſtoſo alvoroço, e affectiva alegria neſta fauſtiſſima occaſiaõ. Ah, que todos em diverſa, mas igual figura ſe comprazêraõ, e deraõ goſtoſos parabens em taõ plauſivel momento, em que a felicidade reſtituio ao noſſo Portugal a amabiliſſima Rainha: Sim, os incredulos, ſem dezar da ſua felicidade, impacientes na ſua auſencia, e deſconfiados da ſua reverſaõ, andavaõ igualmen-

te alegres, que envergonhados de lhes naõ ter lembrado, que ſem milagre, naõ ſuſpende o Sol o ſeu gyro, conſiſtindo todo o ſeu eſplendor em voltar ao Throno, donde ſahíra: Os ſaudoſos cheios de prazer, e alegria com a preſença de taõ amavel Soberana, acabáraõ de conhecer, que no mundo ſó ſe inventáraõ as auſencias, para ver-ſe até onde chegava o amor, e bem o experimentáraõ no exceſſo, com que eſta Soberana os eſtima, cortando pelos apertados vínculos da natureza, voltando a ſuſpender-lhes nos olhos as lagrimas da ſaudade, que agradecidos ſó as recolhêraõ á fonte, donde ſahíraõ, para que com mais glorioſo deſtino tornaſſem a ſahir de goſto, deſembaraçando o coraçaõ para reſpirar em vozes de alegria. Os mais, inda que ignorantes no myſterio da ſua ida, como taõ affectivos, deſejaõ de hum vôo vencer a diſtancia para gozar a Real preſença, e para participarem do Real agrado, huma vez abrem os olhos, outra lhos fexa a veneraçaõ. Porém todos levantaõ a voz para a acclamaçaõ congratulando-ſe, e enchendo felizmente a idéa das maiores proſperidades, que nos trazem, e annunciaõ as ſuas Reaes virtudes.

Porém eu naõ declaro aqui, nem as minhas vozes ſeriaõ baſtantes para achar expreſſões, com que ſignifique as Reaes demonſtrações, com que os Reis noſſos Senhores, e toda a Familia Real chegou á ſuſpirada preſença da Rainha Mãi. Quem póde duvidar, que neſte dia, o goſto, o alvoroço, a ſuſpenſaõ, a alegria for-

formáraõ a mais harmonioſa competencia : Sim, neſte dia, neſte brilhante dia, agitados os animos, alegres os ſemblantes, enternecidos os corações, fizeraõ ver a paz, o amor, e a virtude abraçados com a Mageſtade.

Entre tanta multidaõ de obſequios ſe atreve a minha fidelidade a levantar a voz para ſer ouvida neſte lugar da verdade, em teſtemunho da noſſa alegria, do univerſal goſto, e ſegura felicidade do noſſo Portugal, quando para elle volta aquella Soberana, que formou ſempre as ſuas delicias, confirmou as ſuas eſperanças, e ultimamente encheo as ſuas venturas. Sim a minha voz, a minha debil voz pertende augmentar mais hum brado ao pregaõ público deſte júbilo univerſal, que vem a ſer interprete daquelle Leal Vaſſallo, que em teſtemunho da ſua gratidaõ, e vaſſallagem me elegeo a beneplacito do Soberano, para Orador deſta Acçaõ de Graças, que tributa a Deos, e á Mãi de Deos, como Orago deſte famoſo Santuario de virtudes, onde com a aſſiſtencia deſtes Serafins com roſto de mulher, ou deſtas Religioſas com almas de Serafins, fazem mais ſolemne eſta acçaõ, que ſempre o illuſtre dos cultos fez mais veneradas as Imagens.

Eſte o argumento, que ha de ſervir de baſe, e de plano á minha breve Oraçaõ, nem nós podemos ter maior motivo para nos intereſſarmos, e para tributar a Deos, e a Maria Santiſſima ineeſſantes graças do que a reſtituiçaõ deſta Auguſtiſſima Rainha á noſſa ſaudoſa preſença, ella meſma quiz captivar os noſſos corações,

com hum donativo precioſo, que preciſamente nos havia conduzir aos pés do Santuario agradecidos.

He eſte donativo, aquelle meſmo, que Deos chamou eſpecialmente ſeu, quero dizer, a candida, e appetecida paz. Ora Jeſu Chriſto, quando fez a reverſaõ deſte mundo para o Pai, nos deixou no mundo a ſua paz, melhor teſtemunho para agora dizermos, que como bom Paſtor conhece as ſuas ovelhas. *Cognoſco oves meas.* Agora pois, que na reverſaõ para eſta Côrte, que faz a noſſa ſempre amavel Soberana, nos repõe em paz na mais util, e ſegura alliança, ella nos ficará, qual Paſtora do Libano, reconhecendo-nos por ſeus Vaſſallos os mais leaes, e os mais agradecidos. Se taõ luzido, e ſabio Auditorio deſeja vêr, como eſte beneficio nos põe na obrigaçaõ deſta Acçaõ de Graças: o meſmo eſpirito de verdade illuſtrará as minhas vozes, para deſafiar a voſſa attençaõ.

PON-

PONTO UNICO.

EU me capacito que baſtava que eu diſſeſſe : A Rainha, aquella verdadeira Mãi, e ſempre amavel dos ſeus Vaſſallos, aquella que entre as Mageſtoſas Heroinas, que enfeitáraõ o Throno da Luſitania, mais ſe intereſſava pela gloria da Naçaõ, e utilidade do ſeu Reino : aquella que pelos esforços da ſua Real piedade cedia á pobreza, e pelo eſplendor das ſuas luzes fugia á ignorancia, e na dilatada esféra do ſeu coraçaõ abrigava igualmente a Mageſtade, e a Virtude : melhor a pintarei, dizendo a Fideliſſima Rainha D. Marianna Victoria: oh, e quanto me ſuſpendo na grandeza deſtes tres ſagrados Nomes, porque ſe me figura eſtar vendo nelles contra as tres figuras triunſantes as tres Graças? Eu as adoro, eu as venero, eu as reſpeito. Baſta paſſe adiante a minha veneraçaõ com o diſcurſo, que he preciſo, que eu repita que eſta amavel Soberana volta para a ſua Côrte, para eu explicar toda a proſuſaõ da noſſa ventura, vendo na triangular figura do ſeu coraçaõ, eſtampados os ſeus Nomes, que illuſtraõ as tres Graças, com que para nós reſpira o ſeu amor. Sim baſta-

tará, porém ſe em breves palavras cabe o conceito da felicidade, naõ ſoffre taõ apertados limites o prazer. A enchente que he copioſa rompe os diques, o júbilo, quando he grande, québra a brevidade das clauſulas, para ſe derramar em profuſaõ de termos, e expreſſões; ſeja-me pois licito naõ eſtreitar em limitados periodos os exceſſos de tanta ventura, tanta felicidade, e bem commum.

Com effeito para eu deſcrever eſta Soberana na reverſaõ, que fez para o ſeu domicilio, trazendo eſtabelecido o ſocego público na paz dos ſeus Reinos me recordo da candida, e myſterioſa pompa, que voltou para o domicilio da Arca annunciando a paz a todo o Univerſo depois dos ſuſtos, e ruinas do Diluvio. Eu naõ digo que chegáraõ a conſpirarem-ſe os Elementos para a ruina do noſſo Portugal: porém que outra coiſa ameaçava a imminente guerra, mais que hum cataclifmo de ruinas, e hum diluvio de eſtragos? Naõ he elle hum retrato do fim da humanidade a guerra, que entre os mortaes introduzio o direito das gentes? Naõ, naõ he ſómente a inundaçaõ das agoas, a que ſe arma contra a vida dos homens, o fogo ſe conſpira em tantos inſtrumentos bellicos, a terra ſe abala, e ſe extremece, e ſe levanta aos ares, para ſepultar os viventes, até o ar ſe turba, e inficiona para faltar naõ ſó a luz; mas a vida dos que animaõ a vital reſpiraçaõ. Baſta dizer-ſe, que a guerra com o ſangue ſe alimenta, com os eſtragos triunfa, naõ ſó os homens na flor da ſua

ida-

idade, e no vigor dos annos, saõ victimas da morte, mas com lastimoso horror, ficaõ as Cidades desertas, destruidos os Reinos, e quasi anniquilados os Imperios: em fim, com ella se unem logo a peste, a fome, para accrescentarem as mortes, para avivarem as ruinas, e formarem hum diluvio de estragos. E naõ he esta toda a idéa da guerra, em que tudo saõ mortes, e juntamente do diluvio, em que teve fim toda a carne. *Finis universæ carnis*?

Mas qual foi a candida, e real Pomba, que trazendo o virente ramo da paz desejada nos livrou do diluvio, que ameaçava a imminente guerra, senaõ a Augustissima Rainha, que com este mesmo annúncio volta para a arca do seu Real domicilio? Oh, e quanto me parece estar ouvindo entre os suspiros aquellas bem ternas vozes: *Veni*, *veni*, *columba mea*, que fazendo amoroso écco naquelle Real, como amante coraçaõ, o abalou para chegar, e trazermos para nosso socego, em premio dos nossos affectos a paz, e em satisfaçaõ da nossa saudade, a sua Real presença: Já nos naõ assustaõ, e assombraõ os receiosos combates do diluvio, já está suspensa, e desaugada a inundaçaõ, que o inimigo podia arrojar sobre nossas terras, já está desarmado. o fogo, que podia queimar os nossos campos, já o ar está sereno, e tranquillo o Ceo, que influe sobre os nossos Dominios, já as nossas terras estaõ restituidas, fructuosas, pacificas, e desassombradas, já cessou o diluvio da guerra, já appareceo a Real Pomba, com a sua re-

reverſaõ tudo ſerena, tudo felicita, tudo enche de agradavel paz.

Sim já paſſou o inverno da ſuadade, o contratempo da auſencia: *Jam hyems tranſit.* Agora ſe levanta aquella grande alma querida do Todo Poderoſo Deos, ella ſe levanta, ella vem: *Surge, amica mea, & veni*, ella he a Soberana, e Real Sulamitis, que com a ſua reverſaõ dá lugar, e excita a noſſa curioſidade, para a podermos ver: *Revertere Sulamitis, ut intuamur te.* Sim para a podermos ver animando novamente os eſpiritos enfraquecidos de tantos leaes Vaſſallos, que ſuſpiravaõ pela ſua vinda, alegrando novamente os póvos, que rogavaõ ſempre a Deos conſervaſſe a ſua precioſa vida, e para ter repetidas occaſiões de reconhecer, e attender as neceſſidades de todos os que temos a felicidade de chamar-nos creaturas ſuas: *Cognoſco oves meas.*

Mas agora que acabo de conſiderar deſterrado o diluvio da imminente guerra na reverſaõ da noſſa Real, e Auguſtiſſima Rainha, bem como o diluvio na reverſaõ da Pomba; paſſo já a pintar-vos eſte florecente ramo da fructuoſa oliveira, que nos annuncía, e conſtitue em ſegura paz.

Vós naõ ignorais, nem vos podeis eſquecer deſta ultima vantajoſa alliança com que o Senhor Rei D. Joſé de glorioſa memoria fez deſcançar no ſeu Reino huma feliz, e quieta paz, fundada nos altiſſimos Tratados das ſuas Capitulações: Entaõ ſe encoſtavaõ as armas,

mas, feriáraõ as campanhas, e os Portuguezes começáraõ a colher os frutos da honra, regados com o ſuor das ſuas bellicas fadigas. Ficáraõ as armas de Portugal defendendo os ſeus Eſtados, bem como a eſpada do Querubim, que defendia o Paraiſo, porque toda ſe empregava a guardar a entrada daquelle deleitoſo terreno, ſem ambiçaõ, nem diligencia de alheios dominios.

Porém aos Paraiſos ſe atrevem ſerpentes para perturbar-lhe a harmonia; aos Olympos ſóbem as nuvens, e até ao Sol ſe atrevem da gentilidade as pedras, e da Terra os vapores. A occulta razaõ de Eſtado maneja de tal ſorte os negocios occorrentes, que já nas noſſas Americas ſe arma a ambiçaõ, ſe deſtempera a harmonia, e ſe perturba a paz. Já ſe preparaõ as Armadas, gemem as quilhas com os petrechos, e abarrotadas as Náos com todos os inſtrumentos da morte gritaõ, empollaõ-ſe, enfurecem-ſe, e gemem com o pezo das quilhas as meſmas ondas. A Ilha de Santa Catharina padece a furia da invaſaõ, ou deſcuido, ou a infelicidade, concorrem para a entrega da meſma Ilha.

Ora que conſequencias funeſtas naõ eſtava ameaçando eſte infortunio ao noſſo Portugal; ou porque a infelicidade podia fazer novos, e triſtes progreſſos; ou porque o brio Portuguez recordando os ſeus antigos eſforços, ſe devia empenhar naõ ſó na revendicaçaõ, mas em meditar ſemelhantes, e ainda mais vantajoſas conquiſtas.

Mas oh adoravel Providencia? Eſta que do alto eſtá vigiando ſobre a conſervaçaõ, e augmento deſtes Reinos, e amado povo Portuguez deſtina o remedio a toda eſta imminente deſordem, e a todas as ruinas que trazem comſigo o ſedicioſo eſpirito da guerra. A Divina Providencia, digo, faz primeiramente elevar ſobre o Throno Portuguez a mais digna, mais virtuoſa, mais illuminada, e mais Auguſta Rainha a Senhora D. Maria Primeira Noſſa Senhora. Ah! Que já a miſericordia de Deos vigia ſobre ti, oh venturoſo Portugal! Para a tua Fé, e Religiaõ tem já firme, e eſtavel a melhor columna, para a tua eſperança toma poſſe no meio do Throno a melhor ancora, e para a tua caridade ſe enthroniza o mais fino, e precioſo ouro. Alegrouſe a Deoſa Aſtréa, vendo elevado o vigoroſo braço que ſuſtentára a balança da Juſtiça, finalmente alegrouſe a Virtude, vendo no genio da ſua Soberana, coroarem-ſe as virtudes. E deixaria entaõ de reſpirar a candida, e appetecida paz? Já a Fideliſſima Rainha Noſſa Senhora, feliciſſima, e digna Mãi da Reinante, e coroada Filha ſe deſtina para ſer o Soberano Iris da ſuſpirada paz, e ſocego público.

O amor do Auguſtiſſimo Irmaõ, o amor da antiga Patria, e o amor do ſeu Reino combatem em ſeu coraçaõ: ſobre qual ſervio de incentivo para a conduzir á Côrte de Madrid: eu me naõ atrevo a decidir a preferencia, porque he prudencia naõ preſcrutar os ſegredos, e myſterios do coraçaõ Real: porém as circum-

cumſtancias da jornada indicaõ que a tudo prevalece o amor da Naçaõ, e ſeu Reino.

Nós vemos cheios de conſolaçaõ, que já nos fecha de repente as portas, que Marte cobre de repente a horroroſa face. Firmaõ-ſe os vantajoſos Tratados da Alliança, e ſe eſtabelece huma ſegura paz entre Portugal, e Caſtella, e parece-vos, Senhores, que ainda que os noſſos Generaes conſeguiſſem as mais ſignaladas victorias, ſeriaõ para Portugal mais uteis, e intereſſantes, do que he eſte bem ordenado Tratado de Alliança: ah! que o vencer derramando ſangue, he invençaõ dos homens, e triunfar ficando tudo em bem ordenada alliança, he victoria, que deſpende o Ceo com as armas da Virtude!

Huma vez que o Ceo ſe fez reſpeitavel com hum eſquadraõ de Eſtrellas contra Sizara, como vos parece, que peleijáraõ? Pois foi com a paz da ſua ordem: *Stellæ pugnabant adverſus Sizaram, manentes in ordine ſuo.* Sim, Senhores, da pacifica concordia, com que o Supremo Senhor dos Exercitos as pôz em ordem, ſahio a fortaleza, com que ſe acclamáraõ triunfantes. Naõ foi preciſo, que Marte, como Deos da guerra, tomaſſe a frente, que Mercurio diſpozeſſe os eſquadrões, e deſcubriſſe os eſtratagemas; que Saturno ſobiſſe a deſcubrir o terreno lá deſde a ſua eminencia; antes ſim, ficando eſtes luzidos Aſtros dentro do inalteravel domicilio dos ſeus epyciclos, ſe acclamáraõ victorioſos, ſem mais campanha, que a ſua boa harmo-

nia, ſem mais guerra, que a boa, e ſegura Paz: *Manentes in ordine ſuo.*

Martes valoroſos, Mercurios ſabios, e ſagazes, Saturnos eminentes ſe admiráraõ ſempre na eſféra da Luſa Monarchia. Mas como vos parece, que depois de entrevir a mediaçaõ da Rainha Mãi Noſſa Senhora ficáraõ triunfantes eſtes luminoſos Aſtros? Com ordem, com harmonia, em que a Auguſtiſſima Rainha eſtabeleceo as duas Côrtes, ſem ſerem preciſas a fortaleza da eſpada, a induſtria da ſabedoria, o reſpeito da grandeza, a meſma paz ficou conſervando o Eſtado, authorizando os Reinos, e honrando, e coroando de palmas toda a Naçaõ.

Nunca o Reino de Portugal pareceo mais Reino de Chriſto do que neſta alliança, em que a Rainha Mãi o conſervou pacifico: Chriſto quando naſceo Rei baixou a Milicia do Ceo, para ſegurar-lhe a Vaſſallagem, nunca na Terra ſe acclamou Rei mais triunfante, e vós ſabeis que toda a victoria deſtes Angelicos Militares, verificou-ſe na paz em que ficáraõ os homens: *In terra pax hominibus.* Eis-aqui como no Reino de Deos, e no Reino de Portugal he victorioſa a paz.

Na verdade que a Fideliſſima Rainha conſegue o fazer, que á ſombra do Throno da ſua Auguſtiſſima Filha deſcance em paz todo o ſeu Reino. Ella foi a formoſa Eſther, que conciliou a paz de Aſſuero com Mardocheo: Ella a formoſa Judith, que cortando a cabeça a Marte voltou cantando as glorias da paz de

Iſ-

Iſrael : Ella a belliſſima Abigail, que ſuſpendeo a eſpada de outro bem ſemelhante David , voltou para o ſeu domicilio em paz : Ella finalmente a Auguſtiſſima Rainha Mãi, que dentro do ſagrado ſeio do ſeu peito levou as Quinas de Portugal para mitigar a ardente febre do rompente Leaõ. Agora que vemos reſtituir-ſe a Portugal huma Rainha, que na ſua adoravel preſença traz toda a felicidade da Naçaõ ; que devemos fazer ſenaõ levantar as mãos ao Ceo para rendermos as graças ao Senhor Omnipotente , de cuja liberal maõ deſcem á terra todos os beneficios : *Omne datum optimum deſcendens a Patre luminum.* E a Vós, Santiſſima Virgem , por cuja interceſſaõ ſe deſpendem os bens celeſtiaes , gratifiquemos o beneficio de nos trazeres com vida a noſſa amavel Soberana , que ſendo toda noſſa por grandeza de amor , he toda veſſa por affecto de obrigaçaõ.

Agora porém , oh Virgem Sagrada , já ſuſpende o meu diſcurſo os elogios , e ſó pertende levantar as vozes para a gratificaçaõ do muito que vos devemos, quando inſpiraſtes eſta ultima reverſaõ da Fideliſſima Rainha. S. Bernardo affirma , que a primeira parte do agradecimento , com que mais ſe agrada a quem diſpende o beneficio, he o goſto, a alegria, e a eſtimaçaõ , com que o meſmo beneficio ſe acceita , ſe abraça , e ſe recebe : iſto he , o que pratica a noſſa generoſa , e fiel gratidaõ ; os applauſos, que enchêraõ eſte feliz dia ; os parabens, que mutuamente nós damos , eſte ſolemne

tri-

tributo, que á face dos Altares tributa a noſſa fidelidade, he hum evidente teſtemunho da eſtimaçaõ, alegria, que ſe entranha em noſſos corações, quando contemplamos a Auguſtiſſima Rainha reſtituida ao noſſo Portugal: Reſta ultimamente recorrermos a Vós, ó piedoſiſſima Virgem, para que diante do dito Throno aboneis as noſſas ſúpplicas, para que eſta meſma Auguſtiſſima Rainha, de quem agora gozamos a agradavel preſença, lhe multipliqueis ſem número aquelle alegre dia dos ſeus annos, para conſolaçaõ dos ſeus ſubditos, felicidade da noſſa Côrte, augmento, e gloria de toda a Monarchia.

Amen.

Fr. Joſé de Noronha.

ILLUSTRES,

E

SAPIENTISSIMOS COLLEGAS.

QUal ſeja a minha conſternaçaõ achando-me neceſſitado a fallar na voſſa reſpeitavel preſença, quaſi de repente, eu vo-lo naõ poſſo dizer. Da pobreza de meus talentos, e da pallidez, que ſe eſpalha pelo meu roſto, vós o inferî.

Naõ tenho eu razaõ para me intimidar, recebendo a infauſta noticia, de que o Senhor D. Manoel Evangeliſta, por hum novo inſulto que o accommetteo, ſe vê impoſſibilitado para deſempenhar com a ſua coſtumada eloquencia a parte do Problema, que ſe lhe diſtribuio? E hum tal homem, e hum tal aſſumpto ſerei

eu

eu capaz de ſupprir, e de ſatisfazer no acanhado perìodo de huma hora?

Eu tremo: a minha lingoa ſe péga ás minhas ſeccas, e myrrhadas fauces, receando manchar com a groſſeria das minhas maõs hum argumento taõ ſublime. Com tudo ſe ouſo levantar a voz ante hum congreſſo taõ erudito he na certeza de que me deſculpareis. A generoſidade dos voſſos animos todos a conhecem. He o que me baſta.

Pois envolvendo-me já na materia, que o acaſo me dá na razaõ do cargo que occupo, quem naõ ſabe que a ſaudade mede-ſe pelo amor. Quem mais ama, com quanta mais efficacia ſentirá a ſeparaçaõ do objecto amado? He golpe quaſi incuravel. Ao menos ſó o tempo he quem póde preparar o balſamo, que o ſuavize. A carinhoſa mãi do moço Tobias, que lagrimas naõ chora, que ſuſpiros naõ exhala porque lhe tarda o adorado filho? A Eſcritura chama-lhe irremediaveis.

Ora ſe o amor da Côrte de Madrid á noſſa Auguſta Soberana he mais fino: deo-lhe o berço: aquella Capital he a ſua Patria. Com que mágoa naõ paſſará pelo aſpero martyrio de perder a ſua companhia? No triſte momento da ſua ſeparaçaõ, como lhe parecerá arrancar, principalmente tendo agora gozado mais dos ſeus beneficos favores?

Grande Carlos, ſem que a Mageſtade ſe offendeſſe, vós ſentiſtes a dôr deſta ferida? Com que ternura ſe naõ víraõ banhadas as voſſas faces de hum pranto,

to, que o amor derivava da voſſa alma heroica. Ao voſſo exemplo como foi geral a triſteza por todos os voſſos Vaſſallos, parece que até as agoas de Guadiana turbas corriaõ. Só ſe moderava aquella pena com a doce eſperança de tornarem a ver a huma Rainha, que das ſuas virtudes eſinalta a coroa que cinge.

Neſtes termos, Senhores, permetti-me que rematando o meu diſcurſo, eu vos affirme que he mais intenſa a ſaudade entre os Heſpanhóes, que a alegria entre os Portuguezes: baſtando-nos para vaidade, e para ventura ſermos nós os que poſſuimos taõ precioſo theſouro.

Diſſe

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

A' AUGUSTISSIMA RAINHA
NOSSA SENHORA,

D. MARIANNA VICTORIA.

O D E.

DA candida corrente,
Qual branco ciſne eu bebo
O eſpirito innocente,
Que das Virtudes pela maõ recebo,
Para cantar teus dotes ſuperiores,
Dignos d'altos louvores.

Qual Aguia, que voando
Vai de huma a outra esféra,
Subtis ares raſgando,
Ao boſque eu me remonto de Cythera,
Em cujos troncos a teu nome amado
Lyſia tem entalhado.

Oh Inclita Marianna,
De Burbon digno ramo,
Do Téjo, e do Guadiana
As cryſtallinas agoas como inflammo,
Quando a dourada Lyra ſoar faço
Por eſſe azul eſpaço?

Tuas virtudes bellas
A Coroa guarnecem,
Que nitidas eſtrellas
Para adornar-te á competencia tecem
Tuas virtudes, dadiva celeſte
Que no berço tiveſte.

Affavel, Generoſa,
Modeſta, Compaſſiva,
Da verdade formoſa
Amadora naõ ſó, mas copia viva,
Que da liſonja o incenſo vil deſpreza,
Com heroica inteireza.

Ah, como te contemplo
De prazer inundando?
Do teu materno exemplo,
Sazonados frutos admirando
Na bella Filha, que da Mãi virtuoſa
Segue os paſſos vaidoſa.

Qual nós agora a vemos,
Tu, ſó tu a educaſte,
Oh quanto te devemos,
Que huma perfeita imagem nos deixaſte
Do generoſo Pai ſempre lembrado,
Inda entre nós chorado.

Porém eu naõ queria
A chaga renovar-te
Da Primeira Maria,
Se de conſolaçaõ queres banhar-te,
Entre os vivas dos póvos Luſitanos,
Lembrem-te os bellos annos?

Cantou

Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

SONETO.

TU, Delio Soberano, hoje me inſpira,
Felicita propicio o meu deſejo,
Ajuda-me a cantar, porque ſem pejo
Affine os pontos da ſonora Lyra:

He mais alto eſte aſſumpto, elle admira,
Na acçaõ que emprehendo, perturbar me vêjo,
Em quanto a Maõ d'Auguſta attento bêjo,
Verei ſe novo alento em mim reſpira:

Da Rainha fiel canto os louvores,
Seus dotes canto, ſeu talento raro,
As virtudes em tudo ſuperiores:

Tu, diſcreto Muſeu, Muſeu preclaro,
Teus Hymnos ſaõ que os meus muito melhores;
Da Academia lhe implora o Regio amparo.

O Bacharel Joaõ Vicente.

O Santo Influxo do Ceo,
Fará creſcer eſta Planta.

Gloza.

Allegorizada a Sua Alteza, a Senhora D. Carlota Joaquina.

SE Heſpanha foi quem nos deo
Eſta Planta taõ mimoſa,
Conſerve-a ſempre viçoſa
O Santo Influxo do Ceo:
Vejamos o fruto ſeu,
O fruto de bençaõ ſanta;
Praza a Deos que em copia tanta
Quanto Portugal deſeja,
Que o Ceo porque aſſim ſe veja,
Fará creſcer eſta Planta.

De hum Alumno.

Nunca o pomo a Venus déra,
Se Paris no Monte a víra.

Gloza.

SE ao Paſtor apparecêra
No Ida, trajando galas,
Entre Venus, Juno, e Pallas,
Nunca o Pomo a Venus déra.
He Pallas, menos ſevera;
Venus, que modeſtia inſpira;
He Real Juno, ſem ira;
Taes dotes o Ceo lhe deu!
O Pomo de oiro era ſeu,
Se Paris no Monte a vîra.

José Baſilio da Gama.

Ao meſmo Mote.

Gloza.

SE entaõ neſſa antiga éra
Luſo Sol víra defronte,
O Paſtor no Idalio monte,
Nunca o pomo a Venus déra:
Oh que credito obtivera
Da queſtaõ que decidíra!
Porque diſcreto cumpríra,
Dando a maçã ſoberana
A formoſa Marianna,
Se Paris no Monte a víra.

D. Franciſca Benedicta Tallaia Collaça de Caſtello Branco.

VOTOS

DA

NAÇAÕ PORTUGUEZA,

FORMADOS

EM HONRA

DA

MUITO ALTA, E MUITO PODEROSA

FIDELISSIMA RAINHA,

E

SENHORA NOSSA,

D. MARIANNA VICTORIA.

DE ſublimes eſſencias, que milhões de Vaſſallos lançaõ ás maõs cheas em thuribulos de ouro, ſe levantaõ ondas ſobre ondas de fumos odoriferos: neſtas ſagradas trévas ſe ajuntaõ neſte dia os Votos da Naçaõ toda, que ſobre as azas de fogo, vôaõ para o Ente Supremo. Eu os vi partir; o raio que fende as nuvens, naõ ſe deſpede com maior velocidade.

Elles combatiaõ entre ſi pelo gráo de actividade, que inflammava o ſeu zelo: cada hum diſputava, qual com azas mais ligeiras chegaria primeiro ao Throno do Altiſſimo, e todos voavaõ com a meſma celeridade: a ſua alegria, e o ſeu eſplendor ſe communica ás nuvens, que atraveſſaõ, e na immenſidade do eſpaço vaõ deixando apos ſi os luminoſos veſtigios da ſua paſſagem: eis-que chegaõ todos juntos ao Throno da Suprema Mageſtade: as ſuas vozes ſe fazem ouvir ao meſmo tempo: nas celeſtes moradas ſe repete, e ſe applaude entaõ o Nome de Marianna: eis-aqui os hymnos que elles entôaõ.

„ Deos

„ Deos Grande! Que regulais ao voſſo arbitrio
„ o deſtino das Nações, que para felicidade dos Im-
„ perios fizeſtes pronunciar hum dia nos Conſelhos da
„ Creaçaõ: que Marianna exiſta: que ella ſeja Filha
„ de Reis, Irmã de Reis, Mãi de Rainhas, Rai-
„ nha ella meſma: Bemfeitor Supremo do Genero Hu-
„ mano; que fizeſtes eſte preſente á terra, conſervai-
„ nos para ſempre os voſſos dons.

„ Que Vaſſallo naõ ama os ſeus Monarchas?
„ Mas que Soberana he mais juſtamente amada do que
„ o modelo, e a Mãi das Soberanas? O Monſtro, que
„ ſe alimenta de victimas humanas vai, com a tocha
„ funeſta ateando o fogo entre cem Póvos, que para
„ ſe deſtruirem, ardem, e ſe conſomem em hum furor
„ barbaro: mil tempeſtades ſe fórmaõ ao meſmo tem-
„ po, promptas a desfechar já ſobre ſoberbos Pala-
„ cios, já ſobre humildes Cabanas. Monſtro! entre os
„ Perineos, e os Mares, em que o Sol ſe deita, naõ
„ acháraõ materia as tuas chammas. A Auguſta Marian-
„ na, Genio Tutelar dos dois Imperios, collocada en-
„ tre o Irmaõ, e a Filha, lhes enrama os Sceptros de
„ pacífica oliveira: o Paiz que lhe deo o berço, como
„ aquelle que lhe offereceo o Throno, gozaõ de hu-
„ ma paz dourada, em tanto que o reſto da terra vai
„ talvez inundar-ſe de ſangue humano.

„ Deos Grande! Conſervai-nos para ſempre os
„ voſſos dons.

„ Quando quereis preſervar hum Povo dos effei-

„ tos

„ tos da voſſa cólera , dais aos ſeus Soberanos cora-
„ ções de Pais ; taes ſaõ os noſſos. O Amor dos ſeus
„ Vaſſallos , he a ſua felicidade : os males dos ſeus
„ Póvos fazem a ſua deſgraça. Fontes do Eterno ! Eſ-
„ palhai torrentes de vida ſobre a noſſa Bemfeitora.
„ Arbitro Supremo dos Soberanos ! Tu que a déſtes,
„ vigia a ſua conſervaçaõ : os ſeus Póvos te imploraõ
„ de joelhos : nós te rendemos as graças : eſcuta os
„ noſſos votos.

„ Deos Grande ! Conſervai-nos para ſempre os
„ voſſos dons.

Fr. Joaquim Forjás.

Recolhendo-ſe felizmente Sua Mageſtade ao ſeu Real Palacio da Praça do Commercio, no dia 26 de Junho do preſente anno de 1787.

SONETO.

ENchuga, ó Lyſia, o pranto, que vertias
Da tua Anguſta Soberana auſente:
Beja-lhe a Regia Maõ, que largamente
Se encheo de beneficios (*), e alegrias.

As antigas ſaudades, e agonias
Apaga já da tua grata mente,
Foi com Saturno venturoſa a gente;
Mas tu verás naſcer mais bellos dias.

Contra os golpes do teu fado inimigo;
Contra os crueis ataques da indigencia,
Tens no ſeu regio braço, eſcudo, e abrigo.

Ah! Naõ lamentes mais a ſua auſencia;
Que o zelo do teu bem leva comſigo,
E ſempre te olha com igual clemencia.

O Bacharel Luiz Correa de França e Amaral, Oppoſitor aos Lugares de Letras, Advogado neſta Corte, e Socio da Arcadia Luſitana, e da Academia dos Humaniſtas de Lisboa, e da Academia dos Obſequioſos.

(*) O alivio dos Direitos do Peſcado, e outras naõ menos ſabias, e ſaudaveis providencias; tudo com vigilante, e maternal zelo, determinado por Sua Mageſtade na Villa das Caldas, em o corrente anno de 1787.

Nos felices, e plauſiveis Annos da Sereniſſima Senhora D. Maria Benedicta. Princeza do Brazil, em 25 de Julho do corrente anno de 1787.

SONETO.

QUe he iſto (exclama o Téjo) que doçura
Sôa nas minhas margens deleitoſas!
Surgem em chuſma as Tagides formoſas,
Lá do profundo da corrente pura.

As Paſtoras de flores, de verdura
Enramadas, por ſerras pedregoſas
Lá vem clamando em vozes harmonioſas
Plauſivel Dia, Dia de ventura.

Eis chega Thetis, que o meu paſmo admira,
E de todas as dúvidas, e enganos
De repente, fallando aſſim, me tira.

„ Da Auguſta Marcia cantaſſe hoje os Annos,
„ Por ſua Prole ao ſom deſſa aurea Lyra,
„ Fazei mil votos, nobres Luſitanos.

Do meſmo Author.

EPI-

EPIGRAMMA.

Namque anagramma tuum te ſolvi Clare Joannes,
Dignus es, ut Nomen ſurgat in aſtra tuum.
Hoc opus, oh Partum! Nomen tibi contrahet ingens;
Atque tuba reſona Fama coronet opus.

Laude ipſe ſe coronet, & laureatus,
Spiritus ſcriptis coronetur ſuis.

ΕΠΙΓΡΑΜΜΑ.

Εις βασιλειαν.

Κυδρὴν δὴ βασίλην ερυσίπτολιν ἄρχομ' ἀείδειν,
Κυδνὴν δὴ βασίλειαν, ὑπείροχον εἶδος ἔχουσαν,
Ἂς τ' ἐρρύσατο λαὸν ἰόντα τε νισόμενόν τε
Χάρμα μέγ' ἀνθρώποισι, κακῶν θελκτῆρ' ὀδυναων
Χαῖρε θεὰ δόρ οἱ ἄμμι τύχην εὐδαιμονίην τε.

CONSTRUCTIO.

Inclitam Reginam regnorum patronam incipio canere;
Inclitam Reginam pulcras virtutes habentem,
Quæ iens rediensque ſuum populum dilexit.
Gaudium omnium magnum conſolatrixque,
Salve, Omnipotens talem Reginam daque nobis fortunam, ac felicitatem.

J. S. T. de S. C. e A.

Se a ſaudade em Madrid pela auſencia da Auguſtiſſima Rainha a Senhora D. Marianna produzio maiores extremos, ou a alegria em Portugal com ſua ſuſpirada vinda, he o aſſumpto da preſente Seſſaõ Academica.

Eu me naõ atrevo abſolutamente a decidir.

ARdua empreza pertendem hoje as minhas tenues forças, conheço ſer grande o meu atrevimento arrojarme a ſoltar a voz no meio de huma Athenas literaria, onde os Eloquentes Oradores, que a adornaõ, patenteando os ſeus grandes conhecimentos nos brilhantes diſcurſos, tem exhauſto as fontes do ſublime, fer-vos-ha faſtidioſo o meu groſſeiro eſtilo, depois de terdes ouvido tantos varões chéfes da Eloquencia: mas em fim, o amor da Patria, o affecto dos Soberanos, a obrigaçaõ do dever, e juntamente a certeza de que, attendendo aos meus poucos eſtudos, e pequeno talento, deſculpeis as minhas faltas, me anima a proſeguir: porém logo ao princípio me vejo perplexo, quando conſidero, quanto a reuniaõ da Auguſta Rainha a Senhora D. Marianna Victoria encheo de prazer a todo o Portugal, ao meſmo paſſo me vem á memoria, quanto a ſua

auſencia ſe faria ſentida na Corte de Madrid, qual das dúas partes ſeja capaz de produzir maiores extremos, naõ me atrevo a decidir, e o deixo a Juizes competentes, e de verdadeiro merecimento: he ſó o meu intento deſcrever hùma fraca imagem do ſentimento, em que ficou Heſpanha pela ſua auſencia, e o contentamento de Portugal com a ſua ſuſpirada vinda; e depois narrar as virtudes, que brilhaõ neſta Regia Senhora, pelas quaes he juſta a ſaudade em Madrid, e a alegria entre nós. Eſte he o meu deſtino, e por naõ abuſar da voſſa paciencia, já entro no diſcurſo.

As paſſagens dos Principes, e Soberanos de hum a outro Imperio coſtumaõ de ordinario ſer na frente de guerreiros exercitos talando os campos, devaſtando as Cidades, entregando tudo como victima da ſua cólera ao paſto das vorazes flammas. Olhemos para os Ceſares, Darios, Guſtavos, e outros tantos mil Heróes deſtruidores, cujos nomes nos vem á idéa como rubricados em caracteres de ſangue; ó como differente he a paſſagem deſta Auguſta Rainha! Paſſa de Portugal a Heſpanha, naõ como Alexandre corria de huns a outros Reinos, ſuſtentando-ſe ſó de carnicería, deſejando inſaciavelmente rendellos ao Imperio do ſeu alto deſpotiſmo; mas vai levando após ſi copioſas felicidades; Heſpanha ſe reveſte d'alegria já mais viſta; Carlos, o Auguſto Carlos, do qual ſó o Nome lavrado nos duros marmores, e bronzes ſervirá de memoria aos ſeculos futuros, recebe ſua cara Irmã com regias demonſtrações.

de

de maior prazer; abrem-se os riquiſſimos theſouros; perdôão ſe as dívidas; firmaõ-ſe as pazes; que felicidade para hum, e outro Reino! Experimenta Heſpanha por huma vez toda a alegria, e contentamento, glorea ſe de ter em ſeu poder huma Heroína taõ benemerita: em fim chega, ó Portugal, o deſejado tempo de tornares a ver a amavel prenda, que a ingrata Caya tinha ſeparado dos teus limites: o amor da Auguſta Filha, e de toda a Regia Prole a obrigaõ entre lagrimas, e ſolaços a deſpedir-ſe de toda a Heſpanha, e deixa o Invicto Carlos cheio de mágoa, que no ſeu ſemblante dá huma inconteſtavel prova do ſeu profundo ſentimento, ao ſeu exemplo toda a Corte ſe enche da mais terna ſaudade, que durará em quanto exiſtir a memoria deſta Fideliſſima Rainha de tudo digna e merecedora: corre outra vez a nós: a alegria, que cauſou foi geral; a Auguſtiſſima ſua Filha Soberana, tal, que a Europa toda ſe liſongearia de ter por Arbitra, ſe enche do mais vivo contentamento, que a minha pena naõ póde expreſſar. O' penſamento bem differente da impia, e ingrata Roma, quando nas velozes carroças rodou ſobre o corpo de ſeu Soberano, ainda fumegando quente ſangue das agudas, e penetrantes feridas, para que mais depreſſa a ſoberba foſſe elevada ao ſolio da tyrannia! O' coraçaõ mais duro que hum excarnado rochedo! O' eſpirito ſoberbo! O' monſtro de eſcandalo! Mais te valîa naõ exiſtir na ſcena do mundo, do que deixar por brazaõ da tua fama huma acçaõ, cuja idéa ſó faz horror a todos os racionaes.

naes. Na noſſa Auguſta , e Fideliſſima achas hum fiel modelo do como havias tratar os teus Principes, o ſeu portamento neſte ponto naõ tem limite. Que direi do Auguſto Pedro Terceiro ? Que direi dos Principes , e Infantes , verdadeiros Troncos dos ſeus Regios Aſcendentes ſenaõ que ao exemplo da Soberana Filha , igualmente ſe portáraõ ? Que direi finalmente de todos os Portuguezes ? Em huma palavra todo o Reino ſe enche de geral contentamento. Eu me dilataria , ſe naõ conheceſſe que em cada Vaſſallo ſe acha huma fiel teſtemunha ; e que a pregoeira fama tem eſpalhado em longes , e remotas partes. Parece que o Ceo reſervou á Auguſtiſſima Rainha a Senhora D. Marianna Victoria a gloria de executar tantas acçõés illuſtres , onde o ſeu valor naõ brilha menos que a ſua prudencia. Ceſſáraõ eſſes eſpantoſos golpes , dos quaes a terra ſe abalança ; e so quaes trazem após ſi infinitas calamidades. O ſeu merecimento ſe repreſenta debaixo de hum aſpecto mais brilhante , como em hum theatro , onde o ſeu genio anima a todos os da Naçaõ ; deſtroe os vicios corruptores , que a conſomem ; dá-lhe em fim huma força , huma actividade , hum reſplendor , que os curſos das idades parecem naõ poderem alterar , ſenaõ atropelando todo o noſſo hemiſferio : de outra parte em nos fazermos gemer debaixo dos males já extinctos nos dá mais ſentimento da noſſa felicidade : a ſua fama enche a Europa de admiraçaõ : agradavel com dignidade , affavel com grandeza , reſpeitada pela ſua preſença , ganhando os cora-

çõés

ções pelos seus beneficios. Huma Augusta exposta aos olhos attentivos da Naçaõ, cujos exemplos podem servir de regra, e inspiraõ o desejo de imitalla; huma Rainha nascida para estabelecer o Reino da politica, da qual he o modelo, he por isto que ella ganha os nossos corações. Que dignidade misturada de graças na sua Augusta Pessoa? Que nobre, e attractiva doçura nas suas palavras? Que sábia, e engenhosa decencia nas suas festas? Que delicadeza de sentimentos? Que urbanidade de costumes?

Eis-aqui o que nos fixa, e encanta justamente: Hespanha se magôa com a ausencia de huma Heroína tal, dotada de tantos, e taõ grandes predicados; e Portugal despido de toda a saudade desta ausencia se cobre de todo o contentamento: e já que temos a ventura de possuir huma Augusta tal, tributemos lhe todas as nossas homenagens. Chegai-vos aos seus pés, felices, e brilhantes genios Portuguezes, que o Ceo tem feito nascer em multidaõ por secundar nos seus designios: ella vos offerece seus beneficios, e sua estima, que vale mais que os beneficios, fazendo com que Portugal enriquecido dos thesouros de Roma, e Athenas faça resurgir do seu proprio fundo modelos para os seculos vindouros: isto tudo devemos á Augustissima Senhora D. Marianna Victoria, cujos effeitos se perpetuaráõ de seculo em seculo.

J. S. T. de S. C. e A.

Naõ

NAõ ſaõ, Senhores, os brilhantes luzimentos dos Aſtros, o placido, e fluido ſuſurro das agoas, e a amena, e viſtoſa louçanîa dos campos, as que hoje publicaõ o noſſo goſto, a noſſa felicidade; ſirvaõ eſtas imagens de agradavel ornato ao feeundo da Rhetorica; de pompoſo enthuſiaſmo á liberdade da Poeſia: ſempre offendem o reſpeitavel caracter de hum ſério Orador; a eſte ſó a sã verdade lhe deve animar as vozes; offerecer os conceitos, e ſervir de menſurado plano ao judicioſo da ſua idéa. Que offenſa ſería á noſſa gratidaõ? Que deſluſtre á mageſtade do aſſumpto? Que deſacerto aos conhecimentos da razaõ, querer deſcobrir affectos da alma diſeurſiva nó irracional? Saõ, ſim, os eorações dos Portuguezes, que exultando em ſeus peitos, reverberando em ſeus ſemblantes, e reſpirando em alegres, e feſtivas vozes entre os goſtoſos alvoroços da mais feliz poſſe, nos dizem, ſe vê reſtituida á noſſa da Côrte de Madrid a Soberana, Real, Reſpeitoſa, e ſempre amavel Peſſoa da Auguſtiſſima Rainha, a Senhora D. Marianna Victoria: eſſa Soberana Mageſtade, em quem contendendo a natureza, e o amor. Se Madrid ſe ennobrece com lhe ter dado o naſcimento; Portugal ſe glorêa de lhe merecer os affectos. Naõ julgue a voſſa attençaõ, intento em judicioſo Problema diſcutir qual deſtas ſeja maior ſelicidade: he Madrid Regia, e feliz Patria de taõ Auguſta Senhora: eſta ſó razaõ concilîa o meu reſpeito, para lhe naõ queſtionar a Grandeza;

en-

encaminho, fim, o meu diſcurſo a deliciar a voſſa memoria, a encher os noſſos corações de hum bem merecido júbilo, com a repetiçaõ dos mageſtoſos motivos, que nos fazem amavel ſua Regia, e Soberana Peſſoa. Sejaõ eſtes os glorioſos eſtimulos, que ſenhoreando os noſſos affectos, tranſportando os noſſos animos, façaõ indiſpenſaveis as demonſtrações do noſſo amor na ſua reſtituiçaõ á noſſa Côrte. Ah! e como naõ teme a fraqueza do meu engenho ſubir a taõ alta eſféra! Naõ, ſabio Congreſſo, naõ temo: eu ſinto animada a ineptidaõ do meu diſcurſo: eu acho-me preoccupado de hum natural impulſo, que me attrahe ao ſublime da empreza: conheço a grandeza do júbilo, que hoje deve encher os noſſos corações; e que muito lhe offereça em reverente ſacrificio os deſcreditos, e precipicios do entendimento? Quando foraõ deſluſtre á mageſtade das Purpuras as toſcas, mas ſinceras expreſſões do ruſtico? Saiba ſó a Eloquencia louvar: quem deſobriga a ignorancia da confiſſaõ dos benificios? Confundaõ-ſe os regulados dictames da Rhetorica; appareçaõ eſcuras as ſuas imagens; com tanto, que ſe oiçaõ as vozes da gratidaõ: muito mais que para ſe reſpeitar o dilatado mar de ſuas naturaes, e Regias qualidades, de ſuas Moraes, e chriſtãs virtudes, naõ intento referir-vos todas; como faltaria o tempo? Como ſe ſuſpenderia o diſcurſo? Recolhamos em pequena, e abbreviada concha algumas gottas de ſuas cryſtallinas agoas; e aſſim ſe conhecerá o ſuperior da ſua grandeza. Vou ſó expôr-vos

nas

nas vozes do agradecimento, o amor, a benevolencia, o desvélo, com que attrahe os nossos affectos; com que procura os nossos interesses, mostrando-se mais, que Senhora Soberana, Mãi extremosa dos Portuguezes, sirvaõ todas as mais qualidades, e virtudes de illustre decóro a sua Real Pessoa; sejaõ luminosos raios de taõ luzido Sol; que a mim me arrebataõ os beneficos influxos, com que nos illumina. Mas desconcertados éccos naõ saõ vozes do louvor; saõ sim desaffogos do agradecimento: para louvar falta-me a eloquencia; para agradecer anima-me a obrigaçaõ. Aqui, suspensas as minhas vozes, deviaõ fallar todas as dos Portuguezes. Dizei-me, felizes Vassallos da nossa Côroa, dizei-me: Que perduraveis, e glorioſos padrões; que illustres, e carinhosas imagens naõ tem insculpido nos nossos corações a affavel, e amorosa benignidade, com que esta Augusta Senhora se interessa no nosso bem? Quem chega á sua Real Presença, que cheio de gostosa consolaçaõ naõ publique os ternos affectos, com que a sua benevoleneia sabe unir os respeitaveis decóros da Magestade, com as extremosas demonstrações de compassiva? As lagrimas dos Portuguezes enternecendo-lhe o coraçaõ, magôando-lhe o animo, lhe faz parecer a nossa afflicçaõ natural; e quanto póde hum coraçaõ benigno! A quanto chega hum affecto Real! E que grande he a nossa felicidade!

Que exuberante prazer, que amante consolaçaõ; que universal gosto occupa os nossos corações no justo

governo de ſua Auguſtiſſima Filha! A Innocencia naõ teme: a Pobreza reſpira; a Juſtiça ſegue os inviolaveis dictames da rectidaõ; o Merecimento premêa ſe; a Nobreza occupa os póſtos devidos á ſua grandeza: vê-ſe nos Clauſtros a regularidade; nos Templos o eſplendor; nos Miniſterios Eccleſiaſticos a virtude, e a ſciencia; a piedade ſóbe ao Real tronco; a compaixaõ domina os affectos dos noſſos Monarcas. Bem ſei ſaõ moções de huma alma juſta, qual he a da Noſſa Auguſtiſſima Rainha, a Senhora D. Maria I.: mas naõ diremos, ſaõ tambem glorioſos effeitos, nobres impreſſões daquella ſabia, prudente, e Chriſtã educaçaõ, com que ao lado da Auguſtiſſima Rainha, a Senhora D. Marianna Victoria, ſua Amabiliſſima Mãi, aprendeo as maximas mais puras, os dictames mais regulados? Que amor aos ſeus Vaſſallos lhe naõ inſpirou, que compaixaõ ás miſerias do proximo lhe naõ fez natural? Oh! E como eſtamos felizes, goſtando os doces frutos, que a prudente, religioſa, e ſabia circunſpecçaõ deſta Soberana Senhora, deſde os primeiros annos, infundio na alma de ſua Auguſtiſſima Filha?

Opprimio a força da mais violenta moleſtia a Auguſta Mageſtade do Senhor D. Joſé I.: inclinou-ſe a Côroa: enfraquecêraõ os Reaes eſpiritos: ſentio-ſe languido aquelle braço, que ſuſtentava o Sceptro: e antes que de todo cahiſſe, por Real Decreto o entregou a eſta Soberana Senhora, ſua muitas vezes digna, e amabiliſſima Eſpoſa, aqui entre enternecidas lagrimas, entre

tre triſtes, e magôados affectos, que lhe arrancava do coraçaõ o amor do mais eſtreito vínculo, qual ſoi hum dos primeiros deſignios de ſeu Real dominio? Vós o ſabeis: eu o hei de dizer. Oh! E quanto ſe arrebata a minha memoria com a ſua repetiçaõ? Foraõ os felizes Deſpoſorios de ſeus Sereniſſimos Neto, e Filha, para que unindo-ſe o ſangue, enlaçando-ſe o amor, ſe conſervaſſe eſte para os Portuguezes, na deſejada ſucceſaõ, que eſperamos, por todos os titulos natural. Quiz logo eſta Auguſtiſſima Senhora foſſem premiſſas do ſeu governo as felicidades dos Portuguezes; como ſe fôra delicto á grandeza de ſeu Real animo moſtrar imperio, que naõ foſſe beneficio; empunhar Sceptro, que naõ inclinaſſe ao noſſo bem.

E de que ſenſivel ſuſto ſe naõ enchêraõ os noſſos corações, quando víraõ longe do noſſo hemisferio eſta luz? Quando ſoubemos, que eſta Soberana Senhora ſe auſentava da noſſa Côrte? Como deſejavamos penetrar as altas intenções do ſeu Real deſignio? Quanto nos cuſtava perder de viſta aquella Mageſtade, a cuja ſombra deſcançavamos ſelizes? Mas deixai-me perſuadir, que enganados os noſſos penſamentos entre os funeſtos ſuſtos da auſencia, naõ alcançavaõ os extremos do ſeu amor: ſim ſeriaõ os affectos da natureza, os que a leváraõ á Côrte de Madrid: e porque naõ ſeria o noſſo ſocego, o noſſo bem, a noſſa felicidade? Aquelle nó, com que as Côrtes de Portugal, e de Madrid ſe achavaõ unidas em reciproca alliança, que-

reria com a ſua preſença apertar de tal modo, que ficaſſe indiſſoluvel. Mas que diſſe? Que reprehenſivel temeridade? Onde ſobio arrebatado o meu penſamento? Eu naõ intento, Senhores, tocar nem levemente as reſpeitaveis portas do Real gabinete: mas o amor, que devemos a eſta Soberana Senhora, dominou tanto o meu coraçaõ, que obrigou o entendimento a formar eſta idéa. Seja erro da vaga imaginaçaõ; naõ offenſa dos Reaes deſignios. Aqui ſe ſuſpende o diſcurſo: onde ha de intentar ſobir, ſe com violencia ſe arraſta? Neſtas pequenas linhas, ainda que toſcamente lançadas, podereis conhecer, qual he a formoſura da imagem: ſejaõ os meus humildes conceitos ſombras: a materia em que ſe envolvêraõ os faz luminoſos: e quándo as ſombras ſaõ luzes; as luzes que ſeraõ? Vós, Sabios Academicos, em voſſas doutas producçõeſ dai alentos ao inerte do meu diſcurſo, ao temerario do meu empenho. E que juſto ſe fazia o noſſo ſentimento, a noſſa ſaudade na auſencia deſta Auguſtiſſima Senhora? Quem logrou o bem que naõ chore a ſua falta? Quem vio a luz, que ſe naõ confunda com as ſombras? Quem adorou o oriente do Sol, que lhe naõ foſſe funeſto o ſeu occaſo? Conſideravamos-nos ſem eſte bem, ſem eſta Luz, ſem eſte Sol: e que violenta ſe fazia ao noſſo amor taõ triſte impreſſaõ? Mas já diſſipada a ſombra, appareceo a Luz: já os ſuſtos da auſencia proſtrados aos pés do goſto levantaõ throno aos noſſos vivas: já entre feſtivas vozes nós damos huns aos outros

tros os parabens , por ſe ver reſtituida á noſſa Côrte a Auguſtiſſima Rainha, a Senhora D. Marianna Victoria, a quem Deos dilate a vida por longos annos, para completa felicidade da noſſa Côroa, para gloria das Monarquias, e para terna conſolaçaõ de todos os Portuguezes.

Do Padre Joaquim dos Anjos.

A ELREI
NOSSO SENHOR,
LANÇANDO POR SUAS REAES MAÕS
A PRIMEIRA PEDRA
AO
MAGESTOSO TEMPLO
DO
CORAÇAÕ DE JESUS,
ORAÇAÕ ENCOMIASTICA,
E SAGRADA,

POR
ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO,
Deputado Ordinario da Real Meza Cenſoria.

A LEI

NOSSO SENHOR,

LAVRADO NOS SUAS REAES MÃOS

A PRIMEIRA VEZ

A

MAGESTOSO TEMPLO

DO

CORAÇÃO DE JESUS,

ORACÃO ENCOMIASTICA,

E SAGRADA,

POR

ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO,

Clerigo Orador da Real Casa Christã.

ORAÇAÕ
ENCOMIASTICA, E SAGRADA.

A Europa quaſi toda em guerras, e Portugal erigindo Templos ao Deos dos Exercitos? Logo a Religiaõ dos noſſos Principes he a que nos conſerva em paz; logo a ſua Piedade he a que nos defende.

NUnca Portugal fez guerra offenſiva, ſenaõ aos inimigos da Religiaõ. Taes foraõ as guerras, que aos Mouros fizeraõ os Senhores Reis D. Affonſo Henriques, D. Joaõ I., D. Affonſo V., e D. Manoel. E proſperizou a Religiaõ de tal ſorte eſtas guerras, que o Senhor Rei D. Affonſo Henriques, tendo tomado poſſe d' hum Reino limitado ás terras do Minho, e do Mondegò, dentro de poucos annos ſe vio tambem ſe-

nhor da Eſtremadura, e Alemtéjo. O Senhor Rei D. Joaõ I. teve a gloria de ver erecta na Cidade de Ceuta huma Igreja Cathedral, a que ſe aſſignáraõ por Dioceſanas dentro no noſſo continente as Villas de Campo Maior, Ouguélla, e outras, que hoje ſaõ do Biſpado d'Elvas. O Senhor Rei D. Affonſo V. fez levantar Altares a Jeſu Chriſto, nas Meſquitas de Tangere, Arzîlla, Zafîm, e Azamór. O Senhor Rei D. Manoel conquiſtou para Deos toda a India.

Eſtas fim, que craõ verdadeiramente *guerras do Senhor*, (a) como a Eſcritura coſtuma chamar, ás que os Reis de Judéa faziaõ aos póvos Idólatras. Eſtas fim, onde os que morriaõ, eraõ reputados Martyres. Que por Martyres qualifica o noſſo Livio Portuguez, o Grande Barros, aos que perdiaõ a vida nas guerras contra os Mouros, e Gentios da Aſia. Taõ conſtante era entre os noſſos, naõ terem eſtas guerras outro objecto, nem outra cauſa, que a propagaçaõ do Evangelho!

Nunca tambem fez Portugal guerra defenſiva, ſenaõ fiado no Divino foccorro. Por iſſo as victorias d'Aljubarrota, das Linhas d'Elvas, do Amexial, de Montes Claros (que victorias taõ glorioſas, taõ inſignes, taõ affamadas!) o meſmo inimigo desbaratado, as confeſſou milagroſas. Eu o li n'hum Garibay, eu o li n'hum Salazar de Caſtro.

Tanto ſe offende Deos, de que hum Rei, por

mais

(a) I. Reg. 18. 17. I. Par. V. 22.

mais poderoſo que ſeja, ſe confie no número, e valor das ſuas trópas, que huma vez que David, (a) para ver as forças que tinha, mandou fazer reſenha do ſeu povo, Deos o caſtigou com huma peſtilencia por todo o Reino, que em breve tempo lhe conſumio ſetenta mil vaſſallos.

Ainda aſſim ouvi, Senhores, o que do meſmo David diz Deos na Eſcritura. (b) *Inveni David virum ſecundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.* Eu achei em David hum homem, ſegundo o meu coraçaõ, que me ſará todas as vontades. Notavel modo de dizer! Hum homem ſegundo o meu coraçaõ, que me ſará todas as vontades. Pois que? A caſo David fez a Deos as vontades, que lhe fizeraõ hum Joſafat, hum Ezequias, ou hum Joſias? Naõ: mas notai. Na fraſe da Eſcritura, aquelle ſe diz fazer todas as vontades a Deos, que faz a coiſa, que he do maior agrado de Deos. O meſmo David no-lo confirma. Porque no Pſalmo 15, querendo dizer, que Deos fizera reſplendecer por hum modo admiravel o extremoſo affecto, que elle David tinha ao Santuario do Senhor, explica-ſe aſſim: que o Senhor fizera reſplendecer por hum modo admiravel todas as ſuas vontades a eſte reſpeito. *Sanctis, qui ſunt in terra ejus, mirificavit omnes voluntates meas in eis.*

A coiſa porém, em que Deos teve o maior goſ-

(a) II. Reg. 24. 15.
(b) Act. XIII. 22.

to naquella idade ; foi em que ſe lhe edificaſſe hum mageſtoſo Templo, onde elle foſſe louvado, e adorado. Parece-me, Senhores, que deſte ſummo goſto de Deos naõ he neceſſario allegar mais prova, do que a que ſe tira do apparato, e ſumptuoſidade, com que Salamaõ, filho de David, edificou depois eſte Templo; e as inconſolaveis lagrimas, com que por ſetenta annos choráraõ os Profetas a ſua ruina.

Pergunto agora : quem deo a planta para eſte Templo? Foi David. (a) *Dedit autem David Salomoni filio ſuo deſcriptionem templi.* Quem deſignou o ſitio, e deo o chaõ para elle? Foi David. (b) *Et cœpit ædificare Salomon domum Domini in loco, quem paraverat David.* Quem fez ajuntar para elle os materiaes? Foi David. (c) *Ante mortem ſuam omnes præparavit impenſas.* Foi logo David, o que deo principio ao Templo de Jeruſalem? He hum facto ninegavel. Pois eis-ahi a razaõ, porque ſendo Salamaõ o que com effeito acabou o Templo, ſó de David com tudo he que Deos diz, que achára nelle hum homem ſegundo o ſeu coraçaõ, que lhe faria todas as vontades ; em quanto elle ſeria, o que déſſe principio ao Templo, que era todo o goſto de Deos. *Inveni David virum ſecundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas.*

E que prometteo Deos a David, por lhe fazer hu-

(a) II. Par. XXVIII. 11.
(b) II. Par. III. 1.
(c) I. Par. XXII. 5.

huma obra tanto do ſeu goſto? Por lhe fazer eſta vontade das vontades? Ouvi, e attendei. (a) *Manus mea auxiliabitur ei, & brachium meum confortabit eum. Nihil proficiet inimicus in eo.* A minha maõ lhe aſſiſtirá para o proteger: o meu braço o fortificará: e o inimigo naõ ganhará nada em o atacar. Paſſemos já da figura ao figurado.

Vós bem vedes, Senhores, que quando Deos aſſim ſallava de David, ainda Deos naõ tinha maõs, nem braços: porque ainda o Verbo Divino naõ tinha encarnado; ainda Deos ſe naõ tinha feito homem. Como dizia logo Deos: A minha maõ lhe aſſiſtirá para o proteger, e o meu braço o fortificará? He porque Deos, quando por eſtas palavras promettia ao David de Iſrael o ſeu ſoccorro, conſiderava nelle outro David de Portugal, a quem promettia huma eſpecial protecçaõ da ſua parte.

E quem he eſte David de Portugal, a quem Deos tinha na ſua mente, quando aſſim ſallava do David de Iſrael? He o Senhor Rei D. Pedro III., que para o novo Templo, conſagrado ao Sacratiſſimo Coraçaõ de Jeſu, delineou a planta, deo a área do ſeu chaõ, e em preſença de toda a ſua Côrte, lançou por ſuas Reaes maõs, a primeira pedra a eſte Mageſtoſo Edificio. Eſte he aquelle Principe todo do coraçaõ de Deos, porque todo do Coraçaõ de Jeſus; que em dar principio, e abrir os alicerſes a eſte Templo, faz to-

(a) Pſalm. LXXXVIII. 22. c. 23.

todas as vontades de Deos, porque faz a obra mais agradavel, que lhe póde fazer. Porque que obra póde ſer mais do agrado de Deos, do que huma obra, que toda he do Coraçaõ de Deos? E huma obra, que toda he do Coraçaõ de Deos, claro eſtá, que he o mimo de Deos, que he toda a vontade de Deos. *Inveni David virum ſecundum cor meum, qui faciat omnes voluntates meas.*

Eis-aqui pois, porque eu dizia no principio, que a inſigne Religiaõ dos noſſos Principes era, a que nos conſervava em paz; que a ſua eximia piedade era, a que nos defendia. Digo dos noſſos Principes: porque he verdade, que ElRei Noſſo Senhor deo a planta para eſte Templo; dôou o chaõ, que lhe havia de ſervir de área; e lançou nelle a primeira pedra. Mas a Rainha Noſſa Senhora he a que o prometteo a Deos por voto; he a que o edifica; he a que faz as deſpezas. ElRei delineou a obra, deſignou o ſitio, e fez apromptar os materiaes, como David: a Rainha a proſegue, e ha de acabar, como Salamaõ. Pela excelſa Religiaõ de hum, e pela excelſa Piedade do outro, terá Portugal neſte Templo a verdadeira Cidade de Refugio, em todas as afflicções; terá huma Fortaleza, a que ſe abrigue; terá huma Caſa d'armas, com que ſe defenda de todos os ſeus inimigos.

Ouvi, Senhores, hum difficultoſo texto do Pſalmo mais eſcuro, que ſe acha na Eſcritura: e vejamos, ſe com o favor de Deos ſahe do meio de tanta

ta eſcuridade algum raio de luz, que abrilhante o meu diſcurſo.

(a) *Rex virtutum dilecti, dilecti; & ſpeciei domus dividere ſpolia.* Os mais famigerados interpretes, como Sáci, e Calmet, vertem aſſim: O Rei dos Exercitos, ou o mais ſorte Rei, cahirá debaixo do querido, e do amado de Deos; e a repartiçaõ, que elle fará dos deſpojos dos vencidos, contribuirá para a formoſura da ſua caſa. Que abſtracto texto! Que enigmatico! Pois he como o traz a noſſa vulgata Latina, exprimindo á letra a verſaõ Grega dos Setenta.

Ora naõ vos deſanimeis, Senhores, de o poderdes deciſrar. Conſultemos, ſegundo as regras da Hermeneutica Sagrada, a fonte, ou original Hebreo; e della bebereis com huma eſpiritual deleitaçaõ hum ſentido, que parece todo feito para o noſſo caſo, e ſó para o noſſo caſo.

S. Jeronymo, pois verte aſſim do Hebreo: *Reges exercituum fœderabuntur, fœderabuntur; & pulchritudo domus dividet ſpolia.* Os Reis de grandes exercitos alliar-ſe-haõ, e tornar-ſe-haõ a alliar; e a que he a formoſura da caſa, repartirá os deſpojos.

O Padre Houbigant da Congregaçaõ do Oratorio de França, e Mr. Ladvocat, Profeſſor de Hebraico na Sorbona, vertem aſſim: *Reges virtutum fugerunt, fugerunt; & habitatrix domus dividet ſpolia.*

Os

(a) Pſalm. LXVII. 13.

Os Reis de grandes exercitos ſugiraõ, fugiraõ; e a que he a habitante da caſa, repartirá os deſpojos.

Parecem-vos eſtas verſões, ou contrarias entre ſi, ou ao menos diſparadas? Ora eu vo-las acordo, e concordo já todas, moſtrando-as verificadas na fundaçaõ do Real Templo do Coraçaõ de Jeſus.

Nós temos aqui tres ſujeitos, que haõ de repartir os deſpojos dos vencidos, para delles ſe ornar a Caſa de Deos. Hum o querido, e amado de Deos: outro a que he a formoſura da ſua caſa: outro a que he a habitante da meſma caſa. Saõ logo tres os ſujeitos, que nos ſeguraõ a victoria; porque onde ha deſpojos, que repartir, ha exercitos vencidos, e desbaratados. E tres os que nos ſeguraõ a victoria, porque os deſpojos ſe empregaõ em ornar o Templo: e por conſequencia todo o fundamento da victoria he a Religiaõ, e a Piedade para com Deos.

Repitamos agora, e combinemos as tres verſões referidas do noſſo texto. A vulgata diz: O Rei dos Exercitos, ou o mais forte Rei, cahirá debaixo do querido, e do amado de Deos: e a repartiçaõ, que elle ſará dos deſpojos dos vencidos, contribuirá para a formoſura da ſua caſa. Quem he eſte querido, e amado de Deos? Já moſtrámos, que era o Senhor Rei D. Pedro III., dando principio ao Templo do Coraçaõ de Jeſus. A elle he logo, que ſe promette a victoria de todos os ſeus inimigos, em premio da ſua Religiaõ, quando ſe diz, que elle repartirá os deſpo-

pojos dos vencidos, para condecorar com elles a Caſa de Deos.

S. Jeronymo diz: os Reis de grandes exercitos alliar-ſe-haõ, e tornar-ſe-haõ a alliar; e a que he a formoſura da caſa, repartirá os deſpojos. Aqui temos claramente deſiguada a noſſa Auguſta Rainha. Ella he a formoſura da Caſa de Deos, que reparte os deſpojos dos vencidos: porque ao meſmo tempo que os outros Reis da Europa eſtaõ fazendo, e ratificando liga entre ſi, huns contra os outros; ella gozando d'huma alta paz, por conſequencia da ſua neutralidade, aſſiſte á Regia funçaõ de ſe lançar a primeira pedra ao novo Templo, levando após ſi com a aprazibilidade, e doçura, que brilha no ſeu roſto, os olhos, e attenções de toda huma luzida Côrte: e ella he a que ha de afformozentar o meſmo Templo, com os precioſos adornos da ſua religioſa liberalidade, ſignificados nos deſpojos, ou nas prezas das Potencias belligerantes, que hoje vemos repartirem-ſe nos noſſos Pórtos.

O Padre Houbigant, e Mr. Ladvocat, dizem: os Reis de grandes exercitos fugíraõ, fugíraõ; e a que he a habitante da caſa, repartirá os deſpojos. Ninguem, preſuppoſto o que acabamos de obſervar, deixa de ver já com hum ſanto alvoroço, que a habitante da caſa, que faz fugir os Reis de grandes exercitos, iſto he, os inimigos mais poderoſos, he a grande Reformadora do Carmelo, Santa Thereza, para Recolhimento de cujas filhas fundaõ ſuas Mageſtades juntamen-

mente com o Templo hum magnífico Moſteiro, intitulado por iſſo o *Moſteiro das Reaes Deſcalças.*

Sim, Senhores: a Santa Madre Thereza, he a digna, e poderoſa medianeira, por cujas maõs os noſſos Auguſtos Soberanos offerecem, e dedicaõ eſte Templo, e Moſteiro ao Sacratiſſimo Coraçaõ de Jeſus; e por cuja interceſſaõ eſperaõ elles impetrar de Deos huma eſtavel proſperidade no ſeu governo.

Sabiaõ ſuas Mageſtades, que a Thereza dera Jeſu Chriſto a maõ de Eſpoſo, dizendo-lhe: d'hoje em diante deverás zelar como Eſpoſa a minha honra. *Deinceps ut Sponſa meum zelabis honorem.* Aſſentáraõ pois juſtamente os dois Auguſtos Conſortes, que ninguem ſeria mais do Coraçaõ de Jeſus, do que Thereza: que ninguem poderia mais com Jeſus, do que Thereza: que ninguem os recommendaria mais a Jeſus, do que Thereza. A experiencia, que tinhaõ das ſabias direcções d'hum grande Filho de Thereza, fez, que ſuas Mageſtades déſſem por certo, que ninguem melhor, do que Thereza, lhes poderia alcançar do Pai das luzes aquella luz, de que tanto neceſſitaõ os Soberanos, para governarem bem. A Thereza pois eſcolhêraõ por Protectora diante de Deos, fazendo-a Habitante da Caſa de Deos, como Eſpoſa de Deos; e negoceando aſſim com eſta eleiçaõ, que a Habitante da Caſa do Altiſſimo, a Grande, e Poderoſa Thereza, affugente deſte Reino todos os ſeus inimigos, para elle gozar ſempre d'huma agradavel paz.

Pro-

Profeſſou a Santa Madre, quando vivia neſte mundo, hum particular affecto á Naçaõ Portugueza, e muito mais particular á Sereniſſima Caſa de Bragança. Do affecto a Portugal ſaõ boas provas os vivos deſejos, que ella ſempre teve de vir a eſte Reino plantar a ſua Reformaçaõ; e o muito, que ſe lamentou, e queixou a Deos, quando ſoube do desbarato do exercito do Senhor Rei D. Sebaſtiaõ, na infeliz batalha d'Alcacer Quivir. Do affecto aos Senhores da Real Caſa de Bragança, exiſtíraõ até os noſſos tempos tantos, e taõ veneraveis documentos, quantas eraõ as cartas, que no Archivo, e Theſouro da meſma Real Caſa ſe conſervavaõ, como precioſas Reliquias, eſcritas do proprio punho da Santa Madre, ao Senhor D. Theotonio, Arcebiſpo d' Evora, e á Senhora D. Serafina, Religioſa Franciſcana, no Moſteiro das Chagas, de Villa-Viçoſa.

Se Santa Thereza nos amava taõ extremoſamente, e aos noſſos Principes, quando vivia neſte mundo auſente d'huns, e d' outros; que ſerá agora, que ella como comprehenſora, eſtá vendo no Divino Verbo os finos obſequios, que lhe tributaõ os noſſos Auguſtos Reis, e Senhores? Que ſerá, depois que ella vir ſubir á preſença do Altiſſimo, o ſuaviſſimo fumo dos precioſos arômas de louvor, e de acçaõ de graças, que neſte Templo lhe offereceráõ tantos Anjos em carne, quantas ſeraõ as ſuas filhas, que nelle entrem, e profeſſem.

O Veneravel, e Santo Biſpo de Oſma, D. Joaõ de Palafóx, coſtumava dizer, que em cada Religioſa que via Carmelita Deſcalça, ſe lhe repreſentava ver a ſua Santa Madre. Iſto dizia Palafóx, quando a Reformaçaõ de Santa Thereza apenas contava oitenta annos d'antiguidade. Hoje que tem decorrido mais de duzentos annos, póde cada hum de nós dizer ainda o meſmo deſtas ſantas Religioſas. Taõ verde, e taõ freſca eſtá, paſſados mais de dois ſeculos, a gravidade, a modeſtia, a abſtracçaõ, a ſimplicidade, o rendimento d'eſpirito, a obſervancia, que nos ſeus Moſteiros plantou a Grande Thereza! Effeito he eſte ſem dúvida da fecunda bençaõ daquelle, de quem dizia David, que cada dia o remoçava mais no ſeu ſerviço. *Introibo ad Altare Dei, ad Deum, qui lætificat juventutem meam.*

Apreſſai, Auguſtos Reis, e Senhores noſſos, apreſſai o complemento deſte Templo, e Moſteiro, que a voſſa incomparavel Piedade, e Religiaõ, conſagra ao Sacratiſſimo Coraçaõ de Jeſus; para que ſem demora entrem nelle as filhas de Thereza, a entoar de dia, e de noite devotos Canticos de louvor ao Altiſſimo, por nos dar huns Principes tanto do ſeu Coraçaõ, e tanto do ſeu ſeio; e pela affluencia de bens, e abundancia de paz, que já eſtamos certos nos ha de alcançar de Deos, a poderoſa interceſſaõ da Santa Madre. Apreſſai, torno a dizer, o complemento deſta mageſtoſa fabrica; para que as virgens do Carmelo Reformado, ſejaõ em breve conduzidas ao Templo do Rei,

acom-

acompanhadas das que lhes saõ proximas, isto he, das Fidalgas da primeira Grandeza, hindo humas, e outras em seguimento da Soberana Rainha : e para que nesta Regia acçaõ exulte de alegria, e de contentamento todo o povo Portuguez, vendo erecto neste Magnifico Edificio, hum glorioso monumento da Piedade, e Religiaõ de seus Principes, e hum firmissimo baluarte da sua tranquillidade, e conservaçaõ. *Afferentur Regi Virgines post eam, proximæ ejus afferentur tibi : afferentur in lætitia, & exultatione, adducentur in Templum Regis.*

Disse.

A'

A' RESPEITAVEL
ACADEMIA DE SACAVEM,

SABIOS ACADEMICOS.

EU me atrevo a apparecer na voſſa preſença, naõ olhando á minha fraqueza. O Amor da Patria, e da verdade, fez naſcer eſte diſcurſo. Se lhe falta o merecimento pela pobreza do Author, naõ merece deſprezo pelo ſublime objecto, a que ſe dirige, e pelos innocentes votos, que o produziraõ.

Santarem 18 *de Dezembro de* 1778.

O Profeſſor de Filoſofia

Franciſco Joſé da Coſta.

DIS-

DISCURSO

REMETTIDO A' ACADEMIA DE SACAVEM

SOBRE O PROBLEMA,

DADO PARA A SESSAÕ DE DEZEMBRO DE 1778.

EM QUE SE PERGUNTA QUAL SERA' MAIOR,

SE A SAUDADE DE MADRID

NA AUSENCIA

DA FIDELISSIMA RAINHA MÃI,

SE A ALEGRIA DE LISBOA

NA SUA CHEGADA!

DEFENDE A SEGUNDA PARTE

O DOUTOR

FRANCISCO JOSÉ DA COSTA;

Doutor pela Univerſidade de Coimbra, Profeſſor de Filoſofia em Santarem.

Conamur tenues grandia. Horacio Od. 6. l. L.

SAbios, e reſpeitaveis Academicos ; todos os eſpiritos illuſtres , que por qualquer titulo de merecimento , e de virtude ſe elevaõ ſobre a confuſa multidaõ das almas vulgares, tem direito aos noſſos cultos, aos noſſos elogios , ás noſſas homenagens , ainda meſmo quando elles naõ concorrêraõ para a noſſa particular felicidade. O fundamento deſta eſpecie de Religiaõ he aquella gloria , que as almas grandes eſpalhaõ ſobre o reſto da humanidade , honrando-a com ſeus talentos, enriquecendo-a com ſuas luzes , e dando-lhe exemplos vivos de virtude , para a excitarem a coiſas ſublimes, e magnificas. Porém quando algum deſtes genios ſuperiores he elevado pelo Ser Supremo ſobre o Throno da noſſa Patria, e diſtribue beneficios ſobre nós todos; quando concorreo por meio de ſeus eſforços, e de ſuas virtudes para a noſſa fortuna , entaõ o noſſo culto he huma dívida de juſtiça , que ſe funda em duplicados titúlos ; he huma ſagrada obrigaçaõ, que nos impõe o amor da virtude ; he hum dever indiſpenſavel, a cuja ſatisfaçaõ nos conduzem os meſmos ſentimentos da hu-

manidade. Aquellas almas nobres, que ſe fazem admiraveis ſó pela gloria de ſens merecimentos, exigem o noſſo reſpeito; porém as outras, que juntaõ a todos elles o influirem para as noſſas vantagens, tem direito neceſſario ao noſſo culto, e ao noſſo agradecimento.

Tal he, pois ó Sabios Academicos, tal he o ſoberano objecto, de que eu tenho de fallar-vos. He a noſſa Auguſtiſſima Rainha Mãi; admiravel a todo o mundo pelas ſuas brilhantes virtudes, que honraõ a humanidade; mas digna de todos os cultos, louvores, e gratidaõ dos Portuguezes, ſobre quem ella derrama tantos beneficios. A Fideliſſima Rainha Dona Marianna Victoria Noſſa Senhora, exemplo de todo o mundo, ornamento do ſeu ſexo; mas noſſo aſylo, noſſa bemfeitora, honra do noſſo Throno, e gloria de Portugal. Eis-aqui, Sapientiſſimos Academicos, porque vindo á minha maõ por fortuna o voſſo diſcreto Problema, eu naõ pude conter dentro no peito os ternos movimentos do amor, da verdade, e de gratidaõ. O meu eſpirito ſe ſente abrazado nos raios de gloria, que ella eſpalha ſobre os meus Naeionaes. Eu naõ pude ficar em ſilencio, e quero fallar como interprete dos ſentimentos de Portugal. Feliz aquelle Orador, que podeſſe explicar dignamente os votos da Patria agradecida, no dia conſagrado á ſua felicidade! Eſte devia ſer ſó hum de vós, hum daquelles engenhos illuſtres, e creadores, que havendo de tratar coiſas ſublimes, e mageſtoſas,

ſas, igualaſſe com ſuas luzes, e ſeus talentos a gloria de ſeu ſujeito.

E como poderei eu fazello dignamente, ſe o ſublime objecto, a que me propuz, he muito aſſima das forças do meu engenho? Em Athenas eraõ os mais ſabios Oradores, quem tratava as virtudes dos genios grandes, e tinhaõ por ouvintes os Filoſofos, e o Areopago. Em Roma eraõ os Tullios, e os Hortenſios, quem explicava os votos da Patria agradecida aos ſeus Heróes, e tinhaõ por Eſpectadores os Catões, e o Senado. Em Portugal os mais Sabios Academicos fallaõ da ſua Auguſta, e os eſcuta a mais eſcolhida porçaõ de ſeus doutos nacionaes. Muito inferior a todos eſtes grandes homens por meus talentos, eu me atrevo aos igualar no amor da verdade; aos exceder no perigo a que me exponho. O meu ſublime argumento he mais proporcionado ás ſuas luzes, e muito ſuperior aos meus eſforços: hum corpo illuſtre de Sabios Academicos, aonde ſe juntaõ aos talentos as virtudes, e a eloquencia ao reſpeito, e amor da ſua Auguſta, eis-aqui os meus Eſpectadores.

Além diſto, muitos deſte reſpeitavel congreſſo levantaõ hoje a voz, e voſſos ouvidos coſtumados á força, e á ſuavidade de Oradores inſignes, me fazem recear o meu ſucceſſo. Se eu olho para eſtes grandes homens, eu me deſanimo da felicidade do empenho. Se eu penſo na grandeza de hum argumemento capaz de elevar meu genio, eu tomo novo eſpirito. Eu me ani-

animo pois ; eu chego á voſſa preſença com voz confiada , poſto que reſpeitoſa : eu vou fallar da minha Soberana ; e ſe eu naõ poſſo ter a fortuna de igualar os habeis Oradores, que diſcorrem no meſmo aſſumpto, eu terei ao menos a gloria de encher, quanto eu poſſo, os deveres ſagrados da gratidaõ , e explicar parte dos votos da minha Patria. Eu entro pois no vaſto campo que me propuz, como Ruth no campo de Bóos, a colher algumas eſpigas loiras , que a dextra maõ dos ſegadores deixaſſe, para ſoccorro da minha neceſſidade.

Rainha Auguſta, e Soberana , eu me atrevo a levantar hoje a voz té aos pés do voſſo Throno , entrar dentro do eſplendor , e do ſoberano ar de Mageſtade , que vos cérca , para ver de mais perto o voſſo eſpirito. Naõ vos offenda, Senhora, eſta temeridade ; que he o agradecimento, o reſpeito, e o amor da virtude, quem me conduz. Naõ temais que eu vos inſulte com a liſonja infame. Eu adoro a minha Bemfeitora , para manchar os meus ſacrificios com hum incenſo profano. Eu temo a minha Soberana para faltar á verdade. Nem menos pertendo ornar as voſſas virtudes, pois ellas ſaõ muito ſuperiores aos ornatos frivolos de hum eſpirito pequeno, como meu. Hei de pintallas na ſua mageſtoſa ſimplicidade , e quando fallo de Vós, Senhora, para ſer eloquente, baſta ſer ſincero. Vós, em qualidade de Bemfeitora da Patria , tendes concorrido para a felicidade dos Portuguezes, e por iſſo , depois de tanto tempo de auſencia , quando nós temos a fortu-

tuna de receber-vos no seio de Portugal, nenhuma coisa se póde comparar com a nóssa alegria. Este júbilo universal dá motivo ao meu elogio.

Tu, candida, immortal verdade, inseparavel dos conselhos, dos pensamentos, das obras da minha Augusta: Tu, que lhe inspiras a beneficencia, e a piedade sem te apartares do seu lado, de lá mesmo, anima o meu espirito, dirige o meu discurso, e vigia sobre minhas palavras.

Se o sentido commum dos homens todos he huma voz universal da natureza, como diz Cicero; se nós vemos, que quantos saõ os homens, todos se enchem de prazer á vista da maõ bemfeitora, que os cobre de fortunas; se em fim a pública alegria se costuma accender pela memoria dos beneficios, ó Sabios Academicos; quem poderá suspender a decisaõ sobre a segunda parte do vosso Problema? Quaes idéas podem ser mais vivas, do que aquellas, que nascem dos beneficios recebidos? Que paixões mais impetuosas do que aquellas, a que o agradecimento dá principio? Sim, Senhores, a memoria dos beneficios fez erigir altares, levantar estatuas, estabelecer cultos, determinar sacrificios. Tudo quanto nós vemos de Religiaõ, de prazer, de júbilo, tudo tomou principio nos sagrados direitos da gratidaõ. Eu naõ intento tecer agora huma longa serie dos factos, que acreditaõ esta verdade no largo campo das historias de todos os seculos. Consultemos a nós mesmos: perguntemos ao nosso coraçaõ, donde

nas-

naſce a noſſa alegria á viſta dos noſſos bemfeitores? Donde procede o deſejo ardente de obſequiallos? Donde o devorante remorſo, quando lhe faltamos aos ternos officios, que nos inſpira o natural ſentimento da gratidaõ, clamando ſempre dentro em nós? Donde o deteſtarmos como o mais negro, o mais infame, o mais execrando de todos os vicios, o d'aquelles homens degenerados, e corrompidos, que pagaõ com aggravos os beneficios? Homens que nós olhamos como peſte do mundo, e eſcandalo da humanidade? Pelo contrario, aonde faltaõ os beneficios, as noſſas obſequioſas paixões logo deſmaiaõ, e aquelle meſmo, que nós olhámos com applauſo, paſſado pouco tempo, apenas nos lembra o ſeu nome, ficando a noſſa alma a ſeu reſpeito n' huma fria indifferença. Sejaõ illuſtres os ſeus merecimentos; ſejaõ brilhantes as ſuas vírtudes; o noſſo eſpirito pára na admiraçaõ, e como falta o attractivo dos beneficios, conſtantemente exercitados, naõ ſentimos mais, que moções no entendimento, ſem encontrarmos laços na vontade, quando muito, a alma ſe tranſporta; porém o coraçaõ fica em ſocego.

Se he pois huma brilhante, e ſolida verdade, que a idéa dos beneficios he o mais forte eſtimulo das noſſas teñas, e officioſas paixões; ſe a noſſa alegria ſe alimenta dos penſamentos da gratidaõ, que coiſa póde haver comparavel á noſſa alegria, pela fortuna de podermos beijar outra vez a bemfeitora Maõ da noſſa Auguſta? Aquella Maõ, cujos movimentos foraõ ſempre

prc favoraveis para nós! He verdade, Sabios Academicos, he verdade que as virtudes da Inclita Rainha ſervem de admiraçaõ a todo o mundo: he verdade que Madrid as vio, e tem reſpeitado com as mais ſolemnes, e pompoſas demonſtrações de júbilo, e de applauſo: he verdade, que eſta famoſa Capital, Patria da noſſa Heroina, pagou os devidos tributos de amor, e reſpeito ás altas qualidades, que fórmaõ o caracter de huma Rainha, de que os ſeculos paſſados talvez ainda naõ déſſem hum perfeito exemplo: he verdade que a preſença das grandes almas tem huma tal força ſobre os noſſos animos, que quando ſe retiraõ aos noſſos olhos eſtes objectos da noſſa admiraçaõ, eſtranhamos a ſua auſencia, e ſentimos em nós meſmos hum grande vacuo, quando deſapparece á noſſa viſta o alto preço de ſuas excellencias. Mas como os noſſos corações naõ ſe prendem nas ſeguras cadêas do agradecimento, o tempo uſa dos ſeus direitos, e todas eſtas idéas cedem ao ſeu imperio. Porém, quando ao merecimento ſe juntou a beneficencia, continuamente exercitada ſobre nós, a noſſa alma fica para ſempre ligada nas ſagradas prizões de huma eterna memoria. Qual ſerá pois o júbilo dos fiéis, e agradecidos Portuguezes, a quem a noſſa Auguſta ſempre encheo dos mais extraordinarios beneficios! Qual ſerá a ſua alegria, quando tem a fortuna de ver reſtituida ao ſeu paíz aquella, de cuja Maõ contaõ os beneficios pelos dias, e pelas horas? Aquella, que hum ſollícito, e ancioſo cuidado lhe faz jul-

gar perdida ? Aquella, em fim, que torna de novo a ſemear entre elles a paz, e a abundancia?

O' Sabios Academicos, eu lanço os olhos reſpeitoſamente ſobre todos os annos deſde que ella honra o noſſo Throno, e vejo huma ſucceſſaõ quaſi immenſa de coiſas maravilhoſas, que deſpertaõ a noſſa alegria. E que me naõ ſeja licito ſeguir paſſo a paſſo todas as ſuas acções famoſas, e tecer a ſua hiſtoria? Princezas de todo o mundo, vós principalmente aquellas, que empregais a vida entre a molle ocioſidade? Vós as que conſumis o tempo em divertimentos frivolos, e nada menos vos importa do que a fortuna daquelles, a quem o Ceo vos deo por vaſſallos? Vinde ver huma Rainha, que vos póde ſervir de exemplo: vinde, e confundi-vos dos ſeus officioſos trabalhos; e julgai depois, qual póde ſer maior, ſe a ſaudade de hum povo, que apenas teve tempo de admirar as ſuas virtudes; ou a alegria de outro, que ha tantos annos colhe os frutos do ſeu maternal affecto? Eu naõ ponho aos voſſos olhos huma Betzabé, influindo benificencia no coraçaõ de ſeu filho: naõ vos repreſento Eſther, intercedendo pela ſalvaçaõ do ſeu povo: naõ fallo de Debora, conduzindo com esforço os ſeus patricios: nem de Pulcheria, cubrindo de venturas os ſeus vaſſallos: de Anna de Bretanha, que illuſtrou França com ſuas virtudes: de Hypolita de Napoles, que a ninguem deixou deſcontente: de Margarita de Auſtria, que felicitou os Eſtados de Flandres com ſuas luzes: nem meſmo de huma Iſa-

bel

bel de Portugal, venerada hoje fobre os Altares, que corria de hum a outro lugar, por conſeguir a paz do povo. Eu naõ pertendo pôr á voſſa viſta eſtes magnificos exemplares, que formáraõ o caracter de noſſa Auguſta. Eu vos convido ſó a veres as acções illuſtres deſta incomparavel Rainha, e olhai ſe a noſſa alegria he comparavel a quanto ſe poſſa penſar de grande, ſublime, e maravilhoſo?

Com effeito, Sabios Academicos, ſe nós corrermos ligeiramente o immenſo plano de ſuas acções famoſas, nós ficaremos convencidos. Qual officioſa mãi procurou com mais ardentes deſvelos o ſocego, a paz, a felicidade dos cáros filhos, do que a noſſa Auguſta buſcou o dos ſeus amados Portuguezes? Se os Miniſtros do Santuario eraõ combatidos das tempeſtades do mundo, a piedoſa Soberana era o ſeu ſeguro porto de refugio. Se os homens de letras, depois de terem conſumido os dias, e as noites no taciturno ſilencio dos ſeus gabinetes, eraõ victimas da cruel fortuna, lá lhe chegavaõ os piedoſos ſoccorros da ſua Maõ benefica. Se o ſoldado invicto, muſtrando as honradas cicatrizes, naõ tinha facil acceſſo aos pés do Throno, a protectora das virtudes era o ſeu aſylo: ſe a triſte viuva, a infeliz donzella, o innocente pupilo eſtendia as tremulas maõs a pedir o ſuſtento para a miſeravel vida, ao ſeio da indigencia lhe hiaõ ter os favores da Bemfeitora univerſal, bem ſemelhante áquelles rios ſubterraneos, que vaõ fecundar a terra longe da ſua origem. Em

fim , diſcorrendo geralmente , que afflicto naõ achou nella refugio ? Que deſvalido amparo ? Que virtude, premio ? Que merecimento, ſatisfaçaõ ?

A freſca ſombra offerece refrigerio ao fatigado caminhante ; a fonte pura mitiga a ſede ao ſequioſo ; a vide fructuoſa entretem os ardores da fome ; o Ceo ſereno abriga a deſnudez do pobre ; a Cidade de refugio he aſylo dos perſeguidos ; a terra fertil alimenta os que trabalhaõ ; o brando vento modera os fogos do eſtio ; as tenras flores preparaõ a medicina aos enfermos ; a noſſa incomparavel Soberana he remedio univerſal dos Portuguezes. Trabalhos , ſedes , fomes , perſeguições, moleſtias , neceſſidades , todo o genero de deſgraças foge ligeiramente donde chega a ſua viſta, ſeguida logo dos ſeus beneficios. He hum Aſtro bemfeitor, que influe felicidades ſobre Portugal : he huma imagem da Providencia, que quanto vê, tudo ſoccorre ; he o caminho da noſſa ventura , aonde ſe encontra a paz , e a verdade : aonde a juſtiça , e a paz ſe ligaõ entre immortaes abraços.

Naõ ; eu naõ poſſo tecer a ſua hiſtoria : ſó pertence á maõ dos Anjos fazer o fiel retrato de ſuas heroicas virtudes. Diſcorrei vós, Sabios Academicos, diſcorrei , ſe podeis tanto , ſobre o muito que o meu ſilencio reſpeita , e cala. Mas que medonhas tempeſtades ſe levantaõ em remotos climas ? Que negra nuvem deſce deſde America , promettendo eſtragos a Portugal ? O giro do novo mundo faz huma eſpantoſa fermen-

mentaçaõ, cujos effeitos deve ſentir a Europa : todos os raios parece que ameaçaõ a noſſa Patria. Parece que o paíz em que vivemos, ſentia convulſões mortaes ao eſtrondo que já principiava a ſoar nos noſſos commarcões. A Patria recorre á conhecida Maõ bemfeitora, que he o ſeu refugio. Deve ſer ella o Iris pacifico neſte diluvio de fogo, que nos ameaça. Deve ſer a candida Pomba, que vai buſcar o final da paz. Sim, meus Senhores, ella parte, a tempeſtade ceſſa ; o eſtrondo pára ; torraõ-ſe os Aquilos ferozes em brando Zefyro; America reſpira em paz perpétua, e Portugal torna a dormir ao ſom dos doces hymnos da concordia. Eis-aqui aonde eu quizera ter a força immortal de exprimir coiſas ſublimes. Porém eſtes beneficios da noſſa Auguſta, aſſim meſmo ſimplezmente referidos, nos deixaõ ver toda a ſua grandeza.

E depois de tanta ventura, que temores vejo eu ainda ſobre os ſemblantes dos Portuguezes ? Que occultos, e vacillantes cuidados agitaõ ſeus coraçõens agradecidos ? Que triſtes vozes lhe ſahem da boca interrompidas de mil ſuſpiros ? *Talvez* (dizem huns) *que nós percamos deſde agora a preſença da Auguſta Soberana* ? *Quem ſabe* (dizem outros) *ſe nós poderemos ainda beijar a bemfeitora Maõ, que nos felicita* ? E todos geralmente receaõ, ſem ſaber livrar-ſe da cauſa dos ſeus cuidados. O' fieis, e agradecidos Portuguezes ? Naõ vos aſſuſteis : eu ſei que eſſes ſobreſaltos ſaõ vozes do amor, que entaõ he mais timido, quando he

mais.

mais extremoso. Sim, a vossa Bemfeitora virá encher-vos de júbilo, como já vos encheo de beneficios. Assim foi: chegou o suspirado, o feliz dia, em que torna a nossa Augusta para o seio da nossa Patria. Vem brilhar de novo sobre nós este Astro tutelar do nosso clima. Eu vejo todos os Portuguezes transportados de prazer, correndo de toda a parte ao encontro á sua Soberana, entre acclamações festivas. Os beneficios recebidos, a felicidade presente, os sustos passados, tudo concorre a fazer maior a pública alegria. Madrid sentirá o seu retiro, porque principiava a admirar as suas virtudes: mas Portugal exulta muito mais, porque vê a sua Bemfeitora, e póde beijar-lhe a mão já livre dos receios de perdella. Tu, ó Provincia Transtagana, illustre por tantos triunfos do patrio Marte! Tu viste agora hum espectaculo mais tocante, e maravilhoso.

Não fallo, Senhores, do apparato da Magestade, da fastosa pompa, das demonstrações de grandeza, com que he recebida outra vez a Soberana Augusta. Não, Senhores, outra vista mais forte arrebata a minha alma: vozes de alegria mais simplices, e mais puras encantão o meu espirito. Vejo os curvados velhos, trazendo pela mão os cáros netos, com lagrimas de alegria, apontarem, dizendo: *Eis-alli a Mãi de todos.* Vejo os duros lavradores, poizando os laboriosos instrumentos, e levantando o rosto, clamarem dizendo: *Sejais tambem vinda, como a branda chuva ás nossas searas, depois de larga secca.* Vejo os impavidos guer-

rei-

reiros, tranſportados de júbilo, dizerem: *Eſte dia ſeja para ſempre mais plauſivel, que o de todos os noſſos triunfos.* Vejo os homens de letras, vejo em fim, todos levantarem clamores de alegria, e ſoar o ſeu Nome por toda a parte.

Porém ſe iſto ſuccede na Provincia, ó Sabios Academicos, que vemos na Capital, que ſente de perto os contínuos ſaudaveis raios deſta luz, que naõ póde eſconder-ſe ſobre os montes da ſua gloria? Vós o tendes viſto; vós conheceis que nada póde comparar-ſe com a alegria deſta illuſtre Cidade, quando recebe outra vez a ſua Bemfeitora. Sinta embora Madrid a auſencia deſta virtuoſa Rainha, que ella apenas teve tempo de admirar: Lisboa coſtumada ha tantos annos aos beneficios da ſua ſobcrana maõ: Lisboa, que a vio partir em ſeu ſoccorro: Lisboa, que receou perder para ſempre a ſua preſença: Lisboa, que a vê outra vez no ſeu recinto, concebe huma alegria incomparavel a quanto ſe póde imaginar. Eu a vejo mais tranſportada de júbilo do que Betulia, pela volta de Judith, clamando: *Vinde, ó noſſa gloria, noſſa alegria, honra do noſſo povo? Entrai noſſa Bemfeitora? Mãi da Patria? A voſſa vinda he o complemento da noſſa felicidade? Oxalá que tenhamos a fortuna de vos ver entre nós tantos ditoſos dias, quantos ha de durar a gloria do voſſo nome, a lembrança de voſſos beneficios, e a voſſa fama immortal.*

Diſſe.

S A--

LUSITANIA POSTERIS
LIBENTER OFFERT ELOGIUM,
ILLUSTRISSIMI,
NEC NON
EXCELLENTISSIMI
D. JOSEPHI DE SEABRA
SYLVII,
QUI OB SUMMAM PRUDENTIAM,
INGENII PERSPICACIAM,
LEGUMQUE SCIENTIAM,
A
REGINA NOSTRA
FIDELISSIMA,
IN ADMINISTRUM A SECRETIS
RURSUS RENUNTIATUS,
MAGNO PLAUSU,
SUMMAQUE POPULI LÆTITIA,
DIE 17 DECEMBRIS ANNO 1788.

SUblimes oſtenta animos, dominando triumpha,
Illuſtra quaſi Sol, gloria noſtra, polos.
Acquire inſignes titulos, confunde ſuperbos;
Perpetuosque dies vive regendo Thronos.
Phœbe, tuas abſconde faces; præclarior alter
Omnia Solis habens, munia Solis agit.
Ille hyemes removet, tempeſtatesque ſerenat;
Temperat hic Martem, ne pluat imbre rubro.
Nam Patriæ Defenſor ades, Vir Maxime; Regni
Et commune bonum, præſidiumque manes.
Efficis, ut noſtræ nullis incurſibus arces
Subjaceant, nullis littora noſtra minis.
Tu leges, & jura foves: Tu crimina rumpens
Largiris meritis præmia digna ſuis.
Te duce, nos inter veneranda Scientia ſedem
Collocat, exſultans ædificatque domum.
Quæque tenebrarum caligo irrepſerat ante
Perceleri viſa eſt conſuluiſſe fugæ.

Quantus ades; quæ celſa manet Te gloria? Verbis
Dicere quis poterit? Plus reticendo poteſt.
Conſiliis moderata tuis ſtat Luſa Poteſtas;
Debetur meritis gloria prima tuis.
Quantum nos omnes, quantum tibi Regia debet
Majeſtas, quantum docta Minerva, patet.
Qui ſapiens, quantum totis complecteris ulnis!
En Tagus, & Rhenus, teſtis & ipſe Padus.
Tot meritis lateri Reginæ fidus adhæres;
Hinc Patriæ quæris commoda, quæris opes.
Tu Felix; Regina tamen felicior exſtat;
Dum ſic conſiliis utitur illa tuis.
Vive diu, noſtrique memor, Vir Maxime; & annos
Computet æternos dextera larga tuos.

SO-

SONETO.

EIs da Famoſa Illuſtre Academia,
Que as Virtudes exaltas Soberanas
Das Regias Mageſtades Luſitanas
Vem as novas Seſsões á luz do dia.

Eis dos famoſos Ciſnes a harmonia;
Que as altas Muſas vencem Mantuanas,
Eis as obras que as Parcas deshumanas
Pizáraõ, e o furor da morte impía:

Mortal, applaude os altos monumentos,
A quem o eſcuro Fado naõ ſujeita
E que deſprezaõ os annos violentos.

Da douta penna as producções acceita,
E applaudindo os ſublimes argumentos
A Regia Protecçaõ nelles reſpeita.

Concluio

O Capitaõ Joaõ Dias Tallaia Sotto-Maior.

12498 B